

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

NATALIA CRISTINA DA SILVA

**CENAS SOBRE A FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DE PROFESSORES DE
MATEMÁTICA DE PARANAÍBA/MS NA SEGUNDA METADE DO
SÉCULO XX**

**CAMPO GRANDE/MS
2016**

NATALIA CRISTINA DA SILVA

**CENAS SOBRE A FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DE PROFESSORES DE
MATEMÁTICA DE PARANAÍBA/MS NA SEGUNDA METADE DO
SÉCULO XX**

**Dissertação de Mestrado elaborada junto
ao Programa de Pós-Graduação em
Educação Matemática da Universidade
Federal de Mato Grosso do Sul para
obtenção do título de Mestre em Educação
Matemática, sob a orientação do Prof. Dr.
Thiago Pedro Pinto.**

**CAMPO GRANDE /MS
2016**

NATALIA CRISTINA DA SILVA

**CENAS SOBRE A FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DE PROFESSORES DE
MATEMÁTICA DE PARANAÍBA-MS NA SEGUNDA METADE DO
SÉCULO XX**

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática, sob a orientação da Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Prof. Dr. Fernando Guedes Cury
Universidade Federal do Rio Grande do
Norte – Natal

Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos
Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul

Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto
Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul (Orientador).

**Campo Grande/MS
2016**

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

A Deus, pela inspiração e pelo dom da vida.

Aos meus pais Antonio e Laura, por respeitarem as minhas escolhas, por compreenderem a minha ausência e pelo constante apoio.

Ao meu orientador professor Thiago, pela orientação, pelo acompanhamento, pelo conhecimento compartilhado, pela sinceridade, pela disponibilidade de tempo e, principalmente pela exigência na realização deste trabalho me ensinado a arte de pesquisar.

A professora Luzia, por ter sido a primeira a acreditar em mim, e me dar oportunidade de cursar este mestrado.

Aos professores interlocutores desta pesquisa, Cleide, Yone, Rodolpho, João Martins, Ignácio (*in memoriam*) e Maria Auxiliadora que sempre me receberam com carinho e atenção.

Aos amigos que conheci nesta caminhada...

A Cristine por dividir as alegrias, tristezas e pelos longos papos sobre nossas pesquisas até mesmo nas noites de cansaço.

A Luana por me ajudar com este trabalho, pelas sugestões e pelas longas conversas.

A Nathalia por dividir as dúvidas e me ensinar a andar de coletivo em Campo Grande, fazendo minha estadia divertida.

A turma 2014 e aos professores do Programa de Pós- Graduação em Educação Matemática pelas discussões, conselhos e pelo companheirismo.

A amiga Fátima, e todos os outros que me auxiliaram a realizar esta pesquisa.

Aos membros do grupo Hemep, Prof^a Luzia, Prof^o Thiago, Prof^a Carla, Viviane, Nathalia, Marcos, Carlos, Carol, Ana Cláudia, Ana Maria, Maycom, Renata, pelas discussões e por compartilharem seus conhecimentos comigo.

Aos professores: Viola, Fernando e Vicente que compuseram minha banca e me indicaram valiosas sugestões.

*Ensinar é um exercício de imortalidade.
De alguma forma continuamos a viver
Naqueles cujos olhos aprenderam a ver
O mundo pela magia da nossa palavra
O professor, assim, não morre jamais.
Rubem Alves*

RESUMO

Este estudo buscou compor cenas sobre a formação e atuação de professores de Matemática de Paranaíba/MS na segunda metade do século XX, com base em documentos escritos e orais. Para tanto, realizamos uma pesquisa de caráter qualitativo, fundamentada na História Oral, a qual possibilitou a construção de fontes historiográficas, que nos permitiram esboçar compreensões sobre diversos movimentos que visavam à formação para a docência. Neste trabalho, utilizamos a metáfora “cena”, na ampliação da ideia de cenários, visto entendermos que elas comportam atores, movimentos, performances e “encenações”, de forma geral. Em nosso percurso metodológico, realizamos entrevistas com seis docentes que vivenciaram, de maneira singular, tais processos formativos durante o período de referência. Compuseram o nosso material de análise, portanto, seis narrativas e todas as outras fontes que nos foram possíveis conhecer. O nosso movimento analítico foi realizado por eixos temáticos que, por sua vez, deram forma às nossas cenas sobre a formação de professores de Matemática de Paranaíba. Desse modo, a análise foi o momento em que discutimos algumas temáticas que emergiram na fala de nossos interlocutores, como a interferência da política partidária e a troca de funcionários no ambiente escolar; a relação centro *versus* periferia para os professores de Paranaíba, refletindo sobre a existência de centros nas periferias e periferias nos centros. Discorremos também quanto aos cursos realizados por nossos depoentes, articulando com alguns modelos de Graduação, surgidos em caráter emergencial. Estas análises evidenciaram que a formação para nossos depoentes ocorreu de maneira tardia e em moldes de cursos que atendessem suas necessidades particulares, principalmente no que se referia à localidade, já que na cidade não possuía cursos em nível superior para formar os docentes e quanto aos horários, visto que muitos já atuavam em escolas e não conseguiam cursar um “curso regular” em outra localidade longe de Paranaíba. Assim, por meio das narrativas e da documentação mobilizadas, as cenas foram unidas em uma grande peça, que trouxe à luz questões importantes da formação de professores de Matemática na região investigada. A pesquisa desenvolvida contribuiu com o mapeamento da formação de professores que ensinaram Matemática no Estado de Mato Grosso do Sul e no Brasil - foco de estudos do Grupo de História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP) e Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM), respectivamente.

Palavras-chave: História Oral. Historiografia. Formação de Professores de Matemática em Paranaíba/MS. Docentes em cena.

ABSTRACT

The present work aimed to compose scenes on the formation and activity of mathematics teachers of the city of Paranaíba – MS, in the second half of the twentieth century, based on oral and written documents. Therefore, we conducted a qualitative research based on Oral History, which enabled the construction of historiographical sources, and allowed us to draw insights into several movements aimed at teachers' education. In this study, we used the metaphor "scene" as expansion of the idea of a stage, since we understand that they're composed by actors, movements, performances and "stagings" in general. In our methodological approach, we conducted interviews with six teachers who lived, in their own way, these formative processes during the period of reference. Our material of analysis was composed thus by six narratives and all other sources we know were possible. Our analytic movement was conducted by thematic areas that, in turn, have shaped our scenes on the training of mathematics teachers of Paranaíba. So the analysis was the moment we discussed some issues that emerged in the speech of our interlocutors, such as the interference of party politics and the exchange of officials in the school environment; the city center versus suburb relation to Paranaíba teachers reflecting on the existence of centers in the suburbs and suburbs in the centers. We also discussed about the courses held by our interviewees, coordinating with some graduation models, as consequence of an emergency. This analysis showed that the training for our interviewees occurred so late and in types of courses that met their particular needs, especially when it came to their context, as the city did not have higher level courses to train teachers and to the hours, as many have worked in schools and could not attend a "regular course" in another location away from Paranaíba. Thus through narratives and mobilized documentation, the scenes were put together in a large stage, that brought to light important issues of mathematics teacher education in the investigated region. The developed research contributed to the mapping of teachers formation who taught mathematics in the state of Mato Grosso do Sul but also in Brazil as general – study field of the Mathematics Education History and Research Group (HEMEP) and Mathematics Education and Oral History Group (GHOEM), respectively.

Keywords: Oral History. Historiography. Formation of Mathematics Teachers in Paranaíba/ MS. Teachers in scene.

SUMÁRIO

CENA 1: AS LUZES APAGAM E ABREM-SE AS CORTINAS	10
CENA 2: “MINHA PARANAÍBA”	15
CENA 3: OLHANDO AO REDOR E ESCOLHENDO UM CAMINHO NA ENCRUZILHADA.....	24
3.1. HISTÓRIA ORAL: PERSPECTIVA METODOLÓGICA	29
3.2. COMPONDO CENAS - APONTAMENTOS SOBRE NOSSO MODO DE ANÁLISE	39
CENA 4: “EU QUE NADA TENHO A CONTAR”	43
4.1. RODOLPHO SCHMID	43
4.2. CLEIDE DEREÇO MARTINS.....	61
4.3. YONE APARECIDA GOMES ISHIBASHI	82
4.4. JOÃO MARTINS DA SILVA	104
4.5. IGNÁCIO JOSÉ DA SILVA	119
4.6. MARIA AUXILIADORA MALHEIROS DO AMARAL.....	138
CENA 5: “A GANGORRA POLÍTICA NO ESTADO E A CIRANDA NAS ESCOLAS”.....	161
CENA 6: "CENTRO X PERIFERIAS" OU "PRIMO RICO X PRIMO POBRE".....	168
CENA 7: “PACIENTES COM CURATIVOS QUE MAL COBRIAM SUAS FERIDAS”.....	176
7.1. O CURSO DE JALES E O CURATIVO DAS LICENCIATURAS CURTAS ...	178
7.2. PEREIRA BARRETO E O CURATIVO DOS CURSOS VAGOS.....	187
7.3. OUTRO CURATIVO: AS FORMAÇÕES CONTINUADAS E EM SERVIÇO ..	194
CENA 8: AS CORTINAS FECHAM-SE E AS LUZES ACENDEM	198
REFERÊNCIAS.....	201
APÊNDICES	206

CENA 1: AS LUZES APAGAM E ABREM-SE AS CORTINAS

Apagam-se as luzes. Um momento de tensão e expectativa para aqueles que se encontram em ambos os lados de um teatro - na plateia ou na coxia.

Pensamos este trabalho como uma série de cenas, esquetes e imagens teatrais elaboradas durante dois anos e meio de trabalho e pesquisa. Buscamos considerar cada gesto, posição, iluminação e música de acompanhamento para que, ao final, tenhamos provocado, em nossa plateia, diversas reações e emoções, ou seja, produções de conhecimento sobre o tema pesquisado.

Esta é nossa primeira montagem¹, nossa primeira apresentação deste espetáculo. Por mais que tenhamos ensaiado o máximo possível e até adiado a data de apresentação, naquela última vontade de melhorar aqui ou ali, o grande dia chegou! De antemão, avisamos: na hora do espetáculo, nem todas as marcações serão mantidas, nem todas as palavras soarão como foi ensaiado, nem toda luz brilhará como nos testes e nem toda reação será como a esperada.

Não temos a pretensão de apresentar, aqui, um texto teatral, com diálogos, entonações, posicionamentos e movimentações de palco - não saberíamos fazê-lo. Mas, logo de início em nosso trabalho, a ideia de “cenários” e de “composição musical” passava-nos. Pensar a pesquisa e a produção em história (História da Educação Matemática), como explicitaremos mais a frente, pareciam-nos algo como o fazer de um compositor, que brinca com as notas (já conhecidas) para criar o desconhecido, que provoca nas pessoas uma diversidade de reações.

Contar uma ou várias histórias, sem hierarquizá-las, pareceria como compor e mostrar cenários - como muitas pessoas já fizeram. Mas uma indagação reverberou em nossos corpos: seriam cenários sem pessoas, sem ações? Certamente, não! Sendo assim, entendemos que o que estávamos produzindo não eram **cenários**, mas sim **cenas**! Espaços em que nossos interlocutores encenavam suas vidas, suas práticas profissionais e sua formação como professores. Cada

¹ Dizemos que esta é nossa primeira montagem, porque no espetáculo do exame de qualificação tínhamos outra ideia de construção para nosso trabalho, para nosso movimento analítico tínhamos articulado um diálogo ficcional apoiado em Wittgenstein, porém, o caminho que trilhamos, nos levou a um lugar desconhecido, “um lugar” que nossa banca sugeriu que saíssemos, pois chegamos a uma rua que naquele momento se mostrava sem saída. Após a apresentação deste espetáculo, a principal autora deste trabalho se sentiu perdida, foi um momento de reflexão e retomada em nosso trabalho. Guiados pelas sugestões de nossa banca e por nossos estudos, elaboramos outra estrutura de trabalho, que foi apresentado pela primeira vez a nossa banca de defesa.

cena carrega consigo, também, um cenário e este trabalho, como um todo, também pode ser pensado como uma cena na qual encenamos esta pesquisa.

Desta forma, optamos por “brincar” com esta metáfora, ao longo do texto, ora de forma mais contundente, ora de forma mais tímida - como parecia ser possível em cada situação. Na constituição destas cenas, não produzimos, dirigimos ou atuamos sozinhos, muito pelo contrário, pois há um grande elenco de atuação e muitos personagens ocultos nos bastidores, pois um espetáculo não se faz sozinho!

Temos, como fio condutor destas cenas, a formação de professores de Matemática que atuavam em Paranaíba/MS na segunda metade do século XX. Paranaíba é uma cidade do leste de Mato Grosso do Sul, bastante antiga, com uma localização “particular”, que faz divisa com os Estados de Goiás e Minas Gerais, e muito próxima da divisa com o Estado de São Paulo, assim como distante da capital do Estado: Campo Grande.

Neste sentido, chamamos para encenar conosco, personagens e autores que versam sobre a formação de professores nestas épocas e moldes, em especial, as pesquisas desenvolvidas pelo GHOEM² e HEMEP³. Chamamos também diversos professores que atuaram em Paranaíba nesta época, bem como buscamos documentos relativos a este período. Para dar o *tom* - dirigir esta peça - contamos com inúmeros colaboradores: professores com os quais conversávamos, disciplinas da Pós-Graduação, grupo de pesquisa, colegas, orientador e Banca de Qualificação.

A esta última foi apresentada uma prévia, uma pré-estreia, na qual seus membros pontuaram nossos acertos e erros nesta montagem. O ponto de vista valiosíssimo de quem, já há muito tempo dirige e encena suas próprias peças, foi levado em consideração e tentamos, ao máximo, adequar-nos a estes pontos de vista.

² Grupo de História Oral e Educação Matemática, criado no ano de 2002, cadastrado no CNPq e certificado pela UNESP - é membro da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), atua nas seguintes Linhas de Pesquisas: Análise de livros didáticos - Hermenêutica de Profundidade; História da Educação Matemática; História Oral e Educação Matemática; História Oral, Narrativas e Formação de Professores: Pesquisa e Intervenção; Escolas Reunidas, Escolas Isoladas: Educação e Educação Matemática em Grupos Escolares. Disponível em: <www.ghoem.org>. Acesso em: 10 jan. de 2016.

³ Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa, formado em 2011, cadastrado no CNPq e certificado pela UFMS, compreende as seguintes linhas de pesquisas: Aspectos históricos do ensino e da aprendizagem de matemática, História da formação de professores que ensinam matemática, história oral e narrativa. O Grupo tem por objetivo contribuir com o mapeamento da formação de professores que ensinam matemática no país. Disponível em: <www.hemep.org>. Acesso em 11 jan. de 2016.

Apresentamos, aqui, oito cenas. Na primeira delas: “As luzes apagam e abrem-se as cortinas”, falamos de nosso trabalho e tentamos explicar um pouco o uso da metáfora “cena”.

Na segunda cena, “Minha Paranaíba”, tecemos reflexões de como uma das pesquisadoras deste trabalho percebe a cidade de Paranaíba, trazendo algumas características históricas, no intuito de que os leitores possam conhecer, juntamente conosco, estrangeiros destas terras, algumas particularidades do município, foco de nossa pesquisa. Os olhos da pesquisadora conduzem-nos a uma Paranaíba particular, vista de dentro de um curso universitário e de dentro de escolas da Educação Básica.

A terceira cena, “Olhando ao redor e escolhendo um caminho na encruzilhada”, está dividida em duas esquetes: na primeira, esboçamos compreensões sobre os caminhos em que andamos, elencando os conceitos de História e o fazer historiográfico; também mostramos a direção que a “rua” da História Oral nos levou durante o desenvolvimento de nosso trabalho, os procedimentos realizados na busca de constituir fontes históricas, a partir de situações de entrevista e, sobretudo, como deu-se este trabalho, de forma geral. Na segunda esquete, “Compondo cenas e cenários - apontamentos sobre nosso modo de análise”, abordamos de que maneira nosso movimento analítico foi constituído, a escolha dos eixos temáticos e das metáforas.

A quarta cena poderia ser tomada como um espetáculo à parte, com várias cenas, mas optamos, para a manutenção da metáfora, em tomá-la como uma grande cena, dividida em várias esquetes com muitos personagens. “Eu que nada Tenho a Contar”⁴ apresenta seis entrevistas (narrativas) de professores. Estes textos foram compostos numa ação conjunta entre pesquisadora e colaboradores, pois nos auxiliaram a criar nossa versão histórica sobre a atuação e formação de professores que ensinam Matemática em Paranaíba.

Na quinta cena, começamos nosso movimento analítico com “A Gangorra Política no Estado e a Ciranda nas Escolas”, em que procuramos esboçar

⁴ Escolhemos este título, porque na busca por nossos interlocutores, tivemos uma conversa com uma possível entrevistada, que nos disse que não gostaria de participar, pois não tinha nada de relevante para nos contar. Por esta conversa decidimos escolher este título para esta cena. Para nós, ela evidencia o quanto o conhecimento dito “científico”, ao menos para pessoas que, assim como esta possível entrevista, assim pensam, está longe do conhecimento das pessoas, das subjetividades, das versões daqueles que vivenciaram tais momentos, para eles, é difícil imaginar que suas visões de tais acontecimentos possam gerar conhecimento científico.

compreensões acerca da interferência da política partidária nas escolas de Paranaíba, bem como a troca de funcionários e docentes nas unidades escolares, articulando essa temática com os depoimentos de nossos entrevistados, já que por vários momentos eles citaram a política partidária como pano de fundo de seus cotidianos nas escolas. Esta temática fez-se pertinente, pois ainda, nos dias atuais, esta pesquisadora percebe e vivencia “resquícios” da influência partidária no município.

Na sexta cena: "Centro X Periferia" ou "Primo Rico X Primo Pobre", tratamos da relação centro *versus* periferia para os professores de Paranaíba, pois estes precisavam buscar suas formações em cidades interioranas de outros Estados, em especial, no Estado de São Paulo. Estes municípios eram vistos como periferias (primos pobres), ao serem comparados com os grandes centros (primos ricos), porém, para os nossos depoentes e para a região, estas cidades eram consideradas “centros de formação”, já que oportunizavam aos profissionais a formação que não possuíam, relativizando este tipo de classificação. Assim, refletimos sobre a existência de centros nas periferias e periferias nos centros.

A sétima cena, “Os pacientes que tinham curativos que mal cobriam suas feridas”, está dividida em três esquetes, nas quais tratamos de alguns cursos que nossos depoentes fizeram, articulando com as Licenciaturas Curtas⁵, os Cursos Vagos⁶ e as formações continuadas⁷, pois foram estes os “modelos” de graduação que nossos interlocutores buscaram para se adequar diante da lei, que sinalizava para a formação em Curso Superior. Alguns docentes já exerciam a carreira e precisavam encontrar cursos que se adaptassem à realidade vivenciada por eles.

Na oitava e última cena: “As cortinas fecham-se e as luzes acendem” tecemos alguns apontamentos possíveis, ao término da pesquisa, bem como apresentamos algumas reflexões e percepções sobre a formação e atuação dos professores de Matemática, na região investigada. Também mencionamos possíveis continuidades, aprofundamentos e encaminhamentos.

⁵ Esse termo, amplamente conhecido no meio educacional, é uma expressão coloquial, visto que a legislação fala em “cursos de curta duração”.

⁶ De acordo com Baraldi (2003), os Cursos Vagos eram realizados aos finais de semana e contribuíram para formar professores que já se encontravam em sala de aula.

⁷ Entendemos que as formações continuadas eram aquelas que os docentes faziam em serviço e que, por alguns períodos, não tinham graduação para o magistério; assim, tais formações contribuíam para seus fazeres pedagógicos.

Depois de apresentada nossa peça, por meio dessa pequena sinopse, convidamos a todos a acomodarem-se, confortavelmente, e munidos de suas guloseimas, prepararem-se que as cortinas estão se abrindo.

Tenham todos(as) uma ótima leitura!

CENA 2: “MINHA PARANAÍBA”

*[...] Do Bolsão – és capital
És fonte de nossa vida
Não existe outra igual
Paranaíba - querida! [...]
(Hino de Paranaíba)*

Não poderia começar este texto de outra forma que não fosse com um trecho do Hino de Paranaíba, pois nestes doze anos na cidade, além de aprender a cantá-lo, também aprendi a senti-lo, todas as vezes em que ouvi os estudantes pronunciando as palavras “Paranaíba Querida”.

Meu primeiro contato com Paranaíba foi no ano de 2004, quando cheguei em busca de minha formação profissional. Eu, uma jovem com a mochila carregada de sonhos. Sonhos de estudar, cursar uma faculdade, ter minha profissão, desejando progredir tanto em minha vida profissional quanto pessoal. E foi assim que deixei minha cidade natal, Guararapes, no Estado de São Paulo, permitindo-me percorrer um caminho com novas experiências e novos costumes, enfim, toda uma nova realidade pronta para ser vivida.

O desejo de ser professora de Matemática há muito me acompanhava e foi o que fez com que eu procurasse as condições propícias para a sua realização. Estudar em uma universidade pública era a minha vontade, porém, minha cidade não possuía instituições desta natureza.

Em meados do ano de 2004, inscrevi-me para o vestibular de inverno da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a ser realizado na cidade de Três Lagoas – MS, com as aulas do curso, posteriormente, ocorrendo em Paranaíba. Assim, passei no tão sonhado vestibular e chegara, então, o momento das despedidas e adaptações à vida que estava prestes a começar. Neste momento, vivenciei alguns sentimentos conflitantes: a realização do meu sonho aproximava-se, e isso me causava bastante alegria, mas, ao mesmo tempo, deixar para trás minha família e amigos trazia-me angústia e insegurança.

Cheguei a Paranaíba acompanhada de minha família e fomos surpreendidos pelo fato das pessoas da cidade não saberem onde se localizava a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Depois de inúmeras informações

desencontradas, acabamos chegando à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, onde, só então, conseguimos a localização que buscávamos.

Ao chegar à UFMS, descobri que ela não possuía um prédio próprio, funcionando adaptada em uma escola municipal, sendo bem precárias suas instalações, já que o espaço era dividido. Mesmo diante desta surpresa, decidi permanecer ali, pois, afinal, era uma “universidade pública”. Desde então, encontro-me em Paranaíba.

Durante a Graduação, fiz muitos amigos, sendo grande parte deles também de outras cidades. Fomos conhecendo a história de nossa universidade e as lutas travadas para que possuísse sua sede. No primeiro ano, mesmo residindo na cidade, as percepções que tive daquele lugar foram restritas, pois o meu contato com as pessoas naturais dali era muito pequeno. No entanto, algumas coisas já despertaram a minha atenção, como por exemplo: as palavras e expressões peculiares utilizadas pelos habitantes da região: “*trem custoso*”, “*dana*”, “*guri*” etc., termos estes que não faziam parte do meu vocabulário.

O estranhamento e as percepções do local foram alterando-se a partir do momento que comecei a trabalhar e ter contato com as escolas. Minha vida em Paranaíba sempre esteve ligada às unidades escolares, lugares que aprendi a gostar e nos quais quero ficar enquanto trabalhar.

Inicialmente, atuei como professora Eventual e pude conhecer as escolas municipais: Maria Luiza Corrêa Machado, Professora Liduvina Motta Camargo, Bento Macedo (no ano de 2012, a escola foi fechada por falta de alunos, tornando-se um Centro de Educação Infantil), e as escolas que funcionavam na zona rural: Capitão Altino Lopes e Maria Paula de Oliveira.

Em 2005, fui trabalhar como Auxiliar de Biblioteca no Educandário Santa Clara – Prevê Objetivo. No ano seguinte, trabalhei como Agente de Merenda na Escola Estadual Wladislau Garcia Gomes. Terminei o meu curso de Graduação, em 2008, e muitos eram os meus anseios, sendo o mais latente, o desejo de poder trabalhar na minha área de formação. Pensei em mudar de Paranaíba, mas acabei ficando e, por indicação de uma professora da universidade, em 2009, tive a oportunidade de atuar, por três anos, como professora de Matemática na zona rural, na Escola Municipal João Chaves dos Santos.

Trabalhando nestas escolas e em funções distintas, comecei a perceber ações políticas que acabam influenciando diretamente na vida da comunidade

escolar, principalmente das escolas municipais, tais como: os cargos de direção das instituições de ensino, que ocorrem por nomeação, muitas vezes, a contragosto da população local.

Ainda no ano de 2009, em busca de aperfeiçoamento profissional, fiz um Curso de Pós-Graduação em Educação Escolar e Diversidade, na UEMS, Unidade de Paranaíba, tendo a oportunidade de aprender mais sobre os conteúdos de Pedagogia. Embora, percebesse os conflitos existentes entre a teoria e a prática, por já estar no exercício de sala de aula, o estudo destes conteúdos permitiu-me obter compreensões bastante relevantes sobre a linguagem matemática, os quais viriam a compor a temática de meu Trabalho de Conclusão de Curso, posteriormente.

Em 2012, passei a atuar como professora Orientadora do Programa Profucionário⁸ -, cargo que exerço até o momento. Foi nesse projeto que conheci todas as outras unidades de ensino existentes no município, que atualmente conta com seis escolas estaduais, sete municipais (sendo que três funcionam na zona rural), duas de cunho particular e seis Centros de Educação Infantil.

Presenciei o fechamento de uma escola, mas outras já haviam sido fechadas antes de residir na cidade, como é o caso da Escola Estadual Antonio Garcia de Freitas, fechada por haver outras instituições de ensino nas cercanias, e da Escola Estadual Maria Salomé, que foi extinta devido à precariedade do espaço físico, pois, com o crescimento da cidade e dos alunos, o espaço tornou-se insuficiente.

Frequentemente, ouço as pessoas dizerem que a cidade tinha muitas instituições de ensino, as quais funcionavam na zona rural e que, com o tempo e com a migração da população para a zona urbana, as escolas rurais acabaram sendo fechadas.

Trabalhando nas unidades escolares, observei e vivenciei muitas coisas, mas algo que sempre chamou minha atenção foi a referência ao Estado de Mato Grosso do Sul com a denominação apenas de “Mato Grosso”, rapidamente seguida pela correção por parte das pessoas de forma efusiva. Percebi, então, que a divisão do Estado foi um fato marcante para aqueles que ali habitavam – os “do Sul” -,

⁸ Profucionário é um Programa do Governo Federal em parceria com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. O curso de nível técnico oferta, em Paranaíba, três habilitações: Alimentação Escolar, Infraestrutura Escolar e Secretaria Escolar. Cada uma das habilitações do Profucionário, é composta por 17 cadernos: sete de formação pedagógica e dez de formação específica, mais a prática profissional supervisionada, com o objetivo desenvolver ações capazes de criar estruturas promotoras da valorização dos funcionários da Educação Básica pública brasileira.

sendo uma marca de distinção, uma diferenciação, cujo desmembramento eu só havia conhecido por meio dos livros didáticos. Na elaboração desta pesquisa, senti necessidade de compreender melhor a constituição deste Estado, seu povoamento, desenvolvimento e separação.

Em São Paulo, nunca vivenciei processos desta natureza e, mesmo o Estado de São Paulo já tendo sido muito maior que na atualidade, eu morava em uma região que continuou a ser “São Paulo”. Não sei se as pessoas de Mato Grosso sentiram tanto esta separação, como parece ter sido visivelmente sentida pelos Sul-Mato-Grossenses.

Para compreender esse processo de divisão territorial, aprofundei meus estudos em algumas questões históricas. Na busca pela constituição do Estado e dos limites da fronteira de nosso país, é notória a influência exercida pela Guerra do Paraguai, presente em praticamente todos os textos. Este conflito, que ocorreu de 1864 a 1870, foi um embate entre Brasil, Uruguai e Argentina (formando a Tríplice Aliança) contra o Paraguai. A guerra deveu-se à invasão dos paraguaios em territórios da província de Mato Grosso (atualmente Mato Grosso do Sul), em dezembro de 1864 (GRESSLER, VASCONCELOS, 2005).

A cavalaria paraguaia era comandada pelo Coronel Isidro Resquin⁹. Apesar dos esforços das tropas brasileiras, os paraguaios não sofreram tanta resistência, pois estavam preparados com muitos homens e munição. Os ataques ocorreram de surpresa e com todo o planejamento, não dando vez para os soldados brasileiros se defenderem (GRESSLER, VASCONCELOS, 2005; GARCIA, 2009).

Os ataques paraguaios ocorreram em pequenos pelotões, deixando um rastro de destruição à sua volta: fazendas saqueadas, casas destruídas, famílias aprisionadas e remarcação de gado. Muitas famílias deixaram suas terras e foram procurar outros lugares para se abrigarem da fúria dos paraguaios; alguns não conseguiram sair de suas fazendas porque foram surpreendidos e outros não suportavam a ideia de abandonar suas terras, depois de tanto trabalho para se consolidarem como fazendeiros. Algumas dessas famílias buscaram abrigo em Paranaíba (GARCIA, 2009).

A guerra foi longa e muitos perderam suas vidas. Somente em março de 1870, com a morte do presidente Solano López, deu-se fim à guerra. Tanto um lado

⁹ O Coronel era bom conhecedor da região e sua cavalaria possuía cerca de 2.200 homens.

quanto o outro do conflito sofreram perdas com a Guerra¹⁰. As cidades de Corumbá, Nioaque e Miranda foram as primeiras a serem atacadas (MOTA, 1995). Além de abrigar famílias, Paranaíba também foi rota para os suprimentos enviados ao exército brasileiro, em especial para a Retirada de Laguna¹¹. Alfredo d'Escragnolle Taunay, que era Segundo Tenente e ajudante da Comissão de Engenheiros, pernitoou junto com o exército na cidade de Paranaíba.

Ao término das hostilidades, iniciou-se uma nova etapa no povoamento do Estado. Um grande número de ex-combatentes brasileiros e paraguaios fixaram-se na região, reestruturando e formando novas propriedades rurais. A partir do ano de 1893, o Estado recebe uma significativa corrente migratória dos Sul-rio-grandenses, que estavam fugindo das Revoluções Federalistas, ocorridas entre os anos de 1893 e 1895.

Muitos foram atraídos pelos campos limpos e devolutos que a região Sul do Estado possuía. Outro fator importante para os imigrantes foi o início da produção da erva-mate, pela Companhia Matte Laranjeira¹², localizada, onde hoje, são as cidades de Dourados e Ponta Porã. A Companhia exerceu suas atividades até o ano de 1916, quando, então, perdeu seu monopólio, devido à produção de erva-mate também ser realizada por pequenos produtores (GRESSLER, VASCONCELOS, 2005).

A parte Sul do Estado – a qual veio a se tornar o Mato Grosso do Sul - precisava ser reconstruída. Os Sulistas estavam insatisfeitos com a política do Norte que, comumente, tratava com descaso os problemas do Sul do Estado. Com isso, iniciaram-se alguns movimentos de desmembramento. As Revoltas de Jango Mascarenhas¹³ e de Bento Xavier¹⁴ foram tentativas de separação da região Norte,

¹⁰ O Paraguai, além de perder território, não conseguiu se desenvolver como seus vizinhos. O Brasil precisou pedir dinheiro emprestado à Inglaterra, aumentando sua dívida. Na Argentina, houve revoltas federalistas e o Uruguai fora o que menos sofreu no período pós-guerra (MOTA, 1995).

¹¹ Com o início da Guerra, uma coluna de 3.000 homens partiu do Rio de Janeiro até alcançar Coxim, na Província do Mato Grosso. Em janeiro de 1867, o Coronel Carlos de Moraes Camisão assumiu o comando da coluna, então, reduzida a 1.680 homens, e decidiu invadir o território paraguaio, onde penetrou até Laguna. Em abril, por sofrer de uma doença na coluna, foi obrigado a retornar, sob os constantes ataques da cavalaria paraguaia, com apenas 700 homens. Disponível em: <<http://retiradalaguna.com>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

¹² Foi uma importante empresa brasileira tipicamente colonial, abrangendo uma grande área de terras, no então, Mato Grosso. Entre seus acionistas, estavam grandes nomes ligados ao governo do país. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/noticia/a-historia-da-companhia-matte-laranjeira>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

¹³ João (Jango) Ferreira Mascarenhas era Coronel da Guarda Nacional e líder político do partido Autonomista. Com o apoio de João Barros Cassal e João Caetano Teixeira Muzzi, concentrou suas forças no histórico município de Nioaque, para tentar a separação do Estado. Mascarenhas era

organizadas por Sulistas. Em 1911, o controle do movimento divisionista foi transferido para Campo Grande que, por sua vez, passava por um momento de ascensão econômica, por conta da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em construção, e que chegaria ao município, em 1914 (GRESSLER, VASCONCELOS, 2005; GARCIA, 2009).

No ano de 1921, o Comando da Circunscrição Militar, até então sediado em Corumbá, foi transferido para Campo Grande. A iniciativa da transferência contribuiu para o desenvolvimento de Campo Grande e para a afirmação de sua liderança. Alguns acontecimentos de repercussão nacional, como as Revoluções de 1922 e 1924, dividiram as lideranças, enfraquecendo o movimento divisionista. Em 1930, o movimento que queria a separação do Estado começa a ressurgir e adquirir força, novamente (CORRÊA, 1999).

No ano de 1932, houve a criação do Estado de Maracaju, sendo sua capital a cidade de Campo Grande; este episódio ocorreu durante a Revolução Constitucionalista¹⁵. O General Bertolo Klinger, em apoio à revolta, enviou para São Paulo combatentes e forças federais. O médico Vespasiano Barbosa Martins foi nomeado para ser o governador Civil Constitucionalista deste novo Estado. Todas as forças federais do Sul de Mato Grosso aderiram a este movimento, menos a cidade de Corumbá, que permaneceu fiel a Cuiabá, capital de Mato Grosso. Algumas forças foram mandadas para Campo Grande, a fim de sufocar o movimento, porém não conseguiram chegar, pois as forças de Coxim ofereceram resistência. Houve vários combates e um dos mais violentos ocorreu em Porto Murtinho. Com a perda dos paulistas na revolução, o apoio à criação desse novo Estado não se sustentou (GRESSLER, VASCONCELOS, 2005; GARCIA, 2009).

Ainda, em 1932, a Liga Sul-Mato-Grossense foi criada por estudantes que residiam no Rio de Janeiro e que tinham o desejo de dividir o Estado de Mato Grosso. Em 1934, os nortistas (refiro-me a parte Norte de Mato Grosso *uno*¹⁶), por

comerciante e fazendeiro, vendeu seus bens para financiar tal movimento separatista. Mascarenhas morreu em combate no Rio Taquarussu, em outubro de 1901 (GRESSLER, VASCONCELOS, 2005).

¹⁴ Bento era egresso dos conflitos do Rio Grande do Sul e fazendeiro em Bela Vista. Tornou-se defensor da emancipação da região Sul de Mato Grosso. Em 1907, lançou o movimento Revolução da Paz, travando vários combates com o governo, mas foi derrotado em julho de 1911 (GRESSLER, VASCONCELOS, 2005).

¹⁵ As lideranças de São Paulo estavam insatisfeitas com a maneira que Getúlio Vargas assumira o poder, em 1930; outro fator foi a demora do Governo em convocar a Assembleia Constituinte para elaborar uma nova Constituição e convocar as eleições para presidente.

¹⁶ A expressão "Uno" é utilizada nesse texto, para fazer referência ao Estado de Mato Grosso antes do desmembramento do atual Estado de Mato Grosso do Sul.

meio do General Candido Mariano da Silva Rondon, rebateu as argumentações da Liga sobre o desmembramento do Estado, dizendo que o Norte era mais próspero e não estava retardando o desenvolvimento do Sul, e que o Sul não possuía elementos econômicos para pleitear a separação (MURTINHO, 2009). A Liga sempre compartilhara a vontade de dividir o Estado, mesmo que, em alguns momentos, sua força fosse enfraquecida e, em outros, atuasse mais fortemente no movimento divisionista.

Já em 1943, o presidente da República, Getúlio Vargas, criou cinco Territórios Federais: Amapá, Rio Branco (atual Roraima), Iguazu, Guaporé (atual Rondônia) e Ponta Porã. Estes Territórios eram comandados por militares, sobretudo, para proteger as regiões de fronteira, visto que o Brasil havia aderido à II Guerra Mundial.

O Território de Ponta Porã compreendia oito municípios: Miranda, Porto Murtinho, Bonito, Bela Vista, Maracaju, Ponta Porã, Nioaque e Dourados. Ponta Porã e Maracaju foram capitais deste novo território. Um ponto importante, durante a criação deste território, foi a Colônia de Dourados: uma colônia agrícola, em uma área de trezentos mil hectares, dividida em dez mil lotes de 30 hectares, cedidos a pequenos agricultores. Em 1946, já com o final da II Guerra Mundial, foi criada a nova Constituição Federal e o Território Federal de Ponta Porã foi extinto (GRESSLER, VASCONCELOS, 2005).

Depois de um longo período, o Sul do Estado de Mato Grosso obteve um notável desenvolvimento, inclusive, sendo o maior produtor de grãos do Brasil. A região possuía mais habitantes que a parte Norte do Estado e era responsável por gerar mais de 70% da arrecadação de Mato Grosso *Uno*; assim, o Norte do Estado dependeu economicamente do Sul, por muito tempo (BITTAR, 2009). Os Sulistas, por entenderem que economicamente se encontravam mais desenvolvidos, mais uma vez, movimentaram-se na tentativa de separação do Norte de Mato Grosso. Neste sentido, Murtinho (2009) menciona:

Mato Grosso tem um marco em sua economia, a divisão de 1977. Na análise realizada do período pré-divisão, de 1970 a 1977, percebeu-se que a região Norte era economicamente menos dinâmica que a região Sul. A arrecadação do Sul mantinha-se mais favorável, tal como os divisionistas argumentavam, e as produções tanto agrícolas, quanto pecuárias, também eram mais proeminentes no Sul do que no Norte. Mesmo a demografia do Norte mato-grossense, apresentava-se menor que o do Sul nesse período (p. 93).

Finalmente, o desmembramento de Mato Grosso foi assinado pelo presidente Ernesto Geisel, em 11 de outubro de 1977, pela Lei Complementar nº 31. A separação do Estado de Mato Grosso *uno* acabou por efetivar os funcionários públicos¹⁷ em exercício, naquele momento, afetando diretamente as escolas. Ainda, nos dias atuais, é possível encontrar pessoas que foram efetivadas por conta da separação do Estado, independente de concurso público.

Observamos que este processo de separação não ocorreu instantaneamente, mas se deu por um processo longo, com inúmeras tentativas frustradas, diversos conflitos, desentendimentos e, até mesmo, mortes marcam esta separação. Conhecer mais sobre estes acontecimentos fez-me esboçar outras compreensões sobre a constituição da cidade de Paranaíba e do Estado, como um todo.

Na cidade de Paranaíba, a política parece sempre ter sido motivo de desentendimentos, conforme apontam Campestrini (2002) e Garcia (2009). Percebo que ainda ocorrem conflitos desta natureza na cidade, tanto, que ainda há prefeitos perdendo seus mandatos, secretários e funcionários sendo trocados devido a “favores políticos”, além, é claro, dos cargos de confiança. O “poder” encontra-se centralizado nas mãos de algumas poucas famílias. Ouço muitas histórias sobre como a política afetava a vida das pessoas e acredito que, hoje, isso ocorra de forma um pouco mais branda, mas, infelizmente, ainda acontece, beneficiando uns (poucos) e prejudicando outros (muitos).

As brigas partidárias ocorrem desde os primórdios do Estado. Após 1945, com a renúncia de Getúlio Vargas, que havia proibido a abertura de partidos políticos, houve a criação do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, o Partido Social Democrata e também a União Democrática Nacional - UDN. É comum ouvir as pessoas dizerem que a UDN e o PTB revezavam-se no poder. Quando um partido ganhava, os que eram contrários acabam sendo perseguidos (AMORIM, 2013).

Minha caminhada e minhas percepções acerca da cidade de Paranaíba só ocorreram porque fui para lá estudar, fazendo o movimento contrário de muitos professores que, antigamente, saíam de lá para buscar formação - como veremos nos depoimentos posteriores -, visto que a cidade não contemplava cursos de formação docente.

¹⁷ MATO GROSSO DO SUL (Estado). Lei nº 55, de 18 de janeiro de 1980. Disponível em: <<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/estaduais/ms/42/1980/55.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

Quando cheguei a Paranaíba, a UFMS ainda era nova naquela cidade. As atividades começaram em julho de 2001, passando por três escolas diferentes para, somente então, conseguir seu prédio próprio. Nesta ocasião, a cidade já contava com a UEMS e as Faculdades Integradas de Paranaíba. Posteriormente, foi criado um campus da Universidade Norte do Paraná - UNOPAR.

Acredito que pessoas advindas de outras regiões contribuem para o desenvolvimento econômico e cultural da cidade. A localização do município é uma característica relevante, já que a cidade é divisa do Estado de Mato Grosso do Sul com Goiás e Minas Gerais e, aproximadamente, a 62 km da divisa com o Estado de São Paulo.

Ao longo do tempo, o município de Paranaíba sofreu alterações, pois, atualmente, a maior parte de sua população mora na zona urbana (CAMPESTRINI, 2002), diferentemente de seus primórdios, em que maioria morava na zona rural. Mesmo com essa modificação, hoje, a cidade possui um grande número de pessoas que são proprietárias de terras, contribuindo para a movimentação da pecuária - atividade exercida desde a criação do município.

Quanto à formação da população, o Estado de Mato Grosso do Sul é o segundo maior em população indígena do país (IBGE, 2012). Os nativos habitavam grande parte do Estado e, em Paranaíba, não foi diferente. Quando o movimento dos desbravadores¹⁸ chegou à região, por volta de 1739 a 1755, tendo destaque o Bandeirante Antônio Pires dos Campos¹⁹, encontraram os índios Caiapós do Sul, porém na busca de informações para compor este trabalho, pouco encontramos sobre a história dos primeiros nativos da região, o que me faz acreditar que foram esquecidos por aquela sociedade.

Falar sobre minhas percepções, obtidas durante esses anos morando em Paranaíba, permitiu-me reconstruir, neste texto, a “minha” Paranaíba, enfim, como a vejo, sinto e percebo. Sou muito grata a esta cidade que me acolheu e que me concedeu oportunidades de concretizar os meus sonhos de Graduação, trabalho e aperfeiçoamento docente.

¹⁸ Os movimentos, chamados de “desbravamentos” no interior do país, deram-se pelas Bandeiras, que eram expedições particulares de exploração do território brasileiro e que não tinham o apoio das autoridades portuguesas.

¹⁹ Bandeirante paulista, conhecido como Pai-Pirá, feroz nos combates pelas disputas de terras e bom conhecedor das terras mato-grossenses.

CENA 3: OLHANDO AO REDOR E ESCOLHENDO UM CAMINHO NA ENCRUZILHADA

“O senhor poderia me dizer, por favor, qual o caminho que devo tomar para sair daqui?”. “Isso depende muito de para onde você quer ir”, respondeu o Gato. “Não me importo muito para onde...”, retrucou Alice. “Então, não importa o caminho que você escolha”, disse o Gato. “... contanto que dê em algum lugar”, Alice completou. “Oh, você pode ter certeza que vai chegar”, disse o Gato, “se você caminhar bastante”.

(Alice no País das Maravilhas - Lewis Carroll)

Qual caminho devemos seguir? Essa indagação esteve constantemente presente no decorrer do processo investigativo que resultou neste trabalho, entre desencontros e andanças, pelos quais perpassamos caminhos jamais percorridos, encontrando nas discussões metodológicas a abertura de novas possibilidades - estradas, avenidas, ruas e becos -, cada qual com suas especificidades, modos de transitar e veículos mais adequados. Nesta cena, traremos um pouco destes caminhos percorridos e que constituiu, ao fim, um caminho próprio, único desta pesquisa.

Uma grande avenida abre-se à nossa frente: a Pesquisa Qualitativa. Adentramos esta avenida quase sem perceber, por uma filiação que nem conhecíamos²⁰. Faz-se necessário falar sobre esta avenida, de diversas alamedas e canteiros centrais. O panorama ou paradigma de Pesquisa Qualitativa surge em oposição ao que tem sido chamado de Paradigma Positivista, que tinha como base o pensamento de Augusto Comte (1789 - 1857) (GOLDENBERG, 2003).

Para o modelo positivista, as áreas do conhecimento passavam pelo crivo da verdade, sendo que só podia ser tomado como tal, aquilo que pudesse ser submetido à experimentação (Ibidem). A teoria era supostamente neutra, refutava toda subjetividade; a Ciência era vista como única e verdadeira, e a pesquisa seria um meio de comprovação. Acreditava-se que, durante o processo investigativo, o pesquisador não se deixava contaminar por suas crenças e percepções, ou seja, o objeto de pesquisa e o sujeito eram separados, não se afetavam mutuamente. Neste viés, é possível associar o paradigma positivista com as pesquisas quantitativas, que são permeadas pelas ideias de racionalidade e quantificação.

²⁰ Trata-se da filiação do Programa de Pesquisa, da linha de atuação e do Grupo, no qual nos inserimos; apesar de não se tratar de uma obrigatoriedade, o fluxo destas ações vem caminhando neste sentido, subsidiando questões de natureza qualitativa, e estas, levando-nos a novas pesquisas.

Em outro contexto, a sociologia buscava por conhecimentos e procedimentos metodológicos que se diferenciavam daqueles utilizados pelas ciências físicas e matemáticas, pois trabalham com emoções, valores e subjetividade, o que nos leva a associar esse modo de pesquisar com o modo qualitativo (Ibidem). Ao trabalhar com estes tipos de questões, geralmente não quantificáveis, os resultados não são tidos como fonte principal, mas é a maneira como é conduzida a pesquisa que se torna relevante, surgindo assim, outra possibilidade de pesquisar (Ibidem).

A elaboração destes novos modos de se conduzir uma pesquisa não significou a superação da abordagem quantitativa pela qualitativa, mas possibilitou que alguns estudos percebessem fatos, antes desconsiderados por não serem passíveis de experimentação e repetição.

Nesta grande avenida, entendemos que o pesquisador é sujeito e objeto de sua pesquisa, pois esta abordagem reconhece a subjetividade como inerente ao investigador. Este reconhecimento traz a necessidade de justificar as escolhas feitas durante o estudo, para que o leitor conheça de onde se fala e sua intenção, pois não basta apresentar algum tipo de resultado numérico para legitimar o que foi realizado, é necessário explicitar “como” foi feito.

Em minha leitura de pesquisa qualitativa, o investigador está ciente de que interfere no processo investigativo, que este se constitui como pesquisador frente a seu objeto de pesquisa e os problemas que dele decorrem. Não há movimentos estanques e disjuntos: primeiro, torna-se pesquisador, dominando as técnicas e movimentos de investigação, para depois iniciar o contato com o objeto de pesquisa. Entendendo as interações desta forma, não cabe ao pesquisador, ao final do processo, a busca por generalizações e resultados que possam ser replicados em todo e qualquer lugar.

Este caminho pareceu-nos viável, aos termos como objetivo “compor cenas sobre a formação de professores de Matemática que atuavam na cidade de Paranaíba/MS”. Entendemos que esta avenida poderia nos levar a esboçar considerações sobre o tema investigado e nos levar a percorrer caminhos não delineados *a priori*; caminhos que não busquem, ao fim, comprovar ou refutar uma hipótese, mas sim uma trilha que nos possibilite criar, constituir algo novo sobre a temática de nosso interesse de estudo.

E entre as pistas desta avenida, a História Oral foi uma rua que nos permitiu percorrer, por meio de entrevistas, os processos históricos ou presentes, dando nova vazão aos discursos daqueles que participaram ou participam, deste ou daquele processo, por meio dos relatos que foram concedidos à nossa pesquisa.

Esta rua levou-nos a produzir narrativas com professores que buscavam sua formação profissional das mais diversas maneiras: fora da cidade onde residiam, por meio de cursos de curta duração, Cursos Vagos, formação calcada na prática cotidiana, entre outras, visto que Paranaíba não possuía cursos superiores específicos para formação dos professores que atuavam no ensino de Matemática.

Nossa pergunta e objeto de estudo pareciam necessitar de uma estrada que nos levasse de volta ao passado. Diante de tal impossibilidade, visto que nos situávamos no presente, consideramos que “daqui mesmo” seria possível estudar o passado mesmo sem voltar a ele, pois de fato podemos inventar o passado, como sugere Albuquerque Junior (2007). Esse inventar consiste em articular o passado com o presente, articular indícios que nos possibilitem construir histórias plausíveis com nosso interesse de estudo.

Quando falamos em histórias plausíveis, não queremos estabelecer ou comprovar “verdades” ou mesmo escrever uma história totalizante, cristalizada. Pretendemos criar uma versão sobre o tema que estamos estudando (em nosso caso, a formação de professores que atuavam em Paranaíba) e que, a partir do exposto ao longo do trabalho, possa ser validado por nossos interlocutores, sendo possível, assim, *imaginá-la*.

Ao construirmos esta(s) história(s), não podemos ignorar que os sujeitos e suas realidades são inseparáveis, que um constitui ao outro mutuamente. Desta forma, é necessário olhar para nossos interlocutores com suas particularidades e subjetividades, nos contextos em que estão inseridos.

Esta rua da História Oral percorre também outros bairros, liga-se a outras avenidas e cobra-nos, aqui neste texto, outros posicionamentos, como o de nossa perspectiva historiográfica. Inserimo-nos em uma perspectiva que propõe a ampliação de fontes e de vozes sobre os temas estudados, produzindo e evidenciando “outras histórias” sobre o passado, *inventando-o* não em unicidade, mas na pluralidade de vozes, de fontes e de verdades.

Entendemos que somos educadores matemáticos que se propõe a produzir histórias sobre temas caros à Educação Matemática. No entanto, esta não filiação ao campo da história, não nos exime de muitas de suas questões; às vezes, pelo contrário, obriga-nos a abordá-las na busca por legitimações em nosso próprio campo de pesquisa: a Educação Matemática. Este exercício constitui-se no que vem sendo denominado de História da Educação Matemática.

Uma destas questões é a articulação entre passado, presente e futuro. Os modos como estas ideias foram articuladas, ao longo do tempo, são distintos. Em certo momento, os historiadores acreditavam que o passado explicava o presente e o futuro, mas é possível notar alterações neste pensamento. A percepção sobre como a sociedade toma consciência de si por meio dos tempos e sobre como encara a relação entre passado, presente e futuro têm sido algo caro à Historiografia. Pensar na articulação entre estes tempos, remete-nos à ideia proposta por François Hartog sobre regimes de historicidade (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011).

A História, como ciência, “nasceu” no século XIX e sua função foi demonstrar acontecimentos por meio de documentos escritos (SILVA, 2004). Assim sendo, a História parecia estar desprovida de conteúdo humano, descartando a subjetividade, pois esta ciência era tida como objetiva. Além desta postura, ela também não abria espaço para a discussão de determinados temas, sobretudo, os ligados às camadas populares e aos problemas sociais que estas viviam. Os temas em discussão eram, na maioria das vezes, pertencentes à sociedade elitizada, às grandes guerras e ações políticas, à constituição de heróis nacionais ou regionais. Porém, a História passou por alterações, no decorrer do tempo, ou seja, mudou de regimes de historicidade (SILVA, 2004; GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011).

No século XX, após a Primeira Guerra Mundial, alguns escritores e um grupo de estudiosos associados à Revista Francesa *Annales d'Historie Économique et Sociale*, conhecida como Escola de *Annales*, fundada no ano de 1929, concederam novos rumos à História. Alguns autores discutem essa contribuição dos *Annales*, como Souza (2006, p. 25), ao afirmar que: “[...] os *Annales* representam, se não uma revolução científica, ao menos uma mudança significativa quanto à forma de abordar a História e o conhecimento histórico, tendo papel fundamental na constituição de uma nova tendência historiográfica”.

Então, esse movimento inicia uma nova perspectiva, denominada de História Nova ou Nova História, que introduz a percepção da história como um problema, ou seja, era necessário ter um problema para existir História, ao contrário da perspectiva positivista, que defendia a existência de documentos para que houvesse História (BLOCH, 2001).

Segundo Matos (2010), a História Nova passou por várias tendências e por três fases distintas: a primeira foi caracterizada pelos embates contra a História Tradicional (ou a chamada Perspectiva Positivista); a segunda priorizou os conceitos de estruturas e conjuntura, e aproximou-se de uma História serial e de longa duração; e a terceira foi marcada pela fragmentação. Nos dias atuais, ainda se fala em uma quarta fase, que seria a Nova História Cultural, liderada pelos historiadores Roger Chartier e Jacques Revel, que direcionaram seus estudos para a investigação das práticas sociais. Embora compreendamos que a História Nova passou por vários movimentos, não é nossa intenção descrever cada um destes períodos.

O tempo foi uma temática que passou por reflexões, pois a História não poderia mais ser denominada como uma ciência do passado, já que este foi questionado e construído em um tempo presente. Para Bosi (1992, p. 29): “O diálogo com o passado torna-se presente. O pretérito passa a existir de novo”.

Ao voltarmos nossa atenção para o passado ou produzir histórias sobre ele, faz-se importante compreender que nossa busca e apontamentos são delineados no presente, e que estes apontamentos nos auxiliam a interpretá-lo, não com relações diretas de causa e efeito, com textos explicativos, mas como possibilidades de leituras sobre as temáticas inquiridas. Compreendemos assim, que um trabalho historiográfico se remete à “[...] ‘produzir’ histórias, ‘produzir’ relatos, a partir de elementos que o historiador julga significativo no estudo de um determinado tema” (PINTO, 2013, p. 22).

Neste contexto, produzir histórias, a partir de narrativas ou fontes escritas, reinvenções do passado e dos próprios narradores, é algo realizado sempre no tempo presente, ou seja, as narrativas evidenciam um olhar do presente sobre processos passados. Desta forma, a história nada mais é do que *um* passado reinventado. Em outras palavras, ele é escrito por pessoas bem fundamentadas, teórica e metodologicamente; cada pessoa trazendo, assim, este passado com versões e olhares diferentes (MORAIS, 2012).

3.1. HISTÓRIA ORAL: PERSPECTIVA METODOLÓGICA

História Oral é, já, uma expressão simplificada. Melhor seria dizermos: a História (re)constituída a partir da oralidade, numa clara complementação (alguns prefeririam, aqui, 'oposição') àquela concepção de História pautada somente em documentos escritos ou, mais radicalmente, em fontes primárias (GARNICA, 2004, p. 78).

Neste trabalho, direcionamo-nos pela rua que nos levou até a História Oral, pois nela vimos à possibilidade de transformar relatos de vida em documentos históricos, que podem servir de fomento para esta e outras investigações. Ponderamos também que, percorrendo por essa rua, poderíamos conhecer aspectos sobre como se deu a formação dos professores de Matemática que atuavam na cidade de Paranaíba/MS.

A rua que nos guiou à História Oral é uma rua metodológica, pois compreendemos que não consiste somente um conjunto de procedimentos que devem ser sistematizados e seguidos. É uma articulação entre procedimentos e o seus fundamentos, nesta direção Garnica (2005) afirma que:

Uma metodologia, porém - e portanto - não é um conjunto de métodos que possa ser tratado de um modo meramente procedimental. Isso pretende significar que os limites das metodologias e de seus pressupostos teóricos devem ser séria e continuamente testados, confrontados, avaliados (p. 6-7).

A História Oral utiliza-se de narrativas orais, não como fontes ingênuas e puras, mas tomadas a partir do olhar do pesquisador, que constrói suas percepções sempre permeadas por sua subjetividade. Neste viés, as narrativas podem ser vistas como um processo de contar histórias, próprias de cada sujeito. Ao narrá-las, voltamos nosso olhar para a maneira que sentimos e percebemos a "realidade". Segundo Cury (2007), essa versão está articulada com o conhecimento do pesquisador, pois:

[...] narrar é contar uma história, narrar-se é contar nossa história ou uma história da qual também somos, fomos ou nos sentimos personagens. As narrativas, então, oferecem em si a possibilidade de uma análise, se concebermos análise como um processo de produção de significados a partir de uma retro-alimentação que se iniciaria quando o ouvinte/leitor/apreciador de um texto se apropria deste texto, de algum modo, tecendo significados que são seus, mesmo que produzidos de forma compartilhada, e constrói uma trama narrativa própria que serão ouvidas/lidas/vistas por um terceiro que retorna ao início do processo (p. 20).

De acordo com Bolívar (2002), os relatos, as narrativas, podem ser uma forma de compreensão e expressão da vida, pois é o momento em que a voz do autor está presente. Os relatos têm sido apontados como potencialidades a serem utilizados na Educação, porque podem se apresentar como uma percepção de si e com isso podem contribuir para possibilidades de mudança. O sujeito constitui-se como um indivíduo histórico no momento em que se narra (BOLÍVAR, 2002).

Sendo assim, as fontes geradas por meio da História Oral possibilitam-nos esboçar compreensões do ponto de vista de nossos depoentes. Segundo Thompson (2002):

[...] a realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista. Mas essa vantagem não é importante apenas para escrever história. Em sua maioria, os historiadores fazem julgamentos implícitos e explícitos - o que é muito certo, uma vez que a finalidade social da história requer uma compreensão do passado que, direta ou indiretamente, se relaciona com o presente (THOMPSON, 2002, p. 25-26).

Assim, a oralidade permite-nos considerar as subjetividades dos professores que atuavam na cidade de Paranaíba. Desta maneira, encontramos na História Oral uma metodologia possível para exercer um estudo de viés historiográfico, que nos possibilitou não só dar voz aos depoentes neste ambiente acadêmico, mas produzir fontes, registrando experiências e lembranças dos professores, que já nascem intencionados a se tornarem documentos. Em outras palavras, com base nas indagações do pesquisador, os relatos materializam-se como resposta a estes questionamentos (MARTINS-SALANDIM, 2007).

Compreendemos que esta rua pela qual caminhamos, a História Oral, possibilita ao pesquisador criar cenas, a partir de relatos de pessoas que vivenciaram os processos em questão, construindo assim, suas próprias versões da história. Com isso, as pessoas, as tradições, as culturas e as memórias (lembranças) existentes na sociedade podem ser valorizadas, fazendo com que essa metodologia tenha ainda mais relevância na construção dessas histórias.

A rua que nos conduziu à História Oral tem alguns caminhos que vêm sendo trilhados pelos grupos GHOEM e HEMEP, que são:

- a seleção de entrevistados;
- a elaboração de roteiros de entrevistas;

- a realização das entrevistas;
- as transcrições e textualizações;
- os cuidados éticos e cartas de cessão.

A seleção dos entrevistados deu-se, primeiramente, pela consulta ao acervo da extinta Agência de Educação. Isso se deu pelo fato de um dos pesquisadores trabalhar na Escola Estadual José Garcia Leal, onde são armazenados estes documentos (ficha funcional dos professores que atuavam na cidade, atas de reuniões e alguns documentos que regulamentavam o funcionamento de escolas que não existem mais no município). Com a autorização do gestor da escola e com a ajuda de uma funcionária que trabalhava no departamento, realizamos uma busca nestes arquivos a fim de encontrar nomes de docentes que atuavam na disciplina de Matemática, em décadas distintas e mais antigas o quanto fosse possível encontrar, com o propósito de nos indicar interlocutores para um levantamento preliminar de informações e, até mesmo, que viessem a se tornar nossos depoentes, concedendo-nos entrevistas.

Além das buscas nos arquivos, alguns nomes foram-nos indicados pela funcionária da extinta Agência. Logo após, foi realizado um contato inicial com estes possíveis entrevistados, com o objetivo de buscar informações acerca da formação e atuação destes, traçando um primeiro perfil que nos auxiliasse na escolha de nossos depoentes e para saber sobre suas disponibilidades para participar desta pesquisa. Optamos pela escolha de professores que atuaram em décadas distintas e que tiveram formações diversificadas, mas diante do primeiro contato com estes docentes e munidos das informações de suas fichas funcionais, percebemos que as formações de grande parte dos professores com os quais conversamos eram bem parecidas, fato este que nos chamou atenção e despertou nosso interesse. Como tínhamos sete nomes selecionados, optamos por escolher os que possuíam formações bem diferentes dos demais, dois deles, e três, com formações semelhantes.

Após um contato inicial com estes professores, frente a suas épocas de atuação, conseguimos fazer um recorte temporal para nossa pesquisa, optamos por investigar a formação de professores de Matemática que atuavam na cidade de Paranaíba, na segunda metade do século XX. O depoente de mais idade começou a exercer suas atividades docentes na década de 1940. Optamos também por fazer um recorte até o ano de 2000, pois no ano de 2001, a cidade de Paranaíba/MS foi

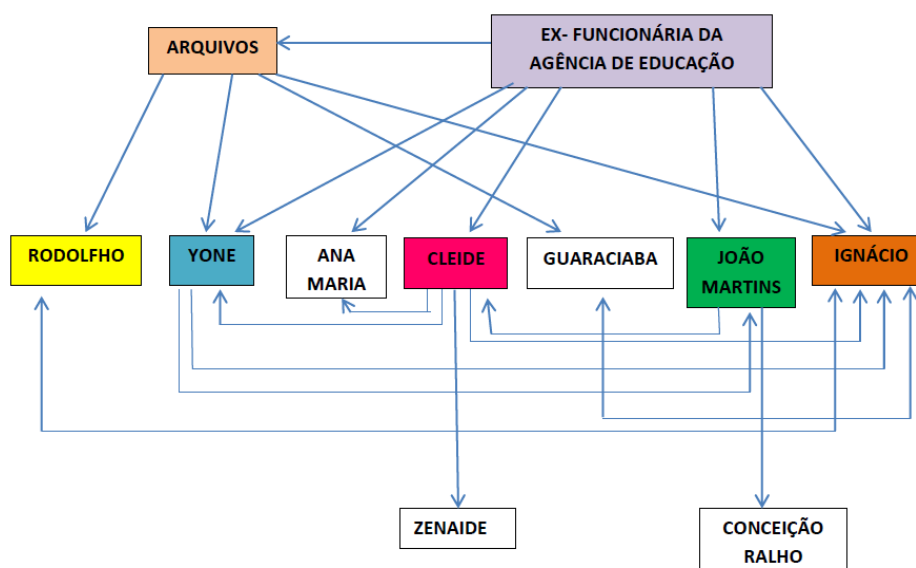
contemplada com a abertura do curso de Licenciatura Plena em Matemática, oferecido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Paranaíba - UFMS-CPAR. Entendemos que a abertura do curso, no município em questão, foi de grande relevância e possui especificidades que merecem um estudo específico.

O contato com cada depoente foi explicado em detalhes no início de cada narrativa. Em princípio, foi elaborado um esquema com sete nomes, que foi sendo reforçado nas entrevistas, visto que quando solicitado aos nossos depoentes que nos indicassem outros nomes, estes sempre apontavam para aqueles já levantados anteriormente.

Consideramos que o critério de rede, comumente utilizado nas pesquisas do Grupo HEMEP e GHOEM, reforçou-nos os nomes e a escolha de interlocutores para esta pesquisa.

FIGURA 01 - ESQUEMA DE SELEÇÃO DOS DEPOENTES

REDE DE INTERLOCUTORES



Fonte: Dados da pesquisa.

A primeira entrevista foi realizada com o professor Rodolpho Schmid, que atuou nas décadas de 1960 a 1990, na função de professor e diretor. Sua formação deu-se por meio da CADES (Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário), curso realizado em Campo Grande/MT (o Estado de Mato Grosso ainda não havia sido desmembrado), o qual o habilitou para lecionar Matemática nas cidades onde não havia professores formados, especificamente, para atuar em tal

área. Posteriormente, o professor formou-se em Pedagogia no município de Pereira Barreto/SP e depois fez uma Especialização em Didática Geral, em Jales/SP. Nesta entrevista, tivemos a participação de sua esposa, dona Lenir, que foi professora em Paranaíba e também precisou buscar formação fora da cidade.

A segunda entrevista foi realizada com a professora Cleide Deroco Martins, que atuou como professora de Matemática nas décadas de 1980 a 2000. Formou-se em Licenciatura em Matemática, na cidade de São José do Rio Preto/SP e, posteriormente, fez uma Especialização em Didática Geral, em Jales/SP; ainda, formou-se em Pedagogia, em Pereira Barreto/SP.

A professora Yone Aparecida Gomes Ishibashi foi nossa terceira interlocutora. Formada em Ciências, com Habilitação em Matemática e Biologia, na cidade de Jales/SP, também fez Pedagogia em Pereira Barreto/SP e Especialização em Didática Geral, em Jales/SP. Foi professora de Matemática nas décadas de 1970 a 1990.

Nosso quarto depoente foi o professor João Martins da Silva, que se formou em Ciências e depois fez habilitação em Matemática, em Jales/SP. Também fez Pedagogia, em Pereira Barreto/SP, e Especialização em Didática Geral, na cidade de Jales/SP. Exerceu a função de docente, diretor e vice-diretor, nas décadas de 1970 a 2000.

O professor Ignácio José da Silva foi nosso quinto entrevistado. Atuou de 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (hoje, conhecido como 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental), nas décadas de 1940 a 1970. Depois de ter feito o curso de Graduação em Ciências com Habilitação em Matemática, em Jales/SP, lecionou esta disciplina, durante as décadas de 1970 a 2000.

Dos sete nomes que tínhamos em um primeiro momento, cinco foram entrevistados. Não conseguimos contato com uma das professoras, pois a mesma não reside mais na cidade de Paranaíba. Não entrevistamos também a outra docente, pois ela não se mostrou disposta a participar da pesquisa e, tendo formação bastante semelhante a dos professores Ignácio, João Martins e Yone, optamos por não insistir sobre sua participação neste trabalho. Duas outras professoras que foram indicadas por nossos depoentes também não foram entrevistadas, pois achamos que com os cinco depoentes tínhamos material suficiente para compor nosso trabalho, mas que, caso achássemos necessário, após um movimento inicial de análise, as procuraríamos novamente.

Após o exame de qualificação, foi-nos indicado que entrevistássemos algum professor que tivesse atuado na Agência de Educação, pois os docentes com os quais conversamos fizeram referências a este órgão e aos cursos que o mesmo oferecia. Então, nossa busca começou com a indicação de alguns nomes sugeridos pela funcionária que trabalhou por certo período na Agência. Os nomes indicados por ela foram: Pedro Braz, Dalila Queiroz Vilela, Doraci Zocall e Maria Auxiliadora Malheiros do Amaral (Dorinha).

Primeiramente, procuramos a professora Dalila, que se encontrava acamada, ela sugeriu-nos que conversássemos com a professora Maria Auxiliadora (Dorinha), pois ela foi chefe do Núcleo Pedagógico da Agência e saberia nos informar quais cursos eram promovidos aos professores. Em conversa com Pedro e Doraci, eles também nos indicaram o nome da professora Maria Auxiliadora (Dorinha).

Então, pessoalmente, entramos em contato com a professora, explicando o objetivo de nossa pesquisa. A mesma decidiu conceder-nos a entrevista. Para este diálogo, elaboramos um roteiro de entrevista diferente dos demais - como apresentaremos na sequência -, pois nosso objetivo era saber sobre os cursos de formação que a Agência de Educação oferecia aos professores de Matemática do município.

Algumas de nossas atitudes foram comuns nas entrevistas, sendo: a primeira, a explicação sobre nosso objetivo de pesquisa; e a segunda, os procedimentos que seriam utilizados. Para dialogar com estes professores, elaboramos um roteiro de entrevista, discutido pelo grupo de pesquisa no qual estamos integrados, privilegiando questões abertas, possibilitando que o entrevistado elencasse tópicos que achasse relevante sobre o tema proposto.

Sendo assim, no momento da realização das entrevistas, o roteiro direcionou-nos, porém não tivemos a intenção de que ele engessasse as narrativas dos depoentes, visto que temos consciência de que o ato de entrevistar, bem como a nossa presença, poderia “interferir” no relato do depoente. Nossa intenção era de interagir com ele, de modo que construíssemos “conjuntamente” uma narrativa.

No ato da entrevista de uma pesquisa, no mínimo dois participantes estão envolvidos: narrador e entrevistador. O narrador que, ao contar uma história, a direciona a certo alguém, pois ele sempre irá narrar àquilo que acredita que o outro esteja interessado em ouvir, ou seja, posicionar-se-á frente àquele que está ali o

entrevistando. Ao narrar-se, o depoente compõe seu cenário, reelabora uma cena contando aquilo que acredita ser mais relevante na experiência que viveu, acerca do assunto em questão. Assim, “o depoente reconhece o pesquisador a ponto de abrir-lhe suas memórias e o pesquisador, por sua vez, aceita e respeita essas memórias registrando-as como significativas ao seu arquivo de vivências” (GARNICA, 2003, p. 24).

Na rua da História Oral, lidamos com pessoas e com suas subjetividades, por isso não trabalhamos com um roteiro fixo, tanto que no decorrer das entrevistas e pela percepção da entrevistadora, algumas perguntas foram sendo acrescentadas, com o intuito de ampliarmos as compreensões daquilo que estava sendo falado e que nos parecia relevante, frente à nossa temática.

Na entrevista realizada com o professor Rodolpho, por exemplo, foi perguntado o motivo pelo qual ele escolheu fazer um curso de Graduação em Pedagogia, e não em Matemática. Resolvemos fazer este questionamento, mesmo não estando em nosso roteiro, pois nos despertou grande curiosidade, já que o professor, durante sua narrativa, mostrava gostar de lecionar Matemática muito mais do que de outras disciplinas. Da mesma forma, ocorreu na entrevista com a professora Yone, quando perguntamos sobre o motivo pelo qual optou por se tornar professora, visto que, em sua fala, a mesma destaca esta vontade desde a sua infância.

Estes foram alguns exemplos nos quais acrescentamos questões durante a entrevista e que reforçam a flexibilidade existente em nosso roteiro, dando abertura para realizarmos outros questionamentos que foram surgindo a partir da fala dos entrevistados, sem que perdêssemos de vista que nosso interlocutor tem sempre a liberdade de responder as questões na direção que melhor o convir ou até mesmo não responder, se assim for de seu interesse.

Apesar dos cuidados previamente observados, no momento das entrevistas, a inexperiência da pesquisadora com esse processo dialógico trouxe algumas dificuldades. Foi possível, por exemplo, notar nas transcrições interrupções desnecessárias e a atribuição de juízos de valor ao que o entrevistado falava, por parte da entrevistadora. Quando estas interrupções não nos pareceram comprometer a narrativa dos depoentes e não acrescentaram algo que julgássemos significativo, optamos por retirá-las da textualização. Já em algumas ocasiões nas quais percebemos que os comentários poderiam ter interferido diretamente na fala

dos depoentes, com possíveis adjetivações proferidas pela entrevistadora e que depois eram repetidas pelos professores, escolhemos mantê-las nas narrativas.

Uma dificuldade ocorrida durante a realização de uma das entrevistas foi devido à pesquisadora já ter uma amizade com um de seus depoentes. Após a realização desta, no processo de transcrição, foi percebido que a condução da entrevista acabou sendo bastante diferenciada das demais. Em alguns momentos, o depoente contou histórias que são muito pessoais de sua família, casos muito particulares, que tiveram de ser retirados da entrevista.

Para a realização das entrevistas, utilizamos um aparelho de gravação em áudio e vídeo, com o objetivo de produzir dados a serem transcritos e textualizados. Após a gravação das narrativas, iniciou-se o processo de transcrição, que se trata de ouvir o que foi dito na entrevista e escrever, literalmente, o que se ouve, com vícios de linguagem, possíveis interrupções ou até mesmo a anotação de gestos, o que resultou em um texto “o mais próximo possível da fala dos depoentes”. Durante a realização de algumas entrevistas, nossos depoentes já pediram para retirarmos algumas falas. Isso foi respeitado e as falas foram retiradas na textualização. Vale ressaltar que na transcrição não nos preocupamos com a estética, pois elas serviriam de base para as textualizações e não seriam disponibilizadas ao público.

A textualização foi a próxima etapa da pesquisa e esta, segundo conceitua Morais (2012):

[...] é o processo de elaboração de um documento escrito, obtido a partir da transcrição. Em hipótese alguma afirmamos ser, esse texto, o concedido pelo entrevistado, mas, sim, um texto obtido da entrevista, construído juntamente com o entrevistado, que o legitimará, afirmando reconhecer-se no mesmo (MORAIS, 2012, p. 63).

O processo de textualizar caracteriza-se, ainda, como um exercício analítico, já que o pesquisador tenta “se colocar” no lugar do outro para realizar edições no texto. É importante destacar que esse processo não oferece regras rígidas, no entanto, um ponto que se almeja é manter nestes textos o “tom vital” do depoente, preservando algumas de suas características orais. Conforme Garnica, Fernandes e Silva (2011) asseveram:

Uma das disposições exigidas para essa dinâmica de elaborações textuais, por exemplo, é tentar manter, tanto quanto possível, o *tom vital* do depoente, isto é, a construção de frases nas quais se reconheçam (e o próprio depoente se reconheça em) seus modos de falar (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011, p. 236, *grifo* do autor).

Neste mesmo sentido, Garnica, Fernandes e Silva (2011, p. 236) também enfatizam que: “Não há regras para textualizar e essa operação depende fundamentalmente da sensibilidade e do estilo de redação do pesquisador”, ou seja, não existe uma sequência de procedimentos para textualizar algo transcrito, pois a textualização depende do perfil do pesquisador.

A textualização deve ser um texto em que o depoente se reconheça nele e, ao mesmo tempo, seja mais fluente do que a transcrição, retirando alguns vícios de linguagem, ruídos e entonações. Entendemos que, ao realizar isso, o aproximamos mais de um texto escrito, com características que transitam num contínuo entre o oral e o escrito, e não como uma dicotomia entre eles (PINTO, 2013).

Em nossas textualizações, inserimos notas de rodapé para servir de auxílio ao leitor, esclarecendo pontos específicos que possam ter ficado, ao nosso ver, subentendidos. Esteticamente, na textualização, pode-se optar por manter as perguntas feitas aos entrevistados ou omiti-las, transformando-o, assim, em um texto que tenha a característica de uma narrativa, com pronomes em primeira pessoa. Optamos pela primeira opção, pois acreditamos que a retirada de algumas perguntas poderia deixar o texto confuso e induzir nosso leitor a conclusões diferentes, em especial, quando fazemos perguntas específicas aos nossos entrevistados - por mais que o roteiro fosse aberto, tínhamos também perguntas mais fechadas e diretas - podendo levar nosso leitor a conclusão de que, por si só, nosso entrevistado optou por falar sobre tais temas.

Em todas as textualizações foram alteradas a ordem de algumas frases ou parágrafos, a fim de tornar o texto mais claro e direto. Outro cuidado tomado foi a utilização da textualização em sua íntegra no corpo da dissertação. Esta é uma postura que vem sendo adotada pelos grupos GHOEM e HEMEP, pois se considera que o leitor pode concordar ou discordar da história que o pesquisador pretendeu contar, a partir dos depoimentos. Articulando com essa ideia, Cury (2011) menciona que:

[...] a intenção de apresentar estas textualizações no corpo do trabalho é possibilitar que o próprio leitor, caso deseje, elabore suas interpretações a partir das histórias contadas. A disponibilização da íntegra das textualizações permite ao leitor concordar com nossas compreensões, mas também permite a ele discordar, acrescentar novas interpretações, ver aquilo que podemos ter deixado escapar (CURY, 2011, p. 36).

Textualizar não foi um movimento natural, pois diferentemente da transcrição, o ato de textualizar exige uma percepção mais aprofundada e alterações que, ao mesmo tempo, não descaracterizem a narrativa dos depoentes. Antes de começar o trabalho de textualizar, cada entrevista foi lida e relida, para tentar captar as particularidades de cada depoente, tanto linguísticas quanto as maneiras pelas quais cada professor escolheu falar.

Depois da transcrição e textualização, há uma nova interação com o entrevistado, a fim de que este acrescente, modifique ou retire partes do texto, para que depois nos conceda uma carta de cessão, que possibilite o uso deste texto em nossa pesquisa.

Essa negociação faz-se necessária para que o depoente avalie se o texto está coerente com o que ele “gostaria de contar”, se ele se “enxerga” neste novo texto construído conjuntamente com o pesquisador ou mesmo se deseja suprimir alguma informação que forneceu na ocasião da entrevista, mas que, agora, prefere não mais publicar, mantendo, assim, uma postura ética e de respeito com nossos interlocutores. Nesta pesquisa, depois de textualizadas, as entrevistas retornaram aos seus depoentes que, juntamente com a entrevistadora, fizeram as alterações que cada um julgou serem necessárias. Busca-se, ao final deste processo, que o entrevistado sinta-se confortável, como se expressasse: “eu diria estas coisas como estão aqui, neste texto, e sinto-me confortável em torná-las públicas”.

O uso das entrevistas em História Oral não possui o intuito de simplesmente obter “informações” sobre um determinado tema, mas visa à produção de documentos históricos, de narrativas do presente sobre o passado, que se tornam públicas, contribuindo para outros trabalhos e para novas compreensões e versões sobre este. Por isso, há o cuidado com a fundamentação teórica na História e o cuidado com a carta de cessão, pois o pesquisador em História Oral respeita e quer tornar público somente o que o depoente aceitar (SILVA; SOUZA, 2007).

Durante nossa pesquisa, algo inesperado aconteceu. Depois de realizada a entrevista com o professor Ignácio José da Silva e, posteriormente, textualizada, o

professor veio a falecer. Foi uma grande perda! No final desta entrevista, assim como nas demais, houve, por parte da investigadora, um protocolo de perguntas a cada depoente sobre a autorização quanto ao uso de sua entrevista e posterior textualização em nosso estudo, bem como o uso de sua imagem, som e possíveis documentos gerados a partir daquela conversa. Consideramos importante que, no caso do professor Ignácio, a carta de cessão fosse assinada por algum de seus descendentes, sendo assim, nosso trabalho foi autorizado por seu irmão, que fora informado sobre a pesquisada realizada com o professor, sobre os cuidados e uso que faríamos de sua fala.

3.2 COMPONDO CENAS - APONTAMENTOS SOBRE NOSSO MODO DE ANÁLISE

Em um paradigma de pesquisa qualitativa, bem como na História Oral, não há modos e referenciais de análise estabelecidos *a priori*. Consideramos assim, que o transcorrer da pesquisa nos daria indícios de possíveis procedimentos e indicações para este fazer.

E assim foi nosso caminhar: percorrendo caminhos e chãos, pelos quais jamais havíamos pisado, norteando-nos pela pesquisa qualitativa e pela produção de dados, tendo como guia a História Oral. Precisávamos, agora, escolher outra rua, viela ou trajetória; precisávamos encontrar um meio de nos colocarmos frente aos “dados” subsidiados por outras leituras; precisávamos construir o texto analítico deste trabalho.

Como já explicitado, toda a escrita da dissertação, constitui-se em processos analíticos, leituras e releituras do autor do texto, imaginando um possível leitor. No entanto, é comum nos estudos que se utilizam da História Oral na Educação Matemática, trazer um capítulo específico para discutir os dados produzidos frente a alguns referenciais teóricos.

Em um primeiro momento, acreditávamos ser pertinente construir um diálogo ficcional, escolhendo um caminho que, naquele ponto, levou-nos a uma rua sem saída. Frente às questões e indagações apresentadas pela banca de professores no exame de qualificação, optamos por voltar à última esquina e tomar outro caminho. Foi-nos indicado analisar nossos dados por meio dos seguintes eixos temáticos:

política partidária, capilaridades na formação dos professores de Paranaíba, os cursos realizados, a discriminação em relação ao gênero feminino na área de Exatas, o preconceito racial e os materiais utilizados pelos docentes.

Dessas temáticas indicadas pela banca examinadora, escolhemos aquelas que também foram marcantes para nós e que apresentavam um grande potencial de discussão. A estes eixos, seguindo a metáfora já estabelecida, chamamos também de cenas. Optamos por esta nomenclatura, pois a cena, ao contrário do cenário, comporta atores, movimentos e performances, e compreendemos que nossas cenas sejam assim, visto que elas partem, prioritariamente, das “encenações”²¹, movimentos que nos são descritos nas narrativas de nossos depoentes frente a nossas questões, e estas são dinâmicas estão repletas de idas e vindas, de mudanças nos quadros e cenários.

Constituímos, assim, neste momento de análise, três cenas sobre a formação de professores de Matemática, que atuaram em Paranaíba.

A primeira cena que elaboramos neste movimento de análise, foi intitulada de: “A Gangorra Política no Estado e a Ciranda nas Escolas”, na qual tratamos da alternância política no governo do Estado de Mato Grosso *uno* e a rotatividade que este movimento provocava nas escolas, sobretudo, com a mudança no quadro de docentes. Esta temática pareceu-nos bastante relevante por ser citada por grande parte de nossos depoentes e apontada como algo significativo, antes da separação dos Estados. Além disso, o fato desta pesquisadora residir em Paranaíba e transitar no ambiente escolar reforçou este aspecto, pois ainda hoje, percebo “resquícios” deste dualismo partidário na cidade.

Já no que se refere à cena: Centro X Periferias ou “O Primo Rico X O Primo Pobre”, discutimos a relação “Centro e Periferia”, como a cidade de Paranaíba não ofertava cursos de formação, eles precisavam buscar em outras cidades tais cursos e essa escolha se dava, principalmente, nos municípios interioranos de São Paulo. Para nossos interlocutores, essas graduações tinham imensa valia; diferentemente

²¹ A nossa inspiração vem de Antonio Miguel, em especial em Miguel (2015), que discute a terapia desconstrucionista em pesquisas que tem o viés historiográfico no campo da Educação Matemática. Segundo o autor o campo da pesquisa historiográfica possui um conjunto ilimitado de objetos e fontes de investigação, e que essas fontes (orais, escritas, imagéticas, iconográficas, literárias, ficcionais etc) passam a ser vistas como modos diversos de encenar corporalmente a linguagem. E foi neste viés que utilizamos em nosso trabalho a metáfora das cenas, ao invés de cenários, pois com elas acreditamos poder encenar (colocar em movimento) tudo o que nos foi possível encontrar para nos ajudar a compor nossa história.

da visão que parecia ser atribuída por aqueles que residiam nos “grandes centros” e que viam estes cursos com menos valor.

Na terceira cena, intitulada: “Pacientes com Curativos que Mal Cobriam suas Feridas”, tratamos dos meios encontrados e efetivados para sanar a falta de professores habilitados - ações caracterizadas por um regime de urgência, pela formação aligeirada e pontual. Sem curar de vez a “ferida”, colocava-lhe, ao menos, “curativos” para uma situação temporária. A falta de professores foi citada por nossos depoentes, diversas vezes. Então, achamos pertinente discuti-la e articulá-la com as Licenciaturas Curtas, Cursos Vagos e as Formações Continuadas oferecidas pela Agência de Educação.

Para a elaboração do texto no qual falamos sobre os cursos de Jales e Pereira Barreto, e os modelos de Licenciatura realizados por nossos docentes, decidimos entrar em contato com as Universidades que ofereceram a formação aos nossos professores. As duas instituições responderam nossos e-mails, porém o Centro Universitário de Jales - UNIJALES pediu que entrássemos em contato telefônico com outra funcionária.

Quando a procuramos, ela pediu que buscássemos maiores informações diretamente com a diretora. E assim foi feito. Por duas vezes, tentamos conversar com a diretora, porém não fomos atendidos. Posteriormente, o contato foi feito pessoalmente, momento em que também não conseguimos falar com a mesma. Desta forma, não obtivemos maiores detalhes sobre o Curso de Licenciatura Curta em Ciências com Habilitação em Matemática desta instituição.

Sendo assim, neste texto, buscamos outras fontes que nos ajudassem a dialogar sobre o assunto, visto que, nos depoimentos, nossos professores não se referiram amplamente sobre tal curso. Já as Faculdades Integradas de Urubupungá, disponibilizaram tudo o que solicitamos, como: histórico do curso de Licenciatura em Pedagogia e sua Grade Curricular. Também tivemos conhecimento da Grade Curricular do Curso de Complementação Pedagógica.

Os dados de nossa pesquisa foram produzidos, basicamente, a partir das entrevistas, mas também utilizamos documentos escritos. Segundo Martins-Salandim (2012), nenhuma operação historiográfica pode negligenciar fontes disponíveis, ainda que priorizemos outras fontes e secundarizemos outras, não podemos desprezar o que pode nos ajudar a traçar compreensões sobre o tema estudado.

Assim, nosso movimento analítico foi construído realizando uma articulação entre as narrativas de nossos professores com outras fontes que nos foi possível buscar. Tentamos construir cenas plausíveis para a Formação dos professores de Matemática, percorrendo caminhos de idas e vindas, de dúvidas e de conversas. Esperamos ter trilhado percurso plausível, andando conforme nos foi possível caminhar.

CENA 4: “EU QUE NADA TENHO A CONTAR”

4.1 RODOLPHO SCHMID

Foram muitas buscas até chegarmos ao nome do professor Rodolpho. Após uma pesquisa nos arquivos da extinta Agência de Educação, que se encontram na Escola Estadual José Garcia Leal, encontramos sua ficha funcional e, depois de uma análise, o selecionamos como um possível depoente. No dia 01/10/2014, fui até sua residência para explicar sobre a relevância de sua participação nesta pesquisa. Fui recebida pelo professor Rodolpho e sua esposa Lenir. Nesta ocasião, conversamos sobre diversos assuntos, inclusive sobre suas formações. Marcamos nossa conversa para o dia 14/10/2014. Na data marcada, fui até sua residência, mas não consegui realizar a entrevista, pois o professor havia esquecido em sua empresa alguns documentos, separados previamente para me entregar. Então, remarcamos para o dia 15/10/2014. Nesta data, fui até sua casa, no período noturno, sendo atenciosamente recebida pelo professor. Gravamos a entrevista, que teve uma duração de 1h 09 min. Durante a conversa, o professor Rodolpho explicou-me minuciosamente sobre os documentos que havia separado, assim como seus certificados e algumas ementas dos cursos realizados por ele.

FIGURA 02 – RODOLPHO SCHMID E LENIR SCHMID



Fonte: Arquivos pessoais do professor.

ENTREVISTA COM O PROFESSOR RODOLPHO SCHMID, REALIZADA NO DIA QUINZE DE OUTUBRO DE 2014, EM RELAÇÃO À PESQUISA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA QUE ATUAVAM EM PARANAÍBA.

Natalia: Professor, gostaria que o senhor começasse se apresentando, falasse seu nome completo, naturalidade e data de nascimento.

Rodolpho: Bom, meu nome é Rodolpho Schmid, a data de nascimento não gosto de contar [risos], mas nasci em trinta e um de mil novecentos e trinta e seis. Hoje, estou com 78 anos. Sou nascido em São Paulo²², na capital, em um hospital na Avenida Paulista, quer dizer, Paulista Paulistano de todo jeito.

N: Conte sobre a cidade de Paranaíba.

R: Paranaíba era pequena. Bem, bem simples. Quando eu conheci Paranaíba, é interessante que naquele tempo eu trabalhava numa Companhia de Aviação, em São Paulo, a Real²³, e nós tínhamos um avião que fazia viagem até Paranaíba, passava por aqui, vinha de Araçatuba/SP²⁴ a Paranaíba, e ia até Cuiabá/MT²⁵. Então, naquela época, já tinha uma linha de avião em Paranaíba, DC3²⁶, avião com 28 lugares. A cidade era bem fraca, bem devagar. Naquele tempo, inclusive o problema de luz aqui era violento. Tinha uma “usiniha” aqui na entrada da cidade, bem pequena. No começo, era assim; depois que veio essa rede de Ilha Solteira²⁷, melhorou, mas antes era uma “usiniha” pequenina mesmo e a cidade era bem fraca.

N: Conte como o senhor veio residir em Paranaíba.

R: Bom, é uma novela [risos]. A minha esposa estudava no Estado de São Paulo, em Araçatuba, e tinha uma vendedora de roupas aqui que tinha três filhas e morava lá, e ela resolveu mudar para São Paulo e convidou a minha esposa atual a residir

²² Cidade localizada, aproximadamente, a 753 km de Paranaíba/MS.

²³ A empresa Real Aerovias - Redes Estaduais Aéreas Ltda, foi criada em 1945, por Lineu Gomes e Vicente Mammana Neto. O primeiro voo ocorreu dia sete de fevereiro de 1946, fazendo o trajeto entre São Paulo e Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.aviacaocomercial.net/real.htm>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

²⁴ Cidade localizada, aproximadamente, a 233 km de Paranaíba/MS.

²⁵ Capital do Estado de Mato Grosso, localizada a 825 km de Paranaíba/MS.

²⁶ Foi um avião bimotor para uso civil, que revolucionou o transporte de passageiros, nas décadas de 1930 e 1940. Tornou-se um fenômeno por ser mais barato, confortável e econômico. Disponível em: <<http://www.aviacaocomercial.net/real.htm>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

²⁷ Cidade Localizada, aproximadamente, a 116 km de Paranaíba/MS.

com ela lá. Ela foi morar e estudar em São Paulo e uma dessas meninas, filhas dessa senhora, trabalhava comigo na Real, era minha secretária.

Sempre falava que não tinha namorada, que não tinha nada e coisas assim. Apesar de frequentar os clubes alemães, em São Paulo, contava sempre a ela que eu não tinha ninguém. Essa minha secretária começou namorar um rapaz da firma, só que a firma não aceitava namoro de dois funcionários. Então, eles só se encontravam fora. O pai e a mãe dessa minha secretária eram muito rigorosos e só deixavam ela sair com o namorado, se minha esposa atual fosse junto segurar vela²⁸ [risos]. Tinha que segurar vela e a minha secretária queria arranjar um namorado para minha esposa [risos].

Um dia, teve uma matinê dançante, num clube lá da escola dessa minha secretária, e ela me convidou para ir. Eu fui e conheci a Lenir²⁹ lá. Começamos a nos encontrar e, depois, a namorar. Ela terminou o curso lá e veio embora.

N: A dona Lenir fez qual curso?

R: Ela fez só o Ginásio³⁰. Estava terminando o Ginásio e veio embora. Então, eu vinha muitas vezes aqui. Como, naquele tempo, a Real fazia esta viagem e eu era funcionário, até um pouco categorizado lá dentro, todas as viagens que eu tinha chance de vir, eu vinha visitar a minha namorada. Vim, fiquei noivo aqui e isso deve ter sido em 1957 ou 1958. Ficamos noivos e, em 1959, nós casamos.

Em 1959, viemos para cá. Eu trabalhava na Real, era chefe de um setor lá e o curso que eu tinha, na época, era o Científico³¹. Fiz o Colegial, o Primário³², o Ginásio e o Científico. Era o que eu tinha. Casamos, moramos até 1961 em São Paulo e o pai dela me ofereceu para trabalhar aqui. Eu saí da Real e vim trabalhar, só que não consegui serviço por problemas familiares. E eu fiquei na mão, então, me convidaram para dar aula. Como eu tinha o Segundo Grau, eu comecei a dar

²⁸ Expressão muito usada para designar a pessoa que sempre está junto de um casal de namorados, ou seja, solteiro que frequenta rodas de casais.

²⁹ Lenir Souza Schmid.

³⁰ A etapa a qual o professor está se referindo, atualmente, corresponde do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=815>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

³¹ O Ensino Médio, até o ano de 1967, era dividido em três cursos: Científico, Normal e Clássico. Posteriormente, passou a chamar Colegial, que também era dividido, sendo os três primeiros anos iguais para todos, e quem quisesse fazer o antigo Normal e o Clássico, tinha de cursar mais um ano. Disponível em: <http://www.sinproesc.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=95&Itemid=70>. Acesso em: 10 mar. 2016.

³² Atualmente, essa etapa de ensino corresponde do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

aula. E foi depois, eu fiz uma Especialização, a CADES³³ e fui fazendo Curso de Especialização até fazer a Pós-Graduação.

N: Em qual escola o senhor lecionava?

R: Ah! Só tinha uma escola aqui, a Escola José Garcia³⁴, que hoje é na praça. Era a única escola que tinha aqui e nós começamos a dar aula lá. A Lenir também lecionou lá.

N: Professor, conte um pouco sobre quando fez o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em São Paulo. Como era?

R: Bom, para você ter uma ideia, a escola que eu estudei o Primário era em frente da minha casa. Era uma Escola Evangélica Luterana. Eu era católico, mas frequentava a escola porque era em frente de casa. Era tão legal porque eu só saía de casa depois que escutava o sino bater: ouvia e ia [risos]. Então, estudei os quatro anos do Primário naquela escola. Depois, mudei para o Colégio Benjamin Constant³⁵, que ficava meio distante. Tinha que ir de bonde. Pegava o bonde cedo e ia para a escola. Assistia às aulas e voltava depois do almoço. Então, eu fiz o Ginásio e o Científico nessa escola. No colégio Benjamin Constant, que era dirigido por alemães, o diretor era descendente de alemão e, como eu tinha descendência, estudei nesta escola.

N: Fale dos professores.

R: Ah! Eu gostava, mas a gente era jovem, não é? [risos]. Você sabe como que é! Gostava dos professores, por exemplo, eu tinha um professor de Inglês que ninguém gostava dele porque ele era rígido. Quando eu estava lá, fui fazer um curso de Inglês na União Cultural Brasil Estados Unidos³⁶, para poder melhorar meu Inglês

³³ Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário. Segundo Baraldi (2003), a CADES foi criada na gestão de Armando Hildebrand, na Diretoria do Ensino Secundário e no governo de Getúlio Vargas, a partir do Decreto n.º 34.638, de 14 de novembro de 1953. O objetivo de tal curso era de reciclar os professores, sob a orientação do MEC, e os alunos professores obtinham os registros para exercerem o Magistério. Na década de 1950, o problema era a falta de professor específico para cada disciplina, principalmente no interior.

³⁴ Escola criada em 1933, denominada nos dias atuais como Escola Estadual José Garcia Leal.

³⁵ Colégio Benjamin Constant, foi criado em 1901, por um grupo de imigrantes alemães que acreditavam em uma Educação de qualidade para seus filhos. Disponível em: <<http://www.colegiobenjamin.com.br>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

³⁶ A União Cultural Brasil Estados Unidos é reconhecida pela Embaixada Americana como um Centro Binacional para o ensino da Língua Inglesa. Foi fundada há mais de 70 anos. O objetivo é capacitar o

e passar de ano [risos], porque era difícil. Fiz um curso de Inglês e até me formei professor. Sem documento, mas podia dar aula, inclusive eu cheguei a dar algumas aulas em Paranaíba, de Inglês.

N: O senhor chegou aqui em 1961 e foi convidado a dar aula? Conte sobre isso.

R: Isso. Naquele tempo, a política mandava muito aqui e o avô da Lenir (ele não era avô de nascimento porque ele casou com a avó dela), ele era líder político aqui, chegou até ser senador em Cuiabá, Dr. Waldemar da Rocha Dias. Ele era político e, dentro da política, ele conseguiu me colocar como professor dentro do grupo dele, mas pouco tempo depois, a política aqui mudou e me mandaram embora. Acho que eu dei dois, três meses de aula e me mandaram embora. Fiquei uns três, quatro meses fora e me chamaram de novo, porque não tinha professor.

Chamaram-me, não é porque eu era bom, é que não tinha professor de Matemática [risos]. Ah! Era difícil aqui, era difícil. Tinha poucos professores. Acho que era eu e mais um ou dois que podiam dar aula em todas as séries. Tinha um professor Aníbal³⁷ que depois foi embora. Era português, mas dava aula de Matemática [risos]. Tinha professor que era dentista, mas dava aula de Ciências. As pessoas que tinham certa formação davam aulas porque realmente tinham muitas chances de conseguir aula.

N: Quando começou a lecionar, o senhor tinha alguma formação específica para o Magistério?

R: Não. Tinha o Científico. Depois me chamaram para fazer o curso da CADES. Então, fui para Campo Grande, Estado de Mato Grosso³⁸, e fiquei lá uma semana ou duas fazendo curso. Era um curso bom. Praticamente, todos nós (acho que éramos uns quinze ou vinte professores Leigos³⁹) estávamos nos preparando para dar aula. Então, o negócio era bom. Havia muitos, como eu, que tinham feito o Científico. Nós tínhamos uma convivência e sabíamos alguma coisa de Matemática, mas tinha uns lá que... coitados! Tristes, mas foram fazendo, fazendo, ficamos até a maioria

estudante para se desenvolver na Língua Inglesa, tanto na escrita como na oralidade. Disponível em: < <http://www.uniaocultural.com.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

³⁷ Aníbal Pereira Júnior foi professor de Matemática; posteriormente, mudou-se de Paranaíba.

³⁸ O professor está referindo-se à época anterior à divisão do Estado de Mato Grosso.

³⁹ Profissional que exerce o Magistério, sem possuir a habilitação mínima exigida.

conseguir passar e conseguir a licença da CADES para poder lecionar Matemática nas cidades que não tinha gente formada.

N: Gostaria que o senhor me falasse do professor que lecionou no curso da CADES.

R: Faz muitos anos! O curso foi importante para mim e para cidade, porque eu só tinha o Científico, que é o Segundo Grau. E, com esse curso, fui melhorando. Depois, aqui mesmo dentro da cidade, começaram a aparecer chances. Eu fui a Três Lagoas/MT⁴⁰ e fiz uma Especializaçãozinha rápida e fomos nos desenvolvendo, até que apareceu a chance de fazer curso em Pereira Barreto⁴¹.

N: Conte dos professores que lecionavam neste curso de Pedagogia.

R: Inclusive o dono da faculdade de Pereira Barreto (depois ele montou a FIPAR⁴² aqui) Ele, junto com o Carlos Joaquim⁴³, que formaram a FIPAR (esqueci o nome dele, mas era diretor lá⁴⁴ e formou uma faculdade aqui e em Nova Andradina/MS⁴⁵), ele montou isso. Íamos uma vez por mês fazer curso, ou a cada duas semanas ou toda semana, tinha que passar três, quatro dias lá. Não era frequência direta, mas íamos fazer o curso. Tinha muita gente de Paranaíba. Nós lotávamos um ônibus aqui para ir para Pereira Barreto, íamos em turma. Cheguei a ir algumas vezes de carro, mas normalmente íamos de ônibus. Pagávamos o frete dele, cada um pagava sua parte.

Depois que terminei este curso, um dia falaram comigo: “Você não vai fazer Pós-Graduação?”. Falei: “Onde?”. “Lá em Jales /SP⁴⁶. Nós, aqui, já somos em doze ou quinze, e nos inscrevemos lá em Jales”. Falei: “Então, vou ver se eu faço também”. Cheguei lá e fui me inscrever, e a menina falou: “Olha, não tem mais inscrição, porque são quarenta vagas e estão todas lotadas”. Disse: “Oh! Meu Deus!”, mas aí entrou o objeto misterioso, não é? [fazendo gesto de contar dinheiro].

⁴⁰ O professor se refere ao ano de 1972, quando fez o curso, ou seja, o Estado ainda não havia sido desmembrado.

⁴¹ Cidade localizada, aproximadamente, a 157 km de Paranaíba/MS.

⁴² Faculdades Integradas de Paranaíba, criada no ano de 1995. Atualmente, ainda exerce suas funções, oferecendo os cursos de Direito – Bacharel, Licenciatura em Pedagogia e Ciências Contábeis.

⁴³ Carlos Joaquim Rodrigues da Cunha.

⁴⁴ João Altair de Domingues.

⁴⁵ Cidade localizada, aproximadamente, a 452 km de Paranaíba/MS.

⁴⁶ Cidade localizada, aproximadamente, a 120 Km de Paranaíba/MS.

Eu falei para moça: “Olha, faz o seguinte, se houver alguma desistência...”; “mas está difícil haver desistência” - ela comentou. Insisti: “Então, faz o seguinte: eu vou deixar um cheque do valor, quanto é o curso?”; “É tanto”; “Eu vou deixar o cheque no valor e você guarda. Se aparecer alguma desistência, você pode cobrar o cheque e coloca o meu nome (dei os dados)”. Tinha ido de carro, até minha esposa tinha ido junto. Nós voltamos. Quando cheguei aqui, o telefone toca: “Olha, houve uma desistência. Posso cobrar o cheque?”. “Pode cobrar”. Fiz a Especialização em Jales [risos].

N: Com que frequência o senhor ia até Jales fazer a Pós-Graduação?

R: Vamos falar que era um negócio “meio no tapa”. Vamos falar o que é certo. Hoje em dia, não se faz mais isso, mas naquele tempo era muito importante os pagamentos. Então, nós íamos uma vez por semana, ou cada quinze dia ou uma vez por mês. Eles nos avisavam: “Vocês tem que vir dia tal, porque vem professor de São Paulo”, pois eles vinham. O curso era do Ministério da Educação, mas tinham que vir professores de fora.

N: E estes professores, eles eram formados?

R: Eram Doutores ou Mestres. Não podia ser qualquer professor para dar aula, não!

N: Professor, conte das aulas.

R: Ah! O negócio não era fácil, não! Muito puxado! “Meu Deus do céu!” Não sei o que eles faziam e nem quanto tempo durou este curso.

N: Houve algum motivo para o senhor ter feito faculdade de Pedagogia?

R: Então, o porque eu não me lembro bem. Faz tanto tempo! Mas havia alguma coisa. A faculdade de Matemática deles era muito exigente em questão de frequência e a Pedagogia não era tão exigente. Então, praticamente todos os meus colegas daqui que faziam lá, quase sempre era só Pedagogia. Era mais fácil.

N: Nessas viagens, quais eram as dificuldades encontradas?

R: Bom, para começo de conversa, a estrada daqui até a Ilha [Solteira] era de terra. Não era asfalto, não. Nós tínhamos que enfrentar barro, chuva, coisa assim. Não era bom, não. Era um problema, porque lá, muitas vezes, tínhamos que ficar dois, três

dias. Pagávamos hotel para poder ficar e era dinheiro que ia, viu? Nós gastávamos para poder se formar, para ter base.

N: Havia alguma exigência para que vocês tivessem formação para exercer o Magistério?

R: Havia o lado financeiro. Quanto mais você se formava, melhorava, porque você ganhava em termos de salário. Então, por exemplo, quem tinha só vinte e duas horas aulas, não era tanto. Eu tinha outros afazeres, trabalhei no Banco do Brasil⁴⁷ como avaliador. Tinha loja, minha mulher cuidava da loja. Tivemos quatro filhos e tudo isso dava problema. Eu só tinha vinte e duas horas aulas, quer dizer, quando me convidaram para ser diretor aumentava o campo. Eu aceitei porque o salário ia ser bem maior, inclusive me aposentei como diretor. Não foi só com vinte e duas horas aulas, foi como diretor.

N: O senhor sempre lecionou no Grupo José Garcia?

R: Não, não. Quando foi inaugurado o Wladislau⁴⁸, eu fui para lá como professor. Aqui também tinha o Normal⁴⁹. Eu dava aula, inclusive, para minha esposa [risos]. As aulas eram normalmente no período da noite, em um prédio que é aqui perto do Banco do Brasil, um sobrado que têm ali, que é do Rotary⁵⁰. Como eu gosto da Matemática e sempre dei aula de Matemática, eu me sentia bem lecionando, não tinha problema. Não sentia dificuldades e nem eles comigo, não [risos].

N: Como era sua relação com a sala de aula e os alunos?

R: Eu não posso falar muito. Gostaria que você ouvisse, talvez, algum aluno meu, porque eu era exigente. Era exigente de uma maneira que sabia levar os alunos, porque tinha certos professores que os alunos não gostavam, pois cobravam demais. Ah! Eu era exigente, mas Matemática não tinha jeito de não ser exigente,

⁴⁷ O Banco do Brasil, com seus duzentos anos de existência, foi o primeiro banco a operar no país.

⁴⁸ Escola criada em 1957, atualmente, denominada Escola Estadual Wladislau Garcia Gomes.

⁴⁹ O Curso Normal, também ficou conhecido como Magistério de 1º Grau, um tipo de habilitação para o Magistério nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1825-1896/1846_Escola_Normal.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2016.

⁵⁰ Fundado por Paul Harris, em Chicago, USA, em 23/02/1905, tem hoje representação em 207 países. É a maior Organização Não Governamental do mundo. Seu logotipo é uma Roda Denteada. Disponível em: <<https://www.rotary.org/pt>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

não é? Tanto, que é uma das matérias consideradas mais importantes. Era a Matemática e o Português. Então, você não podia deixar.

Eu era querido pelos alunos. Apesar da exigência, tinha certas coisas que fazia: era um tal de jogar o apagador... Isso tem até hoje, quando você conversa com um ex-aluno: “me lembro do apagador!”. Só que não acertava neles. Normalmente, eu atirava na parede para dar um susto [risos], principalmente, aquele que não estava prestando atenção. Eu tinha outro sistema que costumava fazer com eles e ficavam todos preocupados: era prova surpresa. Não tinha dia marcado, chegava à classe e, numa folha de papel, passava a prova para eles. Então, eles tinham que saber e estudar. Saber a matéria, porque eu não exigia muito profundamente o conteúdo. Tinha que saber o principal e eu exigia isso.

N: Quais materiais o senhor utilizava para lecionar?

R: Bom, no começo eu usava livros. Depois de certo tempo, era sem nada. Só a presença, as aulas, os problemas, os exercícios, era tudo tirado da cabeça, não usava nada disso. Chegava e falava: “Hoje, nós vamos estudar isso”. Passava matéria e dava exercícios para eles irem fazendo. Então, não fui muito exigente com relação ao material, livros e coisas assim. Naquele tempo, era difícil de ter.

N: Professor, conte o que os alunos achavam da Matemática?

R: A maioria gostava, por eu ser professor, mas tinha uns, logicamente, que não tinha jeito, não é? Porque não é que eles não gostavam da Matemática, é que não entrava na cabeça deles, não se dedicavam. Então, era mais difícil, principalmente, desculpa eu falar, para as meninas. As meninas tinham muitas que se dedicavam e sabiam, se davam bem, mas normalmente tinha algumas: “Ah! Matemática é coisa pior que tem. Ah! Matemática é coisa pior que tem, não sei por que tem que aprender Matemática”. A sala era dividida, tinha homens e mulheres. Era bem parecido, não tinha muita diferença. Mais ou menos, meio a meio.

N: O senhor sentia dificuldade para lecionar Matemática?

R: Não sentia, não. Dominava a Matemática, graças a Deus! Só que tem uma coisa que vou te falar com franqueza. Como eu não usava livros e coisas assim, eu gostava mais de dar aula de quinta, sexta e sétima série - as classes mais baixas -, porque não precisava usar grande coisa, apesar de que dei aulas no Ensino Médio,

naquela época, Ensino Secundário, mas também não sentia dificuldade, graças a Deus, e os alunos se viravam.

N: O Estado sempre oferecia cursos?

R: Sim, só que depois que houve a divisão do Estado, o povo de Campo Grande⁵¹ tinha narizinho arrebitado e nos consideravam “lá embaixo”, Paranaíba. Se você fosse de Três Lagoas⁵², fosse de Corumbá⁵³ ou Dourados⁵⁴, você era muito bem visto, mas lá nós éramos tratados como “lá debaixo”, porque eles consideravam: “Imagina, vocês são de quatrocentos e tantos quilômetros daqui, divisa com São Paulo. Vocês têm chances de aprender mais lá em São Paulo”. Então, eles sempre falavam assim. Qualquer coisa que tinha, diziam: “Nós da Capital somos assim, assim... Vocês, do interior...” [risos].

Recentemente, a Lenir esteve conversando com uma professora que da aula na faculdade aqui e ela disse que lá continua do mesmo jeito. “Eles são mais que nós aqui, eles são mais importantes que nós”. Isso dificultava, mas também nos dava chance de mostrar a nossa capacidade. Quando eles faziam alguma coisa assim, nós falávamos: “Não, tudo bem, mas é assim, assim...”. Eles até ficavam assustados: “Mas como vocês sabem disso?” [risos]. Mas eles da Capital tinham isto contra nós. Não achavam que nós do interior éramos muito bons. Acho que um pouco pela questão geográfica. Os cursos ajudavam porque faziam que você melhorasse financeiramente.

N: O que o senhor considera ser um bom professor de Matemática?

R: É difícil. Eu acho que um bom professor é aquele que fazia com que os alunos aprendessem. Isso era importante. Desde que eles soubessem, estava tudo bom. Para você ter uma ideia, quando eu comecei a frequentar a escola aqui, nós tínhamos o exame de admissão para entrar na quinta série.

Ficava tudo preparado. Você tinha que fazer o negócio funcionar porque era a admissão. Se o aluno não tivesse condições, ele não ia, não! Eu dava aula da quinta série para frente, mas como eles iam assumir quintas séries para frente, tinha que fazer a admissão e tinha prova escrita e oral. Fazia a prova escrita e depois

⁵¹ Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 407 km de Paranaíba/MS.

⁵² Cidade localizada, aproximadamente, a 177 km de Paranaíba/MS.

⁵³ Cidade localizada, aproximadamente, a 1076 km de Paranaíba/MS.

⁵⁴ Cidade localizada, aproximadamente, a 580 km de Paranaíba/MS.

tinha o papo frente a frente. Um dia, uma mãe chegou para mim e falou assim: “Olha, não quero comprar o senhor, não, mas se meu filho passar, eu vou trazer uma leitoa” [risos], pois eu fazia parte da comissão das provas, ajudava a elaborar, a matéria era do Primário, principalmente da quarta série, o que eles já tinham que saber para a quinta.

N: O senhor gostava de lecionar?

R: Foi uma questão de opção, porque quando eu vim para cá, eu ia mexer com alguma coisa e não virou nada. Porque o meu sogro tinha comprado um cartório aqui e ele não sabia mexer com isso, e quis que eu viesse para ajudar ele e eu vim. Só que por problemas de família, ele não ficou com o cartório. Nessa época, fui convidado a dar aula, lecionar.

N: Professor, conte da experiência de ser diretor.

R: Foi por política. É, política. Naquele tempo, diretor era política. Eu tinha amizade com um grupo de políticos, inclusive alguns deles já tinham sido até alunos meus e precisavam de alguém para ser diretor do Wladislau. Houve mudança política e me convidaram para ser diretor lá. Fiz uma cartinha me oferecendo para ser diretor e os líderes políticos me acharam em condições, e eu assumi. Por sete anos, fui diretor. Foi tranquilo. Não tive problemas, inclusive tive sorte que a secretária da escola era uma funcionária muito eficiente e pude deixar na mão dela. A minha vice também era eficiente, Erondina⁵⁵. Depois, quando eu deixei, ela assumiu, e depois José Carlos Seragucci⁵⁶, que assumiu a direção da escola. Daí em diante, nunca mais me interessei.

Eu só voltei lá porque voto no Wladislau. Quando eu era diretor, foi feita uma nova distribuição de escolas e, como eu era diretor lá, eu resolvi colocar lá para votar. Eu era diretor, ficava mais fácil, não é? Só que hoje é longe para mim, mas eu vou lá votar, normal [risos].

N: Professor, conte da relação que a política tinha com a Educação.

R: Naquele tempo, tinha muita relação. Não os professores, mas principalmente a direção, o secretário da escola, coisa assim. Era cargo político. No ensino, acho que

⁵⁵ Erondina Mieli de Souza, atualmente é aposentada.

⁵⁶ José Carlos Seragucci, atualmente é aposentado.

não influenciava muito. Por exemplo, no meu caso, que eles me deram esse cargo, então, eu tinha certa obrigação de fazer com que o negócio funcionasse, fazer com que a escola andasse direito. Muito bem, teve que andar direito. Naquele tempo, por exemplo, na época da exposição, as escolas tinham que fazer carros alegóricos, todas as escolas faziam. Eu tinha sorte que a professora Erondina gostava disso. Ela é que chefiava os carros nossos, então, ela que cuidava para nós. Nossa escola sempre se saía bem nisso, porque tinha Erondina para ajudar. Naquela época, tinha desfile. A banda de música vinha de fora. Três Lagoas veio desfilar aqui no nosso aniversário. Para você ter uma ideia, eu sempre fui saído, inclusive as coisas que aconteciam aqui, que precisavam de um apresentador, era eu que fazia.

Inclusive, eu tenho até carteirinha da Rádio Difusora, pois quando foi inaugurada, eu era locutor lá, tinha um Programa. Hoje, eu tenho a Coca-Cola⁵⁷, mas, na época, eu tinha uma fábrica de refrigerantes aqui, que se chamava “Bom Gosto”. Por isso que a firma tem esse nome até hoje e eu tinha um programa que chamava “Bom Gosto no Esporte”. Era eu que fazia o Programa na Rádio.

N: Então, o senhor gostava dessas coisas?

R: Sim, jogo de futebol, basquete, vôlei, o que tivesse de esporte aqui eu estava dentro. Até hoje, quando tem um bingo aqui, quem canta o bingo sou eu. Sou o “bingueiro” oficial aqui de Paranaíba [risos]. Eles pedem e eu vou. Hoje, já sou velho, mas tenho aparelhagem. Todos sabem que sou honesto nisso, não puxo para ninguém, ganha quem deve ganhar. Então, todo mundo acha que estou bem nisso.

Entre as coisas que eu fiz em São Paulo, além de trabalhar na Real, eu trabalhei uns tempos na Rádio Nacional de São Paulo⁵⁸. Tinha certa prática de microfone. Quando eu vim para cá, apareceu a chance. Minha família é toda de São Paulo, apesar de hoje estar bem restrita.

Então, o negócio era esse. Eu fazia de tudo, de tudo um pouco. Para você ver, esse negócio de aulas mesmo. De vez em quando, chego a tirar licença para poder me dedicar a outras coisas. Eu trabalhava no Banco do Brasil como avaliador. Visitava as fazendas, depois, tinha que fazer um laudo para contar se o cara podia

⁵⁷ Distribuidora da Coca-Cola, chamada “Bom Gosto”.

⁵⁸ Estreou no dia 1º de maio de 1952, como Rádio Nacional de São Paulo; em 1965, as Organizações Globo compraram a Nacional paulista; no ano de 1976, começa a transição do seu nome; em 1977, Nacional-Globo; já no ano de 1978, recebeu o nome de Globo-Nacional; e, finalmente, em 1979, Rádio Globo de São Paulo. Disponível em: <<http://radioglobo.globo.com/radio-globo-60-anos-historia/RADIO-GLOBO-60-ANOS-HISTORIA.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

ou não podia pegar aquele dinheiro emprestado. Às vezes, eu passava a noite inteira batendo laudo porque não tinha tempo e nós tínhamos a loja, e eu viajava sempre. Cheguei a viajar três vezes numa semana, para fazer compras em São Paulo.

N: Quando o senhor ia, ficava outro professor no seu lugar?

R: Não. Jogava as aulas de uma maneira que não precisava, não fazia falta. Tinha um jogo de cintura [risos], um esquema! Meu sogro falava que não sabia o que eu fazia, não sabia o que eu não fazia, porque tudo, tudo fazia um pouco.

N: Professor, conte se havia algum curso para formar professores aqui na cidade.

R: Não tinha nada para professor. Um professor de Araçatuba [SP] veio aqui para darmos aulas para os adultos e fazer as provas lá no Dibor⁵⁹ e, como eu era bem visto aqui, ele me procurou para ver se nós podíamos montar aqui um curso. E montamos para alunos adultos. Não era para crianças, era para adultos. Conseguimos salas na Aracilda⁶⁰ e nós dávamos aulas a noite lá: Matemática, Português, História, Geografia, Ciências. O dentista Luiz Carlos Brandão⁶¹, que foi até diretor do Wladislau, foi um dos que deram aulas nesse curso também e eles ganhavam. Eu também ganhava mais.

Quando chegava a época de provas, nós fretávamos um ônibus aqui e levava esse povo todo para Araçatuba. Eles iam fazer as provas lá. As provas eram de seis em seis meses, ou a cada quatro ou cinco meses, era prova final do curso completo. Não lembro a duração do curso. Não eram três anos, mas era bastante. Os alunos saíam formados no Ginásio ou Primário, ou coisa assim, não me lembro, acho que é Ginásio, Primeiro Grau completo.

N: E tinha escola aqui?

R: Aqui tinha escola, mas era de crianças, aqui ainda não tinha de adultos. Teve esse curso que nós dávamos aqui, foi diversas vezes. Alguns se formavam, depois contavam para os outros que foi bom, que se formou e tudo mais. Era uma

⁵⁹ O professor não se recorda de mais informações sobre esta escola, para que pudéssemos localizar outras informações.

⁶⁰ Escola criada em 1966, atualmente, chama-se Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa.

⁶¹ Luiz Carlos Brandão.

oportunidade para continuar estudando. Era difícil, era difícil, muito difícil. Depois, começou a aparecer chances de outros cursos, criou-se a FIPAR e, recentemente, a Universidade Estadual⁶² e a Federal⁶³. Aí, já melhorou aqui.

N: Na época que o senhor lecionava, os professores eram, em sua maioria, leigos?

R: É a maioria era leigo. Por exemplo, um era advogado, outro era dentista e se viravam na área deles, porque não tinha o que fazer. É que nem o meu caso, eu comecei a dar aula, porque tinha curso Científico.

Meus quatro filhos: o Paulinho⁶⁴ estudou em Ribeirão [Preto]/SP⁶⁵, depois veio para Ilha [Solteira]; o Luiz Antônio⁶⁶ se formou em São José do Rio Preto/SP⁶⁷; a Regina⁶⁸ foi fazer Administração em Ribeirão, mas depois resolveu casar e não terminou [risos]; e o Cláudio⁶⁹ se formou em advocacia, em Jataí/GO⁷⁰. Ele e a esposa são formados em advocacia. Aqui não tinha condições, então, você tinha que levar seus filhos para fora, se quisesse dar um curso para eles, uma formatura. O Cláudio mesmo chegou a estudar em Ribeirão Preto, depois que eu trouxe ele para Jataí, mas estudava no Estado de São Paulo.

N: Os professores que lecionavam com o senhor, em algum momento, se interessavam em fazer um curso de formação de professores?

R: Não. A maioria não se interessava, porque eles tinham as profissões deles também. Por exemplo: uns eram advogados e, naquele tempo, tinham poucos advogados. Então, eles tinham o seu serviço, não é? Dentista tinha seu serviço, médico tinha seu serviço. Então, eles faziam isso para ajudar, talvez até ao partido político, mas depois quando tinha a chance de deixar, eles deixavam, não se especializavam. Os que queriam continuar a carreira se interessavam. Ia também, mas eram muito poucos. A maioria que seguia eram mulheres, por exemplo, esse

⁶² Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, criada em 1979, unidade universitária de Paranaíba/MS, fundada em julho de 1994.

⁶³ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - Campus de Paranaíba, criado em julho de 2001.

⁶⁴ Paulo Afonso Schmid.

⁶⁵ Cidade localizada, aproximadamente, a 469 km de Paranaíba/MS.

⁶⁶ Luiz Antônio Schmid.

⁶⁷ Cidade localizada, aproximadamente, a 266 km de Paranaíba/MS.

⁶⁸ Lucia Regina Schmid Grande de Mello.

⁶⁹ Cláudio Marcelo Schmid.

⁷⁰ Cidade localizada, aproximadamente, a 276 km de Paranaíba/MS.

Curso Normal, no Aracilda, acho que não tinha nenhum homem, eram todas mulheres e, a maioria, casadas. Para melhorar o currículo e poder depois dar aula.

N: dona Lenir foi professora também?

R: Foi também. E se formou no Normal aqui, depois, fez lá em Pereira Barreto [SP] também. Não fizemos o curso juntos, foi em épocas separadas. Ela, com a turminha dela, iam cinco mulheres em um carro. É, era difícil, enfrentavam dificuldades. Além da distância, todas eram casadas, tinham filhos, mas se viravam, pois queriam, tinham que melhorar, era uma luta! A maioria dos que fizeram o Curso Normal eram mulheres.

N: Como o senhor classificaria a experiência de lecionar no Normal?

R: Gostei. Se fosse hoje, talvez não desse. Porque temos acompanhado a vida dos professores, hoje. Não só em termos financeiros, mas em termos de cuidar das crianças. Aqui não tinha nada. A primeira vez que apareceu alguma coisa foi em Pereira Barreto, todo mundo ia para lá. A maioria ia para Pereira, praticamente ninguém ia para Jales [SP]. Só começou ir, depois que saiu esse curso de Pós-Graduação. O pessoal foi para lá, porque me parece, não vou garantir, mas em Jales era mais rigoroso e lá, em Pereira, era mais à vontade. Então, eles preferiam fazer em Pereira.

N: O senhor teria algum nome de professor de Matemática para me indicar, que eu pudesse também conversar?

R: Tem o Ignácio⁷¹. Ele foi meu aluno, porque ele já era adulto quando ele foi estudar comigo.

N: O senhor chegou a lecionar junto com ele?

R: Não. Nós dávamos aula em escolas separadas, não era na mesma. Tinham outras escolas, além do José Garcia e Wladislau. Tinha o Colégio. Eu cheguei dar aula no Colégio das Irmãs. Hoje, é o Objetivo⁷².

⁷¹ Ignácio José da Silva atuou como professor de Matemática, na cidade de Paranaíba/MS, entre as décadas de 1940 a 1990.

⁷² Prevê-Objetivo, criado em 1955, com a denominação Educandário Santa Clara. É uma escola particular, ainda existente em Paranaíba.

N: Era diferente o ensino lá, professor?

R: Não, o ensino lá era normal. Para você ter uma ideia, deixei de dar aula lá, porque eu fui me tornar maçom⁷³ e o padre aqui falou: “Se você for ser maçom, não pode dar aula mais aqui”. Eu falei: “Por quê?”. “É porque a igreja é contra Maçonaria”. Naquele tempo, era; hoje, não tem nada, não. Eu deixei de dar aula lá por causa disso.

[Lenir, sua esposa, entra na sala].

R: Lenir⁷⁴, falei a ela que não tinha escolas, aqui, de formação de professores. Só o Magistério que começou funcionar. Falei também que, no Magistério, praticamente eram só mulheres, não é?

Lenir: É. E tinha o curso de Contabilidade, chamava-se Contabilidade.

R: Mas onde era isso?

L: Daquele povo que descendo a casa da Dorinha⁷⁵ tinha uma casa ali.

R: Ah! Tinha uma escola ali, uma escola particular.

L: É. Depois, eles foram embora.

R: Mas faculdade para se formar não tinha, não. Ô Lenir, por que nós não íamos para Jales e íamos para Pereira Barreto estudar?

L: Porque, para nós, era mais fácil, era o curso que tinha. Em Jales, não tinha o curso.

R: Ah! Porque Jales você tinha até que pegar a balsa para atravessar e chegar ao Estado de São Paulo.

L: Lá era mais fácil para nós irmos.

R: E lá você podia voltar à noite; aqui, na época, as balsas só funcionavam de dia, até seis horas da tarde, das seis da manhã às seis da tarde.

L: Íamos para lá porque ficava mais fácil, era mais longe, mas era mais fácil de ir.

R: Para Jales, ninguém ia.

L: Depois, nós fizemos em Santa Fé⁷⁶, mas foi só meu grupo, você não foi. Quando eu fui fazer História, fui e fiz em Santa Fé.

⁷³ Maçom é aquele que pertence à Maçonaria, sociedade discreta, onde suas ações são reservadas e interessam apenas àqueles que dela participam. Apesar do homem ser considerado um ser livre, a Maçonaria exige que seus integrantes possuam um espírito filantrópico e de busca contínua da perfeição. Disponível em: <<http://www.lojamaconica.org.br/sermacom.htm>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

⁷⁴ Neste momento, dona Lenir, esposa do professor, adentra a sala na qual está sendo realizada a entrevista, sendo indagada pelo professor e, assim, começando também a participar do diálogo.

⁷⁵ Maria Auxiliadora Malheiros do Amaral (Dorinha) atuou como Professor e chefe do Núcleo de Educação na cidade de Paranaíba/MS, entre as décadas de 1950 a 1990.

N: Nessa época ainda era balsa?

L: É, ainda tinha a balsa.

R: Mas ela funcionava à noite.

L: Mas Santa Fé era pertinho e, como era à noite, íamos para dormir. Saíamos depois do almoço e a faculdade era à noite. Dormíamos e retornávamos no outro dia⁷⁷.

R: Para você ter uma ideia sobre a balsa, nós estávamos vindo do Estado de São Paulo, eu e ela, e uma professora em Santa Fé pediu carona. Nós vimos, chegou na beira da balsa, à noite. Entramos com o carro na balsa. Essas duas estão conversando dentro do carro e eu desci e fui ver. Deu um temporal, uma ventania e a balsa não saiu. Essas duas: “Puxa, nós atravessamos rápido, já chegamos em Mato Grosso?” [risos]. Falei: “Não, nós estamos ainda no Estado de São Paulo”. Não atravessou, não. Levamos a mulher de volta a Santa Fé e demos a volta pela Ilha, porque nós tínhamos que vir embora. Aquele dia a balsa não atravessou.

Para você ter uma ideia, eu vinha vindo do Estado de São Paulo. Quando eu tinha a fábrica ainda, trabalhava na escola também e entramos na balsa. No meio da travessia, veio um temporal e nos jogou lá em Minas. Naquele portal de Minas, nós passamos a noite lá, dormindo dentro do caminhão, da caminhonete, porque não tinha jeito de tirar ela de cima do barranco. No dia seguinte, dois, três rebocadores puxaram e tirou ela. Então, nós dormimos lá no barranco, em Minas.

N: Professor, naquela época, como era o salário dos professores?

R: Professor não recebia bem, era mal, mal, mal, mal... por isso tinha outros afazeres. Não era bom, não! E isso interferia na Educação porque o professor não conseguia se dedicar, exclusivamente.

N: O senhor gostaria de acrescentar algo?

R: Não.

[Neste momento, faço as devidas explicações sobre os trâmites e trabalhos que serão realizados no texto desta entrevista].

⁷⁶ A professora está referindo-se à FUNEC – Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul /SP, faculdade em que cursou História e Pedagogia.

⁷⁷ Neste momento, dona Lenir retira-se da sala.

N: Agradeço pela contribuição.

R: Que isso, se tiver alguma coisa que eu possa fazer...

N: Eu agradeço ao senhor.

4.2 CLEIDE DEROCO MARTINS

Após uma conversa com a funcionária da extinta Agência, que atualmente trabalha na Escola José Garcia, Fátima indicou-me o nome da professora Cleide Martins, juntamente com seu telefone. No dia 24/10/2014, entrei em contato com a professora Cleide via telefone e marcamos um encontro em sua residência, no dia 28/10/2014, para conversarmos. No dia marcado, no período vespertino, a professora Cleide recebeu-me atenciosamente em sua casa, com um café da tarde. Expliquei-lhe sobre a pesquisa e a relevância de sua participação. A professora decidiu gravar a entrevista no mesmo dia. Nosso diálogo teve duração de 1h 47min. A professora Cleide disponibilizou-se a separar alguns certificados para que olhássemos em outro momento.

FIGURA 03 – CLEIDE DEROCO MARTINS



Fonte: Arquivos pessoais da professora.

**ENTREVISTA REALIZADA NO DIA VINTE E OITO DE OUTUBRO DE 2014,
RELACIONADA À PESQUISA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
MATEMÁTICA QUE ATUAVAM EM PARANAÍBA/MS.**

Natalia: Professora gostaria que a senhora começasse se apresentando. Falasse seu nome completo, naturalidade e data de nascimento⁷⁸.

Cleide: Meu nome é Cleide Deroco Martins. Data de nascimento: dois de setembro de 1958. Nasci em Estrela D' Oeste⁷⁹, Estado de São Paulo.

N: Conte como veio a residir em Paranaíba. Por qual motivo?

C: Eu vim para cá por causa de um concurso. Terminei a Faculdade em 1980. Quando terminamos uma faculdade, seja lá qual for a Graduação, você quer o quê? Quer trabalhar! Está doida para trabalhar. É uma realização que buscamos, do contrário, não teria sentido ficar estudando. Você quer colocar aquilo em prática. Prestei o concurso que teve no Mato Grosso do Sul, apesar que, no estado de São Paulo, enquanto estava terminando o último ano da faculdade, pegava licenças, mas nada efetivo. Quando surgiu a oportunidade do concurso, prestei. Vim pra cá em agosto de 1981.

Escolhi Paranaíba porque havia vaga na área de Matemática e era a cidade mais próxima de onde eu morava. Quem fez essa atribuição foi a Ana Maria Acioli⁸⁰. Na época, existia o cargo de delegada de ensino e ela o desenvolvia.

N: Conte sobre Paranaíba, na época que a senhora chegou.

C: A cidade [risos] não era bonitinha como hoje, de jeito nenhum! Não tinha “tanto” asfalto. Eram muitos terrenos baldios, bem no centro, inclusive aqui, pertinho de onde eu moro. Aquilo que hoje é o Carnaíba⁸¹, que quase foi um cartão postal. Aqui, onde tem casas hoje, era terrível, alagado. À noite, escutávamos sapinhos [risos]. Acho que, por isso, conseguimos morar no centro. Não tinha muito valor.

⁷⁸ Foi entregue à professora o roteiro de entrevista, o qual ela consultava durante sua realização.

⁷⁹ Cidade Localizada, aproximadamente, a 136 km de Paranaíba/MS.

⁸⁰ Ana Maria de Jesus Ribeiro foi delegada de ensino e lecionou a disciplina de Matemática.

⁸¹ Avenida em que é realizado o Carnaval de rua da cidade de Paranaíba/MS.

N: A senhora já era casada quando veio para Paranaíba?

C: Vim pra cá no mês de agosto, já era noiva do Roberto⁸². Em setembro, nos casamos. Tive a grande sorte de encontrar aqui uma família vinda de São João de Duas Pontes/SP⁸³. Era o pessoal do vereador Maicon⁸⁴. Seu pai, José Vicente⁸⁵, os avós, Cleuza⁸⁶ e Valter Andrade. Cheguei aqui de mala e cuia⁸⁷, com a cara e a coragem [risos], porque naquele tempo eu nem sabia o telefone deles para perguntar “posso ficar aí uns dias?”. O meio de comunicação era muito precário. Eu vim escoltada pelo meu pai e meu marido, o Roberto, que, na época, era meu namorado.

N: O Professor Roberto também não era daqui?

C: Não. Ele também é nascido em Estrela D' Oeste. Passou a infância e até uns 16 anos em São João de Duas Pontes. Aí, se mudou para Fernandópolis⁸⁸. Quando nos casamos, ele morava em Fernandópolis. Foi por meio do Roberto que fiquei sabendo do concurso em Mato Grosso do Sul. Não tinha internet, não ficávamos sabendo de nada. Ele trabalhava na empresa da Rhodia⁸⁹, na época. Vendia medicamentos, adubos, venenos e produtos agrícolas. Então, ele vinha aqui e em Chapadão do Sul/MS⁹⁰. Ele demorou a começar a dar aula. Antes disso, trabalhou na Ford e na Chevrolet.

Ele gostava muito daqui, apesar dos pais morarem em Fernandópolis/SP. Ele me falou do concurso. Prestei, por acaso, passei. Esse concurso foi em 1981, no começo do ano. Me chamaram para tomar posse no meio do ano. Vim na última hora porque morria de medo: “Meu Deus, vou embora para Mato Grosso!” [risos]. Escolhi Paranaíba, mas sabe onde foi à atribuição? Em Três Lagoas/MS⁹¹. O concurso também foi lá. Foi a primeira vez que fui até lá. Depois, só fui para tomar posse.

⁸² Roberto Valdeci Martins é professor de História, em exercício.

⁸³ Cidade localizada, aproximadamente, a 149 km de Paranaíba/MS.

⁸⁴ Maycol Henrique Queiroz de Andrade, atualmente, exerce a função de vereador, sendo também o presidente da Câmara de Vereadores, no município de Paranaíba/MS.

⁸⁵ José Vicente de Andrade.

⁸⁶ Cleuza Pereira de Souza Andrade.

⁸⁷ Expressão utilizada quando uma pessoa se muda para algum lugar, de forma definitiva, levando todos os seus pertences.

⁸⁸ Cidade localizada, aproximadamente, a 153 km de Paranaíba/MS.

⁸⁹ A professora não se recorda de maiores informações sobre a empresa.

⁹⁰ Cidade localizada, aproximadamente, a 194 km de Paranaíba/MS.

⁹¹ Cidade localizada, aproximadamente, a 177 km de Paranaíba/MS.

N: Então, a senhora nem chegou a vir a Paranaíba?

C: Não. Tanto que perguntei à Ana Maria Acioli (delegada de ensino) qual a escola mais bem centralizada, porque a gente quer o que é mais fácil, não é? Ela falou: “Não, todas são mais para periferia”, mas Deus me ajudou tanto, que eu simpatizei com o nome José Garcia⁹². Não que eu não gostasse das outras, no entanto, tenho enorme carinho pela Escola Manoel Garcia⁹³, dei aula excedente⁹⁴ lá. Naquele tempo, falávamos aula excedente; hoje, acho que fala aula complementar, algo assim.

Naquela época, a Escola José Garcia estava passando por uma reforma (depois de trinta e poucos anos, passa por outra reforma). Então, onde que ela estava funcionando? Lá no prédio que era da Escola Antônio Garcia⁹⁵, que foi desativada há uns dez anos, o que é uma pena. Tomei posse em agosto, terminou o ano e, no início do ano seguinte, a escola voltou para o centro.

Depois, ficou fácil. Lógico que eu queria morar aqui no centro. Em 1986, prestei concurso novamente, já morando aqui, trabalhando num cargo efetivo, mas sempre com outro cargo contratado. Acho que foi em 1986 mesmo que tomei posse do segundo cargo. Não sei como é hoje, se toma posse em dois cargos com um só concurso.

Quando comecei foi no José Garcia Leal. O meu concurso era de vinte e duas horas aulas. Na época, as horas atividades também eram incluídas. Peguei aulas excedentes (esse termo é do Estado de São Paulo. Aqui, em Paranaíba, chamamos aulas complementares) na Manoel Garcia. Adorei! Conheci pessoas fantásticas. Quando passei no segundo concurso, em 1985, do qual tomei posse no mesmo ano, fui para a Escola Antônio Garcia, mas fiquei pouco, porque logo a diretora, que era a Cleuza Molinari⁹⁶, chegou à porta da sala de aula e me fez o convite de trazer minhas aulas de lá para o José Garcia. Devido à comodidade e ao conforto, com muita pena porque adorava lá, era muito bom a turma, era tão gostosa, eu vim.

⁹² Escola criada em 1933 e denominada, nos dias atuais, como Escola Estadual José Garcia Leal.

⁹³ Criada em 1978, atualmente, denomina-se Escola Estadual Manoel Garcia Leal.

⁹⁴ Trata-se do quantitativo de aulas que excedem a carga horária ordinária do professor.

⁹⁵ Escola criada em 1982 e fechada em 2002, com a denominação de Escola Estadual Antônio Garcia de Freitas.

⁹⁶ Cleusa Maria Molinari da Costa.

N: Fale das dificuldades que a senhora encontrou morando em Paranaíba.

C: A balsa era uma das dificuldades. Cada vez que ia para o Estado de São Paulo, era um pensamento “atravessar aquela balsa”. O custo de vida aqui era muito alto. Você ia comprar fruta... Nossa Senhora! Era muito difícil, era tudo mais caro.

N: Quando a senhora veio para Paranaíba existia a balsa?

C: Sim. Eu falo que essa ponte se deve um pouco às minhas orações [risos]. Toda vez que eu passava ali, como eu tinha medo! Passei por maus pedaços ali, já tinha os meninos. Eu não sei em que ano foi inaugurada essa ponte. Acho que foi no primeiro governo do Lula⁹⁷, uns 12 anos? Porque me lembro de que ele veio na inauguração. O pessoal que estudava deve saber bem quanto tempo tem essa ponte porque sofriam. Já pegamos tempestade e Deus me livre!

N: Conte sobre como eram as aulas no período em que estudava.

C: Eu estudei em São João das Duas Pontes, fiz o Fundamental e o Ensino Médio. Naquela época, chamava-se Colegial⁹⁸. Eu gostava. Me considero muito Caxias⁹⁹, responsável e gostava muito de Matemática, porém amava uma bola! [risos]. Nossas aulas de Educação Física eram cedinho. No inverno, ainda estava escuro e eu não perdia.

Tanto que foi um dilema quando fui fazer vestibular: Matemática ou Educação Física? Como gostava! Mas eu falo que sempre fui puxada para o que é mais difícil, porque Educação Física tinha em Santa Fé do Sul/SP¹⁰⁰, era mais tranquilo, podia viajar, mas optei por aquela que me judiou muito e que a maioria dos alunos não gosta, porque você tem que ficar muito séria. Naquele momento, tem que ter silêncio, concentração, senão não vira nada.

Fazendo uma comparação, se você joga uma bola no meio da quadra e vai jogar com os alunos, isso é muito bom, eles gostam. Não estou dizendo que aula de

⁹⁷ Luiz Inácio Lula da Silva, político e sindicalista, foi presidente do Brasil por dois mandatos, de 2003 a 2011.

⁹⁸ O Ensino Médio, até o ano de 1967, era dividido em três cursos: Científico, Normal e Clássico. Posteriormente, passou a chamar Colegial, que também era dividido, sendo os três primeiros anos iguais para todos e quem quisesse fazer o antigo Normal e o Clássico tinha de cursar mais um ano. Disponível em:

<http://www.sinproesc.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=95&Itemid=70>.

Acesso em: 15 mar. 2016.

⁹⁹ Pessoa estudiosa e muito dedicada, que dá uma importância aos estudos.

¹⁰⁰ Cidade localizada, aproximadamente, a 82 km de Paranaíba/MS.

Educação Física é bagunçada, pelo contrário. A disciplina vale em tudo, mas acho que teria sido menos criticada profissionalmente, não teria que ter tanta exigência, porque na hora de apresentar a nota para o aluno, que é reflexo daquilo que aprendeu, ele é avaliado no escrito. Não adianta falar que é diferente.

Quando você vai avaliar a boa vontade dele e a dificuldade (isso é no conselho de classe), se precisava de oito e tirou seis, você pode até dar o oito, porque está avaliando o todo, mas no dia a dia, na hora de apresentar o que ele aprendeu, é a nota. Como é bom colocar dez na prova! Não precisa ser um dez, mas, um nove, um oito. É o que te faz sentir realizada! Muitos alunos não tiram nota boa por falta de interesse e, nessa hora, não tiro a minha responsabilidade. Eu tenho também, mas falo que grande parte dessa responsabilidade é dos pais.

Hoje, está muito difícil. Nunca descuidei de motivar os meus dois filhos a estudarem: “faça a tua parte!”. Por mais que o George¹⁰¹ era danadinho, ele não fazia igual ao João Roberto¹⁰², mas fazia. Quando ele vinha tirar dúvida comigo, eu queria explicar o porquê e ele dizia: “Não, não, mãe! Eu não quero saber por que, só quero ver como é que é”. Já o João Roberto, não. Eu abria a gaveta de garfos para explicar a Matemática no concreto, pegava palitinhos, ele gostava. Hoje, sou eu que peço explicação, tanto para um quanto para o outro. Então, eu adorava a escola. Muito bom!

Tive alguns professores que me marcaram, um professor de Matemática. Infelizmente, esse negócio de sair da nossa cidade... Eu nunca mais o vi, porque, na verdade, ele era de Fernandópolis. O nome dele: José Cabral¹⁰³. O senhor Dirceu¹⁰⁴, que foi exemplo. Acho que tem setenta e oito ou oitenta anos. Ele me deu aula desde o quinto ano, quarta-série. Depois, no Ginásio, que hoje fala de sexto ao nono ano e, ainda, um pouquinho de aula no Colegial, Ensino Médio.

N: Professora, se a senhora fez prova de admissão¹⁰⁵, poderia falar sobre ela?

C: A meninada não sabe disso hoje, não é? Mas íamos à escola e fazíamos a quarta série¹⁰⁶ de manhã e, no período da tarde, voltávamos para a escola. Das cinco as

¹⁰¹ George Deroco Martins.

¹⁰² João Roberto Deroco Martins.

¹⁰³ José Cabral foi uns dos professores de Matemática de nossa depoente.

¹⁰⁴ Dirceu Branco também foi uns dos professores de Matemática de nossa interlocutora.

¹⁰⁵ Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, e extinto com a promulgação da Lei n.º 5.692, promulgada em 1971, a prova de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no Ensino Ginásial.

seis, tinha uma hora de aula para prova de admissão que, na verdade, era uma seleção para entrar no Ginásio. Ficávamos com medo, mas acho que a prova abordava aquilo que tínhamos aprendido. Se não me engano, foi a primeira prova que nós fizemos e nos foi apresentado o famoso gabarito. Não é que nem hoje, ainda estava lá atrás, vinha tudo quadriculadinho, questão, número, alternativa 'a', 'b' e 'c'. Você tinha que por o "xizinho". Tinha questões de múltipla escolha, mas não me lembro se era tudo. Na admissão que conheci, as respostas eram colocadas em um gabarito.

Porque numa prova que você fazia na quarta série, poderia até ter os testes, aquele parêntese, a perguntinha. Você assinala e pronto. Entregava a prova para seu professor, ele corrigia; agora, pegar a tua resposta e passar para um gabarito, acho que foi o primeiro contato que tive com o tal.

Em uma conversa com a Sidinéia¹⁰⁷, ela me disse que o Ensino Básico vai desde o prézinho até o Ensino Médio. Quando estudei, não passei por isso. Foi de quatro em quatro anos. Primeira série, porque não tinha pré, imagina! Era bem precário. Quando entrei na escola, tive a sorte de ter tido três irmãs mais velhas. Entrei na primeira série sabendo a lição do cachorro [risos]. Naquele tempo, era a cartilha Caminho Suave¹⁰⁸, que possuía a lição da abelha, a segunda da barriga e a terceira do cachorro.

Talvez, a alfabetização fosse assim aqui também. Nunca tive contato, não sei o que trabalham nas primeiras séries, sempre trabalhei do sexto ano em diante. Com o tempo, as professoras vão aposentando e liberando vaga, e falamos: "Não quero mais sexto ano, pelo amor de Deus! Estou cansada!", pois exige mais. Assim como o Ensino Médio exige menos do que o nono ou oitavo ano.

Do sexto ao nono ano, você tem que encontrar uma maneira dos pais tomarem conhecimento se os filhos estão fazendo tarefa, faltando às aulas, enfim, tudo tem que anotar. Já no Ensino Médio, é mais tranquilo, porque os alunos sabem melhor o que querem da vida, já caminham sozinhos. Falo que, até o nono ano, carregamos muito o aluno nas costas. Você se desgasta.

¹⁰⁶ A etapa a qual o professor está se referindo, atualmente, corresponde do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/porta/artigo.asp?artigo=815>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

¹⁰⁷ Sidinéia Faria Gonçalves.

¹⁰⁸ Entre 1948 e 2005, foi referência em escolas públicas e particulares a cartilha feita pela Educadora Branca Alves de Lima, que chegou a alfabetizar, aproximadamente, 40 milhões de brasileiros. A cartilha foi retirada do Catálogo do Ministério da Educação em 1995.

Por isso acho muito injusto quando ouço que em escola particular, por exemplo, que tem isso, porque a estadual não tem jeito de ser assim. Mas a particular, um professor que trabalha no Ensino Médio tem o valor da hora aula mais alto do que aquele que ministra aula até o nono ano. Acho isso injusto. Quem trabalha em todas as séries vai saber que todos merecem a mesma remuneração. Você tem que se esforçar para obter o conhecimento específico compatível com o jovem, mas tem também aquele esforço, ali, corpo a corpo com os adolescentes e/ou crianças.

Sempre estudei em escolas públicas, o Ensino Médio à noite e, durante o dia, trabalhava. Foi muito bom o meu Ensino Médio. Nessa época que eu comecei a namorar [risos]. Comecei a namorar o Roberto com 17 anos e eu estava no terceiro colegial.

No dia que era prova de Matemática, era um alívio, que bom! Tenho um carinho enorme por todos os meus professores até o terceiro colegial. Não tem nenhum que eu fale assim: “Era um carrasco”. Tive uma professora de Francês, na época, tínhamos esta disciplina até a quinta e sexta série, mas até ela serve de ponto positivo, porque até as falhas você toma como exemplo para não cometê-las. Não que eu não as tenha cometido. Com certeza, muitos também se espelharam em mim para não ser como eu fui em algum momento. Ninguém é perfeito.

Lembro-me de todos com o maior carinho. Muito bom, uma delícia aquela época, lá em São João das Duas Pontes, cidade pequena, mas tudo muito organizado, gostosinho. Tinham só duas escolas e, quando eu estudava à noite, os nossos professores, que não eram professores de Educação Física, eram de História, que na época falava Estudos Sociais. O de Matemática tinha um time com alunos, os rapazes que, normalmente, na sexta-feira à noite, depois do recreio, ninguém faltava na escola. Não tinha a evasão que convivemos nos últimos anos, íamos para a quadra e eles iam jogar bola. Futsal porque era na quadra.

E a moçada aproveitava para paquerar, todos sentavam em volta, era gramado. Hoje, mudou tudo. A quadra é coberta, como aqui, arquibancada, uma gracinha, mas na época, que delícia, a noite era calor, céu aberto. Tinha coisa melhor? Não faltava aluno e quando não eram eles, os professores, era o nosso time de vôlei ou basquete que jogava.

Naquele tempo, tínhamos uniforme para fazer Educação Física. Teve um ano que as aulas eram de manhã e estudávamos à noite. Ficava difícil para mudar

horários, ter aula à noite e Educação Física de manhã, porque nem todos podiam. Então, teve época em que nossa Educação Física era à noite, durante as aulas. Era terrível e isso acontece até hoje, para o aluno não ter que ficar indo e voltando para casa, problema de locomoção. O sol hoje parece que é mais quente [risos].

Mas era horrível ter aula na sala e ainda Educação Física. A gente ia de uniforme da escola: calça comprida cinza, túnica... Sabe o que é túnica? Aquele jalequinho cinturadinho, branco com bolso e com emblema da escola. Era lindo! Acho que é por isso que dávamos outro valor à escola. Era uma coisa sagrada. Isso faz com que o aluno valorize e respeite mais, tanto a Escola, o prédio, porque a Escola, na verdade, é direção, funcionários, professores. A Escola é tudo isso. O respeito era demais.

Tínhamos, para Educação Física, umas mochilas que as mães fizeram na costureira, com um modelo mimeografado¹⁰⁹. Era redondo, com fundo encapado de papelão, não sei se para poder lavar. Dentro, ia teu shortinho vermelho de elástico aqui na perna [indicando o comprimento do shorts]. É incrível! Se falar, ninguém acredita! Pena que não tenho uma fotografia para mostrar. Camiseta branca, levávamos o tênis, a meia... ficavam ali. Corríamos para o banheiro e nos vestíamos, e fazíamos Educação Física. Tomávamos banho. Tinha chuveiro no próprio banheiro de sanitários, para voltarmos à sala de aula.

Não era uma escola grande, então facilitava. Talvez seja por isso que tinham essas coisas. Durante o período que estudei, até o terceiro colegial, eu só tenho boas lembranças. Maravilhoso! Todos mereciam passar por isso. Antigamente, era mais difícil porque não tinha internet, era máquina de datilografia. Quando fazíamos um trabalho, enfrentávamos dificuldades, tinha que escrever no papel carbono. Hoje, tem o estêncil, que também quase não é utilizado, foi abolido, graças a Deus! Você comprava uma folha de papel carbono, colocava entre duas folhas de sulfite e datilografava, depois, aquilo ia para o mimeógrafo.

N: Professora, como é que foi essa saída do Colegial para a Universidade?

C: Foi duro, sofrido, infelizmente. Falo isso com tristeza porque vejo meus filhos. Eles riram muito na faculdade, se divertiram, foram para festas, conviviam com os

¹⁰⁹ Reproduzido através do mimeógrafo - equipamento a base de álcool e papel estêncil -, que permitia fazer cópias, a partir de uma matriz escrita à mão ou à máquina de escrever.

professores. Isso é muito saudável. Fiz faculdade na época do militarismo¹¹⁰, da famosa época do Geraldo Vandré¹¹¹, que cantava a música: “Vem, vamos embora, que esperar não é saber”, quer dizer, era tudo muito abafado. Nós não tomávamos conhecimento das coisas sérias que estavam acontecendo no Brasil.

Não sei se por isso, hoje, a democracia é uma benção. Só sabe dar valor quem viveu naquela época. Meus professores, você passava ao lado deles e não tinha como falar bom dia. Não te olhavam. Usavam jalecão até abaixo dos joelhos, como se ser professor ou qualquer outra coisa, te fazia sentir superior. Seja médico ou um juiz, para mim é tudo igual. Sei que cada um tem a sua função, mas podem-se cumprimentar as pessoas! Todos estavam no mesmo patamar, questão de Educação.

Naquela época, lembro-me que meus pais saíam de São João de Duas Pontes [SP] e nos levavam até São José do Rio Preto¹¹² [SP]. Outras vezes, íamos de ônibus, eu e minha irmã, mas era difícil e a viagem demorava. São João das Duas Pontes, Fernandópolis¹¹³, Votuporanga¹¹⁴, Tanabi¹¹⁵ e Rio Preto dão uns 120 quilômetros. Então, de vez em quando, meus pais nos levavam, iam de carro e eles nos deixavam no pensionato em que morávamos. Na época, não tinha república. Acho que por isso, hoje, o jovem é mais feliz na faculdade.

Os professores, assim, Deus me livre! Acho que para ensinar não precisava ser daquele jeito. Lembro-me que, quando comecei o primeiro ano de faculdade, Cálculo Integral é o terror até hoje, não é? Cálculo Integral é o primeirinho e eu não tinha aquele básico necessário, mas a classe toda padecia. Só uma aluna, que hoje é professora doutora na Unesp¹¹⁶, em Rio Preto. Ela foi minha colega, sabia tudo, em qualquer disciplina. Aquilo nos deixava ofuscados, nos fazia pensar que não sabíamos nada. Pensávamos: “Meu Deus, eu não sei nada!”. É difícil você estar

¹¹⁰ Expressão utilizada para se referir ao período da política brasileira em que os militares governaram o Brasil nos anos de 1964 a 1985. A ditadura militar caracterizou-se pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar. Disponível em: < <http://www.suapesquisa.com/ditadura/>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

¹¹¹ Geraldo Pedrosa de Araújo Dias foi um militante estudantil, que participou da União Nacional dos Estudantes. Seu nome artístico era Geraldo Vandré, advogado, cantor, compositor, poeta e violonista brasileiro. Ficou marcado pela famosa canção “Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores”, que tronou-se um hino de resistência à ditadura, composta em 1968, participou do III Festival Internacional da Canção.

¹¹² Cidade localizada, aproximadamente, a 137 km de São João das Duas Pontes/SP.

¹¹³ Cidade localizada, aproximadamente, a 117 km de São José do Rio Preto/SP.

¹¹⁴ Cidade localizada, aproximadamente, a 83 km de São José do Rio Preto/SP.

¹¹⁵ Cidade localizada, aproximadamente, a 46 km de São José do Rio Preto/SP.

¹¹⁶ Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto/SP.

numa sala onde tem um gênio, porque não era normal. Ela tinha uns Q. I.¹¹⁷ a mais do que a sala toda. Não sei se ela se aposentou, porque ela era da minha turma. O Janilson¹¹⁸ a conheceu porque ele fez mestrado. Não sei se ele foi aluno dela.

Há uns 12 anos, mais ou menos, nós fomos participar de um Congresso na Universidade Estadual de Paulista, em São José do Rio Preto-IBILCE. Foram: Janilson, Zenaide¹¹⁹, Adriana¹²⁰ e eu, e mais uma turma, em outro carro. Nesta ocasião, fui à sala da Ermínia¹²¹, pois estava morrendo de vontade de vê-la. Fomos amigas. Eu me sentindo pequenininha, nem mestrado eu fiz e ela era doutora.

Um dia, no 1º ano de faculdade, perguntei a um professor. Esperei dar o sinal do meio dia e todos irem embora. Era o professor Aparecido Rubens Foz¹²², não sei que formação que tinha, porque naquela época não eram todos doutores. De jeito nenhum, não era, não tinha. Falei: “professor, eu não consigo compreender essa matéria. Achava que, quando eu entrasse na faculdade, iria aprender em que é aplicado cada conteúdo. E essas integrais, onde vou aplicar isso?”. “No que você vai aplicar, não sei. Eu aplico para defender o meu pão de cada dia” - ele respondeu, com essas palavras.

Até eu fazer o terceiro colegial, pensava que, na faculdade, descobriria quando aplicar uma equação, uma matriz, ou ainda, “para que somar ou multiplicar matrizes?”, até que as equações descobri dando aulas.

Quando tinham cursos pedagógicos, eu fazia esse comentário. Não foi só uma ou duas vezes. Ao longo de vinte e oito anos de escola, sempre que encaixava, em algum momento, falava isso. Foi frustrante. Ele me falou isso porque também não tinha domínio. Você deve ter sentido, em algum momento, que o professor jogava aqueles teoremas que você tem que engolir, sem saber para quê. O meu curso na faculdade serviu para uma coisa: despertar em mim mais responsabilidade porque já me considerava uma pessoa responsável. Estava ali e sabia que tinha que passar. Então, fazia aquilo mecanicamente, repetia mil vezes em casa.

A disciplina de probabilidade eu gostava porque via a aplicação. O professor era um rapaz novo, parece que falava a nossa linguagem. Ficávamos mais à

¹¹⁷ Quociente de Inteligência - uma medida feita para avaliar a capacidade cognitiva de um indivíduo, em relação a um mesmo grupo da sua faixa etária. Atualmente, caiu em desuso.

¹¹⁸ Janilson Modesto Leal é professor de Matemática, em exercício na rede privada.

¹¹⁹ Zenaide Aparecida da Silva é professora de Matemática e Ciências na rede estadual, mas, no momento, encontra-se afastada.

¹²⁰ Adriana Cristina Pereira é professora de Matemática, em exercício na rede estadual.

¹²¹ Ermínia de Lourdes Campello Fanti.

¹²² Aparecido Rubens Foz.

vontade. Era um assunto próximo da nossa realidade, mas aquelas outras disciplinas nunca entendia nada. Para que serviu aquilo? Para dar aula? Fui aprender a lecionar dando aula e quando estudei para os concursos, nunca fui prestar uma prova “de alegre”, senão não teria passado. Não sei de alguém que prestou um concurso sem estudar e passou.

Aprendi fazendo aquele curso a ser uma pessoa persistente, compromissada. Não espero que outra pessoa fale por que agi assim. Fiz tudo para ser compromissada. Para cada aluno que eu olhava, imaginava... poderia ser meu filho. Pensava: “vou dar essa aula como se fosse para meu filho”. Teve uma época de crise e a coisa foi muito feia. Muitos alunos da Escola Caminho¹²³ foram estudar no José Garcia; já os do Educandário¹²⁴, não, porque era só elite.

Na Caminho, o preço era mais acessível, a escola começou depois. Muitos professores começaram ali e tinham bolsa para seus filhos, mas mesmo assim tinha aluno que pagava integral e, numa bela duma crise, me lembro que filhos de pessoas que trabalhavam no Banco do Brasil¹²⁵ vieram para Escola José Garcia, não que eu a menosprezasse. Coloquei meus filhos na Caminho por causa das greves e passei a dar aula lá também. Prometi a mim mesma: tudo que eu fizer aqui, quero fazer na José Garcia. Sempre tentei fazer isso, nem sempre fui compreendida, porque no momento em que você deixa muito à vontade, soltando nota, os alunos estudam naquele ritmo; agora, se veem que é um profissional rígido e vai cobrar de você, eles entram no ritmo. Mas tem aqueles que não entram e você é crucificada, rotulada “a professora severa”. Mas de vez em quando, escutamos alguns elogios.

Não tenho saudades da minha faculdade, os professores eram retrógrados, Deus que me livre! Fiz faculdade do ano de 1977 a 1980, depois disso, fiz uma Pós-Graduação curtinha, pensando em subir o nível. Fiz em Jales/SP¹²⁶ e tenho grata recordação, pois lembro que minha monografia foi maravilhosa, falava sobre a aprendizagem da criança. Me ajudou muito até para criar meus pequenos, porque se tratava da primeira infância, desde pequenininho até certa idade. Ouve-se a história que “pau que nasceu torto...”, mas até alguns anos, você consegue modelar.

¹²³ Escola particular criada em 1985, inicialmente, com a finalidade de oferecer cursos técnicos. No ano de 1987, foi implantado o Ensino Fundamental e Médio.

¹²⁴ Prevê Objetivo, criado em 1955. Com a denominação Educandário Santa Clara, é uma escola particular, ainda existente em Paranaíba.

¹²⁵ O Banco do Brasil, com seus duzentos anos de existência, foi o primeiro banco a operar no país.

¹²⁶ Cidade localizada, aproximadamente, a 120Km de Paranaíba/MS.

Também cursei Pedagogia, em Pereira Barreto/SP¹²⁷, porque surgiu um concurso naquele tempo. Hoje, não tem mais para supervisão e coordenação. Passei num concurso desses, não me lembro se era para supervisão ou coordenação. Eu e muitas colegas não tínhamos a bendita Pedagogia. Fomos correr atrás do prejuízo, fizemos em Pereira Barreto. Era um curso que você ia a cada dois meses. Assistia às aulas e levava um monte de trabalho para casa. Era um Curso Vago¹²⁸, mas íamos a cada dois meses. Se fosse fazer um curso de Matemática, Português, História, assim não dava, mas era um curso que estávamos fazendo depois de ter nossa primeira formação. Isso foi por volta de 1990.

N: Quais as dificuldades que encontravam para viajar?

C: Estava mais tranquilo até Aparecida do Taboado [MS]¹²⁹. Era asfaltado e não passávamos pela ponte. Íamos por Aparecida, Selviria/MS¹³⁰, Ilha Solteira/SP¹³¹, Pereira Barreto. Lembro-me que eu e outras colegas, por sete vezes, tivemos que assinar um termo de desistência do concurso, porque não tínhamos a conclusão do curso. Chamava-se muito. Hoje, até demora para chamar. Brincávamos que nosso destino era “camelar” mesmo na sala de aula, porque chega a um ponto em que você já não tem mais voz. Fiz fonoaudiologia, fisioterapia, para relaxar as cordas vocais.

N: A senhora fez outros cursos?

C: Foram muitos, não sei nem quantos, mas tenho os certificados. No único ano em que eu dei aula no primeiro colegial foi bom, mas parece que me identifiquei melhor com os adolescentes. Quando pude pegar do sétimo ao nono anos, achei maravilhoso, porque você preparava uma aula e dava em quatro salas. Ter muitas séries não é fácil, levávamos muito serviço para casa. Professor não tem sábado e domingo. Lembro-me de muitos domingos que deixei de ir à missa. Levantava da cadeira, eram dez horas da noite, exausta, elaborava, corrigia provas, já tinha que elaborar a recuperação. Com isso, aluno fica mal acostumado.

¹²⁷ Cidade localizada, aproximadamente, a 157 km de Paranaíba/MS.

¹²⁸ De acordo com Baraldi (2003), os Cursos Vagos eram realizados aos finais de semana e contribuíram para formar professores que já se encontravam em sala de aula.

¹²⁹ Cidade localizada, aproximadamente, a 53 km de Paranaíba/MS.

¹³⁰ Cidade localizada, aproximadamente, a 102 km de Paranaíba/MS.

¹³¹ Cidade localizada, aproximadamente, a 116 km de Paranaíba/MS.

Nesse primeiro colegial, fizemos um projeto. Fomos fazer um curso em Campo Grande/MS¹³², que tinha o orientador. Ele mandava por correio o trabalho cheio de flechinhas para corrigir, foi suado. Era de grupo, Marialva¹³³ e eu. Nós fizemos uma pesquisa junto ao Laticínio Flor da Nata. Tenho fotos da turma.

N: Conte das dificuldades, quando a senhora fez a especialização em Jales.

C: Era balsa! Fiz o curso rápido. A Delegacia de Ensino, como se falava ainda, devemos à querida Myrtes¹³⁴. A mãe dela, Dorinha Malheiros¹³⁵, trabalhava na Delegacia e a Myrtes, por intermédio de sua mãe, descobriu essa “fábula” e trouxe as fichas de inscrição. Fizemos inscrição aqui e mandamos o cheque. Fizemos a monografia. Fizemos de verdade, não tinha que assistir à aula e não sei como é hoje. Todos trabalhavam, davam aula, apesar disso não justificaram. Para o pessoal daqui que fez faculdade fora foi muito sacrificado, ouço eles falarem que rodaram com a balsa quando chovia muito e ventava.

N: O governo subsidiava vocês para fazerem esses cursos?

C: Nem a Didática, Pedagogia. Daí para trás, nada. O que teve subsídio foi esse curso que nós fomos a Campo Grande. Nós fomos, acho que umas, duas ou três vezes. Então, vinha uma bolsa para pagar hotel e viagem.

Fiz cursos em Três Lagoas, que também eram subsidiados. Vinha o dinheirinho, bonitinho. Já os que fazíamos aqui, na cidade, não eram subsidiados. Como eles vinham de Campo Grande ou de outro lugar, a bolsa era para eles, porque nós já éramos daqui. Muito justo. Alguns eram da UEMS¹³⁶. Cansamos de ir àquele anfiteatro fazer cursos. Às vezes, eram nas salas de aula, dependendo da especialidade do curso. Os que eram oferecidos pela rede municipal, só tinham professores daqui da cidade.

¹³² Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 407 km de Paranaíba/MS.

¹³³ Sebastiana Marialva Nunes Lopes Azambuja.

¹³⁴ Myrtes Malheiros do Amaral.

¹³⁵ Maria Auxiliadora Malheiros do Amaral (Dorinha) atuou como professor e chefe do Núcleo de Educação na cidade de Paranaíba/MS, entre as décadas de 1950 a 1990.

¹³⁶ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, criada em 1979, unidade universitária de Paranaíba/MS, fundada em julho de 1994.

N: Professora, conte quais disciplinas lecionou.

C: Sempre lecionei Matemática, mas tem aquela história de completar carga horária ou, até mesmo, facilitar o horário para ficar com mais aulas no mesmo período. Dei aulas de Programas de Saúde, Ciências e Educação Religiosa. Houve uma época em que duas coordenadoras nos acompanhavam na sala de aula. As coordenadoras eram a Nadir Chaves¹³⁷ e a Eni¹³⁸, lembro-me delas com muito carinho.

N: Havia algum motivo para elas acompanharem as aulas?

C: No período em que a diretora era Cleuza Molinari, a direção, coordenação e supervisão tinha que fazer uma avaliação de cada professor(a), no final do ano. Houve polêmicas na escola, por parte de alguns professores.

As aulas de Educação Religiosa eram uma delícia, porque não precisava se preocupar com o tempo que levava cada tema em questão. Era um bate papo, sentávamos em círculo. Lembro-me de um pastor chamado Felipe¹³⁹, pai de dois alunos “artistas” que tivemos, dois rapazes grandões. Eles cantavam, eram da religião Presbiteriana¹⁴⁰. Esse Pastor tomava conta de um grupo de pessoas que eram dependentes químicos e moravam numa chácara próxima a Paranaíba. Com a turma do nono ano, fomos visitar o local com o ônibus da prefeitura. Todos moravam na mesma casa e esse pastor trabalhava com eles. Foi muito proveitoso para os alunos.

Se você faz uma rodinha com a meninada, eles falam muito disso, contam e sabem de casos concretos. Armamos outro passeio, que foi fantástico, no asilo. Cada aluno levou um prato para o café da manhã dos internos. Tenho saudades daqueles meus alunos. Não me lembro mais do nome de todos, mas vejo na minha mente a carinha deles. Então, de vez em quando me cumprimentam. De alguns me lembro; de outros, não consigo, porque mudou muito sua fisionomia.

Nesse passeio com o ônibus da prefeitura, chamei alguns professores para me acompanharem, pois somente na minha aula não daria tempo. Aproveitei um dia

¹³⁷ Nadir Chaves da Silva é professora aposentada.

¹³⁸ Eni das Graças Ribeiro é professora aposentada.

¹³⁹ Pastor José Felipe Neto.

¹⁴⁰ A Igreja Presbiteriana tem sua filosofia herdada do pensamento do reformador João Calvino (1509-1564) e das notáveis formulações confessionais (confissões de fé e catecismos), elaboradas pelos reformados nos séculos 16 e 17. No Brasil, a igreja não se restringe ao culto. É valorizada a educação cristã dos seus adeptos, levando-os a conscientização de que possuem uma missão dada por Deus, a ser cumprida por meio da evangelização e do testemunho cristão. Disponível em: <http://www.ipctba.org.br/ensino/artigos/ser_presbiteriano.html>. Acesso em: 06 mar. 2016.

em que a aula, em seguida, era da Zenaide. Ela dava aula de Ciências. Na volta, o ônibus mal andou um pouquinho e o combustível acabou. Viemos num solão das dez horas, com fome, sede, mas ninguém perdeu o bom humor.

É isso que queria te falar: das minhas experiências das aulas de Educação Religiosa, no José Garcia, sempre completando a carga horária. Também dei aulas de Matemática no EJA¹⁴¹. Era incrível! O atendimento era individual. Tinha um cargo no regular e é aquela história: quando vemos uma oportunidade... Não é preguiça porque no EJA trabalhávamos muito, usávamos muito a voz, mas descansávamos as pernas.

O aluno leva exercícios para casa e estuda. Aquele que tem boa vontade te procura muito. Se falar que dava uma descansada, é mentira. O professor de Matemática, não. No EJA, cada professor ficava em uma sala. A Zenaide numa salinha com Ciências, eu com Matemática e o José Barbosa¹⁴² de Educação Física, a Maria Tosta¹⁴³, que era de Geografia. Eles riam de mim porque Geografia, Educação Física, eram matérias teóricas, que eles estudavam em casa e vinham fazer prova, tiravam dúvidas também, mas Matemática, às vezes, eles vinham com o manualzinho cru, não tinham entendido nada. Era necessária uma aula detalhada para ele. Algumas vezes, não tinha como evitar a lousa.

Eram doze módulos e cada aluno estava em uma parte. Então, precisava ter atendimento individual. Então, foi bom, eu amava fazer aquilo, fazia com prazer, só me entristecia quando o resultado não correspondia com aquilo que você achava, que eu “pensava” estar oferecendo.

N: Professora, fale dos materiais didáticos que utilizava para lecionar.

C: Em oitenta e um, quando comecei, não tinha o livro didático para o aluno. Usávamos nossos livros, que vinham da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul. Normalmente, nos reuníamos para escolher qual livro trabalhar. Cada professor tinha o seu livro. Na escola estadual, não era possível agregar listas de exercícios de outros livros. Não dava, era muito pouco o número de aulas. O livro

¹⁴¹ A EJA - Educação de Jovens e Adultos - é uma modalidade de ensino que surgiu da necessidade de oferecer estudo a quem não concluiu o Ensino Fundamental e/ou o Médio na idade apropriada. Essa etapa de ensino respeita às características do seu aluno, dando oportunidades educacionais adequadas, em relação a seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames próprios. Disponível em: <http://ejabrasil.com.br/?page_id=98>. Acesso em: 20 mar. 2016.

¹⁴² José Barbosa da Silva é professor de Educação Física, em exercício na rede estadual.

¹⁴³ Maria Rodrigues Tosta é professora aposentada.

já era suficiente, aliás, tínhamos que selecionar os exercícios para chegarmos à metade do conteúdo.

Mas o livro era uma proposta. Caberia a cada professor adequar e escolher “esse aqui não funciona”. É diferente de uma escola particular, que já vem um curso apostilado, por exemplo, vem no Objetivo, Anglo ou Positivo. Se o professor quiser passar mais listas, passe fique à vontade, mas não pode excluir nenhum exercício da apostila. Ela não é uma proposta, ela é imposta! Os livros eram maravilhosos, ricos, tanto que eu aproveitava muitos exercícios deles para complementar na Caminho.

N: Professora, o que a senhora considera ser um bom professor de Matemática?

C: Ser um bom professor, naquela época e hoje, sempre será ir para a sala de aula preparadíssimo, dominando o conteúdo, planejar, porque uma aula planejada, é observar o grau de dificuldade de um exercício, se vale a pena utilizar. Indo com a aula preparada, não perde tempo, não desperdiça aquilo que é tão valioso. O professor deve ter em mente que o seu aluno deve ser valorizado e respeitado. Ensinar é um dom que Deus nos deu, então, cabe ao professor fazer bem feito, porque o aluno vai precisar disso para o seu futuro.

Penso, por mais que sejamos incompreendidos por um e por outro, tem sempre aquele que nos entende e reconhece, por mais que o aluno nos ache professores carrascos, estamos fazendo por amor a ele. Se você faz com responsabilidade, vai ser rígida, mas não significa que você não brinque, não ria e não respeite o aluno. Tem também o aluno que não vai fazer aquela somatória de pontos, mas deve ser aprovado, considerando que ele se doou, fazia as tarefas, perguntas, afinal, nem todos têm facilidade com Matemática.

Os alunos gostavam muito dos exercícios, desafios valendo pontinhos. É preciso movimentar, depois de exercitarem, para aprender e compreender. Aproveitava para dar “brindes”: “exercícios com maior grau de dificuldade”

Tinha o caderno de pontinhos. Era de cor laranja, com um gato preto. Era conhecido pelos alunos! Marcava quem não estava participando. Tem que marcar tudo, para quando chegar ao final do ano, ter justificativas. Anotava tudo: quando o aluno tinha interesse, participava fazendo exercícios na lousa. Enfim, tem que movimentar a aula. Eles gostavam e participam. A maneira que eu conseguia era

com os famosos exercícios valendo pontinho, inclusive na prova, valendo de zero a dez. No fim, tinha desafio, colocava de brinde um prêmio. Tinha aluno que ia com nota onze, não no boletim. Numa prova onze, na outra tirava oito, ele aproveitava onze com oito, somava dezenove. Tinha aluno com tantos pontinhos que ia com quatorze, mas não podiam ir com essa média. Eles queriam jogar para o próximo bimestre, mas eu dizia que começaria tudo novamente. Outra vez do zero.

N: A senhora os avaliava no dia a dia?

C: No dia a dia, pode ser uma avaliação, mas era uma forma de irem acumulando pontos e se interessarem, porque todos nós somos doidos para ganhar. Gostamos disso. Até uma xícara para tomar leite é gostoso ganhar. Agora, imagine na escola, que o grande desafio é obter nota. Não tem jeito de não ser nota! Questiona-se muito a prova escrita, que é coisa do passado e tal, mas infelizmente nem todos têm consciência de que, mesmo não tendo nota, precisa estudar. Não sei se no Ensino Médio funcionaria, porque trabalhei com esta etapa de ensino somente um ano.

Um bom professor é honesto. Até considero que quem dá nota de graça está sendo desonesto com o aluno, porque nós, educadores, fazemos parte da sua formação. Vou lhe contar uma história.

Outro dia, em um velório, acabei encontrando com duas ex-colegas. Achei ótimo encontrar-me com elas. Cumprimentamo-nos e perguntei para uma delas como estava sua filha, pois ela havia sido minha aluna. Porque tenho interesse em saber deles, fico feliz. E a mãe falou: “Aquela que nunca esqueceu que você escreveu no caderno dela “não fez!”. Eu pedia assinado pelos pais. Era um respeito a eles. Foi a maneira que encontrei de me comunicar. Mas você vai ver a decepção, não tem dez por cento que olhavam os recados. Quando os pais vinham à coordenação pedir explicações, eu chamava o aluno junto comigo, para que os mesmos soubessem o que estava se passando.

Esta mãe disse que sua filha nunca se esqueceu do fato. Eu disse a ela que cometi muitos erros, pois todos cometemos e pedi desculpas, mas acreditava que naquela situação eu tinha ajudado, porque você cobrou da sua filha, ela pode perder um concurso por falta de compromisso ou porque chegou atrasada, não estudou aquilo que tinha para estudar. A mãe disse que escreveu atrás da porta, bem grande, que ela nunca mais se esqueceu de fazer uma tarefa e eu falei que ela

estava confirmando o que eu havia dito, mas fiquei triste porque essa pessoa guardou essa mágoa de mim por uns 20 anos.

Então, temos que ser honestos com aluno, não enganá-lo dando nota porque tem caderno. É dever dele. Bati de frente com alguns colegas porque davam ponto para quem não faltava, por ele ter feito a tarefa. É dever do aluno também fazer, mas se nem o caderno tem? Mas, às vezes, também estava errada. Para ser honesta, é isso. Participar tudo com o aluno, saber ouvi-lo. Se ele for disciplinado, quantas vezes ele te pedir explicações, temos o dever de atendê-lo. Com certeza, ele vai se sentir valorizado.

Sofri isso na pele com uma professora na faculdade. A sala toda não tinha coragem de ficar perguntando, tirar muitas dúvidas, porque ela estava lá na frente e ficávamos com vergonha, porque amarrávamos a aula. Então, sempre devemos deixar o aluno à vontade. Ele tem que entender a importância da sua pergunta, não se preocupar com o coleguinha que já sabe, precisa pensar nele. A não ser que estava bagunçando e, depois de meia hora, resolve perguntar, também atrapalha tudo. Mas tudo é muito bem conversado.

Fui professora de muitas pessoas, como o Cleber¹⁴⁴, João Henrique¹⁴⁵, inclusive quando estava grávida do meu primeiro filho tinha vergonha porque minha barriga iria crescer e, um dia, ele quebrou o gelo. Um aluno de sexta série! Fui professora da doutora Renata¹⁴⁶ também. Ela já consultou o George e também foi minha anestesista em uma cirurgia das varizes que fiz. É bom demais ver esses meninos bem-sucedidos.

N: A senhora sentiu mudanças nos alunos, durante o período que lecionou?

C: Talvez o desafio, nos últimos anos, tenha sido maior do que anos atrás. Peguei um tempo em que não tinha internet, celular. Então, hoje, o desafio é maior porque, às vezes, ele deixa de fazer uma tarefa, pois na internet tem mil fofocas, curiosidades, até positivas, mas não sei se eles se interessam por isso, mas tem.

Quanto ao celular, é uma polêmica muito grande. Acho que está mais difícil, mas tudo vai depender do professor planejar sua aula. Isso só o ajudará na sala. A maioria dos alunos se envolverá com o assunto, esquecendo-se do celular.

¹⁴⁴ Cleber Augusto Costa Lima é dentista, em exercício no município.

¹⁴⁵ João Henrique Alves de Faria é professor na área de Informática, na rede particular.

¹⁴⁶ Renata Ribeiro Duarte Rodrigues, médica, em exercício no município.

Era muita tarefa sem fazer! Quando a coisa estava exagerada, chamava a mãe, que dizia que o filho ficava o dia todo na televisão. Então, quando não era internet, era televisão. Ultimamente, nos últimos anos, chegaram a internet, joguinhos no celular, mas na sala de aula isso não atrapalha. Vai depender do professor conduzir a situação, dar uma aula bem motivada, chegar no pique, mesmo que esteja cansada ou que seja a quinta aula.

Tem que chegar como se fosse a primeira. Os alunos não conseguem assimilar como na primeira aula, mas nós, professores, conseguimos. Quando terminamos, estamos exaustos, porém, enquanto estamos na sala de aula, há uma energia envolvente.

N: Professora, você se considerava uma professora brava ou rígida?

C: Eu ficava muito chateada quando alguém falava que eu era brava. Acredito que estavam empregando a palavra errada, porque ser brava é ser desinteligente, mal-educada. As pessoas te rotulam e eu fui muito crucificada por ser exigente, do que não me arrependo, pois tudo o que eu exigi dos meus alunos é para a sua formação, para seu próprio bem.

Tem aluno que, às vezes, te surpreende com situações bobas. Um aluno chamado João Paulo sentiu-se menosprezado porque o chamei apenas de João, pois gosto deste nome. Meu pai e meu filho têm esse nome, mas ele não gostou. Deu um trabalho enorme aquele dia. Aquela situação me desestruturou, pois ele andava com um canivete e fiquei receosa. Depois de tantas que aprontou, infelizmente, a escola o convidou a se retirar, pois era um aluno difícil, com muitos problemas. Diante disso, nos sentimos impotentes.

Quanto ao perfil de professor, entendo que aqueles que levam seu trabalho a sério têm o controle da situação. Ter domínio é saber a hora de botar o pé no freio, porque senão vira bagunça e dar aula de Matemática não é muito fácil. É muito conteúdo e você tem que fazer o aluno entender, tem que jogar com tudo com a capacidade de aprendizado do aluno, com quantia de conteúdo e tempo. Se fosse mais nova, estaria adorando dar aulas.

Não me arrependo de ter escolhido esta profissão. Às vezes, penso que deveria ter feito Educação Física. Teria me divertido, pois é mais solto. Acho que os pais passam para os filhos que Matemática é “bicho-de-sete-cabeças”. Com o

ENEM¹⁴⁷, o pessoal está mais consciente da importância de todas as disciplinas como, por exemplo, História, Geografia, Matemática etc.

Sempre procurei ser profissional, ser compromissada e responsável. É o mínimo, não? Com meus 40 ou 30 anos, amava dar aulas. Que bom sair logo cedo de casa, ir para a escola, mas quando estava no finalzinho, perto dos meus cinquenta anos e já tinha trabalhado vinte e oito em sala de aula, sentia muito cansaço mesmo. Então, a aposentadoria é muito bem-vinda. Todos a merecem!

Talvez, mais feliz do que quando passei no concurso, foi minha aposentadoria. Agradei muito a Deus por ter me proporcionado emprego, mas agradeço também por estar aposentada. Me sensibilizo com aqueles professores que estão com 58 anos ou mais e ainda na sala de aula. É desgastante. Chega uma hora, que vai doendo tudo, pois tudo tem seu tempo. Sou feliz com minha profissão e, de tudo que fiz não me arrependo de nada.

Tudo o que eu fiz durante a minha vida profissional tem uma justificativa, em todos os sentidos. As etapas foram concluídas e pude apurar que foi tudo muito bom: o relacionamento com os alunos, a convivência com as pessoas, mesmo com aqueles que, por divergência de pensamento, resultou conflito um com o outro, mas não guardei raiva de ninguém, nem tinha esse direito. Lembro-me de todos com carinho, pois tudo fez parte do aprendizado, até de perdoar e ser perdoada.

N: Professora gostaria de acrescentar algo?

C: Não.

[Neste momento, faço as devidas explicações sobre os trâmites e trabalhos, que serão realizados no texto desta entrevista].

N: Professora foi muito bom conversar com a senhora. Obrigada!

C: Também gostei. Você me proporcionou a oportunidade de recordar. Adorei!

¹⁴⁷ Exame Nacional do Ensino Médio foi criado em 1998 com a finalidade de avaliar o desempenho dos estudantes ao fim da escolaridade básica. Aproximadamente 500 faculdades utilizam a nota do ENEM como critério de seleção, seja como complementação ou substituição do vestibular. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=183&Itemid=414> Acesso em: 04 de abril de 20016.

4.3 YONE APARECIDA GOMES ISHIBASHI

Chegamos ao nome da professora Yone por indicação de Fátima, funcionária da Escola José Garcia Leal, na busca dos arquivos e também por meio de nossa colaboradora Cleide Deroco Martins. No dia 28/11/2014, fiz contato via telefone com a professora Yone. Na data e horário marcados, no dia 29/11/2014, no período matutino, ela e seu esposo, Francisco, receberam-me em sua residência com uma mesa de café da manhã cordialmente preparada. Conversamos e expliquei-lhe sobre a pesquisa e o quanto seria relevante sua participação. Então, neste dia, a professora e eu separamos os certificados dos cursos que ela havia feito e marcamos para que eu voltasse no dia seguinte para gravar a entrevista. Em 30/11/2014, fui até sua casa, novamente, no período matutino, e gravamos a entrevista, que teve uma duração de 2h 20min.

FIGURA 04: YONE APARECIDA GOMES ISHIBASHI



Fonte: Arquivo nosso.

**ENTREVISTA COM A PROFESSORA YONE APARECIDA GOMES ISHIBASHI,
REALIZADA NO DIA TRINTA DE NOVEMBRO DE 2014, RELACIONADA À
PESQUISA SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA, QUE
ATUAVAM EM PARANAÍBA/MS.**

Natalia: Professora gostaria que a senhora começasse se apresentando. Falasse seu nome completo, data de nascimento e naturalidade.

Yone: Eu me chamo Yone Aparecida Gomes Ishibashi. Nasci em Minas Gerais, no dia 27 de agosto de 1946 e sempre tive em mente estudar, mas foi com muito sacrifício, porque morávamos na fazenda e não tinha muito jeito. Depois de uns anos, consegui estudar.

N: Conte como a senhora veio residir em Paranaíba. O porquê da escolha da cidade.

Y: Eu vim de Minas Gerais com meus pais. Tinha quatorze anos de idade. O meu pai comprou uma fazenda e fomos morar lá. Vim pra cidade porque minha mãe ficou muito doente e não tinha condições de morar na fazenda.

Toda semana, minha mãe tinha médico. Eu vim para Paranaíba com meus pais e ficamos residindo aqui. Depois, é que fui estudar o Segundo Grau, que hoje é o Ensino Médio, na cidade de Santa Fé do Sul/SP¹⁴⁸. Vivi lá com uma família, porque aqui não existia Segundo Grau, só tinha o Normal¹⁴⁹, e como eu queria ser professora de Matemática, o Normal não iria me enriquecer em nada, era só voltado para 1ª a 4ª série¹⁵⁰. Fiz o Colegial em Santa Fé do Sul/SP. Meus pais morando aqui e eu morando lá.

¹⁴⁸ Cidade localizada, aproximadamente, a 82 km de Paranaíba/MS.

¹⁴⁹ Curso voltado para habilitar professores das Séries Iniciais (antiga 1ª a 4ª série) do Ensino Fundamental, também conhecido como Magistério de 1º grau ou Pedagógico. Disponível em: <<http://www.colegioweb.com.br/curiosidades/curiosidades-gerais/o-que-e-normalista/o-que-e-normalista.html>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

¹⁵⁰ As etapas de ensino foram assim denominadas até a aprovação da Lei n.º 11.274, no ano de 2006, a qual estabeleceu a duração mínima do ensino de nove anos aos Municípios, Estados e Distrito Federal, que tiveram até o ano de 2010 para se regularizarem. A professora está referindo-se às etapas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, nos dias de hoje. As etapas de 5ª a 8ª série, atualmente, são denominadas de 6º ao 9º ano. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=815>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

Terminei o colegial na escola Itael de Matos¹⁵¹, em Santa Fé do Sul, e depois fui para a Faculdade de Jales/SP¹⁵². Pagava ônibus para conseguir estudar. Naquela época, na faculdade, não tinha como você iniciar diretamente no curso de Matemática. Tive que fazer dois anos de Ciências, para depois fazer habilitação em Matemática¹⁵³. Essa habilitação durou só um ano e ficou muita coisa para trás, que precisava conhecer. Fiz também um ano de Biologia e um ano de Pedagogia, em Pereira Barreto/SP¹⁵⁴, morando aqui. Depois, fiz Pós-Graduação em Didática, em Jales. Foram dois anos de faculdade; depois, vim para Paranaíba e peguei aulas. Fiquei aqui até aposentar.

N: Conte como a senhora entrou na carreira do Magistério, aqui em Paranaíba.

Y: Eu cheguei a Paranaíba em 1976. Tinha uma escola aqui que estava faltando professor de Matemática e de Física. Cheguei em julho e os alunos estavam sem aula desde maio. Então, eu comecei assim, no Segundo Grau e, na escola, fui pegando mais aulas, até que, no final do ano, eu já estava com minhas 44 aulas. Foi de pouco em pouco: seis aulas daqui, seis dali e, no final de 1976, eu já estava com minhas 44 aulas e fiquei lecionando. Lecionei em três escolas: Wladislau¹⁵⁵, Aracilda¹⁵⁶ e na Escola Gustavo¹⁵⁷. No Aracilda, fui professora do CEFAM¹⁵⁸ uns três, quatro anos. Venci minha carreira com vinte e cinco anos trabalhados.

N: Conte como eram as aulas no CEFAM.

Y: As aulas no CEFAM eram um sonho. Eu queria, passei por isso e fiquei muito feliz. No CEFAM, tinham as aulas pedagógicas e tinham as aulas comuns. Eu fiquei com a Matemática do Segundo Grau, que é o Ensino Médio hoje. Eu trabalhava com

¹⁵¹ Atualmente chama-se Escola Estadual Itael de Mattos, criada no ano de 1957, com o nome de Ginásio Municipal de Santa Fé do Sul. Disponível em: <<http://eepimeduca.com.br/images/noticias/HISTORICOEEPIM.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

¹⁵² Cidade localizada, aproximadamente, a 120 km de Paranaíba/MS.

¹⁵³ Criada em 1968, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Jales foi transformada em Centro Universitário de Jales – UNIJALES, em 2005.

¹⁵⁴ Cidade localizada, aproximadamente, a 157 km de Paranaíba/MS.

¹⁵⁵ Escola criada em 1957, chamada, atualmente, de Escola Estadual Wladislau Garcia Gomes.

¹⁵⁶ Escola criada em 1966, chamada, atualmente, de Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa.

¹⁵⁷ Escola criada em 1975, chamada, atualmente, de Escola Estadual Gustavo Rodrigues da Silva.

¹⁵⁸ Segundo CACERES (2013), o CEFAM – Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério surgiu para substituir os antigos Magistérios e os cursos Normais, com uma visão diferenciada sobre a formação educacional. O curso funcionava em período integral, com duração de 4 anos.

o primeiro até o terceiro. O quarto ano já era Metodologia de Matemática, não tinha mais a Matemática pura.

E nós trabalhávamos na sala de aula com aluno no período matutino e, no período vespertino, era reforço. Ficávamos na escola aguardando o aluno, caso ele precisasse de nós. Nossa... Foi muito bom! Nós tínhamos a chance de recuperar quem ainda não havia conseguido aprender com as aulas do matutino. Dávamos reforço e os alunos sempre nos procuravam. Foi um tempo muito bom! Alunas especiais mesmo! Elas gostavam de estudar, sempre procuravam o professor. Foram uns quatro ou cinco anos bem vividos, bem trabalhados.

N: Conte como era a cidade de Paranaíba quando a senhora chegou aqui.

Y: Paranaíba, quando eu cheguei aqui, era uma cidade muito fraca. Não tinha asfalto, tudo terra, “areião” mesmo. Era uma cidade difícil de morar, porque, por exemplo, quando fui estudar, fiz o Ensino Fundamental durante o dia, porque não existia escola noturna que tivesse o Fundamental. E aí, quando foi na oitava série, foi oferecido o ensino noturno para esta etapa de ensino e eu passei a estudar de noite, porque estudava e costurava para ganhar dinheirinho [risos].

E, nesse ano, os professores trabalharam com muita exigência, ensinavam mesmo! Eram uns professores que nos preparavam. Mas, na oitava série, a escola recebeu os alunos que eram de uma escola particular noturna. Os professores ficaram em uma situação muito complicada, porque quem já era da Escola Aracilda, naquele tempo, quando eu comecei... quinta, sexta, sétima séries... nós tínhamos noção de muita coisa. Chegou esse pessoal da outra escola, os professores ficaram desesperados, porque Português, não sabiam direito o que era vogal, substantivo. Esses professores ficaram arrasados, porque amarrou um pouco a turma que estudava em período diurno e já sabia o conteúdo.

Nessa época, comecei a dar aula particular [risos]. Ganhei um quadro e na casa da minha mãe tinha uma mesa grande. Eu dava aula até para os meus colegas, ensinava Matemática, Inglês e Português. A professora de Português, Luzia Brito¹⁵⁹, ficava irritada comigo. Dizia que eu era a “professorinha ambulante”, mas eu sabia por que aprendi com ela. Ela era muito firme! Ensinava e cobrava. E nós estudávamos muito para dar conta. Foi muito bom esse período.

¹⁵⁹ Luzia Conceição de Brito Alves era professora de Português; atualmente, já é aposentada.

No final da oitava série, saí daqui de Paranaíba. Aqui, a energia elétrica era uma confusão. Toda semana acabava a luz de noite e, às vezes, nós estávamos lá, fazendo prova e acabava a luz. Ficava uma escuridão. Muita gente trazia vela, lanterna nas bolsas, nos materiais escolares, porque era desse jeito. Nós éramos dispensados porque não tinha como trabalhar. A luz não voltava, ficava toda vida. Era aquela confusão mesmo. Muitos anos depois é que foi organizando. Hoje, é outra coisa, aqui, em Paranaíba.

Sei que essa Paranaíba demorou a pegar! Agora, temos quatro faculdades: uma Estadual, outra Federal e duas particulares. Na época, não tinha nem Segundo Grau à noite, aqui. O Segundo Grau que tinha era da Escola Batista¹⁶⁰, que era voltado para Contabilidade, essa parte de comércio.

N: Professora me fale do seu Ensino Primário.

Y: O meu pai era professor na fazenda e dava aula. Eu aprendi a ler com ele, ler e fazer as contas. Naquela época, tinha até uma lousa que nós escrevíamos e apagávamos. Todo mundo tinha essa lousa, mas ela quebrava, não era fácil de conduzir, tinha que ter cuidado. Quando mudei para a cidade, fiz a terceira série na Escola Noraldino Lima¹⁶¹. Fui morar na cidade com meus pais, porque eles arrendaram um hotel. Morávamos em frente da escola. Meus irmãos e eu fomos para a escola estudar e dar sequência no que meu pai tinha começado.

Quando estudei na fazenda, com meu pai, a escola não dava um certificado que comprovasse. No final do ano, meu pai comprou uma fazenda no Mato Grosso e viemos para cá. Moramos na fazenda cinco anos sem estudo e eu apenas com a terceira série.

Um irmão meu, que veio de lá com quatro anos, ficou muito tempo para aprender. Eu tentava ensinar. Ele aprendeu bastante coisa, mas nós viemos para Paranaíba, deixamos a fazenda. Nós começamos a estudar firme. Os professores viam que eu tinha idade para estar terminando o colegial, mas eu ainda fazia a quarta série. E eles falavam: “Faz o supletivo¹⁶², porque você consegue”. Eles

¹⁶⁰ Escola criada em 1963, mantida pela Igreja Batista, funcionou até o ano de 1999. Segundo Gaspar (2015), os colégios com ideários batistas iniciaram no Brasil com a chegada dos norte-americanos, no século XIX, e buscavam articular o ensino científico com valores morais e cristãos.

¹⁶¹ Atualmente, Escola Estadual Noraldino Lima, localizada na cidade do Prata/MG.

¹⁶² Modalidade de ensino destinada às pessoas que não concluíram o Ensino Fundamental ou Médio na idade adequada. Disponível em: <<http://www.luis.blog.br/diferenca-entre-eja-supletivo-proeja-encceja-e-mobral.aspx>>. Acesso em: 8 abr. 2016.

tentaram, muitas vezes, mas pensava: “Se eu fizer o supletivo, vou ficar em dúvida com muito assunto da Matemática. Como eu tenho vontade de ser professora de Matemática, tinha que ir passo a passo”. E fiz assim, passo a passo, e cheguei. Hoje, você vê, eu fiz a quinta série, aqui em Paranaíba. Acho que tinha 19 anos, e veja: eu já lecionei 25 anos! Hoje, faz 14 anos que me aposentei, ou seja, nunca é tarde para recomeçar a estudar.

N: Professora, conte sobre os professores da senhora quando estudava, fale do ensino naquela época.

Y: Nós tínhamos que comprar os livros para acompanhar, mas, por exemplo, Português e Matemática eram tudo copiado do quadro. Não existiam esses materiais que hoje o aluno recebe. Nós tínhamos as aulas normais, só que é assim: as avaliações, as provas eram mensais e tinha que tirar sete. Então, nós estudávamos mesmo. Era puxado! Você tinha que tirar sete para fechar.

E era todo mês. Tinha professor que tirava um pouco de matéria. Outros deixavam as matérias do ano todo para nós irmos estudando, por exemplo, igual a Português. Tinha que saber tudo, senão não tirava nada. E os professores eram muito enérgicos. Tinha uma que chegava atrasada na escola, ia à porta da nossa sala, olhava para nós e falava assim: “Eu cheguei!”, e não podia nem passar um mosquito que ela achava que éramos nós que estávamos conversando. Ela era brava mesmo! Para fazer prova, ela mandava nós tirarmos as blusas, por as coisas em cima de uma mesa, para não ter cola. Era o jeito dela. Os outros professores, eu achava o jeito deles normal, porque marcava o dia da prova, dava prova para nós. A maior parte era copiada do quadro. Os professores tinham uma firmeza na sala de aula, sabe? E eles estavam ali para dar conta do recado, mas nem sempre tinham curso pedagógico. Às vezes, um era dentista, outro era advogado, mas eles deram conta do recado sim, eu gostava.

N: Esses professores que não tinham formação, a senhora acha que eles sentiam alguma dificuldade em relação ao ensino?

Y: Ah! Muita coisa fica a desejar, não é? Mas do conteúdo, em si, foi bem trabalhado. Era um regime tão firme, tão forte, que nós tínhamos que pedir licença

¹⁶² Cidade localizada, aproximadamente, a 120 km de Paranaíba/MS.

para fazer alguma coisinha. Eles não aceitavam conversa, não aceitavam mesmo! Era um silêncio. Ouvia e depois ia resolver os exercícios. Eram umas aulas que não tinham a liberdade que tem hoje, não tinha.

N: A senhora mudou-se para Santa Fé do Sul para fazer o curso Secundário?

Y: Eu mudei para Santa Fé do Sul para fazer o Segundo Grau¹⁶³. Cursei os três anos de Colegial lá e depois fui para Jales fazer Faculdade de Matemática¹⁶⁴. Como eu já havia dito, eu não tinha como iniciar na Matemática. Não tinha um curso que iniciava. Tinha que fazer dois anos de Ciências para depois optar por Matemática, Química ou Física.

Optei por Matemática. Fiz um ano. Isso me deu muito trabalho, porque para lecionar tive que estudar muito, ir atrás, correr, sabe? Porque ficou a desejar. Em um ano só não tem como aprender tudo que precisava. Então, recorria, ia atrás de professor que tinha domínio, estudava sozinha, até chegar a um ponto que não ia para frente nem para trás, não conseguia levar. Eu corria atrás e procurava professor. Assim foi minha vida. Em muitas matérias de Segundo Grau que eu não vi, tenho dificuldade até hoje, mas tem muitas que aprendi perguntando, aprendi de verdade e foi bom.

N: Professora, fale um pouco como eram essas aulas nesses dois primeiros anos de Ciências. Vocês viam Matemática?

Y: Víamos sim. Matemática bem *light* mesmo, era pouca coisa. Tinha semestre que não tinha Matemática. A maior parte das aulas era voltada para Ciências, por isso que para mim ficou um pouco a desejar. No outro ano, que era Matemática, peguei um professor recém-formado. Ele tinha muita dificuldade, só que nós perguntávamos as coisas para ele e ele falava “na próxima aula, eu te trago” e ele explicava depois. As aulas de sábado eram voltadas para a parte pedagógica. A parte relacionada com a Matemática deveria ser bem diversificada e trabalhada com mais ênfase.

¹⁶³ Termo utilizado para se referir à etapa de ensino que chamamos de Ensino Médio.

¹⁶⁴ A professora refere-se ao curso de Licenciatura Curta em Matemática.

N: E o que vocês viram nessas aulas, em relação ao conteúdo, nesse um ano?

Y: Nós víamos um pouco de matéria do Fundamental e um pouco de matéria do Ensino Médio. Era isso. Na nossa sala, tinham muitos alunos. Era mais ou menos uns cento e sessenta alunos.

Era um curso que terminou o terceiro com apenas um ano só de Matemática. Ficou muita coisa a desejar. Eles trabalhavam assim: às vezes, eles forneciam uns exercícios mimeografados¹⁶⁵. Nós fazíamos em casa; depois, davam prova em cima deles. Às vezes, tinha tempo de corrigir; às vezes, não. E era um trabalho corrido. Eu não lembro direito os temas, mas eu lembro que, quando fui dar aula, me fez falta.

N: Só tinha um professor?

Y: Só. Que eu lembro, era só, porque quando era habilitação em Matemática, não via só Matemática. Tinha outras matérias, como Pedagogia, Psicologia, um pouco de Português. Tinha essa distribuição. Hoje em dia, eu acho que mudou, mas, naquela época, era assim.

Nós fazíamos grupos de estudo. Eu morava em Santa Fé, estudava em Jales. Tinha um grupo que morava em Santana da Ponte Pensa/SP¹⁶⁶. Outros, do mesmo grupo, moravam em Santa Clara D'Oeste/SP¹⁶⁷. Para nos reunirmos e estudar, era difícil, mas nós conseguíamos: uma vez, íamos para Santa Clara D'Oeste; outra vez, íamos para Santa Fé [do Sul], sabe? Aí, lá em Santana da Ponte Pensa, quase não íamos, não. Os de lá que vinham. Acho que era só um aluno.

N: Quando terminou a Habilitação em Matemática, a senhora fez qual curso?

Y: Vim para Paranaíba, peguei umas aulas, mas continuei estudando. Fiz um ano de Habilitação em Biologia, que foi praticamente um Curso Vago¹⁶⁸. Eu estava lecionando aqui, teria que pegar ônibus para estudar, era mais de sábado e o professor ajudava: não colocava tanta falta para nós, dava um jeito. Aí, fiz Habilitação em Biologia, que praticamente nunca ocupei. É falta de orientação que eu não segui os estudos em Matemática, porque lá em Jales não tinha um curso

¹⁶⁵ Reproduzido através do mimeógrafo - equipamento a base de álcool e papel estêncil, que permitia fazer cópias, a partir de uma matriz escrita à mão ou à máquina de escrever.

¹⁶⁶ Cidade localizada, aproximadamente, a 30 km de Jales/SP.

¹⁶⁷ Cidade Localizada, aproximadamente, a 55 km de Jales/SP.

¹⁶⁸ De acordo com Baraldi (2003), os Cursos Vagos eram realizados aos finais de semana, contribuindo para a formação de professores que já se encontravam em sala de aula.

para você fazer essa sequência. Fiz Biologia. Depois, nós fomos fazer, eu e minha turma aqui, fomos para Pereira Barreto [SP] fazer Pedagogia. Lá, me sobressaí muito na parte de Estatística, porque eu aprendi Estatística ainda no terceiro ano.

Tinha Matemática e tinha Estatística, agora lembrei. Era uma complicação! Ninguém sabia aquilo, porque Estatística você tem que ter noção, pedia aqueles desvios, pedia vários cálculos e ninguém sabia nem como começar aquilo. Não tinha aula, era meio vago mesmo, porque ia lá de quinze em quinze dias, só no sábado e eu dominava aquela parte de Estatística. Eu me responsabilizava por um grupo, colocava eles para fazer aquelas operaçõezinhas que precisava.

Naquela época, nem calculadora a gente tinha. Era tudo na mão [risos]. Sei que, depois de uns anos, lecionei Estatística para as meninas do Magistério. Também lecionei Biologia Educacional. As minhas alunas faziam um trabalho paralelo, que era a montagem de um álbum voltado para gestação, o que acontece com a gestante durante o tempo de gravidez. Tinha um mais lindo que o outro! Até hoje, algumas têm. Elas dizem que guardam esses álbuns. Era legal [risos].

N: Conte como eram os professores, quando fez Pedagogia, em Pereira Barreto?

Y: Essa faculdade¹⁶⁹, nós éramos muitos alunos na mesma sala. Vinha, às vezes, as apostilas para você. Você ia lá, comprava as apostilas e as professoras davam uma geral para nós, e nós estudávamos a matéria nas apostilas para fazer prova. Era quase um Curso Vago. Era assim, mas conseguimos. Quem tem o dom de ser professor já consegue pegar um ritmo, melhor do que aquele que fez, por exemplo, Odontologia, não é? Percebi que se você tiver o dom de ser professor, você aprende muita coisa. Só que era bem corrido também. Nós estudávamos por meio das apostilas e eram umas explicações meio corridas.

N: E os professores, eles tinham alguma formação específica?

Y: Tinham, os professores tinham. Os da faculdade eram habilitados naquilo que eles estavam ensinando. E era um curso, assim, tudo o que você perguntasse, qualquer coisa, eles tinham resposta, sabe? Era gente que estava no meio porque tinham aquele preparo mesmo, era bom.

¹⁶⁹ Associação de Ensino e Cultura Urubupungá – AECU - foi criada em 28 de dezembro de 1970, mantenedora da Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá – FECLU.

N: A senhora lembra quanto tempo durou?

Y: Um ano e meio. Quando cheguei aos meus últimos anos de professora na sala de aula, na hora de distribuir as aulas, acho que foi em 2000 ou 1999, eu peguei aula de Metodologia de Matemática e foi uma confusão na escola, “porque, onde já se viu você sair da sua área que era Matemática e ir para Metodologia?”.

As professoras que estavam acostumadas a pegar essas aulas não gostaram. Na hora da atribuição, o diretor falou: “Por que você não pega umas aulas de Metodologia?” e eu nem pensei em outra coisa, peguei! Mas tive muita sorte, porque a parte que os alunos tinham que fazer o estágio, eu consegui dar uma virada. As alunas com três semanas já ficaram gostando do meu jeito, porque eu as acompanhava mesmo. Já os professores anteriores, só distribuía as aulas e deixavam as aulas caminhar sozinhas. E eu, não. Nós preparávamos as aulas para aquele dia, vistoriava tudo: era Ciências, Matemática, Inglês e Estudos Sociais. A professora de Inglês me ajudava nas horas atividades¹⁷⁰ dela. Os alunos não estavam acostumados com aquilo porque ficavam soltos. Eu me saí bem, sei que consegui. Mas quando foi no próximo ano que eu ia trabalhar, até fui aposentada em julho, outros professores que escolhiam aula, antes de mim, que eram professores de Português, falavam assim: “Yone pegou, eu também posso”. Aí, tirou tudo.

Nós tínhamos preparado tanta maneira de trabalhar nas aulas de Estágio! Fizemos joguinhos, exercícios de manusear e acabou ficando jogado, porque foi só um ano mesmo.

N: Isso era no curso do CEFAM?

Y: No curso do CEFAM precisava dos coordenadores estar em cima, sabe? O ser humano é assim: tem uns que trabalham porque tem prazer e outros vão de qualquer jeito. Eu me lembro de que nunca pequei nessa parte, fazia dar conta, mas sabia que sempre ficava algo a desejar, porque não sabemos de tudo.

N: Professora, quais as dificuldades que a senhora enfrentou ao ter saído de Paranaíba para fazer esses cursos?

Y: Bom, na faculdade que eu fiz, a básica de Ciências, a Habilitação em Matemática, que é a plena, morei na casa de uns amigos e não pagava para ficar lá. Só que

¹⁷⁰ Termo utilizado para as atividades exercidas fora da sala de aula, para a integração dos educandos.

sabia costurar. Costurava para o povo da casa, fazia uma coisa e outra. Era uma vida boa, a gente tinha muita harmonia, sabe? Mas pouca grana [risos], porque eu trabalhava e pagava faculdade.

Morei em duas casas em que formamos uma família. Muito bom mesmo, mas era uma vida corrida, porque eu trabalhava em uma autoescola e precisava ir, à noite, até Jales, com ônibus dos alunos para estudar. Inclusive, a minha mãe daquela época, que era a dona Maria, já preparava uma sopa para eu engolir e ir para faculdade, porque o tempo era curto. Eu fazia de tudo que podia para ajudá-la. Ela adorava os vestidos que eu costurava para ela.

Quando foi em Pereira Barreto, eu já estava em Paranaíba, estava casada. Fazíamos aquela equipe e íamos num carro. Cada um pagava sua parte e pousávamos nos hotéis, lá em Pereira [Barreto]. A aula terminava no outro dia de tardezinha e vínhamos embora. A minha vida foi de cursos corridos, mas foi legal. Tem umas partes da vida da gente que é sofrida.

Eu tinha saudade da minha casa, do meu pai. Quando eu estudava, lá em Santa Fé do Sul, e como trabalhava todo sábado, era muito difícil para eu vir aqui. Muito difícil! Depois, é que colocaram a semana inglesa¹⁷¹, que no sábado começou a ter folga e dava certo para vir em casa. Meu pai e minha mãe não tinham condição de me ajudar, mas era aquela vontade tão grande de estudar que nem via essas coisas. Dava certo [risos].

N: E era difícil vir de Santa Fé do Sul para Paranaíba, naquela época?

Y: Nossa! Tinha que atravessar com uma balsa no Rio Paraná¹⁷². Era balsa e um estradão de terra, um “poeirão”. Lembro que, um dia, estava indo de Paranaíba para Santa Fé [do Sul] e lotou a balsa. O peso ficou tão grande, que começou a entrar água dentro.

Aquele dia pensei que nós não íamos sobreviver, mas quando chegamos, encostou num lugar que nem era o certo. Nós fomos dentro da água, pisando aqui, pisando ali. Quando saímos da balsa, tinha um ônibus que esperava. Aquele pessoal que estava mais livre saía correndo e já sentavam nos bancos. Os mais

¹⁷¹ Expressão utilizada, que exclui o sábado à tarde e o domingo da semana de trabalho.

¹⁷² Sua nascente fica na confluência dos Rios Paranaíba e Rio Grande, na região de divisa com os Estados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. A região que a professora se refere é a divisa entre os Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul.

lentos ficavam em pé no corredor do ônibus. Era um sacrifício, mas foi à última vez que atravessamos nessa balsa.

N: Professora, quando veio para Paranaíba, e começou a dar aula, foi por meio de um concurso?

Y: Não, não foi por meio de concurso. Tínhamos professores que eram advogados, às vezes, tinham feito Economia, outros eram dentistas. Sempre tinha aula para nós, porque não tinha professor com habilitação naquela disciplina. E comecei desse jeito. Quando foi na divisão do Estado¹⁷³, eu fui enquadrada¹⁷⁴. Não fiz concurso, eu fui enquadrada como professora em Mato Grosso do Sul. Esse enquadramento era respeitado. Teve pessoas que entraram, por exemplo, antes de mim ou depois, mas tinha uma sequência certinha de como escolher sua aula. Era respeitado isso.

N: Aqui, na cidade, tinha curso de formação para professores de Matemática?

Y: Não, aqui não tinha nem Segundo Grau, Ensino Médio. Não tinha.

N: Houve alguma campanha em Paranaíba, ou curso de caráter emergencial, que formou professores de Matemática?

Y: Olha, vieram uns cursos para fazer, só que em Aparecida do Taboado/MS¹⁷⁵. Era um curso no período das férias. Tinha Estudos Sociais e Português.

Os professores de Matemática começaram a aparecer assim. Quem tinha condição, foi estudar fora. Começou, junto comigo, a Aurita Ferraz¹⁷⁶, que estudou fora, Doraci Zocall¹⁷⁷ (era de outra cidade, não sei se é Araçatuba/SP¹⁷⁸), estudou lá e veio. Tinha o professor Ignácio¹⁷⁹, que estudou fora, fez cursinho lá em Brasília/DF¹⁸⁰. Ele tinha esse preparo, foi enquadrado também. Tinha o professor Rodolpho Schmid e foi surgindo professor do Estado de São Paulo, pessoas que

¹⁷³ A divisão do Estado ocorreu em 11 de outubro de 1977, pela Lei Complementar n.º 31, no momento em o antigo Mato Grosso foi desmembrado; assim, a parte sul do Estado ficou denominada de Mato Grosso do Sul e a norte de Mato Grosso.

¹⁷⁴ A Lei n.º 31/1977, em seu capítulo IV, garantiu que todos os servidores públicos de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul deveriam ser incluídos no quadro provisório de servidor público.

¹⁷⁵ Cidade localizada, aproximadamente, a 53 km de Paranaíba/MS.

¹⁷⁶ Aurita Ferraz Agi, professora aposentada.

¹⁷⁷ Doraci Paula da Silva Zocall, professora aposentada.

¹⁷⁸ Cidade localizada, aproximadamente, a 233 km de Paranaíba/MS.

¹⁷⁹ Ignácio José da Silva atuou como professor de Matemática, na cidade de Paranaíba/MS, entre as décadas de 1940 a 1990.

¹⁸⁰ Cidade localizada a 697 km de Paranaíba/MS.

saíram daqui para estudar ou gente que veio morar aqui, com esse preparo. E foi assim que começou a lotar o pessoal, com pessoas habilitadas na matéria. Antes, era esse pessoal que tinha outros cursos; às vezes, estavam começando a vida de trabalho e era um bico dali, um bico daqui. Agora, não. Quando eu comecei, veio surgindo o pessoal já formado e aqueles que davam aula, já tinham a profissão deles, já trabalhavam e dar aula era um bico. Eles foram deixando.

N: Então, faltava professor?

Y: Faltava. Nossa, e muito! Era lotado, assim, na época, Cuiabá/MT¹⁸¹ mandava um planejamento para cada série e seguíamos aquilo lá. Tinha Biologia, Matemática, Inglês. Já vinha da antiga capital para cada escola, conforme o curso que cada uma trabalhava. Seguíamos aquilo, procurávamos nos livros e íamos trabalhando, seguindo mesmo o planejamento. A matéria era passada no quadro, copiada, mas era muito lento. Nós precisávamos distribuir a matéria de um jeito, para não ficar perdendo outras matérias.

Tinha professor que ia certinho, mas tinha alguns que, quando chegava ao final do ano, não tinha trabalhado a parte de Geometria, por exemplo, que estava lá para ser aprendido nas quinta séries. O aluno ficava sem ver o assunto que estava no final do ano.

N: Por falta de tempo?

Y: Eu acho, assim, eu conseguia fazer, quando o assunto era mais leve, eu já corria com aquilo para chegar lá, mas aqui tinha os professores que conseguiam chegar ao final.

As orientadoras das escolas também não eram habilitadas, especificamente, para aquilo. Elas viam se o professor estava entrando na sala, o que tinha para fazer. Elas ajudavam, mas na sequência da matéria, não sabiam ajudar ninguém. Deveria ter um coordenador de Matemática, Química, Física ou, então, das três ao mesmo tempo, igual ao CEFAM, de Jales. Tinha uma coordenadora lá, uma japonesa que dominava todos os assuntos. Por que quando você tem uma orientadora que diz: “Corre aqui, aproveita aqui essa matéria, aqui tem que ficar poucos dias”, sei lá, ajudar o professor que não tinha muito conhecimento, pois se a

¹⁸¹ A professora refere-se a quando o Estado de Mato Grosso ainda não havia sido dividido.

orientadora ajudasse o professor, o conteúdo ficava bem distribuído e daria para trabalhar todo o planejamento.

N: Professora, conte da sua vida profissional.

Y: A minha vida profissional? Sempre fui uma professora muito enérgica, ficava brava, mas dava conta do recado.

A minha vida profissional foi assim. Uma época tive oportunidade de pegar salas de aula em que os alunos eram ótimos. Trabalhava com eles com prazer mesmo e era bom demais. Muito bom! Depois, foi perdendo isso, foi perdendo. Quando eu saí da escola, me aposentei, já estava essa complicação que está até hoje, tentando colocar o aluno a respeitar mais o professor e a escola.

Sempre preparava minhas aulas, mimeografava exercícios para a sala fazer. Algumas salas tinham livros, que vieram para escola e estavam lá encostados e nós trabalhávamos, como falei para você, do Castrucci¹⁸². Ele trazia exercício da letra “a” até a “z”. Os exercícios eram fracos, médios, até os exercícios mais difíceis. Conseguíamos fazer tudo. Quando tinha livro para passarmos ao aluno, para ele poder desenvolver aquilo, rendia mais do que ficar passando no quadro. Eu corrigia todos os exercícios, não tinha um exercício que ficava sem corrigir. E depois, pedia daqueles exercícios semelhantes nas provas e os alunos se saíam bem, porque nós corrigíamos mesmo. Nas avaliações, pegava parte das matérias e as revisava no quadro, resolvendo todos os exercícios.

Então, nós fazíamos e eles passavam para os cadernos de Matemática, exercício por exercício. Não era falando “exercício tal, dá tanto”. Era feita no quadro a revisão de todas as provas minhas. Assim, eles tinham mais noção para o próximo assunto. Gostava disso. Também trabalhávamos muito em equipe. Eu dava matéria, explicava tudo, mas esperava o aluno passar para o caderno, fazer as perguntas necessárias. Depois, via que já estava esclarecida a maior parte dos exercícios de exemplos, juntava os alunos em equipe, de quatro, cinco, e soltava aqueles livros.

Os meninos mais espertos ensinavam os outros. Eles gostavam, porque já tinha o prazer de fazer. Juntava todas as mesas, circulava e tirava as dúvidas. Eles iam ajudar os outros. Eu tinha, por exemplo, em uma sala de trinta e tantos,

¹⁸² A professora está referindo-se ao livro: BÓSCOLO, A.; CASTRUCCI, B. **Matemática Curso Moderno** - 1ª Série. 2. ed. São Paulo: FTD, 1973. Disponível em: <<http://www.uniban.br/pos/educamat/pdfs/teses/anteriores/Alexandre%20Souza%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

quarenta alunos, uns cinco, seis, que tinham mais dificuldade. Sempre tem. Ele aprende, mas não é uma coisa, assim, que ficou. Metade da sala sabia, não tinha muita dificuldade, porque me considero uma professora de Matemática lenta, passava passo a passo.

Como era Ensino Fundamental, a maior parte das aulas foi na sexta série, sétima série, oitava, as três, a quinta, eu quase nunca trabalhei. Na sexta série, começava a sinalização¹⁸³. Era muito novo para eles e eu não saía daquilo, enquanto eles não dominavam, porque se você não aprende a sinalização, o que você vai fazer lá para frente? Teriam muita dificuldade e, assim, foi nossa vida. Foi muito boa, mas só que eu já passei raiva com aluno. Nossa Senhora! Tem meninos que são inteligentes, te tratam bem, mas lá no fundo eles têm uma parte que querem ser engraçados.

Precisa ser exigente, porque senão você fala e só a metade dos alunos ou, nem isso, entende. Tem professor que chegou lá no fim do quadro, ele já apaga o começo, porque ele tem que fazer isso. Quem ainda está no começo é porque estava conversando, não é? Às vezes, divide o quadro em três partes. Vai e apaga a primeira. Assim, era nossa vida: passando no quadro mesmo. Mas, hoje, aqueles alunos, que já me deram muito trabalho, eles me cumprimentam, chamam de longe e riem [risos]. Eles lembram direitinho. Tive muitos alunos que odiavam Matemática e eu falava: “Você vai aprender a gostar comigo”. Tive três moças no CEFAM que odiavam Matemática e fizeram o Curso de Matemática.

Passaram a gostar. Elas cursaram, não sei o porquê, mas esses alunos aprenderam a gostar. Por que eu tinha paciência de ir passo a passo, para eles terem noção, porque esses alunos que têm dificuldade no raciocínio das exatas, ele não pode pular as etapas, por exemplo. Faz na mente, uma etapa, e joga ali a resposta. Tem que escrever, passo a passo. E, se eles são inteligentes, vão embora. Tem muita coisa que, se fosse hoje, eu ia trabalhar diferente. Vamos amadurecendo, mas não reclamo do que eu fiz. Acho que foi bom.

N: Fale dos professores de Matemática quando estudou.

Y: Tive um problema muito sério no Curso de Matemática, em Santa Fé do Sul, no Ensino Médio, Segundo Grau, porque o meu professor do primeiro, segundo e

¹⁸³ A professora está se referindo ao conteúdo matemático, mas conhecido como “regra de sinais”, que é utilizado para a realização de operações.

terceiro colegial estava com depressão, stress. Ele tinha tirado muita licença, não podia tirar mais e ele, às vezes, brincava com a gente porque ele não estava com saúde para enfrentar aquilo. Ficou a desejar muita coisa. As aulas de Matemática eram de três a quatro vezes por semana.

Ele mandava nós fazermos folhinha, formar uma folhinha de janeiro até dezembro. Você vê, é uma coisa que, assim, para um curso de exatas, ele estava ali pra “livrar a pele dele” fazendo isso. Ficou muita coisa a desejar, por exemplo, ele era um professor formado, habilitado, não podia tirar mais licença e quem foi sacrificado foram os alunos. Mas também, no terceiro colegial, eu tive uma professora que não sabia explicar, era formada, mas era nova. Ela não sabia explicar, ia e fazia no quadro. Chegava a um resultado que precisava ser explicado, mas ela não tinha o domínio do conteúdo.

Ela ficou a desejar mesmo, não foi legal o meu Curso de Segundo Grau na parte de exatas, mas tive um bom professor de Química. O professor de Física adotou um livro e, dentro do livro, vinha uma parte, tipo um papelão, que você ia descendo com as perguntas e a resposta estava aqui [a professora faz o gesto mostrando que a resposta estava embaixo]. Ele perguntava, você respondia e ele olhava se estava certo. Aquilo não ajudou a gente, porque Química, Física, Matemática precisa de explicação.

Então, saí daqui porque não existia Segundo Grau do Ensino Médio e fui pra Santa Fé [do Sul], peguei um professor que estava cansado e doente, mas mesmo assim, deu para levar.

N: E quando a senhora estudou em Paranaíba, como foi?

Y: Quando estudei aqui, tivemos professores de Matemática bons, bons mesmo. Ele exigia, era um português chamado professor Aníbal¹⁸⁴. Ele falava meio enrolado, mas dava para nós entendermos e ele sabia, explicava. Só que hoje, assim, fica na história: “Eu fui aluna até do Aníbal!”. Para você aguentar aquele homem, daquele jeito, mas quem não gostava de Matemática, ficava pior! Tive também o professor Schmid,¹⁸⁵ que explicava, era bom e falava alto. Dava aquela aula mesmo!

¹⁸⁴ Aníbal Pereira Júnior foi professor de Matemática; posteriormente, mudou-se de Paranaíba.

¹⁸⁵ Rodolpho Schmid atuou como professor de Matemática e, posteriormente, foi diretor de uma Unidade Escolar, na cidade de Paranaíba/MS, entre as décadas de 1960 a 1990.

Tive outra professora, também muito boa. Ela dava aula de Português e de Matemática. Ela dominava, professora Guaraciaba¹⁸⁶. Essa professora, ela deu aula para nós de Geometria. Nós tínhamos um caderno de desenho à tinta nanquim¹⁸⁷ e tudo no esquadro. Muito boa mesmo. Ela ensinava mesmo! Tive uns professores bons. Em uma época, a professora Guaraciaba deu uns meses de aula de Português para nós. Era boa também. Uma mulher bem preparada, sabida mesmo e boa para explicar, muito joia. Professora Guaraciaba, professor Aníbal, professor Schmid: acho que foram os professores que eu tinha.

Não trabalhava para fora, só estudava, costurava, pegava as costuras para ganhar dinheiro. A minha mãe era costureira também, mas toda minha matéria era passada a limpo. Eu fazia lá na sala de um jeito corrido e tal, depois, eu tinha meus cadernos que eu passava a matéria a limpo. Todo dia que eu chegava da escola, passava a matéria a limpo. Estava estudando também. Eu não sabia, mas era, não é? Meus cadernos para estudar para as provas eram perfeitos. Em casa, era todo mundo, era eu e minha irmã. Eu tinha muitas colegas de classe, que eram umas meninas que estão dando aula por aí. Foram colegas de classe. Esquecemos os nomes de todos, mas, por exemplo, a Janete Brandão¹⁸⁸, ela foi da turma nossa de estudar. Passou por esses professores. A Maria Eugênia¹⁸⁹ também foi minha colega de classe. Essa foi da oitava série. Tem muita gente que não vem na minha cabeça agora, mas tem pessoas, aqui em Paranaíba, que tive como colega. Tive um colega, mas esse era de quarta série. Estudei na escola particular, lá na Escola Batista, ele ia para casa desse que agora é Engenheiro Civil, Natalício Gama¹⁹⁰.

Aqui, na cidade, tinha o doutor Wilson¹⁹¹, falecido. O irmão do Wilson ia lá para casa do Natalício, porque ele estudava falando alto e ele sentava perto dele. Chegava na escola, tirava nota igual ele mesmo. Eles eram bons, tiravam dez mesmo, oito, nove. Eu e a minha irmã também.

¹⁸⁶ Guaraciaba Di Giácomo Mariano foi professora de Matemática. Aposentou-se e mudou-se de Paranaíba.

¹⁸⁷ A tinta nanquim é um material muito usado para a escrita, o desenho e a pintura.

¹⁸⁸ Janete Martins Brandão, atualmente, é Coordenadora Pedagógica, do Departamento de Ensino da Prefeitura Municipal de Paranaíba/MS.

¹⁸⁹ Maria Eugênia Alves de Assis, atualmente, é Secretária de Educação, do município de Paranaíba/MS.

¹⁹⁰ Natalício Severino Gama é engenheiro civil em exercício.

¹⁹¹ Wilson Gonsales Rodrigues.

N: E quando a senhora lecionava, o governo oferecia cursos para vocês fazerem? Como era?

Y: Oferecia, mas nunca eram em cima daquilo que eu queria, sabe? Eu fazia tudo que aparecia, mas não era voltado para o que eu queria: enriquecer-me na Matemática. Havia muitos cursos, mas muitos mesmo! Íamos para Campo Grande/MS¹⁹² fazer curso. Eram muitos cursos, mas não eram voltados para Matemática. Aqui, na cidade, tinha o Núcleo que a gente chamava de Agência de Ensino. Então, a Agência oferecia: “tem tais e tais cursos, é pra isso, isso e isso, tem que ter tantas pessoas lotadas em exatas”. Perguntavam e, do pessoal, quase ninguém podia ir e quando chegava a mim, por exemplo, eu topava e ia, mas era curso voltado para Educação. Me ajudou bastante, essa parte de Metodologia que lecionei. Foi por causa desses cursos, me preparei mais, não é? Ajudou-me nesse ponto. Vinha muito curso, fazíamos curso em Campo Grande/MS. Era assim: o dinheiro que você recebia, ou você comia ou você dormia. O dinheiro não dava para as despesas. No último dia de curso, você recebia.

Eu não sei se era cheque ou se era dinheiro. Recebíamos para as despesas, só que não dava. Você tinha que levar, tirar do bolso para poder dormir ou comer. Geralmente, tinha uns professores que sempre estavam juntos, porque tem gente que é mais liberal. Às vezes, tem uma mãe dentro de casa ou um idoso. Não pode ir, tem criancinha. Tive uma funcionária que ficou comigo oito anos. Ela era uma mãe para os meus filhos, eu ficava despreocupada, ela era joia! Na época, eu tinha as crianças e ia porque ela cuidava direitinho. Sempre tive sorte com funcionária. Essa que está comigo, faz quatorze anos.

N: A senhora fez e também ofereceu cursos em Paranaíba?

Y: Quando íamos para lá fazer esses cursos, acho que uma das coisas era isso. O povo ficava receoso porque chegava aqui, a Agência, já marcava a data. Tínhamos que repassar aquilo que víamos. Tinha que repassar e fazíamos a coisa mais ou menos, porque nunca saía igual. Passava aquilo que achava mais importante, porque você guardou mais, trazíamos aquele tanto de apostila para seguir e, como era distribuído lá, fazíamos aqui. Íamos comparando as coisas, para fazer dar certo.

¹⁹² Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 407 km de Paranaíba/MS.

N: Algum curso desses marcou a senhora?

Y: Uns marcaram. O que mais me marcou foi um que não tem nada a ver com isso. Foi porque estava uma dificuldade muito grande. Como iria repassar para os professores, iria acontecer uns cursos aqui e tinha que atender Paranaíba/MS, mas não estavam achando professor do Segundo Grau em exatas para vir. Não estava achando, eu [risos] falei: “Pode deixar comigo, que faço!”. Cheguei na sala, os professores todos esperando. O que vem agora ou não vem? Porque tem uns que é para dar as marretadas.

Fiz a proposta que tinha planejado. Fizemos uma equipe de quatro, cinco professores. Cada equipe iria mostrar, expor, um trabalho ou uma atividade, alguma coisa que tinham feito que você sobressaiu e gostaram. Foi muito bom a coisa! Sei que o professor Schmid, que foi meu professor, ele falou: “Olha, eu nunca fiz um curso tão bom igual a esse viu?” [risos]. Não sei se ele se lembra disso, hoje.

Como havíamos conversado, o professor não gosta de ficar só ouvindo: eles mexeram-se. Saiu cada trabalho que você precisava ver! Teve um professor de Inocência/MS¹⁹³, que fez uma colocação de como ele trabalhou com os alunos na parte de números inteiros, que é positivo e negativo. Ele inventou umas coisas que davam certinho. Explicou para nós, não tinha nos livros. Ele era de Inocência/MS, um rapaz, não me lembro do nome dele, mas eu sei que era trabalho com número inteiro. Negócio de pôr, tirar, alguma coisa assim, foi bom!

Teve trabalho para o outro dia, porque foi na parte da manhã e na parte da tarde. Na parte da manhã, ficou quase todo mundo preparando o que cada equipe iria fazer. À tarde, foi à apresentação e, na hora que esse grupo falava, os outros estavam parados, ouvindo, anotando. É, foi bom! Eu gostei desse curso. Foi um dos melhores. Trouxe esta aprendizagem dos cursos de Campo Grande/MS. Eu criei isso e deu certo.

N: Professora, o que a senhora considerava, naquela época, ser um bom professor de Matemática?

Y: Ele tinha que ter domínio na disciplina, de todo o assunto trabalhado. Tinha que ter disciplina e dominar. Ele teria que ter uma voz boa, para que todos os alunos ouvissem, porque se falar muito embutido, o aluno que fica no fundo não tem jeito de

¹⁹³ Cidade localizada, aproximadamente, a 88 km de Paranaíba/MS.

entender. Ele teria que trabalhar bem, começar explicando tudo certinho, para pegar o rumo. Eu sei que tive muitos professores, igual o Schmid, por exemplo, quando ele foi meu professor, todo mundo gostava dele, porque explicava, tinha uma voz boa, era respeitado dentro da sala de aula, era um professor que não tinha encrenca para o lado dele.

Não tinha, era um professor querido, porque ele sabia trabalhar e parece que, na época, ele não tinha nem feito curso para isso e deu certo na Educação. Eu acho assim: para ser um bom professor, tem que ter essas qualidades, não adianta saber só para você. Você tem que saber passar para o aluno e ele sabia. Era legal, é isso. Eu acho, as principais coisas: você tem que dominar o assunto, saber expor e esperar para tirar as dúvidas. Dar essa oportunidade para o aluno. Não sei se você já prestou atenção, mas se o José faltou à aula segunda-feira e você deu uma matéria, na terça, você pode repetir tudo que você fez na segunda, mas ele acha que não aprendeu tudo ainda, fica inseguro.

Quando o aluno precisa faltar, aquele que gosta de estudar sabe que está perdendo alguma coisa. Você pode retomar, porque geralmente é assim. Você retorna o assunto explicando, mas, na verdade, fica alguma palavra, algo que iria enriquecer mais a aprendizagem. Mas acho que o professor, tendo domínio na matéria, na classe, sabe passar e ouvir, porque senão deixar o aluno falar, você está cortando etapa daquele menino. Às vezes, ele está indo numa sequência e você não dá a resposta certa, na hora certa, ele perde a sequência.

N: Professora, a senhora sempre esteve em sala de aula durante esses vinte e quatro anos?

Y: Não, eu tive uma dispensa. Sempre trabalhava dois turnos por dia. Tive uma dispensa e fiquei na Agência Municipal uns seis meses, fora da sala de aula, atendendo os professores municipais, na parte da Matemática. Só que não cheguei a dar curso para eles. Quando fiquei lá, ajudava em outras coisas, mas era algo meio vazio, porque eu estava doente, sem condições de trabalhar as quarenta e quatro aulas, mas depois eu voltei para sala de aula de novo.

N: As aulas particulares que a senhora lecionava eram muito diferentes das aulas na escola?

Y: Não, mas foi muito bom para mim. Eu era cuidadosa, fazia o horário de segunda à sexta-feira para o mês, e atendia um ou dois alunos por uma hora. A maior parte dos alunos era do Objetivo¹⁹⁴. Alunos inteligentes, mas que faziam bagunça e não prestavam atenção. Mas eram inteligentes, sempre trabalhei com aluno que você explicava e ele entendia. Não tive dificuldades. Que eu me lembro, foram só três alunos que não iam.

Mas eu gostei muito. Foram aulas que enriqueceram o meu conhecimento. Os meninos que tiravam dois, três. Depois, tiravam de oito para cima, depois que estudavam comigo no mês. Não era só uma ou duas aulas, porque não adianta. Eram três aulas semanais ou duas. Quando era véspera de prova, colocava mais aulas próximas. Trabalhava com eles assim: passava e explicava um exercício, eles começavam a fazer. Quando ele estava fazendo o exercício e errava algo, eu falava: “Olha, presta atenção aqui”. No mesmo momento, ele corrigia o erro e, assim, iam todos os exercícios. Quando era véspera das provas, ele estava fazendo sem erro.

Por isso que dava certo. Tive muito aluno que tirou dez. Nossa! Eles sabiam mesmo, era gostoso! Eu tinha preparado, às vezes, uma prova. Sempre fazia isso, falava: “Vocês vão fazer sem perguntar e ninguém pode olhar na prova do outro”. Eles faziam e me entregavam, e eu já corrigia. Deixava uma prova prontinha para ser rápido, porque é assim, por exemplo, dá uma as duas, duas horas, esse aqui saía, mas entrava mais dois. Corrigia e, se acertasse tudo, eles tinham noção se estavam preparados ou não. Os que erravam, eu explicava. No final, foi preciso parar porque estava com problema de saúde.

Era bom. Gostei muito das minhas aulas particulares. Às vezes, somos criticados por colegas que já se aposentaram e falavam assim: “Eu não aguento a Yone! Como que ela fica dando aula ainda?”. Mas olha, eu dava essas aulas com tanto gosto, que não vi esses anos passar. Foi uma coisa muito boa que eu fiz.

N: Professora me fale dessa vontade de ser professora.

Y: Eu acho que isso veio dos meus pais, porque minha mãe já foi professora, uns anos na fazenda. Meu pai foi por muitos anos, ele ensinou muita gente. Naquele tempo, meu pai era assim: os alunos dele uma hora estavam no Português; outra, na Matemática. Eles viam um pouquinho de Geografia. Ele passava, principalmente,

¹⁹⁴ Prevê Objetivo, criado em 1955, com a denominação de Educandário Santa Clara, é uma escola particular ainda existente em Paranaíba/MS.

o Estado e a Capital. Os alunos do meu pai sabiam, saíam sabendo isso, mas a maior parte era Português e Matemática. Ele não era muito de ficar dando Redação, naquela época, mas eu cresci nesse meio, meu pai dando aula. Acho que foi mais ou menos por isso, porque a minha irmã e eu somos professoras aposentadas; os irmãos homens, que é o Edson¹⁹⁵ (que trabalhou no Banco do Brasil) e o Zé Humberto¹⁹⁶ (Engenheiro Agrônomo), não seguiram esse rumo, mas quando eles estudavam, eles davam aula particular também. Eles têm um jeitinho para ser professor. Acho que veio dos meus pais mesmo.

N: E o gosto pela Matemática?

Y: Esse gosto pela Matemática acho que nascemos com ele, porque não tem explicação, às vezes, eu fico pensando. Gosto de raciocinar. Eu não gosto de ler e decorar, guardo as fórmulas. Na parte de História, que tinha muita coisa para estudar, decorar mesmo, eu não gostava. Eu não gosto disso, funciono melhor raciocinando, porque não é aquela mesmice. Interessante, mas é isso!

N: A senhora gostaria de acrescentar algo?

Y: Eu fiquei contente por você me procurar. Não sei se preencheu o seu roteiro.

[Neste momento, faço as devidas explicações sobre os trâmites e trabalhos que serão realizados no texto desta entrevista].

N: Professora, agradeço pela receptividade, carinho e por esse tempo de conversa.

Y: Eu fico muito agradecida, porque tenho um coração amigo e eu gostei muito. Agora, nós duas somos amigas.

N: Também gostei muito de conversar com a senhora, de trocar essas horinhas de conversa, foi muito importante. Obrigada, professora!

Y: Por nada.

¹⁹⁵ Edson Gomes.

¹⁹⁶ José Humberto Gomes.

4.4 JOÃO MARTINS DA SILVA

O professor foi indicação da professora Yone, mas também foi um nome que surgiu nas buscas no arquivo, sendo indicado também pela ex-funcionária da extinta Agência de Educação, Fátima. O primeiro contato foi feito via telefone, no dia 01/12/2014. Ele marcou no dia 03/12/2014 para que eu fosse até a sua residência para conversarmos. No dia marcado, fui recebida em sua casa com muita atenção e gentileza. O professor João Martins quis fazer a gravação no mesmo dia. Nossa conversa durou 59 min.

FIGURA 05: JOÃO MARTINS DA SILVA



Fonte: Arquivo nosso.

ENTREVISTA COM O PROFESSOR JOÃO MARTINS DA SILVA, REALIZADA NO DIA 03 DE DEZEMBRO DE 2014, RELACIONADA À PESQUISA SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA QUE ATUAVAM EM PARANAÍBA/MS.

Natalia: Professor gostaria que o senhor começasse se apresentando. Falasse seu nome completo, naturalidade e data de nascimento.

João: Meu nome é João Martins da Silva. Nasci no Estado de São Paulo, numa cidadezinha chamada Duplo Céu¹⁹⁷, fica nas imediações de Rio Preto¹⁹⁸ e fiz Matemática na cidade de Jales¹⁹⁹, Faculdade de Jales²⁰⁰.

N: Professor, conte o motivo da escolha de vir residir na cidade de Paranaíba.

J: Sou natural do Estado de São Paulo e, assim que me formei, dei um pulo aqui em Paranaíba. Eu já conhecia aqui e fui à Agência de Educação, Delegacia de Ensino, na época, e fiz minha inscrição. Na primeira atribuição, peguei aula e fui ficando. Isso era em Mato Grosso, antes de dividir o Estado²⁰¹. Comecei em 1976.

E foi interessante que quando dividiu o Estado, em 1977, o governo do antigo Mato Grosso [uno] efetivou todos os funcionários que estivessem dando aula. Eu fiquei efetivado mediante uma lei de divisão do Estado²⁰². Eu continuei, fiquei aqui em Mato Grosso mesmo, Mato Grosso do Sul.

N: O senhor tinha quantas aulas neste período?

J: Comecei com quarenta e quatro aulas, trinta e seis dadas e carga de quarenta e quatro. Duas cargas de vinte e duas. Fui efetivado nos dois cargos. Tive sorte com a divisão do Estado.

¹⁹⁷ Cidade localizada, aproximadamente, a 153 km de Paranaíba/MS.

¹⁹⁸ São José do Rio Preto/SP é localizado, aproximadamente, a 78 km de Duplo Céu/SP.

¹⁹⁹ Cidade localizada, aproximadamente, a 120 km de Paranaíba/MS e 135 km de Duplo Céu.

²⁰⁰ Criada em 1968, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, de Jales, foi transformada em Centro Universitário de Jales – UNIJALES, em 2005.

²⁰¹ O Estado de Mato Grosso foi desmembrado em 11 de outubro de 1977, pela Lei Complementar n.º 31, assinada pelo presidente Ernesto Geisel.

²⁰² A Lei n.º 31/1977, em seu capítulo IV, garantiu que todos os servidores públicos de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul deveriam ser incluídos no quadro provisório de servidor público.

N: Professor, conte sobre como era a cidade de Paranaíba quando chegou.

J: Nossa! Quando cheguei aqui, era bem menor e eu estranhei um pouquinho o sotaque do povo aqui. Falavam assim: “Trem custoso, muleque custoso”, essas coisas que eu achava estranho. Mas hoje, já estou falando “trem custoso” também [risos]. Acostumei-me, mas a cidade era bem pequena, diferente. Cresceu bem Paranaíba, nesses quarenta, cinquenta anos. Cresceu e desenvolveu bastante.

Em relação às escolas, é o seguinte: no início, peguei aula no Wladislau²⁰³, depois, me convidaram tinham todas as escolas: Wladislau, José Garcia²⁰⁴, Aracilda²⁰⁵, Antônio. Não lembro se tinha o Ermírio²⁰⁶.

N: Professor, conte sobre quando cursou o Ensino Fundamental.

J: Estudei em Santa Rita do Oeste/SP²⁰⁷, uma cidadezinha perto de Santa Fé do Sul/SP²⁰⁸, porque nasci em Duplo Céu, mas mudei para perto de Santa Fé do Sul, uma cidade chamada Santa Rita do Oeste.

É interessante porque meu pai era agricultor. Eu morava no sítio com ele. Quando fui frequentar a escola, senti prazer em estudar. Gostava, tinha certa facilidade no aprendizado. De primeira a quarta série²⁰⁹, Ginásial²¹⁰ e Colegial²¹¹ minhas notas foram boas, tinha facilidade de aprendizado, aprendia fácil e tirava notas boas.

Os professores eram bem amigos, porque eu era, assim, meio Caxias²¹², estudioso, não é? Então, eu gostava dos professores. Eles eram mais rígidos, mas eu gostava deles.

²⁰³ Escola criada em 1957, atualmente, chama-se Escola Estadual Wladislau Garcia Gomes.

²⁰⁴ Escola criada em 1933, denominada, nos dias atuais, Escola Estadual José Garcia Leal.

²⁰⁵ Escola criada em 1966, atualmente, chama-se Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa.

²⁰⁶ Atualmente, denominada Escola Estadual Doutor Ermírio Leal Garcia, foi criada em 1986.

²⁰⁷ Cidade localizada, aproximadamente, a 15 km de Santa Fé do Sul/SP.

²⁰⁸ Cidade localizada, aproximadamente, a 176 km de Duplo Céu/SP.

²⁰⁹ As etapas de ensino foram assim denominadas até a aprovação da Lei n.º 11.274, no ano de 2006, a qual estabeleceu a duração mínima do ensino de nove anos aos Municípios, Estados e Distrito Federal, que tiveram até o ano de 2010 para se regularizarem. A etapa a que o professor está se referindo, atualmente, corresponde do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/porta/portal/artigo.asp?artigo=815>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

²¹⁰ Termo utilizado para se referir ao que, atualmente, corresponde do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

²¹¹ O Ensino Médio, até o ano de 1967, era dividido em três cursos: Científico, Normal e Clássico. Posteriormente, passou a chamar Colegial, que também era dividido, sendo os três primeiros anos iguais para todos. Quem quisesse fazer o antigo Normal e o Clássico, tinha de cursar mais um ano. Disponível em: <http://www.sinproesc.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=95&Itemid=70>. Acesso em: 02 abr. 2016.

²¹² Pessoa estudiosa e muito dedicada, que dá muita importância aos estudos.

N: Conte quando o senhor estudou, se os professores tinham alguma formação específica para lecionar.

J: Sei que eles eram da área, pelo menos, dominavam bem os conteúdos. Eu lembro bem disso. Quanto à graduação deles, eu não sei, porque nunca nem questionei. Naquela época, não tentava questionar isso, mas todos tinham um grande conhecimento, até o de Língua Portuguesa, Matemática. Eles eram ótimos e, como eles tinham facilidade, eu achava que possuíam uma boa didática. Eu me empenhava e tirava sempre notas boas.

N: Professor, fale do seu ingresso no Ensino Superior.

J: Então, como inicialmente morava em Santa Rita e tinha que me deslocar para Jales e, na época, foi meio difícil porque não tinha meio de transporte de Santa Rita para lá, eu pegava um carrinho velho que tinha e deixava na beira da rodovia, e pegava o ônibus dos alunos que vinha de Santa Fé do Sul para Jales e ia com eles. Depois, voltava sozinho para minha cidade. Foi batalhado, durou um ano mais ou menos.

Fiz Faculdade de Ciências e depois parti para a área que mais gostava: Matemática. Eu prefiro Matemática. Às vezes, me perguntam em que sou formado. Eu falo: “Em Matemática!”. Nem falo que sou formado em Ciências, por gostar mais de Matemática mesmo.

N: Professor, conte sobre a complementação que fez em Matemática.

J: Tinha um pouquinho de Matemática, um pouco de Física. Gostava muito da parte de Física, de cálculos. Fui vendo que era minha área. Tinha mais facilidade e interesse em Matemática mesmo. Eu falei: “Quero fazer Matemática. Não quero ficar nas Ciências, não!”. Quando ia pegar aula, preferia pegar só Matemática. Não lembro quais disciplinas tinham na época, mas eram muitas. Os professores, eu não lembro muito, lembro de que na faculdade eles eram bem competentes e dedicados. Gostava, pois estava na minha área. Então, eu gostava. Senti até mais facilidade do que quando fiz Ciências, porque eu gostava mais de Matemática. Não tive nenhum professor que me marcou, foi tudo normal, não houve destaque.

N: Depois, o senhor teve alguma outra formação?

J: Depois, fiz complementação de um ano e meio em Pedagogia. Estava dando aula. Os cursos de Ciências e Matemática eu fiz antes de vir para Paranaíba. Já morando aqui, fui fazer Pedagogia, em Pereira Barreto/SP²¹³ e Pós-Graduação em Didática, na cidade de Jales/SP²¹⁴, na mesma faculdade do Curso de Graduação.

N: Conte sobre o curso de Pedagogia.

J: Ah! Eu não gostava muito, não. Fui fazer para ver um pouco de Pedagogia. Não era minha área mesmo, mas aprendi bem, consegui fazer direitinho. Íamos quando podíamos ou nos fins de semana, ou quando tinha uma folguinha na escola, corríamos para a faculdade porque dávamos aula e estudávamos. Então, foi conciliado, dando aula e estudando também, fazendo trabalho, e essas coisas todas. Íamos eu e outras professoras que iam junto também. Não lembro mais quem era. Sempre tinha umas três ou quatro que iam junto. Elas tinham carro, íamos e rachávamos as despesas. Às vezes, íamos e voltávamos; outras vezes, pousávamos lá, principalmente, quando pegava todo o final de semana: sexta, sábado e domingo. Variava, conforme a época.

N: Como faziam para chegar até Jales?

J: Era balsa. Eu passava ali tarde da noite. Às vezes, voltava meia noite ou uma hora da manhã. Eu tinha medo, porque quando estava ventando, chovendo, dava medo, era perigoso.

N: Conte quando iniciou sua carreira, como foi sua relação com os alunos e com a escola?

J: No começo, bem no comecinho, quer dizer, quando eu estudava, eu era aluno, ou seja, ouvinte. Depois, eles que precisavam me ouvir. Comecei assim, mas logo eu já peguei o jeito e fui. Quando eu estava fazendo faculdade, cheguei a pegar uma licencinha em Santa Fé do Sul/SP²¹⁵. Foram quinze dias. Só serviu mais como experiência. Fui pegando domínio de sala, entendendo, tentando entender os alunos um pouquinho, o comportamento deles. Procurei ser bem humano com eles,

²¹³ Cidade localizada, aproximadamente, a 157 km de Paranaíba/MS.

²¹⁴ Cidade localizada, aproximadamente, a 120 km de Paranaíba/MS.

²¹⁵ Cidade localizada, aproximadamente, a 82 km de Paranaíba/MS.

entender o problema deles. Nunca tive problema com aluno. Meu relacionamento com eles foi sempre bom.

N: Professor, conte sobre o trabalho que exerceu na Agência de Educação.

J: Convidaram-me para trabalhar na Agência, eu topei. Tive mais experiência, aprendi como é a parte burocrática, ou seja, a parte interna, o que é uma Delegacia de Ensino. Trabalhei por dois anos, depois, voltei para a sala de aula.

A Delegacia de Ensino era repartida por setores e eu trabalhava e era responsável pela área de Ciências. Fazíamos acompanhamento nas escolas. Era em Chapadão do Sul/MS²¹⁶, Costa Rica/MS²¹⁷, Cassilândia/MS²¹⁸, Inocência/MS²¹⁹ e Aparecida do Taboado/MS²²⁰. Paranaíba era um Polo. Falavam que era inspeção, mas seria um acompanhamento, uma orientação, observar como estava funcionando a escola para orientá-los, porque íamos a Campo Grande/MS²²¹ receber orientações e informações. Tínhamos que repassar e observar como eles estavam trabalhando, para orientá-los a mudar alguma coisa ou aprimorar. Passávamos as informações, pois recebíamos bastante. Tínhamos muito curso em Campo Grande.

N: Como eram esses cursos em Campo Grande?

J: Era mais em relação ao ensino na prática. A parte burocrática era pouca. Víamos mais a prática mesmo, os procedimentos de quem estava trabalhando. Na época, era um tal de Barquinho Amarelo²²².

N: Conte sobre o Barquinho Amarelo.

J: Barquinho Amarelo foi implantado de primeira a quarta série e causou um problemão. Ao invés de ter aquela antiga cartilha Caminho Suave²²³, mudaram para

²¹⁶ Cidade localizada, aproximadamente, a 194 km de Paranaíba/MS.

²¹⁷ Cidade localizada, aproximadamente, a 264 km de Paranaíba/MS.

²¹⁸ Cidade localizada, aproximadamente, a 94 km de Paranaíba/MS.

²¹⁹ Cidade localizada, aproximadamente, a 88 km de Paranaíba/MS.

²²⁰ Cidade localizada, aproximadamente, a 53 km de Paranaíba/MS.

²²¹ Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 407 km de Paranaíba/MS.

²²² Segundo Espíndola (2010), a cartilha “O Barquinho Amarelo” não chegou a ser usada efetivamente na maioria das escolas. Em 1982, os professores de várias cidades foram atendidos, por meio de um abaixo assinado dirigido à Secretaria de Educação, pedindo o fim da obrigatoriedade da utilização da cartilha. Assim, formalmente, chegou o fim da tentativa de utilização da abordagem analítica para a alfabetização, na rede estadual do Estado de Mato Grosso do Sul. A cartilha foi escrita por Iêda Dias da Silva e publicada pela Editora Vigília Ltda.

um tal de Barquinho Amarelo. Seria o processo de Educação Infantil, Infanto-Juvenil. Chamava Barquinho Amarelo, mas ele afundou [risos].

Foi meio perdido, não sei se o plano era bom, porque não pegou. Não funcionou muito bem e os professores ficavam bem perdidos. Muitos não aplicavam o plano. Eles falavam que aplicavam, mas não aplicavam. Íamos dar uma olhada e ajudar, orientá-los. Conforme recebíamos as informações, repassávamos para eles.

N: Professor, os cursos em Campo Grande eram voltados para qual área, normalmente?

J: Era mais geral mesmo, sobre o Barquinho Amarelo. A parte de Ciências, não tinha muito, era até pouco. Mas íamos a Campo Grande, ficávamos, às vezes, uma semana inteira recebendo informações. Era novo o Barquinho Amarelo. Tínhamos que entender para passar aos colegas. Depois de dois anos, voltei para a sala de aula, preferi minha Matemática [risos].

Não lembro quanto tempo fiquei na sala, foram vários anos. Depois, fui diretor de escola por mais um período de dois anos, mas também fui diretor adjunto por seis anos na Escola Antônio [Garcia]. Foram dois mandatos, cada um com duração de três anos. Foram oito anos na direção.

N: Professor, como foi sair da sala de aula e ir para direção?

J: Eu sempre gostei de desafios e experiências novas. Foi assim com a Agência e com a direção também. Só você vivenciando, estando lá dentro para aprender. Vai vendo como é uma direção de escola e os problemas são diferentes da sala de aula porque na sala, eu mandava, coordenava a classe; e ali, ia trabalhar com colegas, professores e funcionários. Era outra postura, outro tipo de trabalho.

Tinha a parte burocrática, muita coisa. Direção tem muita coisa. Só estando lá para ver como é. A Pedagogia ajudou bastante para administrar e ver como cada ser humano é diferente, tentar amenizar os problemas e não criar mais. Agrada um, desagrada outros, nas atribuições de aula, essas coisas todas. Atendimento aos alunos também sobra muito para a gente. É uma experiência diferente. Foi diferente, mas gostei.

²²³ Foi referência em escolas públicas e particulares, entre 1948 e 2005. A cartilha, feita pela Educadora Branca Alves de Lima, chegou a alfabetizar, aproximadamente, 40 milhões de brasileiros. A cartilha foi retirada do catálogo do Ministério da Educação, em 1995.

Até que gostei um pouquinho, fui ficando como adjunto, mas preferia mesmo aula de Matemática. Era o meu forte dar aula de Matemática. Mexer com número era a minha preferência.

N: Fale dos materiais que utilizava para lecionar.

J: Material? Dependendo da matéria, eu usava. Por exemplo, mandava o aluno levar uma tampa de panela para calcularmos o diâmetro, circunferência. Usava, assim, material, quando podia. Material palpável, para eles entenderem.

Tinha um livro, não para os alunos. Passávamos na lousa. Só no final da década de 1990 que os alunos começaram a ter livro. Preparávamos aula, depois fazíamos o planejamento do que ia ser dado durante o ano, planejava e ia trabalhando com o livro, passando exemplo na lousa e exercícios de fixação para os alunos. Também passava tarefas para eles fazerem em casa e eles faziam, obedeciam muito bem, até para ir lá fora. Se não deixasse, eles não iam. Era diferente do que vemos hoje, nas escolas. Não tinha celular [risos].

Era muito diferente, de quando comecei até me aposentar. Me aposentei na sala de aula. Saí da direção e fiquei um ano e meio em sala. Percebi bem a diferença dos alunos. O celular estava sendo implantado, as “mensagenzinhas” dos alunos. Achei que os alunos já estavam um pouquinho mais rebeldes que no começo.

N: O que o senhor considera ser um bom professor de Matemática?

J: Bom professor? Bom, lógico que é o domínio do conteúdo, tem que ter para ser professor de Matemática. Tem que ter o domínio e se colocar um pouquinho no lugar do aluno, percebendo a dificuldade que ele tem.

Quando eu era aluno, também tinha dificuldade, não entendia tudo. Se o aluno está lá, é porque ele não sabe e tem que aprender. Então, tem que pensar no aluno. Pensava até em mim, quando era estudante. As dificuldades que eles têm são normais. Uns possuem mais facilidade e outros tem menos facilidade em Matemática. Tem que ir conciliando, da melhor maneira possível, para eles irem entendendo; facilitando, para eles irem assimilando.

Bom professor é ter o domínio do conteúdo e se colocar um pouquinho no lugar do aluno. Quando eu era estudante, o professor explicava matéria, na hora, não captava cem por cento. O aluno também não ia captar cem por cento. Tem que

saber que ele está ali porque não sabe ainda a matéria. Se soubesse, não estava ali. Então, eu me colocava um pouquinho no lugar deles, porque na sala de aula tem uma classe com 40 alunos, igual tinha antigamente. Tem 40 realidades ali: uns com problemas de uma coisa, outros de outra, ou de emprego, familiar, ou de namorado, sei lá. Algum problema é normal, numa sala com 40 alunos. Ter 40 realidades, 40 lares diferentes um do outro.

N: Fale de quando veio residir em Paranaíba. Havia uma quantidade razoável de professores?

J: Tinha, mas não muito. Interessante que, em 1976, foi o ano em que criaram a hora atividade²²⁴, pois não tinha. O professor tinha que dar 44 horas/aula, dadas mesmo e, em 1976, criou a hora atividade. O professor que tinha 44 aulas deixou 08 aulas. Com isso, ficou faltando até pouquinho professor. Então, por isso que peguei aula até mais fácil, porque cada professor da disciplina que tinha 44 aulas deixou 08. Sobrou porque passou a ter hora atividade.

N: Professores de Matemática havia muitos?

J: Não tinha muitos professores de Matemática, parece que andava em falta. Vim para cá e já peguei 44 aulas direto, na primeira atribuição. Então, estava faltando professor. Eu peguei um pouquinho de aula de Matemática e um pouquinho de aula de Ciências, para complementar as 44. Não foi só Matemática. Peguei umas aulas de Ciências também.

N: Quais disciplinas o senhor lecionou?

J: Às vezes, pegava Ciências, porque não dava para completar só com Matemática. Mas eram mais aulas de Matemática. Fora estas disciplinas, não lecionei mais nada.

N: Em relação à formação destes professores de Matemática, o senhor sabe se possuíam cursos específicos?

J: Acho que nem todos eram formados. Tinha uns que fiquei sabendo, não lembro nem o nome deles, tinha uns que parece até que tinham outros cursos e davam aula de Matemática. Tinha até Pedagogia e dava aula de Matemática, mas parece que

²²⁴ Não encontramos a Lei à qual o professor se refere.

desempenhava bem a função, se esforçava um pouquinho mais. Tinha mais dificuldade, mas depois dava conta do recado também.

N: E os outros colegas de serviço do senhor, possuíam cursos específicos para o Magistério?

J: Parece que a maioria tinha sim, a maior parte tinha. Parece-me que tinha. Nunca verifiquei isso, não, mas as atribuições já eram por área. Então, parecia que eles tinham formação, sim. Parece, não tenho certeza.

N: O senhor lembra quem eram os professores de Matemática, naquela época?

J: Lembro, inicialmente, da Yone²²⁵, o professor Inácio²²⁶, Doraci Zocall²²⁷, essa que foi para o meu lugar na Agência. Deu problema nas cordas vocais, ela foi para a Agência e eu fui para o lugar dela. Também tinha a Cleide Deroco²²⁸ e a Conceição Ralho²²⁹.

N: Professor, fale sobre os cursos que o senhor fez.

J: Sempre eram cursos bons, davam embasamento para trabalharmos. Como trabalhei na Agência, íamos e repassamos para os colegas. Os professores tinham cursos bons, nos deslocávamos a Campo Grande e lá tinham professores bem capacitados, que ministravam para nós esses cursos e transmitíamos para a turma aqui.

N: O governo subsidiava e oferecia esses cursos?

J: De vez em quando, vinha um pessoal de Campo Grande. Eles vinham sempre. O pessoal vinha dar alguns cursos de Matemática, era por área de Matemática. Sempre vinha um pessoal. Eles mais vinham do que íamos para lá, porque parece que era mais fácil.

Vinham e fazíamos esses cursos aqui, em Paranaíba mesmo. Era por área. Quando a equipe de Campo Grande chegava, nos dividiam por área e trabalhavam

²²⁵ Yone Aparecida Gomes Ishibashi atuou como professora de Matemática, na cidade de Paranaíba/MS, entre as décadas de 1970 a 1990.

²²⁶ Ignácio José da Silva atuou como professor de Matemática, na cidade de Paranaíba/MS, entre as décadas de 1940 a 1990.

²²⁷ Doraci Paula da Silva Zocall foi professora de Matemática. Atualmente, encontra-se aposentada.

²²⁸ Cleide Deroco Martins foi professora de Matemática, na cidade de Paranaíba/MS, entre as décadas de 1980 a 2000.

²²⁹ Conceição Aparecida Silva Ralio foi professora de Matemática e encontra-se aposentada.

02, 03 dias, e eu, no caso só na Matemática, geralmente, era mais que um dia, mais que um dia. Não lembro muitas coisas desses cursos, só lembro que sempre tinha.

N: Em Paranaíba, não tinha nenhum curso de formação para professor de Matemática?

J: Não tinha nada, nada. Nem em Santa Fé do Sul [SP] não tinha. Só tinha na Faculdade de Jales [SP], naquela época.

N: Aqui, na cidade, houve alguma campanha do governo para formar professores em caráter emergencial?

J: Não, não lembro se houve.

N: Conte como é lecionar essas aulas particulares?

J: Hoje, o aluno tem na mão o celularzinho. Qualquer coisinha está mandando mensaginha. Quer fazer algum cálculo, pega o celular. Para não usar a tabuada, quer fazer o cálculo no celular mesmo. Só que, quando o aluno vem na aula particular, ele também já vem um pouquinho mais interessadinho, até porque ele está pagando para ter essa aulinha. Ele está precisando ter essa nota. Quando o aluno tem interesse em aprender, ele aprende um pouco mais, com mais facilidade e, quando ele vem, tem o objetivo de aprender mesmo.

Na sala de aula, às vezes, ele vai por imposição do pai, vai para passar tempo, porque o pai obriga e, na aula particular, não. Ele já vem mesmo com o objetivo de aprender, ficando mais fácil, tranquilo.

Porque dando aula é outra realidade. São 30 ou 40 alunos, 30 realidades, 30 cabeças diferentes e a aula particular, não. Você está direcionado com um aluno só. Então, você vai trabalhando para ele. É mais fácil, bem mais fácil que uma sala de aula, bem mais tranquilo.

N: Professor, sobre o ensino da Matemática, você acredita que sofreu mudanças?

J: Ultimamente, eu nem sei como é que está o ensino da Matemática. Tem 06 ou 07 anos que me aposentei, não tive mais contato. Só com aula particular, mas os conteúdos são pequenos. Vem assim, por bimestre, mas não sei como está o ensino da Matemática. Eu não sei como está.

Eu gostava que o básico da Matemática vinha com o plano que iria trabalhar durante o ano. Era imposto pela Secretaria de Educação, que mandava aquela relação de conteúdo para trabalhar em cada série. Acostumávamos com aqueles conteúdos e trabalhávamos. Sempre procurei não correr muito com a Matemática e também não andar muito devagar, para cumprir o planejamento, sem ter que correr e nem também ficar muito parado, um meio termo. Eu tinha em mente que, de repente, é mais importante a qualidade do que quantidade, mas não podia também ficar só pensando na qualidade e esquecer a quantidade, pois tinha uma meta a cumprir, de conteúdo para ser dado, não é?

Então, dava para conciliar, tranquilo. A coordenação nos supervisionava, nos acompanhava, ajudava, estava sempre acompanhando, vendo como é que estava o nível de aprendizado dos alunos, se estava sendo satisfatório, se não. Tinha muitos coordenadores e eles acompanhavam.

N: Havia algum coordenador específico para orientar na Matemática?

J: Não. Acho que era meio geral, não era específico. Só que eles acompanhavam sempre: se estava cumprindo o planejamento, conferindo com o diário de sala de aula, com o diário de classe. Sempre nos acompanhavam, as provas de final de ano. Eles iam ver mesmo se estava cumprindo os conteúdos programados.

A coordenação fazia um acompanhamento bom. Eu acho que nas escolas deveria ter um psicólogo também para acompanhar os alunos. Acho importantíssimo. Tem muito aluno que precisa de psicólogo para acompanhar, orientar, ajudar os alunos que tinham algum trauma, sei lá. Eles vêm de casa com problemas. Isso interfere porque a cabecinha deles já vêm a mil, então, não têm tanta facilidade no aprendizado.

N: Professor, em quais séries lecionava?

J: Sempre dei aula de quinta à oitava série. Nunca lecionei no Ensino Médio. Eu era um dos primeiros a escolher e sempre tinha de quinta a oitava do Ensino Fundamental. E era assim: eu escolhia de quinta a oitava, de preferência, de sétima e oitava, minha preferência.

Quando os alunos vinham de primeira a quarta série, talvez, chegassem com dificuldades em relação ao ensino da Matemática. Eu cheguei a perceber isso,

porque antigamente não era por área o ensino de primeira a quarta série. Não sei se, hoje em dia, é.

Talvez o aluno viesse com medo de Matemática, porque se falava que a Matemática era difícil, bicho-de-sete-cabeças e o professor da antiga primeira a quarta série, talvez, tivesse dificuldade de Matemática. Hoje em dia, acho que funciona mais por área. Acho que ainda tem.

N: Tem escolas que há um acordo entre os professores e eles se dividem por área, mas, na maioria, o ensino de primeira a quarta série é ministrado pelos professores pedagogos.

J: E é uma pena, não é? Porque, às vezes, o aluno vem traumatizado, com medo da Matemática. Acha que é difícil, porque o professor é obrigado a dar Matemática, Ciências, Português, Geografia, História e tudo.

É como se eu fosse dar aula, por exemplo, de Português. Eu teria dificuldade, porque não é minha área de Matemática. Português iria achar mais difícil para dar aula. Não seria um bom profissional de Português, tenho a impressão. Acho que deveria ser por área, porque o professor da área de Matemática, ele vai ter mais facilidade em Matemática e, da parte de humanas, vai ter mais facilidade com Português e as outras matérias.

N: O senhor acredita que nós, professores de Matemática, estamos preparados para lecionar com as crianças menores?

J: Não, porque o conteúdo de primeira a quarta série é um conteúdo bem elementar, para nós, da Matemática, mas para o aluno não é. Tanto, que falei que não gosto de dar aula nem na quinta série. O conteúdo da quinta é praticamente o mesmo da quarta série. Prefiro mais a parte de álgebra, trigonometria. Essa parte eu gosto mais e, então, para eu dar aula, por exemplo, para uma segunda série do primário, terceiro ano, hoje, eu tenho um pouquinho de dificuldade, até porque é outro linguajar, é outro conteúdo. Tem uma didática mais específica de primeiro até o quinto ano. Acho que a didática é diferente, o conteúdo é bem diferente. Para nós, é bem elementar, não é?

É diferente o tipo de cálculo, de conteúdo e o nível de aprendizado do aluno, um aluno de sete anos para um de dezessete. No começo, ele não sabe nada de Matemática. Quem tem dezessete anos, já entendeu mais um pouquinho e você

pode aprofundar mais, dá para trabalhar esse aluno. De primeira a quarta série, a didática tem que ser mais compatível com ele, não é?

N: Quando fez a habilitação em Matemática, o senhor se sentiu preparado para lecionar?

J: Mais ou menos, porque numa faculdade, você está como aluno e depois vai ser professor. Então, há diferença entre muitas coisas. Você vai aprender mesmo é dando aula. Acaba aprendendo mesmo é trabalhando. A faculdade te oferece, talvez, uma coisa mais ampla. Por exemplo, aprendi matéria para trabalhar no Segundo Grau completo²³⁰. Nunca trabalhei no Segundo Grau porque comecei dando aula de quinta a oitava e fui me familiarizando com esse conteúdo. No final, quase nem precisava de livro e as matérias de Colegial: Matrizes, Cálculo Diferencial e Integral, Progressão Aritmética e Geométrica, Logaritmo e aquelas coisas todas, eu ia ter que dar uma olhadinha para ir com 100% de segurança. Como me formei e comecei dando aula de quinta a oitava, o conteúdo foi ficando meio esquecido.

Quando fiz a Habilitação em Matemática, vi pouco conteúdo de quinta à oitava. Vi mais em nível de Segundo Grau, um curso mais aprofundando, Matemática mais ampla. Essas coisinhas, assim, de caso de fatoração, equação de primeiro e segundo Grau. Essas coisas eu não vi na faculdade. Só vi a parte mais profunda da Matemática. Eu tive que estudar um pouquinho para dar aula de quinta à oitava. No começo, eu procurava olhar bem para poder dominar e ir com cem por cento de segurança.

Alguma coisinha só. A parte de trigonometria teve pouco. Agora, essas coisinhas de equação de primeiro grau, sistema de equações, essas coisinhas, eu não vi. Não via regra de três simples e composta. Também não tinha essa parte e precisava trabalhar. Lembro que, quando eu estudei, aprendi.

O Ginasial, que era de quinta a oitava, lembro-me dos conteúdos, eu gostava da Matemática e acho que ficaram bem gravados, os casos de fatoração, produtos notáveis, essas coisas todas. Quando fiz o Ginasial usei esses conteúdos e fui recordando, porque na faculdade não vi essas coisinhas.

²³⁰ O professor esta se referindo ao que, atualmente, conhecemos por Ensino Médio.

N: O senhor gostaria de acrescentar alguma coisa?

J: Não, acho que não. Só isso mesmo, que gosto da área Matemática até hoje [risos]. Acho fácil Matemática, sempre achei fácil Matemática. Tinha facilidade de aprendizado, desde quando estudei e, como professor, também gostava. Me sentia até realizado, quando certos alunos que não gostavam, passavam a gostar de Matemática. Tive uns que não gostavam de Matemática e depois acabaram gostando, chegou a formar em Matemática. Eles falavam que entenderam bem comigo. De certo, outros não entenderam muito, mas não falaram nada. Só os que aprenderam os que foram bem que falam [risos].

[Neste momento, faço as devidas explicações sobre os trâmites e trabalhos que serão realizados no texto desta entrevista].

N: Professor, agradeço por ter me recebido e conversado comigo.

J: Foi um prazer.

N: Obrigada.

4.5 IGNÁCIO JOSÉ DA SILVA

O professor Ignácio foi uma indicação dos depoentes Yone, Rodolpho e Cleide. Seu nome também havia surgido em minha procura pelos arquivos. O professor Ignácio contribuiu com o magistério durante quarenta e dois anos. Nosso primeiro contato ocorreu pessoalmente, no dia 07 de agosto de 2014, quando lhe expliquei sobre a pesquisa e o professor se propôs a participar, porém no dia 02 de outubro de 2014, telefonei-lhe, não sendo possível contatá-lo. Em conversa com outras pessoas, fui informada de que o professor havia se mudado para São José do Rio Preto, no Estado de São Paulo. No dia 18 de novembro de 2014, já com seu novo número de telefone, conversei com o professor novamente e, devido a problemas pessoais, marcamos a entrevista para o início de dezembro. No dia 01 de dezembro de 2014, liguei e combinamos um encontro para o dia treze de janeiro de 2015. O lugar escolhido foi o SIMTED – Sindicato Municipal dos Trabalhadores em Educação. Nossa conversa durou 1h e 29 min.

FIGURA 06 - IGNÁCIO JOSÉ DA SILVA



Fonte: Arquivo nosso.

ENTREVISTA COM O PROFESSOR IGNÁCIO JOSÉ DA SILVA, REALIZADA NO DIA TREZE DE JANEIRO DE 2015, EM RELAÇÃO À PESQUISA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA ATUANTES EM PARANAÍBA/MS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX.

Natalia: Professor, gostaria que o senhor começasse se apresentando, falasse seu nome completo, naturalidade e data de nascimento.

Ignácio: Chamo-me Ignácio José da Silva, nasci em doze de outubro de 1927, na Fazenda Irara²³¹, município de Paranaíba/MS, propriedade do saudoso Capitão Martinho²³². Morei na fazenda desde o tempo de criança até trinta e um anos. Na fazenda, sempre de noite ia brincar de dar aulas para as crianças. Isso despertou o meu interesse pela Educação, porque esses alunos, como o Pedrinho²³³ do Hotel Santana, o Aniceto²³⁴, o irmão dele e muitos outros, e alguns filhos do próprio fazendeiro, que era o senhor Bento Macedo²³⁵, estudou comigo e tiveram bom aproveitamento para época, considerando as condições do professor. Isso me despertou o interesse pela Educação, e os políticos da época, doutor Edil²³⁶, o Zé Gonçalves²³⁷ e o próprio Bento Macedo, viram que eu tinha aptidão para a Educação. Então, pediram a minha nomeação pelo Governo do Estado, que era ainda o Estado de Mato Grosso [*Uno*].

Pediram a minha nomeação para o governador do Estado, que era o João Ponce de Arruda²³⁸. Naquela época, tudo era fácil porque faltavam professores mais qualificados. Dentro de um mês e pouco, veio a minha nomeação e eu comecei a dar aula na Fazenda Figueira²³⁹, que era de uma irmã do Bento Macedo. Comecei a lecionar na fazenda. Tinha de 31 para 32 anos. Trabalhava na fazenda do Bento Macedo, que se chamava Saltador, e depois, fui para a fazenda da irmã dele para começar a dar aula. Comecei lá, porque na fazenda do Bento Macedo a aula era de brincadeira; já na fazenda da irmã, a aula era de verdade.

²³¹ Fazenda localizada a 50 Km da área urbana de Paranaíba/MS.

²³² Capitão Martinho da Palma Oliveira.

²³³ Pedro Alves Ferreira.

²³⁴ Aniceto Alves Ferreira.

²³⁵ Bento Macedo de Jesus.

²³⁶ Edil Pereira Ferraz, advogado, nascido em 04/07/1924, falecido em 08/12/2008. Foi Deputado Estadual e Federal de Mato Grosso *Uno* e, posteriormente, de Mato Grosso, por três vezes.

²³⁷ José Gonçalves de Oliveira.

²³⁸ Foi governador do Estado de Mato Grosso *Uno*, no período de 31/01/1956 a 31/01/1961.

²³⁹ Fazenda localizada, aproximadamente, a 50 Km da área urbana de Paranaíba/MS.

N: Fale da saída do senhor da fazenda para a cidade.

I: Fiquei na Fazenda Figueira mais ou menos dois anos. Depois, voltamos para fazenda do Bento Macedo para continuar dando aula, porque a escola mudou para outra fazenda. No ano seguinte, começou em Paranaíba o Curso Ginásial²⁴⁰, porque nessa época só tinha o Primário²⁴¹.

Começando o Curso Ginásial, eu lecionava de manhã na fazenda e, à tarde, vinha de bicicleta de uma distância de mais ou menos 10 quilômetros da cidade, para estudar a quinta série. Estava com 32 anos. Foram dois anos nessa luta. Eu dando aula na fazenda, de manhã, e à tarde, vindo para a cidade. Fiz a quinta e sexta série.

Ia de bicicleta. Algumas pessoas falavam que não iria aguentar. Foram dois anos nessa luta: indo e voltando. Até que o doutor Ermírio²⁴² e o doutor Valter²⁴³ arrumaram para eu vir para o Patronato de Menor²⁴⁴, era externato e internato, e eles me transferiram e fiquei morando e lecionando ali, no Patronato. Aí descansei, aposentando a bicicleta. Foi um período difícil, mas precisava vencer.

N: Qual formação o senhor possuía quando começou a lecionar?

I: Tinha a terceira série do Ensino Fundamental, feito em uma escola da fazenda. A primeira, segunda e terceira tinha na fazenda; já a quarta série, não. Lá não podia dar o certificado, mesmo que você tivesse um pouquinho mais de conhecimento que a terceira série, não era considerado, porque não pegava o certificado. Pulei essa etapa e não peguei o certificado da quarta série. Ficou só na teoria.

Quando vim para Paranaíba, foi só para fazer o Curso de Admissão²⁴⁵, para entrar na quinta série. Passei no curso e comecei o Ginásio. Na Admissão, estudávamos quatro meses, nos preparando. Em dezembro, fazíamos a prova. Tinha Português, Matemática, História e Geografia: só essas quatro disciplinas.

²⁴⁰ Etapa de ensino que, atualmente, refere-se do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

²⁴¹ Etapa de ensino que atualmente refere-se do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

²⁴² Ermírio Leal Garcia.

²⁴³ Walter Faustino Dias.

²⁴⁴ De acordo com Veiga (2014), o Patronato de Menores de Paranaíba foi fundado no ano de 1952, mas passou a funcionar no ano de 1953, uma instituição confessional, vinculada à Ação Social Franciscana. Foi criado para atender meninos, com o intuito de colaborar com sua formação, tanto de caráter moral religioso, como de caráter profissional e físico. Essa instituição foi fechada em 1962.

²⁴⁵ Criado pelo Decreto nº 19.890, de 1931, e extinto com a promulgação da Lei nº 5.692, promulgada em 1971. A prova de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no Ensino Ginásial.

Inclusive, o professor que lecionava Português na quinta série, ia dar a prova de admissão e o mesmo acontecia com as outras matérias.

O professor não passava um aluno que não tinha condições. Ele não queria ter trabalho lá na frente, por isso os alunos tinham que estudar mesmo. Era uma beleza uma quinta série com quarenta alunos. Às vezes, tinha uns três ou quatro um pouquinho mais fracos, mas que tinham condições, não dava trabalho, porque estudavam.

Apesar de não ter feito a quarta série, não tive dificuldade porque tinha boa vontade e também já lecionava naquela época. Isso me obrigava a estudar, reforçando o pouco de conhecimento que possuía. Os professores da primeira à terceira série foram muito bons e, mesmo com as dificuldades para estudar (porque estudávamos pela manhã e, à tarde, íamos para a roça), os pais eram bem rígidos. Considerando as dificuldades, tive um bom aproveitamento.

Quando comecei a lecionar, as salas eram multisseriadas²⁴⁶, primeira e segunda série tudo junto. Não era fácil! Tinha que acudir aqui e outro ali. Poucos alunos tinham conhecimento além da segunda série. Era complicado, mas mesmo assim tiveram algum aproveitamento.

N: Conte como era a cidade de Paranaíba, quando o senhor veio morar aqui.

I: A cidade era da Rua Joaquim Murtinho até a Barão do Rio Branco. Para baixo da Barão do Rio Branco, era praticamente mato; e para cima da Joaquim Murtinho, também. A Rua Joaquim Murtinho também era chamada de rua da “Boiadeira”, porque a boiada passava ali; outros falavam Marmelada, porque para cima tinha árvores de Marmelo. A cidade era pequenininha, era tudo de terra, não tinha asfalto e nem luz elétrica.

Depois de alguns anos que Cristóvão Pereira dos Santos²⁴⁷, o saudoso Birico Chaves, ajudou na construção da praça central. Então, era uma cidade bem simples, bem simples.

²⁴⁶ Termo que se refere a duas ou mais séries em uma mesma sala de aula.

²⁴⁷ Cristóvão Pereira dos Santos.

N: Conte sobre as escolas dessa época?

I: Tinha uma escola, nas imediações onde hoje é o Banco HSBC²⁴⁸. Naquela região tinha a Escolas Reunidas²⁴⁹. Antes de frequentar essa escola, na fazenda, eu frequentei esta escola.

Morava com uma tia e madrinha, Francisca²⁵⁰, apelidada por Chica. Fui criado por ela. Minha madrinha trabalhava de doméstica na casa do seu Rubico²⁵¹. Nessa época, eu tinha uns três a quatro anos e as professoras, dona Senhorinha²⁵² e Aracilda²⁵³, sendo a primeira uma senhora bem forte e gorda, elas passavam onde eu morava e eu ia e voltava para a escola com elas, porque, naquela época, não podia andar sozinho. Parece que o povo não era acostumado com preto e se os meninos me pegassem, acho que até me matavam de bater. Isso foi antes da escola de fazenda. Na cidade, me lembro somente desta, porque foi a que frequentei.

Depois, estudei na Fazenda Ariranha²⁵⁴, com o professor Joaquim Fleury²⁵⁵, um senhor branquinho, magrinho, só que tinha uma boa altura, mais alto que eu. Fiquei lá mais ou menos uns quatro meses, estudando na escola. Depois, voltei para a companhia dos meus pais. Lá, estudei com a professora Alcita Martins²⁵⁶.

Na mesma fazenda, estudei com Sr. Aurélio Prestes²⁵⁷. Ele falava que era irmão do Luís Carlos Prestes²⁵⁸. Ele era militar, mostrava foto fardado. Quando houve uma revolta em 1932 e a turma dele perdeu, ele teve que sumir, senão os adversários o matavam. Acredito que estava falando a verdade porque mostrava fotos dele fardado. Então, naquela época, era quase um milagre termos um

²⁴⁸ O HSBC pode ser traduzido para “Corporação Bancária de Hong Kong e Xangai”. É um banco sediado em Londres, que faz parte do Grupo HSBC. O HSBC Bank Brasil opera no Brasil desde 1997, substituindo o antigo Banco Bamerindus. Tem sede em Curitiba/PR.

²⁴⁹ De acordo com Bertoletti (2011), a Escola Reunida de Paranahyba foi transformada pelo Decreto. 199, de 05 de maio de 1945, no primeiro Grupo Escolar José Garcia Leal, e sua instalação ocorreu em 1º de junho de 1945.

²⁵⁰ Francisca da Silva.

²⁵¹ Rubens Alves de Freitas.

²⁵² Senhorinha do Nascimento é professora alfabetizadora aposentada.

²⁵³ Aracilda Cícero Corrêa da Costa.

²⁵⁴ Fazenda localizada, aproximadamente, a 25 km da área urbana de Paraíba/MS.

²⁵⁵ Joaquim Salles Fleury.

²⁵⁶ Alcita Martins Paiva era professora leiga.

²⁵⁷ Aurélio Prestes.

²⁵⁸ Luís Carlos Prestes foi comandante da revolucionária marcha, a Coluna Prestes, também foi líder do Partido Comunista Brasileiro (PCB) por mais de 50 anos. Prestes foi uma das pessoas mais perseguidas na América Latina no século XX. Fonte: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/klick/0,5387,1881-biografia-9,00.jhtm>>. Acesso em: 03 de março de 2016.

professor como ele, em uma fazenda. Parece que nesse período me despertou mais o interesse pela área de Exatas, porque aprendi, fui além do nível da quinta série.

Terminado este período de aula com o professor Aurélio, fui trabalhar na fazenda do seu Bento Macedo. Tinha dez anos e saí de lá com 31. Fiquei um bom tempo lá, mas tive a sorte de que, além de patrão, ele era amigo dos políticos e me encaminhou para trabalhar como professor do Estado. Foi quando comecei a brincar com os garotos de dar aula e depois parti para o Estado.

Cursei a primeira e segunda série ginásial morando na fazenda e depois vim para o Patronato dos Menores, terminando a terceira e quarta série. Naquela época, falava da primeira até a quarta série ginásial. Não é igual hoje, que vai seguindo na sequência, até a oitava série. A quinta série correspondia à primeira série ginásial e, assim, ia até a quarta série ginásial, que seria a oitava série [nono ano atual]. Nesse período, lecionava no Patronato e no Colégio Batista²⁵⁹, que tinha de primeira à quarta série²⁶⁰. Eu lecionava nos dois lugares.

Queria continuar a estudar e na cidade tinha o Normal²⁶¹ e o Técnico de Contabilidade. Nenhum dos dois era o que gostaria de fazer, mas não tinha outra opção. Só existiam estes dois cursos em nível Médio, aqui na cidade. Eu não tinha como estudar em outra cidade, pois era grande a dificuldade financeira. Se fosse, iria acabar desistindo das aulas. Isso foi mais ou menos em meados de mil novecentos e sessenta. Na época, era difícil para estudar, precisava muita vontade e esforço. O pessoal de melhores condições financeiras iam estudar, da primeira a quarta série, fora, não ficavam aqui, na cidade.

Acabei fazendo o Curso Técnico em Contabilidade na Escola Batista e, quando terminei, consegui uma licença do Estado e fui para Brasília²⁶² para fazer o cursinho, só que era no meio do ano, em agosto. Aquele resto de ano fiz cursinho.

²⁵⁹ Escola criada em 1963, mantida pela Igreja Batista. Funcionou até o ano de 1999. Segundo Gaspar (2015), os colégios com ideários Batistas iniciaram, no Brasil, com a chegada dos norte-americanos, no século XIX, buscando articular o ensino científico com valores morais e cristãos.

²⁶⁰ Atualmente, corresponde ao 5º ano do Ensino Fundamental.

²⁶¹ Escola Normal de Paranaíba. O Curso Normal também ficou conhecido como Magistério de 1º grau, conferindo habilitação para Séries Iniciais do Ensino Fundamental. No ato adicional de 12 de agosto de 1834, que conferiu às Assembleias Legislativas Provinciais legislar sobre a instrução pública, cabendo às Províncias o dever de criar estabelecimentos próprios para promovê-la. Dentro dessa instrução pública, estava a formação de professores. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1825-1896/1846_Escola_Normal.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2016.

²⁶² Cidade localizada a 697 km de Paranaíba/MS.

Tentei um vestibular na Universidade de Brasília²⁶³, mas fiz mesmo para ver como era, porque não estava preparado. Encontrava-me numa turma de alunos que estavam se preparando para Engenharia. Eu, só com o curso Médio em Técnico de Contabilidade, que não dava uma base e com quatro meses de cursinho, já esperava não passar.

Depois fui para Goiânia/GO²⁶⁴, na Universidade Católica²⁶⁵. Quando não sabia, eu pedia explicação para alguns colegas que estavam lá há tempos. Estudei, fiz o vestibular e consegui passar. Quando faltava a prova de Física, minha irmã escreveu que meu pai estava doente. Recebi a carta hoje e a prova era, por exemplo, depois de amanhã.

Não sabia se ia embora ou esperava: “Como é que eu faço, espero a prova ou vou embora?”. Pensei: “Seja o que Deus quiser! Vou esperar”. Comprei a passagem, fiz a prova e vim embora. Pedi para os colegas que, quando saísse o resultado, eles me mandassem. Graças a Deus, fui aprovado e a minha nota foi uma das melhores. Fui ajudado pela redação, mesmo tentando na área de Exatas. Dizem que a minha nota de Português foi uma das melhores, por causa da redação.

Com a doença do meu pai, acabei desistindo do vestibular que fiz para o curso de Matemática. Esperei, esperei e pensei: “Como é que eu faço agora?”, pois problema de doença desequilibra.

Abandonei tudo e continuei em Paranaíba, porque esses dois anos eu estava de licença. Só que chegou um período em que tinha que retornar às aulas, ou então, pedir demissão. Meu pai doente e a minha mãe também já estava velha, não contava com uma boa saúde.

Na época, éramos dez irmãos, mas eu ganhava melhorzinho. Alguns, já casados. Pensei: “O jeito é desistir de tudo e retornar às aulas”, porque quando vim de Goiânia, algumas pessoas diziam que não poderia abandonar, mas pensei direito, se ficasse lá, até conseguir um emprego para ter condições de fazer alguma coisa pelos meus pais, poderia ser tarde demais. Se acontecesse algo, ficaria com esse peso na consciência para o resto da vida, então, vim embora.

²⁶³ A Universidade de Brasília – UNB foi inaugurada em 21 de abril de 1962, com a missão de formar cidadãos conscientes do seu papel transformador da sociedade, respeitando a ética e a valorização de identidades culturais com responsabilidade social.

²⁶⁴ Cidade localizada, aproximadamente, a 496 km de Paranaíba/MS.

²⁶⁵ A Pontifícia Universidade Católica de Goiás, desde sua fundação, em 1959, tem por objetivo acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade, adequando-se às sempre renovadas exigências.

Desisti e fiquei um ano parado. No ano seguinte, fui para Jales/SP²⁶⁶ e fiz um curso semi vago²⁶⁷, porque na época íamos na sexta, dávamos aula durante o dia e, à tarde, viajávamos para Jales, assistíamos aula, sexta à noite, sábado o dia todo até a tarde e, de noite, retornávamos a Paranaíba. Éramos: eu, a professora Luzia Brito²⁶⁸, a professora Regina²⁶⁹, a irmã dela, a professora Matilde²⁷⁰ e umas garotas de Cassilândia/MS²⁷¹, que faziam Física e iam conosco também.

Foram quatro anos nessa luta: viajando para Jales/SP, de ônibus, de carona, e ainda era balsa! Um dia, estávamos vindo embora, sem dinheiro, com fome, porque o dinheirinho era contado. Chegamos e a balsa estava saindo. Já estava mais ou menos a um metro de distância, falaram: “Pula, pula!” e eu pulei. Senão, tinha que esperar ela atravessar e voltar. Isso demorava muito. Se perdêssemos aquela, teríamos que esperar um tempão. Então, arriscamos e pulamos.

Atravessávamos com a balsa e pedíamos carona. Não era horário de ônibus. Quando estava junto com as meninas, era mais fácil. Isso, se na condução coubessem todos. Mas, às vezes que ficava sozinho, era tão difícil, porque não tinha muito jeito para pedir carona. Permanecia até encontrar uma pessoa de boa vontade que me trouxesse. Conseguimos vencer. Foram quatro anos nessa luta, mas valeu a pena. Hoje, está uma beleza! O prefeito manda levar e trazer os alunos.

Tudo isso enfrentei lecionando. Quando entrei no primeiro ano de faculdade, eu já passei a lecionar Matemática de quinta à oitava série, na Escola Wladislau²⁷²; e, no Objetivo²⁷³, deixei as aulas de primeira à quarta série.

Nessa época, o Colégio das irmãs era pequenininho. Tinha da primeira série até a oitava. Uma escola particular, o Batista, também era particular. Lecionei nas duas e em uma escola do Estado. Nesta, eu tinha dois cargos, cada um com vinte e duas horas/aula.

Quando eu iniciei, era só um cargo. Depois que entrei na faculdade, peguei a segunda cadeira e passou para quarenta e quatro aulas. Para meu segundo cargo não fiz prova, porque, na época, o governo oferecia muitos cursos de treinamento

²⁶⁶ Cidade localizada, aproximadamente, a 120 Km de Paranaíba/MS.

²⁶⁷ De acordo com Baraldi (2003), os Cursos Vagos eram realizados aos finais de semana, e contribuíram para formar professores que já se encontravam em sala de aula.

²⁶⁸ Luzia Conceição de Brito Alves, professora de Língua Portuguesa aposentada.

²⁶⁹ Regina Célia Brito, professora de Ciências aposentada.

²⁷⁰ Matilde Souza Prata, professora alfabetizadora aposentada.

²⁷¹ Cidade localizada, aproximadamente, a 94 km de Paranaíba/MS.

²⁷² Escola criada em 1957. Atualmente, chama-se Escola Estadual Wladislau Garcia Gomes.

²⁷³ Prevê-Objetivo é uma escola particular, criada em 1955.

em Campo Grande/MS²⁷⁴. Estava sempre fazendo esses cursos e, assim, consegui entrar no Estado.

N: Professor, conte dos professores, quando estudou.

I: Não tinham muitas técnicas, igual tem hoje, mas só que era um pessoal de boa vontade, levavam a sério, ensinavam mesmo, entravam na classe e trabalhavam de verdade. Por isso, tivemos um bom rendimento. As aulas eram de segunda a sábado, no período matutino e vespertino, inclusive, no período noturno.

Os professores tinham muita boa vontade. Não se via nenhum professor com pouca vontade. Parece que eles gostavam do que faziam. Dava gosto de assistir aula, naquela época. Os alunos também tinham boa vontade e disciplina. Entravam na classe para aprender o máximo que pudessem. Foi uma época muito agradável e deixou saudades. Os professores da fazenda também tinham uma disciplina que dava gosto. Quase não precisava chamar a atenção dos alunos, tinham respeito. Quando o professor entrava na classe, era aquele respeito. Muito diferente de hoje. Tenho dó dos professores.

Quando comecei, os alunos me respeitavam muito, porque tínhamos muito apoio dos pais. Se fosse alguma reclamação para eles, era chamada sua atenção duramente. Por isso, o respeito era muito grande.

N: Professor, esses professores tinham alguma formação para estarem lecionando?

I: Na época que estudei, acho que meus professores não tinham formação para docência. Quase ninguém com Curso Superior. Acho que a maioria tinha Curso Médio. O professor Aníbal²⁷⁵, que era professor de Matemática, diziam que tinha estudado para ser padre. Não sei que formação ele tinha, se era na área de Educação. O professor Schmid²⁷⁶ lecionava de primeira e segunda série, e o professor Aníbal de terceira e quarta do Ginásial.

Na Contabilidade, os professores eram quase todos bancários. Naquela época, vinha o pessoal de fora para trabalhar no Banco do Brasil²⁷⁷ e como faltava

²⁷⁴ Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 407 km de Paranaíba/MS.

²⁷⁵ Aníbal Pereira Júnior foi professor de Matemática; posteriormente, mudou-se de Paranaíba.

²⁷⁶ Rodolpho Schmid atuou como professor de Matemática e, posteriormente, foi diretor de uma Unidade Escolar, na cidade de Paranaíba/MS, entre as décadas de 1960 a 1990.

²⁷⁷ O Banco do Brasil, com seus duzentos anos de existência, foi o primeiro banco a operar no país.

professor, na época, não tinha quase ninguém qualificado. Então, eles aproveitavam esse pessoal que vinha de fora, que geralmente tinha melhor qualificação para lecionar. Na medida em que foram passando os anos, surgiram mais escolas e foi ficando mais fácil. Abriram o Normal, a Contabilidade e foi melhorando. Alguns que estudaram fora e concluíram a faculdade, voltaram, começaram a lecionar e a cidade foi crescendo. Foi um conjunto de fatores que contribuíram para melhorar a qualidade dos professores.

N: Professor, fale como foi o seu processo de aposentadoria.

I: No primeiro cargo, aposentei em 1988; no segundo, dez anos depois, em 1998.

A primeira aposentadoria foi por trinta anos de serviço; já a segunda, foi por Compulsória, porque completei setenta anos e o governo não aceitava mais que trabalhasse. Não cheguei a trabalhar os trinta anos porque completei a idade, só que nas condições e no Curso Supletivo que estava, poderia estar lecionando até hoje, porque atendíamos o aluno individualmente. Íamos para a escola, mas eu tinha a minha sala. O aluno ia lá só para tirar dúvida, chamava NAES (Núcleo Avançado de Supletivo).

Vinham apostilas de cada matéria, eram pequenininhas. O aluno levava a apostila para casa, estudava e só vinha na escola para tirar dúvida. Eu ficava à disposição do aluno. Às vezes, vinha um, ficava cinco minutos, tirava a dúvida e ia embora. A maioria do tempo, você ficava parado, contando caso na sala dos professores. Naquele curso, poderia estar lecionando até hoje, porque não sofria tanto desgaste.

Trabalhei uma boa temporada e, naquela época, a aula era de segunda a sábado. Quando comecei, não tinha muito privilégio com a direção: os piores horários, por exemplo, de sábado à noite tinha, as quatro aulas da noite. E como o sistema era rígido, você entrava numa sala de aula dez horas e os quarenta alunos estavam lá. Não iam embora porque sabiam que, no final do ano, precisavam estar preparados, porque senão reprovavam.

Acho que, às vezes, cometíamos alguma injustiça: alunos ficando por cinco décimos, era uma judiação! Hoje, é completamente diferente. Mas tinha um lado positivo, que o aluno não brincava, estudava mesmo. Hoje, mudou muito mesmo, tudo tem um lado positivo, mas também tem o negativo, não é? Porque se a coisa fica fácil demais, incentiva o aluno a estudar pouco.

O respeito também mudou muito porque deram direitos demais para o aluno. Acho que a Educação começou a fracassar quando eles tiraram o Curso de Admissão, porque ajudava muito. A professora da terceira e quarta série do Ensino Fundamental puxava o aluno, pois quanto mais alunos fossem aprovados, contava ponto para elas.

Os quatro meses de Curso Preparatório para a admissão, reforçavam todo o aprendizado de primeira à quarta série. O aluno ia para a quinta série bem mesmo. Isso ajudava, influenciava em toda a vida escolar. Ia com uma boa base. Acho que não deveria ter sido abolido esse curso, mas é aquela história: quando se falava em povo alfabetizado, o Brasil estava lá embaixo. Para melhorar os números, tiraram a prova, mas piorou a qualidade.

N: Professor, o senhor sentiu diferença em relação aos alunos, no período em que lecionou?

I: Tinha mudado bastante, ainda não era igual é hoje. Na parte disciplinar, notei que havia acontecido certa mudança. A pessoa estava dando mais trabalho. Começaram a surgir muitos direitos para os alunos. Isso tem o lado bom e o ruim também, porque nem todos os alunos conseguem respeitar os limites e, às vezes, extrapolam.

No final, estava sofrendo um pouco por conta disso, só que tive sorte porque me passaram para esse Curso Supletivo. Estava cansado. Quando fui para o curso, não sofri muito. Para mim, o Supletivo foi uma beleza, pois ia estudar quem realmente queria aprender. O aluno estudava sozinho em casa e só ia na escola para tirar as dúvidas.

N: Professor, conte do curso de Matemática que fez em Jales.

I: Foi muito bom. Eram quatro professores. Não me lembro do nome dos outros, só do professor de Cálculo, o Armando²⁷⁸. Ele era muito brincalhão, um cara forte, gordo, dava aula brincando. Todo mundo gostava das aulas dele. O professor de Álgebra era também muito bom. Entrava na classe para trabalhar. Não foi melhor porque o meu Curso Médio não foi bom, foi Técnico de Contabilidade.

²⁷⁸ Não conseguimos obter demais informações sobre o professor Armando.

Se tivesse feito um ano de cursinho, teria sido bem melhor. Só que fiz quatro meses em Brasília. Se eu tivesse feito um ano de cursinho, teria sido bem melhor, mas os professores da faculdade, para mim, foram ótimos, muito bons. Cursei a faculdade de 1971 a 1974, antes da divisão do Estado. O professor Armando era muito brincalhão. Quando eu chegava meio atrasado, ele falava: “Hoje, você custou nadar o rio”, porque era difícil depender de carona. A faculdade, em Jales, era particular. Pagávamos as mensalidades, não tínhamos ajuda em nada.

N: O senhor lembra se houve algum curso ou campanhas do governo para formar professores, aqui?

I: De vez em quando, havia treinamentos. Vinha alguém de Campo Grande ou de outra cidade para ministrar cursos na Educação. Em Campo Grande, era difícil passar um ano que não tinha curso de treinamento. Íamos sempre. O pessoal da Educação ia para lá direto, para fazer cursos. Nessa parte, o governo contribuiu bastante, ajudou muito.

N: Esses eram os cursos que o governo oferecia, para vocês, professores, na época?

I: Para os professores. Tenho vários certificados desses cursos que fiz. Na época, fazíamos bastante curso de treinamento. Durava uma semana, oito ou dez dias. Às vezes lá e outras aqui. Esses eram os cursos que tinha. Na cidade, naquela época, não tinha curso para formar professores de Matemática. Só veio ter agora, na Universidade Federal²⁷⁹.

N: Professor, fale, caso tenha existido, a relação entre Política e a Educação.

I: Era brava, era brava, desde o meu tempo de criança! No período em que eu estava começando, a Política era terrível! Quando mudava o governo, normalmente, mudavam quase todos os funcionários, porque o pessoal da época não tinha o cuidado que tem hoje de procurar qualificação e segurança.

Então, quando mudava o governo, geralmente, mudava quase tudo, não importava se era bom ou mal profissional. Para mim, por exemplo, foi uma luta.

²⁷⁹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus de Paranaíba/MS, criado em julho de 2001.

Existiam dois partidos, o PSD²⁸⁰ e UDN²⁸¹. Quando comecei, foi pelo PSD, que era do meu patrão e acompanhado pelos portugueses: doutor Edir Ferraz e José Gonçalves. O meu patrão acompanhava esse pessoal. O governador era João Pôncio de Arruda, que era do mesmo partido. Depois de quatro anos, mudou e entrou o UDN. Por sorte, o doutor Ermírio e Walter, ficaram. Eles tiveram dó de mim e intercederam a meu favor, e conseguiram me segurar, porque senão eu tinha ido para a rua. Depois que fiquei efetivo, não tinha problema, estava seguro, acabou esse negócio de perseguição. O pessoal efetivado eles não mexiam.

Tinha muita, muita perseguição. Isso prejudicava bastante, porque, às vezes, um profissional que era ótimo saía e entrava um que não era lá essas coisas. Não que fosse um profissional ruim, mas ele não tinha a mesma aptidão que o outro. A formação, todos podem ter, mas aptidão, não. Alguns têm mais facilidade para exercer aquela profissão. Isso é normal, continua até hoje. É como em qualquer profissão, todos têm o mesmo grau de formação, mas têm aqueles com mais facilidade, outros exercem com dificuldade. Isso é normal, vem de cada um.

Na época, a perseguição era muito forte. Hoje, melhorou bastante, mas não acabou. Melhorou, porque o pessoal começou a se preparar para conviver com essa situação, para se proteger contra esse tipo de coisa. Às vezes, quando acontece, é de uma forma mais suave.

N: Professor, conte do preconceito que sofreu.

I: É, foi terrível. Sofri com isso, durante o tempo que morei com minha tia. Eles não acostumavam com a gente. O preconceito sempre existiu, de uma forma ou de outra, mais ferrenho, mais disfarçado, mas sempre existiu. De cor, raça, sexo, classe, sempre existiu. Em certos momentos, mais ferrenhos e, em outros, mais disfarçados. Não deveria existir, mas sempre existiu. Falam que não existe, mas existe sim. Não deveria, mas existe. É uma bobagem! O ser humano é assim. Como vai mudar o sentimento da pessoa? Não muda. Acho que, na sua frente, a pessoa te trata de uma forma, mas se surgir uma oportunidade, te golpeia pelas costas. Infelizmente, isso sempre existiu.

²⁸⁰ Partido Socialista Brasileiro, criado em 1947, a partir da esquerda democrática, extinto em 1965.

²⁸¹ União Democrática Nacional, fundada em 7 de abril de 1945, opositora a Getúlio Vargas e de orientação conservadora, extinto pelo Governo Militar, em 1964.

N: Conte dos professores, quando fez o cursinho na UNB.

I: Só tive bons professores também, porque eu não cheguei a entrar na Universidade. Eram muito bons. O cursinho era pago, mas um colega de escola, um amigo daqui, do Wladislau, Geraldo Paiva²⁸². Eu estudava na terceira série e ele na oitava, estava bem na minha frente. Ele terminou o Ginásio, foi para Brasília e me convidou para ir para lá, para estudar, pois era melhor. Ele conseguiu intervir para eu frequentar o cursinho sem pagar. Conversou com os donos e eu consegui. Tínhamos professores muito bons.

N: E, nesse tempo que o senhor ficou afastado, o governo continuou pagando o seu salário?

I: Continuou pagando. Eu estava de Licença Remunerada²⁸³, mas só que a perseguição era forte, porque o Exator²⁸⁴ da época era o seu Azarías²⁸⁵, o doutor Péricles²⁸⁶, secretário da saúde, me dava licença e mandava para ele mandar para Cuiabá, mas ele engavetou as licenças, não mandou. Então, quer dizer, a intenção foi me prejudicar, mas acabou me beneficiando, porque não apareceram esses dois anos que eu fiquei afastado. Constam como se estivesse trabalhando. Para você ver como a perseguição era triste, terrível! Graças a Deus, melhorou. Não acabou, viu, mas melhorou bastante.

N: Conte sobre o Curso de Pós-Graduação.

I: Depois do Curso de Graduação, fiz um curso de mais ou menos um ano. Até tive algum aproveitamento, não foi perdido. Só que não consegui mudar de nível, faltavam dois meses. Algumas pessoas até falaram para eu recorrer, mas fiquei daquele jeito mesmo. O curso foi em Jales, na mesma faculdade que fiz a Graduação. Não tenho o certificado, porque no último dia do curso, deixei todo o material na cadeira e fui ao banheiro, depois tomar café. Quando voltei, havia desaparecido. Não sei se alguém pegou para brincar. No início, eu pensei isso, só que nunca mais eu vi. O material de todo o curso estava ali e desapareceu

²⁸² Geraldo Paiva, atualmente, é advogado.

²⁸³ É um período em que o funcionário pede a interrupção de seu trabalho; ocasião em que o empregado receberá sua remuneração normal, como se estivesse trabalhando.

²⁸⁴ Funcionário público que desempenha as funções de tesoureiro das rendas e valores públicos. Ainda pode ter significado jurídico de cobrador de impostos ou recebedor de rendas públicas.

²⁸⁵ Azarías Alves de Freitas.

²⁸⁶ Péricles do Amaral Brandão é médico aposentado.

misteriosamente. Desse curso, não tenho nada; dos outros, eu tenho. Os treinamentos, por exemplo, foram importantes, sempre ajudaram na disciplina e também no relacionamento professor-aluno.

N: Professor, quais disciplinas o senhor lecionou?

I: Quando eu passei a lecionar de quinta à oitava série, foi só Matemática. Tenho o registro de Desenho Geométrico e Física, que consegui quando fiz a faculdade em Jales, mas só as aulas de Matemática enchiam minha carga horária.

N: Fale dos materiais que o senhor utilizava para lecionar.

I: Nessa parte, fui um pouco descuidado. Era giz e apagador. Não utilizei muitas técnicas. Desde a época da fazenda, era só desse jeito. Não tinha conhecimento, não tinha ninguém para orientar. Quando viemos para a cidade, começamos a conviver com pessoas que tinham um melhor preparo, mas eu mesmo era um pouco descuidado. Nessa parte, nunca fui de utilizar muitos materiais. Tinha muita boa vontade. Entrava na sala, por quarenta e cinco minutos, fazia chamada, e o restante do tempo era trabalhando. Inclusive, na aula prática lá na Faculdade, foi um dos pontos negativos que eu tive. Foi a falta de material didático. O professor citou que eu tinha bom conhecimento da matéria, da disciplina, mostrava segurança, mas dois fatores que não ajudavam: um, era a voz baixa; e outro ponto, a falta de material didático.

O professor tem obrigação de falar alto. Você muda um pouquinho, mas logo esquece e volta no seu natural, pois é o normal da pessoa. É difícil você mudar quinze, vinte minutos, porque não aguenta.

N: Professor, fale de como era lecionar Matemática.

I: Olha, eu gostava muito, sentia prazer. Quando você pegava um grupo de alunos que estavam interessados, era a maior satisfação você estar explicando, discorrendo sobre a sua disciplina e observar que realmente a classe estava interessada. Eu sinto falta até hoje. Quando eu saí e fui para o Supletivo, eu sentia falta do Ensino Regular, mas para mim foi bom, pois os alunos estavam começando a tomar a rédea. Eu gostaria de continuar lá, mas com aqueles alunos da época em que comecei.

N: Professor, conte do interesse em ser professor.

I: Quando comecei a brincar com os garotos na fazenda. Depois, meu patrão conseguiu, com os companheiros políticos dele, minha nomeação para lecionar pelo Estado, inclusive com apoio financeiro, e fui convivendo com um número maior de alunos. Despertou meu interesse, inclusive, para me qualificar melhor. Quando criou o Curso Ginásial, eu pensei: "Vou me preparar melhor!", porque é muito bom lecionar. Sempre gostei da área de Exatas. Gostava.

N: O senhor sentia dificuldades em relação à Matemática, quando estudou?

I: Tive um pouco de dificuldade com o professor que era português e padre. Ele não tinha muita didática. Sabia para ele, mas para transmitir, coitado! Tinha boa vontade, mas sentíamos um pouco de dificuldade. Já com o Schmid, não precisava nem estudar. Saía da aula sabendo tudo, só dava uma olhadinha para reforçar. O Schmid marcou pela facilidade; o português, pela dificuldade; e a dona Ilmah²⁸⁷, que era professora de Português, marcou pela bondade. Era amiga dos alunos.

N: O que o senhor considera ser um bom professor de Matemática?

I: Aquele que procurava aproveitar o tempo ao máximo. Nem nós sabíamos avaliar se éramos um bom professor ou não. Na época, considerávamos um bom professor aquele que não perdia tempo. Entrava os quarenta e cinco minutos, falava, trabalhava todo o tempo. Depois que estudamos um pouquinho, adquirimos condições para realmente saber avaliar o que é um bom professor ou aquele que é mais ou menos, ou outro que deveria estar em outra área, numa outra profissão, e não na Educação.

N: O senhor gostaria de me contar algo sobre sua carreira profissional?

I: Acho que precisava descobrir uma forma para melhorar o ensino, porque dizem que nossa classificação, em relação aos nossos vizinhos da América do Sul - Argentina, Chile -, é mais baixa. Dizem que estão na nossa frente, em termos de Educação. Então, acho que precisava descobrir uma fórmula para melhorar nossa Educação, porque a Educação é a base de tudo. Um país sem Educação não vai bem. O que pode ir bem, se tudo depende dela?

²⁸⁷ Ilmah Vieira Coelho é professora de Língua Portuguesa aposentada.

No momento, não tenho nenhuma ideia formada, mas acho que é o caso de sentar, conversar, discutir, se cada um lembrar-se de alguma coisinha que pode contribuir.

Acho que, provavelmente, no mês de julho, haverá um congresso de Educação, em Nova Andradina/MS²⁸⁸. É uma oportunidade, pois os melhores Educadores vão estar lá, conversando, discutindo. É uma oportunidade para criar alguma coisa nova que possa melhorar a Educação. Eu gosto de participar de congressos. Sempre que posso, acompanho, eu gosto. Parei de enfrentar a sala de aula, mas nunca me afastei de tudo. Sempre que posso participo dos eventos.

Vou falar de uma coisa que aconteceu e foi importante. Uma criada da dona Inis²⁸⁹, uma moça, ela estudava, acho que na sétima série. Naquela época, todos os professores eram rígidos. Não passava se não soubesse. E essa menina tinha muita dificuldade com Matemática. A nota dela era zero e um, e chegou o final do ano, a menina precisava de dez. Ela estava na sétima série e, naquela época, os alunos não eram novinhos. Nessa série, tinha o Amâncio²⁹⁰ e outros moços e moças, mas tudo na faixa de dezoito anos.

Dona Ivis me procurou e disse: “A menina não pode reprovar, não pode!”. “Mas como vai fazer, dona Ivis?”. “Faz isso, no dia do exame, ela não vai. Inventa uma desculpa qualquer. Depois, dou o exame para ela sozinha, porque fica mais fácil”. “Não. Eu quero que seja bem natural”. “Mas como?”. Não teve jeito. No dia do exame de Matemática, a menina foi e: “agora, como faço?”. Fazer o quê? Tive que dar a prova, porque os outros não tinham nada a ver.

Corrigi as provas. Quando chegou a prova da menina, eu peguei e nem olhei. Coloquei o dez, não vi o que estava escrito. A menina passou e a classe toda admirou. Queriam saber como ela tinha conseguido. Era a faixa de uns quarenta alunos. Quando entrava na classe, todos ficavam me olhando, não falavam nada, mas ficavam me olhando. Oh, sofrimento! Até que encerraram as aulas para eu desaparecer.

Ninguém nunca questionou comigo. Falavam por fora, mas para mim ninguém perguntou por que a menina passou. Foi uma coisa que me marcou muito, já que o sistema era rígido e a classe conhecia a menina. Sabia que ela tirava zero e

²⁸⁸ Cidade localizada, aproximadamente, a 463 km de Paranaíba/MS.

²⁸⁹ Inis Zobgi Ferraz é professora de Português aposentada

²⁹⁰ Amâncio Pereira de Freitas é professor de Educação Física, mas que no momento se encontra readaptado.

um o ano todo, e depois tirar um dez no exame? Paguei um preço alto, sem ninguém me cobrar nada. Você sabe o que é quarenta pessoas te olhando e você saber o que eles estão te perguntando, se perguntassem? Porque você falava a verdade, não aconteceu isso, eu não sei o que ela escreveu na prova, porque não olhei. Do jeito que peguei a prova dela, coloquei junto com as outras e coloquei dez.

N: Esse acontecimento teve alguma relação com a Política?

I: De amizade. A Política, nesse caso, não interferiu. Mas só que foi uma amizade que me custou muito caro, porque não pode fazer isso. Depois, não sei o que aconteceu com essa menina. Se ela estudou particular, para adquirir conhecimento suficiente para continuar os estudos. Porque senão, ela não tinha base. Se ela não teve curso particular, ela não ia dar conta da oitava série, porque outro não ia fazer isso: passar sem saber nada. Como ela iria para o Segundo Grau sem saber nada? Não tinha como! Mas eu acredito que, depois, a dona Ivis deve ter colocado professor particular para prepará-la, para ela cursar a oitava série, senão ela não ia dar conta. Muito triste, paguei um preço muito alto.

A Educação é uma coisa muito boa. De vez em quando, você viaja e encontra um ex-aluno. Não conhecemos mais a pessoa, mas eles nos conhecem. É uma satisfação muito grande. Eles vêm: “Oi, professor!”. Muito bom! Na próxima existência, eu quero ser professor novamente. Não trocaria, porque quero começar novo, me preparar melhor. Foi difícil, por ter começado tarde. Porque a mente já não é mais a mesma com trinta e dois anos, que você tinha com oito ou dez anos.

O serviço nunca deixava com tempo disponível para estudar. Tinha que frequentar as aulas e reservar aquele tempo para o trabalho, porque era a sua subsistência. Não podia dispensar o trabalho. Não tem como e, na época, não tinha ajuda de nada, você tinha que custear tudo.

N: Professor me fale sobre o salário daquela época.

I: Acredito que, proporcionalmente, fosse melhor do que hoje, porque o pessoal era menos vaidoso, os gastos eram menores. Se fosse fazer os cálculos direitinho, em proporção, acho que, naquela época, o professor era melhor remunerado.

Hoje, está difícil. E a culpa é um pouco da gente mesmo e outra parte da culpa é do sistema do país, a administração, políticos que, infelizmente, uma grande maioria só pensa neles. Você vê essa vergonha da Petrobrás! Se conseguisse

arrecadar um décimo desse dinheiro que foi embora, quanto que é que dava para Saúde, Educação, Segurança? Pelo menos, um décimo. Não precisava de muito, mas infelizmente foi e ninguém sabe. Agora, é pedir para que o Poderoso ponha a mão nesse pessoal mais jovem, como você e outros, que poderão estar na direção dos Municípios, dos Estados e do Brasil, para ver se a coisa melhora. Vamos contar com a colaboração de vocês.

Não pode desanimar. Tem que ter sempre um fio de esperança que um dia vai melhorar. Se você desanimar, não tem porque viver. Nota-se que estão surgindo ideias novas. Existe político honesto, só que é um número muito pequeno e ele não consegue trabalhar. No meio desse grupo de corruptos, não adianta, ele não aparece. Mas com o tempo, as coisas vão mudando. Esse pequeno grupo de pessoas honestas, pessoas do bem, vai aumentando, considerando que levará décadas.

Mas um dia, esse grupo de honestos vai equilibrar. Quando ficar cinquenta por cento de um e cinquenta por cento de outro, a coisa vai melhorar bastante, porque vai haver um contrapeso. A gente torce que irá acontecer, só que vai demorar e não podemos desanimar. É um trabalho eterno. Dentro da política, é trabalhar, conversar com o pessoal mais jovem. As coisas vão mudar, a tendência é melhorar.

N: Bom, pelo menos torcemos para que isso aconteça.

I: Isso é um fato natural e vão surgindo ideias novas e vai mudando.

[Neste momento, faço as devidas explicações sobre os trâmites e trabalhos que serão realizados no texto desta entrevista].

N: Eu agradeço ao senhor pela disponibilidade de ter conversado comigo. Eu gostei muito.

I: Foi um prazer.

N: Obrigada

4.6 MARIA AUXILIADORA MALHEIROS DO AMARAL

Chegamos ao nome da professora Maria Auxiliadora (Dorinha) por sugestão de Fátima, funcionária da Escola José Garcia Leal e também por indicação dos professores Dalila, Pedro e Doraci. No dia 01/02/2016, no período vespertino, fui até a residência da professora e expliquei o objetivo de nossa pesquisa. Ela, então, decidiu gravar a entrevista no mesmo dia. Nosso diálogo teve duração de 1h 42min.

FIGURA 07 - MARIA AUXILIADORA MALHEIROS DO AMARAL



Fonte: Arquivos pessoais da professora.

ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARIA AUXILIADORA MALHEIROS DO AMARAL, REALIZADA NO DIA 1º DE FEVEREIRO DE 2016, RELACIONADA À PESQUISA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA QUE ATUAVAM EM PARANAÍBA/MS.

Natalia: Professora é comum em nossas pesquisas, pedimos que o nosso entrevistado se apresente, da forma que preferir. Então, peço que a senhora comece se apresentando.

Maria Auxiliadora: Muito bem. Meu nome é Maria Auxiliadora Malheiros do Amaral, mas quando falam Maria Auxiliadora, eu até esqueço que sou eu, porque meu apelido é Dorinha. Nasci aqui mesmo, em Paranaíba, no dia 18 de maio de 1939. Falo com muito orgulho!

N: Professora, conte como era a cidade de Paranaíba, antigamente.

M: Olha, era o que você pensar de atrasado... Adiciona mais um tanto! Tínhamos uma vida muito simples. Todas as pessoas se conheciam.

A primeira professora na cidade, que tinha um curso chamado Propedêutico²⁹¹, foi a professora Liduvina Motta Camargo²⁹². Como a admiro! Quando comecei a lecionar, ela foi minha mestra.

Tinha uma escola que se chamava Escolas Reunidas²⁹³. Eu não cheguei a estudar nela. Essa escola oferecia de primeiro a quarto ano. Naquela época, também se falava ano. Meus irmãos estudaram nessa escola, mas quando cheguei à idade escolar, fui para o José Garcia²⁹⁴. Estudei até o quarto ano lá. Graças a Deus, sempre com elogios, com boas notas, porque sempre gostei de estudar. Era minha paixão!

Meu pai não tinha condições de me mandar para estudar fora, mas eu estudava assim mesmo, porque, como eu disse, a dona Liduvina foi a primeira professora que respeitávamos, era diplomada. A dona Aracilda Cícero Corrêa da

²⁹¹ Segundo Menezes e Santos (2001), o ensino Propedêutico refere-se a uma educação iniciadora para uma especialização posterior. Sua característica consiste na preparação básica, que permita o aprofundamento em uma área de conhecimento ou estudo.

²⁹² Segundo Campestrini (2002), a professora Liduvina Motta Camargo contribuiu muito com a educação paranaibense, tanto que uma das escolas municipais herdou seu nome.

²⁹³ De acordo com Bertoletti (2013), a Escola Reunida de Paranaíba foi transformada, pelo Decreto n. 199, de 05 de maio de 1945, no primeiro Grupo Escolar José Garcia Leal, e sua instalação ocorreu em 1º de junho de 1945.

²⁹⁴ Escola criada em 1933. Atualmente, denominada Escola Estadual José Garcia Leal.

Costa²⁹⁵ também era uma professora muito boa, que eu tenho saudades imensas. Vieram de fora e ajudavam as professoras leigas²⁹⁶, porque nós tínhamos apenas até o quarto ano. Para tudo que precisávamos, recorriamos a elas.

Quando comecei a lecionar, fui para a Escola José Garcia. Eu tinha recém saído do meu quarto ano, porque fazíamos o primeiro ano A, primeiro ano B. O aluno de segundo ano saía alfabetizado e dominando as quatro operações. Eu tive aluno de quarto ano, que depois foram meus colegas na Agência, que faziam qualquer operação com números decimais, já no segundo ano.

Eu caí de paraquedas na escola, porque no mês de maio de 1954, a minha irmã casou-se e não tinha ninguém para colocar no lugar dela. A minha professora do quarto ano, a Eugênia Palma e Mello²⁹⁷, me ajudou muito. Falou para a diretora me colocar, que eu conseguia.

Fui professora de várias pessoas, como por exemplo: de José Eduardo Agi, Darci Faustino, Vanda Faustino e, hoje, eles têm muito amor por mim ainda, não se esquecem de mim. Nós éramos quase todos da mesma idade. O Darci, mesmo, era mais velho que eu. Sei que a professora Eugênia me ajudou muito e todas as leigas²⁹⁸ também.

A Escola Wladislau²⁹⁹ e o seu Ginásio, quando começou, tinha que fazer o exame de admissão³⁰⁰. E eu passei em segundo lugar neste exame de admissão, porém, eu já estava de casamento marcado e, naquela época, não tinha esse negócio de mulher casada estar saindo para ir à escola junto com menino. Então, eu me mudei para Santa Fé³⁰¹ e lá eu fiquei um ano. Perto de minha casa tinha uma escola que oferecia o Ginásio³⁰² e as alunas, durante o intervalo, vinham para a minha casa porque éramos da mesma idade.

Depois, voltei para Paranaíba e em 1960 fui convidada a retornar para a escola como professora. Eu estudava muito. Tinha a dona Liduvina que nos ajudava. Em certa ocasião, eu falei: “dona Liduvina, olha essa palavra aqui” - nunca me

²⁹⁵ Aracilda Cícero de Sá nasceu em Cuiabá e destacou-se como Emérita da Educação, em Paranaíba e, em homenagem, recebeu o nome de uma das escolas estaduais da cidade (CAMPESTRINI, 2002).

²⁹⁶ Profissional que exerce o magistério, sem possuir a habilitação mínima exigida para o cargo.

²⁹⁷ Eugênia Palma e Melo já é falecida.

²⁹⁸ Profissional que exerce o Magistério, sem possuir a habilitação mínima exigida.

²⁹⁹ Escola criada em 1957. Atualmente, chama-se Escola Estadual Wladislau Garcia Gomes.

³⁰⁰ Criado pelo Decreto nº. 19.890, de 1931, e extinto com a promulgação da Lei 5.692, em 1971. A prova de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no Ensino Ginásial.

³⁰¹ Cidade localizada, aproximadamente, a 82 km de Paranaíba/MS. Fica no Estado de SP.

³⁰² A professora está referindo-se à etapa de ensino que, atualmente, denominamos de 6º ao 9º ano.

esqueço da palavra: “altivez”. Coloquei um acento e ela disse: “Não, minha filha, isso é com z”, mas disse só para mim, na maior simplicidade. Ela não se sentia superior.

O segundo filho já vinha. Isso em 1962. Fiquei nessa escola e quando, no governo militar, durante a ditadura implantada no Brasil, o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco publicou, no Diário da União, um ato assegurando efetividade aos funcionários que tivessem cinco anos ininterruptos de trabalho e eu, como tinha mais, então, fui efetivada. Por esse ato, tive colegas que por causa de uma semana, perderam. A política era assim³⁰³.

Quando o Ginásio foi criado, vieram professores de Cuiabá. O professor Aníbal³⁰⁴ era professor de Matemática. A esposa dele era a Ana Luzia³⁰⁵, que também foi professora na mesma escola que eu. Nós éramos vizinhas e estudávamos demais, para não fazer feio frente àquelas que estavam cursando Magistério na Escola Normal de Paranaíba³⁰⁶, que depois recebeu o nome de Professora Aracilda Cícero Corrêa da Costa.

Nós somos dessa época e não queríamos fazer feio, porque as outras estavam estudando. Depois surgiu o Artigo 99³⁰⁷ do MEC, que era nada mais do que o Supletivo Ginásial. Íamos à Araçatuba/SP³⁰⁸ fazer exame de todas as matérias. Tinha gente de Paranaíba e da região. O último exame foi feito aqui em Paranaíba, porque o colégio que íamos, em Araçatuba, fechou por irregularidades. Voltamos à estaca zero. O professor Aníbal conseguiu trazer de Campo Grande/MS³⁰⁹ uma comissão para aplicar as provas, porque a esposa dele era também parte interessada.

Esses exames foram feitos em março do ano de 1988. Naquele tempo, não havia telefone. Só sei que o professor Aníbal recebeu a informação de que eu e Ana tínhamos passado, e outra colega que se chama Terezinha³¹⁰, irmã do doutor Péricles³¹¹.

³⁰³ Não conseguimos encontrar maiores informações sobre esta lei.

³⁰⁴ Aníbal Pereira Júnior foi professor de Matemática; posteriormente, mudou-se de Paranaíba.

³⁰⁵ Ana Luzia Gomes Pereira.

³⁰⁶ Escola Normal de Paranaíba.

³⁰⁷ A Lei nº 4.024/1961 regulamentou a Educação até 1971, quando foi reestruturada pela Lei nº 5.692 que, em seu artigo 99, concebeu aos maiores de dezesseis anos a obtenção do Curso Ginásial por meio de provas e, nas mesmas condições, permitiu a obtenção do Curso Colegial aos maiores de dezenove anos (PINTO, 2013).

³⁰⁸ Cidade localizada, aproximadamente, a 233 km de Paranaíba/MS.

³⁰⁹ Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 407 km de Paranaíba/MS.

³¹⁰ Terezinha do Amaral Brandão.

³¹¹ Doutor Péricles do Amaral Brandão.

O Francisco Neves, diretor da Escola Normal, disse para irmos à escola, porque as primeiras provas, que eram mensais, já tinham acontecido. Mas a turma de professores era tão boa, que todos deram provas para nós. As meninas falavam: “Dorinha, você não vai estudar?”; “Estudar para quê? Estudar para quê? Deixa-me descansar”. E eu consegui. Cursamos três anos.

Depois veio para cá a uma Faculdade³¹², para fazer um Curso de Férias³¹³. Os Cursos de Licenciatura eram de: Língua Portuguesa e Estudos Sociais. Tinha dia que eu chegava em casa, deitava de bruços e chorava. Meu marido dizia para eu largar, mas gostava e queria atingir o meu objetivo. Quando ele falava “larga”, eu levantava depressa, ia para o banheiro, tomava banho, almoçava e arrumava o material. Eram dez aulas diárias e de noite tinha que fazer os trabalhos. Muito pesado! Dessa época, me lembro do doutor Ramez Tebet³¹⁴, que veio de Três Lagoas³¹⁵, recém-operado, para dar aula no curso. Sempre que me encontrava, falava: “Olha a minha aluninha!”.

Daí surgiu à complementação em Pedagogia, em Pereira Barreto/SP³¹⁶. Eu agitei a turma, porque tem gente egoísta que quer só o que é bom para o seu grupinho. Eu pensei: “O que, quero para mim, quero para os outros!”. Só sei que, no fim, nosso grupo era de vinte e três pessoas.

Depois, fui para Andradina/SP³¹⁷, complementei em História, porque Estudos Sociais são História e Geografia. Hoje, não tem mais Educação Moral e Cívica ou OSPB³¹⁸, mas englobava tudo. Cursei em Andradina/SP. Ia toda sexta-feira, depois do almoço, e voltava sábado à noite. Ficamos um ano e meio fazendo essa complementação. Depois, viemos para Jales³¹⁹, porque foi criado o Curso de Geografia.

³¹² Universidade Federal de Mato Grosso criada no ano de 1970 pela fusão do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá com a Faculdade Federal de Direito de Cuiabá.

³¹³ Este tipo de curso funcionava no período das férias escolares, para que o professor, em exercício, pudesse cursá-lo.

³¹⁴ Ramez Tebet foi advogado e político. Exerceu o mandato de prefeito e Secretário de Justiça de Três Lagoas. Foi vice-governador, governador e senador da República, por Mato Grosso do Sul. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/RamezTeb.html>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

³¹⁵ Cidade localizada, aproximadamente, a 177 km de Paranaíba/MS.

³¹⁶ Cidade localizada, aproximadamente, a 157 km de Paranaíba/MS.

³¹⁷ Cidade localizada, aproximadamente, a 186 km de Paranaíba/MS.

³¹⁸ OSPB - Organização Social e Política do Brasil.

³¹⁹ Cidade localizada, aproximadamente, a 120 Km de Paranaíba/MS.

Sempre aquela turma, a Dalila³²⁰, do Eurípedes Vilela. Ela tem muita coisa para contar também, porque o trabalho dela foi maravilhoso. Então, respiramos aliviada. Começou a mudar a cara da Educação de Paranaíba, porque Cuiabá³²¹ era muito longe. A Secretaria de Educação mandava uma folha com os conteúdos programáticos, mas não pedia para fazer um planejamento, nada disso. Você ia seguindo aquela listagem.

O livro que usávamos de terceira ou quarta série era da Débora, mas não me lembro do sobrenome. Era de São Paulo³²². Então, a Geografia vinha “Geografia e História de São Paulo”, mas eu falava: “Isso não é possível! Nós estamos em Mato Grosso”. Então, escrevi para a Secretaria. Nós não sabíamos nem quem tinha fundado Cuiabá.

Em 1976, a Agência Regional de Educação - MT reuniu-se com os professores, informando que o Estado estaria prestes a se dividir e nós precisávamos implantar o Serviço de Supervisão Escolar. A agente mandou chamar eu e a Dalila em seu gabinete: “Olha, vocês vão ter que ir para Corumbá, para fazer o Curso de Supervisão Escolar” (A Dalila gostava muito de fazer, mas não gostava de falar e eu era mais faladeira), e continuou: “Vocês vão. Tem bolsa”. Nós estávamos terminando o Curso de Pedagogia, porque a supervisão, a coordenação, administração escolar fazem parte da Complementação Pedagógica. Conversamos na faculdade e eles disseram que depois nós terminaríamos. Fomos para Corumbá. Que martírio! Quanto mosquito! Deus do céu!

Ficamos lá trinta dias. Pedagogos do Mato Grosso inteiro: éramos 60 professoras. Ficávamos no hotel e o ônibus nos pegava para irmos ao local do curso. Nesse mês, não tínhamos como nos comunicar com a família, pois não tinha telefone, carta não chegava. Ainda bem que meu irmão era gerente de banco em Cuiabá. Eu telefonava para o Banco Real e ele passava rádio, aqui para o Banco Real, que é o Santander, hoje, para dizer à minha família que estava tudo bem.

Tiraram-nos da escola, passamos para a Delegacia de Ensino. Foi uma época de muito progresso, eu acho que para todo mundo, em especial, para as escolas.

³²⁰ Dalila Queiroz Vilela, Especialista em Educação Especial.

³²¹ Capital do Estado de Mato Grosso, localizada a 825 km de Paranaíba/MS.

³²² A professora não se recorda do nome do livro, mas diz que era um livro que englobava todas as disciplinas.

Aquele planejamento, segundo a Taxionomia de Bloom³²³ (só se falava nesse Bloom). “Esse verbo tal não pode usar aqui, porque ele é muito amplo, tem que ser um de alcance mais rápido”. Eu tinha aquilo tudo na ponta da língua. Ia para as escolas treinar o pessoal. Na Delegacia de Ensino, eu fiquei bastante tempo. A nossa delegada, Fátima³²⁴, muito competente, foi substituída pelo professor Diorande³²⁵, que era um professor de Matemática, ele é de Inocência³²⁶. Quando veio para Paranaíba, ele trouxe, também de Três Lagoas, a esposa e uma irmã, que já estavam acostumadas a trabalhar em cima de planejamento. Então, foi outra época que tiramos muito proveito. Depois do professor Diorande, veio a Aurita³²⁷. Trabalhamos bastante, nessa época. Apesar dos pesares, porque era tudo cargo político.

Depois da Aurita, veio o doutor René³²⁸, esposo da minha xará Dorinha. Também foi um período bom. Depois do doutor René, assumiu a Ana Maria³²⁹, que só fez politicagem. Foi um retrocesso, diluiu a equipe. A última agente da Agência Regional de Educação foi Nelcina³³⁰ e quando ela assumiu, eu estava na Supervisão da Escola Aracilda com a Celia Rosa³³¹, a Lenir³³² e a Wilma Grande³³³. Como todas as ações eram regidas pela política, a Nelcina falou: “Só aceito se a Maria Auxiliadora - Dorinha - e a Wilma Grande forem comigo, porque eu não entendo nada do pedagógico, eu só sei administrar”. Ela tinha sido diretora de escola por muito tempo. E prosseguiu: “Como a Dorinha gosta do Pedagógico e a Wilma gosta da Administração, a Agência estará bem servida”.

A Maria Eugênia³³⁴ foi para o Financeiro. Todos os setores tinham um entrosamento muito bom e, quando há entrosamento, o trabalho tem outro caminhar. Por exemplo, íamos para Costa Rica³³⁵ em uma *van*, levando os funcionários do

³²³ Taxionomia de Bloom (livro que orientava o uso de verbos no planejamento escolar).

³²⁴ Fátima Cançado, atualmente encontra-se aposentada.

³²⁵ Diorande Garcia Leal, delegado de ensino, professor de Matemática aposentado.

³²⁶ Cidade localizada, aproximadamente, a 88 km de Paranaíba/MS.

³²⁷ Aurita Ferraz Agi, professora de Matemática aposentada.

³²⁸ René França Machado, dentista.

³²⁹ Ana Maria de Jesus Ribeiro foi delegada de ensino e lecionou a disciplina de Matemática.

³³⁰ Nelcina Pimenta de Mello, professora aposentada e Agente de Educação de Paranaíba.

³³¹ Célia Rosa Barreto Aguiar, Especialista de Educação e aposentado.

³³² Lenir Souza Schmid é professora aposentada.

³³³ Maria Wilma Grande da Silva, Especialista de Educação e aposentado.

³³⁴ Maria Eugênia Alves de Assis, atualmente, é Secretária de Educação do município de Paranaíba/MS.

³³⁵ Cidade localizada, aproximadamente, a 264 km de Paranaíba/MS.

setor de Educação, do setor de Administração, do setor Financeiro. Era um trabalho bastante harmonioso e profícuo.

Quando chegávamos aos lugares, os diretores ofereciam o jantar para nós, na própria escola. Fomos muito bem tratados, graças a Deus! De vez em quando, eu encontro alguém: “Você não é a Dorinha?”; “Sou. De cabeça branca, mas sou”.

Tivemos um trabalho muito bom, também, com a Pré-Escola. Quem iniciou foi o Pedrinho³³⁶. Íamos para Campo Grande participar dos treinamentos e ele sempre se destacava. O Pedrinho é um artista, que nem a Dorva³³⁷. Tudo que faz, vira arte. Ele foi convidado para dar cursos para outros municípios que estavam lá participando. Quando chegávamos de Campo Grande, repassávamos os cursos.

Quando o Pedrinho assumia os trabalhos, ele dava show. O Núcleo de Educação tinha dezenove pessoas. Ele motivava a todas e cada uma emprestava sua habilidade para ficar bonito, ficar bom, ficar chique. Ele gosta das coisas apresentáveis. Então, o Pedrinho fez bonito, trabalhou muito. Foi uma fase maravilhosa para todos da Agência Regional de Educação. De primeira e segunda séries, o setor tinha a Lenir do Schmid e a Célia Rosa Baldonira Aguiar fazendo um belo trabalho, foi quando a agente Ana Maria nos mandou embora.

No contato com as escolas, verificávamos nota, provas e fazíamos o supervisor assumir o seu papel. Hoje, eu fico doente com o trabalho da Dorva. Você vê esse Projeto do Zé do Livro que ela fez, sem auxílio da supervisão. Algo que até me emocionei, ajudava tudo no que ela estava fazendo, colocava os meninos todos para dar palpite: “Dorva, mas e a supervisão?”; “É, só olha e fala que está bonito”.

Íamos visitar as escolas. Implantamos o Serviço de Supervisão com reuniões mensais, por exemplo, tinha a Venina³³⁸, a Eni³³⁹, lá no Manoel³⁴⁰. Então, é assim: vai ser no Manoel Garcia, a reunião. Elas me mandavam já o tema que iam trabalhar com os supervisores. Se os diretores quisessem, participavam e nós, da Agência, juntos. A Eni, por exemplo, estava com problema com aluno. Não tinha psicólogo. Então, nós tínhamos um momento para essa troca de experiências. Primeiro, estudávamos o tema proposto; depois, deixávamos espaço para essa troca de experiência. Achava esse momento muito bonito, enriquecedor.

³³⁶ Pedro Braz é professor aposentado.

³³⁷ Dorvalina Dionízia de Oliveira, pedagoga em exercício.

³³⁸ Venina Queros Arantes, Especialista de Educação aposentada.

³³⁹ Eni das Graças Ribeiro, Especialista de Educação aposentada.

³⁴⁰ Criada em 1978, denominada, atualmente, Escola Estadual Manoel Garcia Leal.

Até elas traziam os planos da escola para vermos. A Eni falava: “Dorinha, vai descansar ou me vende esses seus óculos”, porque meu marido era tipógrafo, então, na tipografia, quando você corrige uma redação, você não lê palavras, você lê letras. Elas, às vezes, suprimiam letras e eu corrigia: “Lá vem a Dorinha com esses óculos dela”. Falava que qualquer pessoa erra, ela errou, mas se é o professor, ninguém fala que a gente é boazinha, que estuda e trabalha, que quer ver o progresso dos seus alunos, mas para enxovalhar há muitos. Falava para elas: “Antes de chegar na escola, vocês rezam, pedem proteção, porque escola é o lugar mais carregado de maus pensamentos”. Se uma mãe acha que você está fazendo certo, dez, vinte acham que não. Então, eu falava: “Cuidem da parte espiritual também”.

Implantaram um projeto em todo o Estado: “Barquinho Amarelo”³⁴¹. Estávamos acostumados com o método, de repente, muda, sem prévio treinamento aos professores. Isto tinha que ser implantado em uma escola, para ser trabalhado só ali para ver o resultado, para depois expandir-se, mas não. A Secretaria Estadual de Educação achou que esse Barquinho Amarelo seria a solução e foi ao contrário. Pura perda de tempo!

Em uma reunião dos professores, eu falei: “Vocês sentem-se seguras? As crianças estão bem? Olha se as crianças estão bem, estão aprendendo?”. A resposta unânime foi não. Foi onde eu assumi: larga esse Barquinho Amarelo para lá, porque não adiantava eles fazerem o planejamento bonitinho, mas não conseguiam aplicar. Estavam inseguras na aplicação e aí vai perder o ano inteirinho? Liberei geral, sem medo de errar, porque o grupo de alfabetizadores era conhecido e responsável. No final, deu tudo certo.

A área de Matemática, por exemplo, também era muito boa, porque os coordenadores que tínhamos iam também às visitas, apresentava-os ao diretor e supervisores: “Qual é a dificuldade de seus professores? Estamos aqui para auxiliá-los em suas necessidades. A equipe técnica é formada por professores experientes”.

³⁴¹ Segundo Espíndola (2010), a cartilha “O Barquinho Amarelo” não chegou a ser usada efetivamente na maioria das escolas. Em 1982, os professores de várias cidades foram atendidos, por meio de um abaixo assinado dirigido à Secretaria de Educação, pedindo o fim da obrigatoriedade da utilização da cartilha. Assim, formalmente, chegou o fim da tentativa de utilização da abordagem analítica para a alfabetização, na rede estadual do Estado de Mato Grosso do Sul. A cartilha foi escrita por Iêda Dias da Silva e publicada pela Editora Vigília Ltda.

A cidade de Costa Rica³⁴² era muito longe. Eles adoravam, sugavam tudo da gente. Nós éramos muito bem recebidos.

Ciências era o Samir³⁴³. Íamos também a Campo Grande, inclusive, participamos da elaboração de um manual que se tratava de meio ambiente. Fomos em turma de professores e supervisores para Campo Grande, para auxiliar na elaboração (nas escolas mais antigas devem encontrar algum exemplar). Dos participantes constam o meu nome, o nome da Maria Divina³⁴⁴, que é minha cunhada e era coordenadora também, da Dalila Queiroz Vilela e de outra, que eu não lembro quem, mas foi muita gente de todo o Estado que participou. Elaborávamos o texto de acordo com as gravuras (fotos) de todo o meio ambiente, em especial, do Ecossistema Pantaneiro. Muito me orgulho de ter participado desse trabalho. Veio enriquecer as humildes bibliotecas existentes nas escolas, principalmente no que tange à riqueza do Pantanal.

Outra coisa que eu achei muito importante foi um curso antidrogas. Trouxemos para Paranaíba, por várias vezes, uma técnica no assunto, que pertencia ao Comitê Antidrogas do Ministério da Saúde. Unimos Ciências e Português. Foi um encontro maravilhoso com todos os professores dessas disciplinas da nossa região, a trouxemos aqui duas vezes. Também participamos em Campo Grande, onde levei doze pessoas. Além de formarmos uma equipe de professores. Participaram o pastor Felipe³⁴⁵ (adoro ele!), O Álvaro³⁴⁶, Conselheiro Tutelar e membro da Igreja Batista. Nos reunimos com todos os professores, diretores e supervisores de cada escola, mas muita gente teve medo de enfrentar, por exemplo, as escolas de periferia, onde há muitos usuários. Os professores ficaram com receio de falar sobre isso, apesar de contarmos com a ajuda da Polícia e do Ministério Público. Então, esse projeto morreu por causa disso.

Fomos convidados pelo Ministério Público, o doutor Berteli³⁴⁷, o juiz, e foi fundado o Conselho Antidrogas de Paranaíba. Ele era o presidente. Foi na época do prefeito Moacir Queiroz³⁴⁸ e outras autoridades. Tempos atrás, ouvi dizer que iam

³⁴² Cidade localizada, aproximadamente, a 264 km de Paranaíba/MS.

³⁴³ Samir Hadad, professor de Ciências, já aposentado.

³⁴⁴ Maria Divina Macedo Malheiros é coordenadora aposentada.

³⁴⁵ Pastor José Felipe Neto.

³⁴⁶ Pastor Álvaro de Souza.

³⁴⁷ Wilson Bertelli, atualmente, é Desembargador do Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul.

³⁴⁸ Moacir da Silveira Queiroz.

fundar o Conselho Antidrogas. Procurei a Assistência Social e informei que ele estava fundado, só estava inativo. Fiz minha obrigação.

Trouxemos a Paranaíba o professor Hidelbrando Campestrini³⁴⁹. Ele tinha lançado um livro de Português para o Segundo Grau, mas com uma abordagem fácil, gostosa. Entramos em contato com ele, que prontamente disse: “Vou”. Foi a primeira vez que ele veio a Paranaíba; depois, ele ficou freguês. Convidei alguém da Secretaria de Educação, porque tinha muitas leis que tinham modificado: “Pode aluno de seis anos se matricular? Não. Tem que completar até dezembro?”. Era aquela polêmica. Então, veio uma técnica, secretária de educação, para dirimir nossas dúvidas. Foi um encontro regional, mais ou menos 120 pessoas (entre professores, supervisores, técnicos da Agência Regional de Educação e da área administrativa).

Convidamos também duas autoras, que também lançaram uma cartilha. Elas eram de Campinas³⁵⁰. Promovemos um curso para os professores alfabetizadores, para ensiná-los a aplicá-la, porque o MEC mandava aquele manual de livros para escolhermos. O professor olhava e via se estava bonito, e não via o conteúdo porque o tempo para analisar era insuficiente. Foi um encontro muito proveitoso, muita participação, afinal, ninguém conhecia uma autora e vieram duas! Trouxemos também o autor do livro de Ciências. Ele veio para orientar como trabalhar com o livro que os professores tinham escolhido. Quem conseguia trazer esses autores para nós, era o Wagner Sávio Chaves, que morava em Campo Grande e trabalhava para uma editora. Foi uma época bem legal!

Em minha passagem pela Agência de Educação, de 1976 a 1990 (com dois anos de interrupção), dificilmente um mês que não ia a Campo Grande a serviço. Fomos a Corumbá duas vezes. A segunda vez foi com a implantação do CEFAM³⁵¹. Ficamos uma semana. Uma mosquitada que quase acabava com a gente.

A Doracina³⁵² nos ajudou muito, porque toda vida foi muito estudiosa. Então, de ombro a ombro³⁵³ com a Agência. Ela participou da implantação do CEFAM e

³⁴⁹ Hidelbrando Campestrini é autor de livros e dedica-se a estudar a História de Mato Grosso do Sul.

³⁵⁰ A professora não se recorda do nome das autoras.

³⁵¹ Segundo Caceres (2013), o CEFAM – Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério surgiu para substituir os antigos Magistérios e os Cursos Normais, com uma visão diferenciada sobre a formação educacional. O curso funcionava em período integral, com duração de 4 anos.

³⁵² Doracina Aparecida de Castro Araújo é professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Campus de Paranaíba.

³⁵³ Auxiliada, com a mesma finalidade, com vontade de acertar.

teve bons frutos. Ela veio, trabalhou muito e conseguiu, com o respaldo do Núcleo de Educação, modernizamos o curso para o Magistério.

Outro trabalho que eu tenho muito orgulho é o de deficiente auditivo e visual. A Dalila era a técnica, fez o curso e aprendeu até o alfabeto Braile³⁵⁴. Fomos uma vez trabalhar em Inocência³⁵⁵ e tinha um menininho sentado, e eu fui conversar com ele. E, quando tirou os óculos, os olhos perfurados. Perguntei a série que ele estava e ele disse que era o terceiro ano. Falei para ele que, quando terminasse o ano, ele viesse para Paranaíba, mas que antes disso eu ia falar para minha técnica na Agência vir aqui para conversar com seus pais. A Dalila foi e levou a banquinha do Braile, demonstrou para eles. Os pais mudaram-se para Paranaíba, e o menino cursou o Ensino Fundamental.

O Jurandir, meu Deus do céu! Uma vez, ele chegou na Agência: “Tia, é a senhora que está aí? Porque falaram que era a mesa da Dorinha”; “É. Sou eu, a tia Dorinha”. Então, sentou-se. Aí, eu estava acabando de tomar chá naqueles copinhos de escola: “É chá, você quer? Eu vou mandar trazer para você”; “Não, agora eu não quero, não. Obrigado. A senhora já tomou tudo?”; “Já”. Ele ficou com o copinho na mão. “Eu vou falar uma coisa para senhora. Esse copo é de plástico e ele é azul”. Falei: “Jurandir, quem te falou que este copo é azul? Pois tem de outras cores”. Tinha amarelinho, tinha marrom... Ele falou; “Não, mas este é azul. Na minha escola, também tem. Eu sei qual cor de cada um”. Você vê a percepção que aquele menino tinha!

Eu gostava de visitar as escolas. Chorava de emoção ao ver aqueles menininhos com aparelho no ouvido: “Não. Está muito alto, está muito alto, muito alto”. Ela vinha, abaixava. Certo dia colocou aquilo em mim e eu escutei o que estava acontecendo em todas as salas. Tenho certeza que só aquele que não procura, que não tem em casa o apoio da família, porque se tiver, ele vai em frente, ninguém é completamente inútil. É só procurar auxílio, informações. Esse foi um trabalho muito elogiado pela Secretaria de Educação. As técnicas adoravam vir para cá, porque chegavam, viam que o trabalho estava indo em frente, com muito amor e dedicação.

³⁵⁴ Braille é um sistema de leitura com o tato para cegos, inventado pelo francês Louis Braille. O alfabeto possui um grupo de apenas 6 pontos, formado por duas colunas com três pontos cada, este agrupamento possibilita a constituição de 63 símbolos diferentes, que servem para representar caracteres na literatura, na matemática, na informática e na música. Fonte: <<http://www.infoescola.com/portugues/braille/>>. Acesso em: 03 de mar. de 2016.

³⁵⁵ Cidade localizada, aproximadamente, a 88 km de Paranaíba/MS.

Outra professora, que foi treinada também, trabalhou uns tempos, depois casou-se e mudou daqui. Ficou outra que a Dalila treinou também para não fechar a sala. Não pense que inclusão é coisa nova. Havia já a inclusão. O Jurandir foi para uma sala com os demais alunos. Ninguém falava que ele era incapaz, todos o tratavam muito bem. Então, era a verdadeira inclusão. Ele fez até a oitava série. De vez em quando, a professora vinha, pedia para corrigir alguma coisa, porque como eu disse, não tem a visão, mas tem outros sentidos aguçados.

Eu fiquei na Agência, aposentei em 1988, mas trabalhei até 1990. A Nelcina falava: “Se você sair, eu saio”; “Nelcina, está tudo caminhando bem”. Mas depois refleti que eu estava lá só por causa da minha gratificação, que era ínfima. Estava fazendo falta em casa, resolvi parar: “Olha, estou pagando para trabalhar”. Eu fui pagar ao governo o que eu ganhei dessa gratificação. Foi tudo para pagar o imposto de renda. Assim, estava pagando para trabalhar.

Depois, em 1999, o Tita³⁵⁶ veio aqui e falou: “Dorinha, vai inaugurar a Escola Ignácio³⁵⁷ e a direção é sua”; “Tita, mas eu nunca administrei. O meu foco é Educação, é plano, é método. Não é essa parte de administração”; “Não, mas eu sei que você consegue”.

Como gosto de desafio, a primeira diretora da escola fui eu, mas fui uma diretora que estava sempre junto da supervisão. Por exemplo: a Jane Garcia Leal estava estreando. Ela falava: “Dorinha, eu não sei”; “Sabe, vamos preparar”. Sentava-me com ela, preparava e ela se sentia segura. Fazia palestra para os pais e eles se faziam presentes.

Certa vez, disse à diretora da Escola Aracilda: “Vamos fazer reunião. Arruma duas salas” e ela: “Ixi, não precisa de nenhuma. Não enche nenhuma e você está pedindo duas”. Mas eu escrevi assim: “Papai, Mamãe, Vovó, o meu responsável, você que é meu responsável, mostre que eu sou muito importante para você. Na minha escola, haverá uma reunião dia tal e contamos com sua presença”. As crianças assinaram. Duas salas não deram, ela ficou assim [gesticulando que havia muitas pessoas]. Foi uma reunião como ela nunca tinha visto!

Na Escola Municipal Professor Ignácio, foi a mesma coisa. Fiquei até 2006. Minha vida é essa. Gosto demais! Sempre que me convidavam para fazer palestra, eu falava: “Gente, você faz aquilo que gosta e será um bom profissional”. Se você já

³⁵⁶ Diogo Robalinho de Queiroz -Tita - atualmente é prefeito do município.

³⁵⁷ A Escola Municipal Ignácio José da Silva foi criada no ano de 1998.

vai com duas pedras na mão, já querendo entrar em conflito com as pessoas, sem conhecê-las, não vira nada. Você nunca vai ser uma boa profissional, você nunca vai ser feliz na vida.

Na minha época, por exemplo, você vê em 1961, que eu comecei a dar aulas. Antes disso, já lecionava, particular, em minha casa. Doutor Pedro Eurico³⁵⁸ foi meu aluno particular. Professor tem que medir todas as consequências. Eu digo que o professor é como uma boa mãe, que sabe ouvir. Somos psicólogos sem fazer Psicologia. Você aprende a lidar com as pessoas.

Certa vez, na Escola Aracilda, tinha uma secretária que fazia divisão entre as pessoas. Lá da minha sala, eu estava vendo a mulher com uns caderninhos na mão. Chegava um, saía e ela atendia, e eu não aguentei: “Escuta, fulana, essa moça tem muito tempo que está aqui. Já passaram três na frente dela e você não a atendeu. Agora é a vez dela. Você me dá licença!”. Você não pode discriminar. A pessoa já chega ali, envergonhada por não saber falar, de não estar bem vestida. Agora, você vai fazer uma coisa dessas!

Quando começamos a trabalhar o Ensino Religioso, foi outra briga também. Nós tivemos uma reunião, onde a irmã Otília³⁵⁹ falou que queria trazer aqui uma pessoa para dar um treinamento, porque a lei deixava claro que não era para ferir suscetibilidades. Era para trabalhar o Cristianismo, não era para falar em doutrina. Cada um tem a sua e você tem que respeitar. Reunimo-nos uma manhã, a convidada falou muito bem, por longas horas. Até que uma das nossas supervisoras falou: “irmã, me deixa perguntar uma coisa?”. Parecia que ela não estava prestando atenção no que a convidada estava falando: “Escuta aqui, mas, às vezes, o aluno, principalmente o evangélico, ele é muito radical”. A irmã era magrinha, estava de terno, elegante. Pôs a mão na cintura e respondeu: “Eu estou aqui há mais de duas horas falando com vocês. Que hora que eu falei de religião? Que hora eu falei que eu sou irmã de caridade? Que eu falei que eu sou Católica? Falei?”.

Um padre que a gente tinha aqui também nos ajudava muito. Convidei todas as igrejas. Pelo Espiritismo, foi a Lídia³⁶⁰. É que são várias ramificações de igreja. Falei para a turma: “Quem quiser vir, que venha”. O Felipe, como sempre conversador, pastor da Assembleia de Deus: “Então, vamos iniciar a reunião. Irmã

³⁵⁸ Pedro Eurico Salgueiro é médico ortopedista.

³⁵⁹ Irmã Otília é da Ordem de São Francisco.

³⁶⁰ Lídia Maria Garcia Gomes Tiago de Souza.

faça o favor, faça prece de abertura para nós”. Fazíamos a reunião com pauta sempre voltada para a implantação das Diretrizes do Ensino Religioso. No final, Lídia faz o encerramento. Então, cada vez eu colocava um dos presentes, sempre de credo diferente.

Uma vez, eu convidei para a reunião o padre de Cassilândia³⁶¹. Ele começou a interferir no trabalho dos professores de sua cidade. Depois, ele veio transferido para cá. Ele chegou primeiro, sentou-se e está vendo chegar a freira, o padre, os pastores, a Lídia. Eu fazia a apresentação: “Esse aqui é o padre João, de Cassilândia, veio participar hoje conosco”. Cada um apresentou-se a ele. Iniciamos a reunião distribuindo cópias das Diretrizes. Iniciamos a leitura do documento dizendo que o Ensino Religioso era Laico³⁶². Não era para falar em doutrina e, em Paranaíba, estava dando certo. O padre fez cara feia.

A primeira vez que eu e uma turma fomos à Cassilândia, ele disse que queria conversar comigo. Falou: “Olha, eu não admito o que a senhora fez comigo!”; “O que eu fiz com você?”; “Me colocando ao lado de pastores, de espíritas e não sei o quê mais! Eu não admito!”. Eu respondi bem calma: “Escuta, a religião está aqui dentro. Pelo menos, eu acho que está, porque eu sou espírita e convivo com todo mundo muito bem e muito bem mesmo!”; “É, mas eu quero te avisar que quem manda aqui em Cassilândia sou eu!”; “Você manda aqui dentro da sua paróquia! Você fala o que quer, faz o que quer, o que deve, o que pode, de certo, mas agora, na escola, a Secretaria já tem suas regulamentações, e eu já dei uma cópia para você. Então, nós vamos seguir.”; “Vamos ver, porque aqui quem manda sou eu!”; “Então, vamos ver. Porque se a professora não trabalhar de acordo com a supervisora que está orientando, que está ajudando, ela vai perder o cargo dela. Você quer isso?”. Nunca mais esse padre me olhou! Quando ele veio para Paranaíba, ele não quis criar problemas. Ficou quietinho.

³⁶¹ Padre João.

³⁶² A professora está referindo-se ao Artigo 210, da Constituição Federal, que diz que serão fixados os conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais. § 1.º O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental. (BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, Senado, 1998).

N: Professora, e na área de Matemática, que cursos a Agência oferecia?

M: De Matemática, o Ignácio trabalhou; depois, Doraci Zocall³⁶³. Aí, logo surgiu um problema, que tinha uma professora que estava ensinando uma operação errada. A supervisora veio e trouxe o problema até a Agência. A professora era uma pessoa difícil de chegar: Maria Carvalhais. Parece que ela não queria vir para cá, mas como o marido foi transferido, ela teve que vir.

O aluno tinha vindo de fora e ela colocou que estava errado. O Schmid³⁶⁴ era bom professor de Matemática e também era diretor do Wladislau. Sentamos, e o Schmid disse que realmente estava errado e, com o respaldo dele, chamamos a professora até a Agência: “Olha, nós estamos com essa prova aqui. Não é função nossa, porque aqui tem supervisão, tem diretor, mas nós apenas somos o respaldo. A mãe do menino levou essa prova até a Agência. Então, nós temos que esclarecer, porque é que está errado”. A Aurita³⁶⁵ também era boa professora de Matemática. Foi na lousa: “Não. Realmente isso aqui é assim, assim, não é assim”. Teve que provar para ela que estava errado. Ela pediu desculpas e falou que estava com muitos problemas. Pedi a ela para fazer um relatório e refazer a nota do menino.

A Doraci trabalhava bastante com a parte de Matemática, mas não era oferecendo curso mesmo. Parece que curso de Matemática só fez um, mas foi de primeiro a quinto ano. Ela atendia pessoalmente os professores. Ia às reuniões e se colocava à disposição da supervisão. Ela dizia que tinha aluno que não é bom de Matemática. Então, era preciso o professor mudar o enfoque, achar outras estratégias para que o aluno entenda. Ela trabalhou muito, principalmente tratando que os professores se preocupassem com as bases (primeiro ao quinto ano).

Só sei que trabalhei 29 anos, ganhei meu diploma de honra ao mérito, a Secretaria colocou 30 anos, férias especiais que eu não gozei (foram duas). Eu não tive coragem de tirar, porque eu pensava: “Se eu ficar seis meses sem trabalhar, não vou querer voltar”.

Voltando aos cursos que ministrávamos, como eu já disse, a supervisão escolar do município se reunia aqui toda semana, onde cada um colocava as suas dificuldades. Aí, é que surgiam, então, as necessidades. Se nós não tínhamos condições, íamos para fora. Pedia para Campo Grande que nos auxiliasse, mas

³⁶³ Doraci Paula da Silva Zocall, professora aposentada.

³⁶⁴ Rodolfo Schmid atuou como professor de Matemática e, posteriormente, foi diretor de uma unidade escolar, na cidade de Paranaíba/MS, entre as décadas de 1960 a 1980.

³⁶⁵ Aurita Ferraz Agi, professora de Matemática e ex-delegada de ensino.

sempre havia pessoas da própria Agência que tinham condições de trabalhar. Mesmo o professor que estava na sala de aula, convidávamos para “conversar” com os colegas das séries iniciais. Fazíamos, bimestralmente, o encontro de supervisores com as cidades da região. Certa vez, as supervisoras de Aparecida do Taboado³⁶⁶ ofereceram um Encontro de professores de Ciências. Elas trouxeram também pessoas de fora. Veio o mesmo autor do livro de Ciências, que eu não me recordo o nome, que já havíamos trazido em Paranaíba.

N: Então, posso falar que, na área da Matemática, quase não tinham cursos?

M: Não. Era de acordo com a necessidade, porque a Matemática é assim: mais é mais, menos é menos. Não tem tanta elaboração, tanta modificação. Hoje, vemos que é diferente, mas naquela época não era, não. Era aquele arroz com feijão mesmo. Tinha professores que faziam faculdade de Matemática. Na hora de assumir a sala, achavam que ainda não tinham condições. Lidamos com isso, também. Como dissemos anteriormente, promoviam encontros, onde os mais experientes (como professor Ignácio, professor Schmid, professora Doraci) orientavam os mais novos.

N: Quando a senhora começou a lecionar, tinham muitos professores de Matemática?

M: Professor de Matemática tem uma carga horária maior que as outras disciplinas, então, cada um pegava quarenta e quatro aulas que era o limite, e ficava ali o dia inteiro; ou cedo e de noite; de tarde ou de noite. Então, dava todas as aulas, mas não tinha, não. Era difícil, inclusive, esse professor Aníbal, que eu já retratei, ele era Português, era padre e quis vir para o Brasil, porque não era aquilo que ele queria ser e veio embora. Chegou, aí, onde acha serviço?

Lá, em Cuiabá, é fácil e ele foi para lá. Chegou e foi na Secretaria de Educação e falaram que, em Paranaíba, estava abrindo um Ginásio e não tinha professor de Matemática, sendo que o professor de Português também já tinha vindo de lá. Em quinze dias, ele pediu a dona Ana em casamento e veio embora. Ele dava Português e Matemática, inclusive, foi meu professor, quando eu fiz o Supletivo. Um professor formidável, o professor Aníbal Pereira Junior. Ele foi um

³⁶⁶ Cidade localizada, aproximadamente, a 53 km de Paranaíba/MS.

baluarte nesse Wladislau, que foi o primeiro Ginásio, aqui de Paranaíba. Ele e o Ignácio.

N: Professora, a senhora me disse que fez um curso de Graduação, durante as férias. Conte-me um pouco sobre ele.

M: Em meados de 1969, foi que apareceu isto. Até eu estava na casa da minha irmã, em Cassilândia, e meu marido foi me buscar, dizendo: “Você não quer estudar?”. Rápido, peguei a meninada e vim embora. O campus responsável era Três Lagoas, onde o vice-reitor era o padre Jair³⁶⁷, também um doce de pessoa. O curso em Paranaíba foi regional, inclusive, colegas de Aparecida [do Taboado, vieram para cá] inclusive, frei Vital. O padre também foi meu colega. O pessoal de Cassilândia, de Costa Rica... Foi muito bom!

N: Estes cursos só ocorreram esta vez ou a senhora se recorda de ter ocorrido em outras ocasiões?

M: Teve outro que foi Letras. Esse, que eu fiz, funcionou lá no Educandário³⁶⁸, e o outro, de Letras, no Ermírio³⁶⁹.

N: E ele era ministrado nas férias?

M: Era. Só nas férias. Nós tínhamos um delegado de ensino formidável, o doutor Sebastião³⁷⁰. Terminando as férias, as aulas teriam que começar imediatamente, mas ele nos dava 15 dias de descanso para nós porque estávamos todos muito cansados. Tivemos ajuda de muita gente que acreditou realmente que íamos corresponder às expectativas deles. O curso durou 03 anos - em julho e janeiro - 03 anos.

N: Curso para formar professores, antes da chegada das universidades, foram estes?

M: Sim, foram estes. Para professor de primeira a quarta série, era tudo dividido como deveria ser trabalhado, porque na época que eu comecei, aluno de segunda

³⁶⁷ Padre Jair Gonçalves.

³⁶⁸ Prevê-Objetivo, criado em 1955, com a denominação de Educandário Santa Clara, uma escola particular ainda existente em Paranaíba.

³⁶⁹ Atualmente, denominada Escola Estadual Doutor Ermírio Leal Garcia, foi criada em 1986.

³⁷⁰ Sebastião de Freitas Silveira foi advogado, professor e ex- delegado de ensino.

série fazia operações com números decimais. Cada divisão enorme! Eu me perguntava para quê aquilo. Quem faz o pequeno, faz o grande também.

Uma colega tinha uma menininha. Ela era de Aparecida do Taboado e uma vez deu um surto na escola. Quatro anos e a menina estava alfabetizada. Na época, a professora era madrinha dela. Fazia as operações e depois tirava a prova real. Na hora que ela foi outra vez mostrar para professora se estava certa aquela conta, a professora falou que não estava. Ela rasgou o caderno, ficou nervosa. A professora era pequenininha e não sabia o que fazer. A menina surtou. Mas o que é isso? É falta de conhecimento do professor. As crianças de hoje não são capazes disso. Por exemplo: o meu neto fez nove anos e está na quarta série, e não tem maturidade nenhuma, mas frequenta psicóloga. Se não tiver ajuda, surta.

Trabalhávamos muito e eu sempre dizia que o aluno não precisa encher uma folha para mostrar o que ele sabe, mas nós não tínhamos ninguém para ensinar. Quando fiz o Magistério, tive professores que não deixaram saudades, não! De vez em quando, ríamos também deles. Tem professor que chegava à porta da sala de aula e fica esperando os alunos quietarem para entrar. E eu falava mesmo, eu era da idade da professora. Mas também, nem formação ela tinha. Ela estudou Segundo Grau e já foi dar aula para nós, porque, naquela época, quase não havia professor com Curso Superior.

N: Quando a senhora começou a lecionar, tinha qual grau de escolaridade?

M: Eu tinha o quarto ano só, mas, naquele tempo, não é como hoje. Estudávamos História, Geografia, Matemática, Geometria, tudo separado. O senhor Evandro pegou a direção, naquela época, e tinha que fazer exame oral. Ele ia perguntando, mas tinha gente que não conseguia sentar cara a cara com ele. Um homem muito bonito, inteligente. O pessoal me perguntava se eu não ficava nervosa. Claro que eu ficava! Era um exame, mas eu confiava em mim. Estudava e se ele perguntasse aquilo que eu estudei, eu iria responder.

Quando me aposentei, o pessoal da Agência fez uma festa para mim, e a ex-aluna do 2º ano (1961), a Maria Rios, entregou-me o caderninho de sabatina. Está guardado nas minhas coisas. Tinha Geometria, Aritmética, tudo separado, e a classe lotada. Hoje em dia, se você colocar 25 meninos em uma sala, eles não deixam o professor dar aula. Eu tive uma quarta série com 45 alunos, mas era

estudo tipo ditadura militar (tinha horário de estudar, de recreio, de cantar etc.). Só que na despedida de final de ano, todos nós, professora e alunos, chorávamos.

Quando eu lecionava no José Garcia, sem estudo, sem didática, somente com a minha “Psicologia”, eu entrava séria e dizia: “Eu vou ser a professora de vocês este ano e meu nome é Maria Auxiliadora Malheiros do Amaral”. E escrevia bem grande na lousa e colocava: “Dorinha” embaixo, porque eu tinha uma birra quando perguntavam aos meus filhos: “Quem é sua professora?”; “Não sei”. Toda vida, fui implicada e fazia com que as minhas coordenadoras pedissem para os professores se apresentarem. Eu dizia nas reuniões com os professores: “É muito importante se apresentar para o aluno. Falar o que irá aprender/estudar na matéria, porque você já estabelece um diálogo e quebra o gelo com o aluno”.

Quando chegava o final do ano, Natalia, você precisa ver! As crianças chorando para se despedirem de mim! No início, eu ficava observando até conhecer cada um, porque você vai saber realmente quem precisa daquela atenção especial, aquele que é tímido, que é engraçadinho, você passa a conhecer. Na época do dia dos professores, ganhava tantos mimos!

Na hora de voltar para a minha casa, tinha a Alcita³⁷¹, irmã da Aurita. Ela morava perto de minha residência. Cada uma vinha com um monte de cadernos, ela me ajudava a trazer. Enquanto eu não corrigisse até o último, eu não me deitava. Corrigia tudo, porque senão, você não passa a conhecer o aluno e isso é muito importante.

Uma vez, a mãe de uma aluna falou para mim: “Dorinha, a professora da Sulaima³⁷² acha que ela tem problema na cabeça!”; “Por quê?”; “Ela não aprende divisão de jeito nenhum. Chegou na multiplicação e divisão, ela não consegue”; “Olha, mas a divisão, desmancha a multiplicação”; “Você não dá umas aulas particulares, enquanto está no começo do ano?”; “Não estou tendo tempo, mas como é para você, eu dou”.

A menina veio e eu comecei na tabuada do 2. “Estuda”. Eu passava as operações e ela fazia. Quando eu cheguei na do número quatro, ela já demorou mais, falei: “Uai, Sulaima”. Ela falou: “Essa tabuada, eu acho tão difícil, professora! Eu não sei ela”. Eu acho que encontrei o problema: “Você estuda, que amanhã eu quero tomar”. Assim foi indo. De repente, a menina estava fazendo a divisão: “Mas

³⁷¹ Alcita Ferraz de Mello, supervisora aposentada.

³⁷² Sulaima El Assim, empresária.

onde está a deficiência da Sulaima?”. Ela tinha dificuldades com a tabuada. Ela não sabia nem para contar nos dedos, não tinha noção. Com isso, nunca mais ninguém a segurou. A professora que falou que ela tinha problema mental não teve sensibilidade. Há coisas que devemos pensar e pesquisar. Falar uma coisa assim para uma mãe é horrível!

Uma vez, no Educandário, no final da segunda série, a Myrtes³⁷³, minha filha, todo dia tinha que levar um monte de material concreto (palitos, tampas, pedras etc.). Eu arrumando aquelas coisas todos os dias. Passei a tabuada para ela e falei: “Estuda!”. Era a tabuada de adição. Estuda a tabuada: “2 mais 1 são 3; 2 mais 2 são 4; dois mais 3 são 5”. Eu ensinei: “Tem 3, você coloca mais 2, quanto ficam? 5” e ela entendeu o mecanismo. Quando entrou na multiplicação, era tampa demais e eu a coloquei para “decorar a tabuada”. Era de 2, de 3... eu me sentava para corrigir caderno ou qualquer coisa, e ela estudando: “Não vai mais levar essas tampas na escola, não. Só vai usá-las em casa”.

Ela chegou: “Mãe, a professora Elizabeth³⁷⁴ disse para eu falar para a senhora que não usa mais estudar tabuada”; “Não?”. Peguei o chinelo e bati nela. Falei: “Olha, você fala para ela que sua mãe também é professora e a melhor maneira de você aprender tabuada é você estudar, porque até você juntar 8 mais 8 para dar 16, você já gravou na cabeça. Porque você tem inteligência”. Isso também a psicopedagoga ensinou para o Murilo³⁷⁵. Você fala: “Tanto mais tanto”, ele fica fazendo na cabeça. Achei muito importante. Por exemplo: ele está na terceira série. Trabalhei com ele, também, para que ele compreendesse o mecanismo, porque de cara já foi para subtração, emprestando. Pensei: “Mas ele não entendeu ainda, nem a simples e já vai nessa complexa?”. Daí, eu tive que ajudar com o material concreto.

N: Quanto tempo a senhora ficou em sala de aula, antes de ir para a Agência?

M: Eu fiquei de 1961 até 1966: 15 anos. Quando minha irmã se casou, eu continuei dois anos, mas ela que assinava, porque eu não tinha idade. Então, depois me falaram que se eu tivesse um atestado, contava para o meu tempo de serviço, mas o meu tempo estava sobrando, e não faltando.

³⁷³ Myrtes Malheiros do Amaral, também foi professora.

³⁷⁴ Elizabeth Catresquine é professora aposentada.

³⁷⁵ Murilo Malheiros do Amaral Alves.

Fiquei na Escola Aracilda, parece-me que 3 anos. Foi quando a Ana Maria nos mandou para lá e, depois, voltei para a Agência. Aposentei-me em 1988, mas eu fiquei até 1990. Quer dizer que fiquei 15 anos em sala de aula e o resto todo na Agência. Como trabalhei mais 02 anos, foi um total de 32 anos. Tirando os 17, foram 15 anos na Agência, na chefia do Núcleo de Serviço de Educação.

N: A senhora teria algum nome para me indicar, para que eu pudesse conversar?

M: Eu indico a Dalila. É a técnica que fez o trabalho com os deficientes. Ela vai falar do trabalho com a Educação Especial. E o Pedrinho Braz, porque foi muito bom mesmo o que ele realizou em benefício da Pré-Escola.

N: A senhora gostaria de acrescentar algo?

M: Eu tinha um desgosto porque meu pai tinha muito ciúmes das filhas. A minha madrinha morava em Três Lagoas. Ela falava: “Deixa, compadre, eu levar a Dorinha para ela fazer o Ginásio lá”, mas ele não admitia, não deixou. Eu tinha uma paixão com isso. Eu brincava de escola e dava aula para aquela meninada, de tanto que eu gostava. O livro de Admissão do Ginásio era muito grosso, mas eu estudava sempre.

Certa vez, no mês de outubro, eu e a Fausta³⁷⁶ fomos para Campo Grande. Nós fizemos dois cursos em trinta dias. Ficar quinze dias fora de casa é difícil. Meu marido pegou o avião e foi: “Me deixa ver se esta mulher está viva”. Dessa vez, ficamos em um hotel perto do Dom Bosco, onde era o curso. Só sei que ficamos o mês inteirinho em Campo Grande. Solicitaram que nós sugeríssemos um tema. Dessa vez, a gente pediu para que a primeira e segunda séries fossem agraciadas, dando continuidade. Na segunda etapa, eles fizeram em Três Lagoas. Daí, a Agência e alguns professores, que nós achávamos que tinham um bom rendimento para depois passar para os outros, foram fazer. Foi muito bom esse curso. Parece que foi em três etapas.

Nós tivemos um curso também que sentimos necessidade. Não é do seu tempo. Era Técnica Agrícola, Técnica Industrial, no currículo de quinta a oitava série. Daí, os professores (parece-me que eram só duas ou três escolas que tinham o

³⁷⁶ Fausta Garcia Ferreira de Freitas é supervisora aposentada.

chamado Ginásio). Então, de vez em quando, os professores reuniam para falar sobre isso: “O que estávamos trabalhando em Técnica Agrícola? Cadê a semente? As coisas para trabalharmos? Cadê isso? Cadê aquilo?”. Tinha que ensinar para os meninos.

Daí a Técnica Industrial precisa de um técnico para trabalhar. Foram os professores trabalhar a Técnica Industrial. O professor Valter Martins, ele que trabalhava com Técnica Industrial e Técnica Agrícola também. Levamos o Valter. Chegou lá o técnico que eles pagaram para dar o curso. Veio e desmontou um ferro elétrico, e depois não dava conta de montar. O Valter que montou, porque os outros também ninguém sabia. Só sei que é isso, nós vamos levando a vida com as dificuldades. Perdi um filho em um acidente e depois a mãe desse meu neto.

[Neste momento, faço as devidas explicações sobre os trâmites e trabalhos que serão realizados no texto desta entrevista].

N: Professora, eu agradeço à senhora pela disponibilidade e atenção com que conversou comigo.

M: Imagine! Eu que agradeço por ter me deixado contar essa história, que é quase um romance.

N: Obrigada!

CENA 5: “A GANGORRA POLÍTICA NO ESTADO E A CIRANDA NAS ESCOLAS”

Para ilustrar esta cena, utilizamos a imagem de uma “gangorra”. Para quem porventura possa desconhecer, a gangorra constitui-se em uma brincadeira que se realiza a dois, com ambos sentados sobre um mesmo suporte que balança sobre um eixo; enquanto um sobe, o outro desce, e este, ao tocar o chão, ganha impulso e sobe novamente. Já a ciranda, outra imagem utilizada neste movimento de análise, entre os muitos contextos em que este termo pode ser usado, trata-se de uma brincadeira de roda, de alternância de posições entre um grupo que se movimenta, gira, troca, entra e sai da roda.

No transcorrer desta pesquisa, percebemos movimentos análogos a estes relacionados à política partidária no Estado e à ocupação de cargos públicos nas escolas de Paranaíba. Este era o contexto vivenciado por nossos depoentes e, ainda por mim, autora deste trabalho.

Dialogar sobre a política partidária, neste movimento analítico, parece-nos interessante e pertinente, pois na fala de nossos depoentes percebemos a perseguição e a instabilidade na carreira relacionada a esta política. Este aspecto também foi observado por outros pesquisadores, em outros períodos e em outros lugares do Estado de Mato Grosso *uno* como, por exemplo, em Reis (2014), que esboçou compreensões sobre a formação recebida pelos docentes de Matemática para exercerem suas atividades no Ensino Primário da Escola Joaquim Murtinho, localizada na cidade de Campo Grande, nos períodos de 1931 a 1940 e de 1948 a 1974, mesmo não sendo a finalidade de seu trabalho, seus depoentes citaram a interferência de lideranças partidárias na atuação e na permanência de seus cargos no magistério, como em uma ciranda.

Both (2014) encontrou o cruzamento da política partidária com a Educação na cidade de Cuiabá, nos anos de 1960 a 1980, quando estudou a formação dos professores de Matemática. Seu objetivo também não consistia em estudar as lideranças partidárias do Estado, porém seus depoentes, da mesma forma, fizeram referência a esse aspecto, tecendo comentários sobre a hegemonia de partidos políticos e quanto a indicações e nomeações a que a Educação estava sujeita. Assim, é possível perceber que a alternância dos partidos pode ser comparada com uma gangorra.

Tanto nessas pesquisas, citadas anteriormente, como nos depoimentos de nossos interlocutores, observamos a força de dois partidos: a UDN e PSD. Amorim (2013) pesquisou a formação de um grupo de professoras do Ensino Primário, analisando seus percursos e trajetórias profissionais, durante a década de 1960, o que lhe possibilitou também conhecer e estudar as brigas partidárias existentes, já que as mesmas ocorrem desde os primórdios da criação do Estado e em Mato Grosso os partidos políticos acompanharam o restante do país, durante a política implementada por Getúlio Vargas. Segundo Amorim (2013), o chamado Estado Novo³⁷⁷ (1937-1945) proibia a criação de partidos políticos. Foi somente com a renúncia de Getúlio Vargas, em 1945, que houve a criação dos mesmos, destacando-se, em Mato Grosso, a UDN e o PSD.

Para Amorim (2013), o PSD apresentou-se como herdeiro das ideias propagadas na época do Estado Novo, ou seja, foi o responsável por dar continuidade ao poder político de Vargas. Em contrapartida, a UDN era o partido de direita, tendo a missão de representar o grupo político contrário às ideias propagadas por Getúlio Vargas. Faziam parte da composição deste partido a classe média urbana e os setores da burguesia, os quais integravam as oligarquias estaduais, que detinham o poder antes do Governo de Vargas.

Tanto a UDN quanto o PSD adotaram o estilo clientelista para atrair adesões a seu partido e, assim, permanecer no poder do, então, Estado de Mato Grosso *uno*. Segundo Amorim (2013), o estilo clientelista foi a base eleitoral adotada por Filinto Müller³⁷⁸ e Fernando Corrêa da Costa³⁷⁹. Observamos nas falas dos professores Ignácio e Rodolpho, e também da professora Maria Auxiliadora, os conflitos existentes entre tais partidos, o desejo de estar no poder, ao explicarem a perseguição que as pessoas sofriam quando um partido saía e quando outro entrava - a gangorra.

Já nos depoimentos de João Martins, Yone e Cleide, percebemos que eles não falam tão diretamente das interferências relacionadas aos partidos. A professora

³⁷⁷ Este período foi marcado por um governo autoritário, centralizando o poder e umas práticas era a nomeação de interventores para governar os estados brasileiros (AMORIM, 2013).

³⁷⁸ Filinto Strubing Müller pertencia a uma família de tradição na política mato-grossense, foi um dos fundadores do Partido Social Democrático (PSD), exerceu a função de senador no Estado de Mato Grosso. Fonte: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/filinto_muller>. Acesso em: 04 de jan. de 2016.

³⁷⁹ Fernando Corrêa da Costa, foi médico e político, elegeu-se prefeito de Campo Grande, governador e senador do estado de Mato Grosso pela União Democrática Nacional (UDN). Fonte: <<http://dinheirorural.com.br/secao/agronegocios/a-todo-poderosa>>. Acesso em: 04 de jan. de 2016.

Cleide veio de outra localidade e ingressou no magistério por meio de concurso. O mesmo ocorreu com o professor João Martins que, mesmo vindo do interior de São Paulo, conseguiu ingressar no magistério em dois períodos de aula, segundo ele, pela falta de profissionais formados. A professora Yone era natural de Paranaíba, mas acabou passando certo período no interior de São Paulo para a conclusão de seus estudos, a fim de formar-se professora de Matemática, porém ao retornar a Paranaíba, já no mês de maio, uma determinada unidade escolar ainda não tinha professor da disciplina para a qual ela tinha se habilitado, surgindo assim, a oportunidade de iniciar sua carreira docente.

O professor Ignácio fala-nos sobre o revezamento entre estes dois partidos no poder e também sobre a perseguição sofrida pelas pessoas: “Então, quando mudava o governo, geralmente, mudava quase tudo, não importava se era bom ou mau profissional. Para mim, por exemplo, foi uma luta. Existiam dois partidos, o PSD e UDN [...]” (p. 128). Assim, tornava-se uma gangorra, no que tangia ao revezamento desses partidos políticos, ou seja, quando um saía o outro entrava, o que movimentava a ciranda com a troca dos professores e profissionais da Educação, com os docentes trocando de posições, segundo a gangorra era impulsionada.

Acreditamos que a interferência política partidária na Educação ocorria porque o campo educacional não tinha a autonomia necessária para impedir a demissão de um docente, por estar ligado a algum partido, não se levando em consideração o trabalho desenvolvido pelo professor, durante o período em que esteve lecionando. Isso interferia diretamente na Educação, pois com a troca de profissionais o trabalho era interrompido, impossibilitando um trabalho a longo prazo.

Ocorriam muitas nomeações e demissões, gerando certa instabilidade entre os docentes - visto a dificuldade em planejar uma carreira contínua -, mas que também trazia algumas benesses para aqueles que caíam nas graças do partido detentor do poder, como é possível verificar na fala do professor Ignácio, quando narra: “Pediram minha nomeação para o governador do Estado, que era o João Ponce de Arruda. Naquela época, tudo era fácil porque faltavam professores mais qualificados. Dentro de um mês e pouco, veio a minha nomeação e eu comecei a dar aula na Fazenda Figueira” (p. 118).

Além da falta de formação específica para o exercício da docência, a interferência política partidária também era pano de fundo para essas nomeações.

Por vezes, o professor não estava ligado a nenhum partido político, mas por intermédio de algum parente ou mesmo por precisar trabalhar, a pessoa recorria às lideranças partidárias.

Em relação às nomeações, por serem constantes, o cargo de diretor de escola estava ligado diretamente às lideranças partidárias. Na entrevista concedida pelo professor Rodolpho Schmid (p. 51), ele nos fala sobre esse cargo: “[...] naquele tempo, diretor era política [...]”. A nomeação do diretor, por ser um cargo de apadrinhamento, fazia com que os partidos ficassem no comando das escolas, pois a contratação dos outros docentes teria que passar pelo crivo da direção, ou seja, dos partidos políticos que estavam no poder, no período. Bittar e Ferreira Júnior (1999, p. 180) asseveram no mesmo sentido: “[...] havia um certo consenso entre os docentes da época, no sentido de que a direção devia ser um cargo de exclusiva confiança do governador”. As exonerações, contratações e perseguições acabaram por marcar a alternância entre PSD e UDN.

Essas mudanças nos cargos de direção das escolas, conforme o revezamento do Governo do Estado, também foi percebida na cidade de Campo Grande. Em Campo Grande, Bittar e Ferreira Junior (1999), em seu artigo “Estudando os cem anos da Educação em Campo Grande”, apontam para este tipo de alternância ligada ao partido que estava no poder.

A insegurança vivida pelos docentes apontava para um processo contínuo de desvalorização do docente e essa instabilidade aparece na fala de nossos depoentes: o professor Ignácio conta-nos sobre o medo e a perseguição, a que os professores estavam sujeitos; o professor Rodolpho também toca nesta “ferida”, contando, inclusive, sobre sua participação em um partido e sua nomeação para o cargo de diretor, o qual ele ocupou por um determinado período; já a professora Maria Auxiliadora fala-nos que, em determinada época, perdeu seu cargo na Agência de Educação de Paranaíba, por questões políticas, ressaltando ainda, a troca de profissionais nas escolas e na própria Agência, chamando, por vezes, pessoas pouco engajadas com a causa educacional, a alternância de pessoas e posições, rodando a ciranda.

A perseguição política fez-se presente em Campo Grande, como relatado no trabalho de Bittar e Ferreira Junior (1999). Nele, o professor Luís Alexandre de Oliveira, que sofrera diretamente com a perseguição, conta que, concorrendo à Cadeira de Geografia na Escola Normal, em 1930, junto às candidatas que eram

cuiabanas e mais “alçadas politicamente”, e também por fazer parte de um grupo político que era opositor ao que estava no comando, recebeu um comunicado do governador Leônidas Matos dizendo que, mesmo que passasse no concurso, não seria nomeado professor.

Dos nossos depoentes, apenas um iniciou a carreira por meio de concurso público. Os demais iniciaram por alguma relação política partidária ou pela falta de profissionais para exercer o Magistério. Os concursos no Estado de Mato Grosso *uno* eram raros e, quando realizados, eram sob um clima de insegurança e medo, pois o próximo governante poderia não reconhecer o resultado, como ocorreu, por exemplo, em 1955. Depois de realizado um concurso, a UDN perdeu as eleições e entrou o PSD. Os professores acreditaram ter conquistado a estabilidade que tanto almejavam, porém, o governador João Ponce de Arruda (PSD), que foi empossado no dia 01 de fevereiro de 1956, em uma de suas primeiras providências, anulou o concurso (BITTAR; FERREIRA JUNIOR, 1999).

Como a perseguição era grande, a UDN, antes de sair do poder, resolveu realizar o concurso, com a intenção de efetivar os professores aprovados com o título de catedráticos, pois assim, mesmo com a saída do partido, os docentes não poderiam ser demitidos e nem transferidos. Em nossa pesquisa, o professor Ignácio relata-nos sobre a importância dos concursos e diz que, com a efetivação, a perseguição sofrida pelos professores foi sendo amenizada.

Segundo nossos depoentes, a separação do Estado foi muito importante para os docentes de Paranaíba, pois assim conseguiram sua efetivação no quadro permanente de funcionários do novo Estado de Mato Grosso do Sul. O professor Ignácio também menciona outro aspecto importante para os docentes do Estado, que foi a ocorrência mais constante de concursos.

Os reflexos das disputas partidárias na Educação são latentes em nossas entrevistas. Os professores ficavam tranquilos em seus cargos por, no máximo, quatro ou cinco anos. Era o tempo que demorava a ocorrer às eleições e o sentimento de incerteza pela troca de governo os rodeava. Quando um partido ganhava as eleições, os docentes do partido opositor eram demitidos. O professor Ignácio sofreu com esta insegurança, pois, quando começou a lecionar, determinado partido estava no poder, mas depois de certo período houve a troca ele quase perdeu seu trabalho. Ele destaca os esforços que teve que efetivar para se manter no cargo. Reis (2014, p. 107), em seu estudo, também aponta para as demissões

em função da filiação partidária: “Os partidos UDN e PTB/PSD se revezavam no poder e, quando um assumia, os funcionários nomeados pelo partido anterior eram demitidos”.

Mesmo com as influências da política na Educação, devemos ressaltar que nem sempre o campo educacional sofreu tão intensamente com tais interferências. O professor Ignácio contou-nos que, depois da derrota do partido político que lhe conseguira a nomeação de professor, não perdeu seu cargo. A falta de profissionais também colaborava para que os professores conseguissem permanecer em suas respectivas funções. Exemplo disso foi que o professor Rodolpho, estando ligado a um determinado grupo político, depois da derrota do mesmo nas eleições perdeu seu cargo, mas por falta de profissionais aptos a lecionar foi readmitido. Já os professores João Martins e Yone, conseguiram ingressar no Magistério devido à falta de profissionais. João Martins, mesmo vindo de outra localidade e sem influências políticas, conseguiu aulas.

Em Paranaíba, também havia grupos que queriam autonomia administrativa em relação à Mato Grosso. A insatisfação com o abandono por parte da capital era forte, não somente em aspectos educacionais, como também em relação à infraestrutura e desenvolvimento da cidade. A professora Maria Auxiliadora relatou-nos que o conhecimento sobre a capital do Estado era pequeno, mesmo entre os professores. Ainda, contou-nos que, em certa ocasião, escreveu para a Secretaria de Educação, a fim de solicitar auxílio ou o envio de algum material sobre a História do Estado, pois o material didático utilizado falava da Geografia e História do Estado de São Paulo, mostrando fragilidade em relação à identidade do Estado.

As narrativas de nossos depoentes, sobretudo para Rodolpho e Ignácio, mostram que, após a divisão do Estado, os funcionários do Estado de Mato Grosso do Sul foram efetivados e conquistaram estabilidade em seus cargos, reduzindo significativamente a perseguição e insegurança política vividas anteriormente. Relatam também que o apoio pedagógico aos professores melhorou.

A capital, por ter se tornado mais próxima, ofereceu mais oportunidades aos professores e maior apoio às escolas, embora, como mencionou o professor Rodolpho, as pessoas da capital ainda mantivessem receio do pessoal do interior, em especial, do interior mais próximo a São Paulo, pois diziam que estes teriam mais oportunidades, visto que São Paulo era tido como um Estado em pleno desenvolvimento, principalmente em relação à esfera educacional.

Para nossos interlocutores, estas questões políticas e sua interferência na esfera educacional não foram totalmente abandonadas, pois ainda conseguem perceber “recaídas” neste movimento, para eles, “evolutivo”. Os professores apontam também para outra implicação desta alternância partidária, que reorganiza o aparelho do Estado a cada nova eleição, eles acreditam que este seja um fator que não contribuiu para o desenvolvimento da cidade, que acabou ficando “atrás” de cidades mais novas e que já alcançaram um “desenvolvimento superior”.

A interferência política-partidária na Educação foi uma característica que emergiu nos depoimentos de nossos interlocutores, sendo algo também vivido e visto por esta pesquisadora, ressoando nas escolas, atualmente, de forma mais branda e ouvido em inúmeras outras histórias que transitam no espaço escolar.

CENA 6: "CENTRO X PERIFERIAS" OU "PRIMO RICO X PRIMO POBRE"

Nesta cena, trataremos da relação entre “centros” e “periferias” e em como algumas coisas podem ser obsoletas, ou menos importantes, para uns e “novidades”, de grande importância, para outros, sempre em um aspecto relativo ao contexto no qual se inserem, nunca de forma absoluta.

Percebemos nas falas de nossos depoentes a relação existente entre “o novo” e “o obsoleto”, entre centros e periferias. O que para alguns se parece com um brinquedo velho, pode parecer, para outros, uma enorme novidade, de muito agrado e apreço. Muitas vezes, estes se tornam obsoletos não pelo desgaste, mas pela função que já não cumprem: brinquedos mais infantis que já não entretêm a criança maior, a roupa, ainda nova, mas que já não cabe mais no menino que cresceu.

Em Paranaíba não havia cursos de formação de professores, o que impelia estes profissionais, que buscavam formalizar sua atuação ou àqueles que pretendiam vir a se tornar professores, a encontrar em outras cidades, graduações que os habilitassem para o exercício do magistério. Estas, normalmente, ocorriam nas cidades interioranas do Estado de São Paulo: Jales, Pereira Barreto, Andradina e São José do Rio Preto.

A abertura de um curso nas proximidades de Paranaíba, como nestas cidades, apresentava-se como “novidade”, uma “oportunidade” para estes professores, verdadeiros “centros” quanto à formação de professores, os docentes faziam enormes esforços para irem até lá realizar seus cursos. No entanto, estes municípios, em relação à formação de professores do Estado de São Paulo, à época, bem destacado por Martins-Salandim (2012), eram considerados por muitos como “periféricos”, frente à capital do Estado e frente a instituições públicas de grande prestígio, como a USP, por exemplo.

O que para alguns poderia ser apenas uma “roupa velha” (cursos de segunda linha), para o outro, protegia do frio, aquecia, tinha grande utilidade. Essa relação parece-nos contínua, pois podemos, hoje, imaginar que Paranaíba, sob certo recorte, exerce já uma centralidade na formação de professores em sua região, visto possuir cinco cursos nesta área e atrair pessoas para esta localidade à procura de formação (como é o meu caso). No entanto, se olharmos para o Estado

como um todo, Paranaíba não possui a mesma centralidade. Torna-se o “primo rico”, rodeada de tantos “primos pobres”, mesmo sendo o “primo pobre” dentro de um panorama estadual ou nacional.

Mesmo entre os Estados, podemos estabelecer tal relação. Para a formação de professores, São Paulo configura-se como um “primo rico”, dado o quantitativo de cursos e a importância que estes exercem em um cenário nacional; já Mato Grosso do Sul, “primo pobre” de São Paulo, pode ser o “primo rico” de outros tantos, se pensarmos, por exemplo, ser o único Estado do Centro Oeste a ter um curso de Doutorado em Educação Matemática.

Os depoimentos dos nossos professores mostram a importância de algumas cidades do Estado de São Paulo para a formação de professores que atuaram em Paranaíba. Este prestígio ao Estado de São Paulo manifesta-se, por exemplo, quando o professor Rodolpho conta-nos que seus filhos foram estudar em cidades deste Estado. Ele também narra que quando iam fazer cursos em Campo Grande, o “pessoal” os tratavam com certo preconceito, dizendo que eles deviam procurar formações no Estado de São Paulo, já que Paranaíba estava na divisa com o mesmo. Sua narrativa, neste sentido, parece revelar certo “ciúme”, ou mesmo “inveja”, por parte de seus colegas por estarem longe do Estado de São Paulo, supostamente mais oportuno às capacitações, o *tom* com que ele nos conta isso não parece ser de apenas um indicativo: “procurem lá, pois é mais próximo”.

Além das distâncias entre cidades em nosso Estado, os cursos para formar professores demoraram a ser criados aqui, mesmo na capital e nas principais instituições. Estes cursos começam a surgir, como sinaliza Silva (2015), somente em meados da década 1970, momento em que a legislação sinalizou para a obrigatoriedade da formação em Nível Superior dos docentes, sendo também nesta década que houve a expansão dos Cursos de Licenciatura em Matemática no interior do Estado de São Paulo, instalando-se em várias cidades. Ou seja, enquanto o Estado de São Paulo vivia um movimento de expansão de cursos, o sul de Mato Grosso *uno* vivenciava a implantação de seus primeiros cursos e universidades.

A formação dos professores de Matemática em Mato Grosso *uno e posteriormente em Mato Grosso do Sul*, teve início em lugares periféricos com cursos de Ciências, mesmo que distante dos “grandes centros”, a criação dos cursos neste estado, seguiram alguns aspectos que ocorriam em outras localidades do país, como, por exemplo, a aposta de interiorização dos cursos, e com estratégias

de aligeirar a formação do maior número de professores em curto espaços de tempo (SILVA, 2015). Mesmo com a interiorização dos cursos no estado de Mato Grosso do Sul, nossos depoentes não optaram em se formar no estado; a distância entre as cidades que ofereciam os cursos era significativa, para o docente que estava já exercendo sua profissão enquanto educador, Silva (2015) em seu trabalho observou que muitas pessoas se formavam em outras localidades, pois o acesso as cidades que ofereciam os cursos para formar professores dentro do estado de Mato Grosso do Sul, não era fácil, além das distâncias, as estradas não colaboravam.

Silva (2015), em sua Tese, ao estudar a abertura destes cursos, geralmente sobre a alcunha das conhecidas Licenciaturas Curtas, elaborou um quadro sintetizando os cursos que havia no Sul de Mato Grosso *uno*, o atual Mato Grosso do Sul, no período próximo à legislação, que exigia dos professores a formação em Nível Superior, como mostraremos abaixo:

QUADRO 1. RELAÇÃO DE CURSOS EM MATO GROSSO DO SUL EM MEADOS DE 1960 À 1990

Instituição	Criação	Cidade	Cursos	Distância de Paranaíba
FAFI/ FUCMT/UCDB	1962/ 1976/ 1993	Campo Grande	Ciências – 1970 Habilitação em Matemática e Biologia – 1980	407 Km
UEMT/ UFMS	1970/ 1979	Campo Grande	Ciências – 1981 Matemática – 1983	407 Km
		Corumbá	Ciências – 1970	1.076 Km
		Três Lagoas	Matemática – 1970 Ciências – 1975	177 Km
		Dourados	Ciências – 1975	580 Km
		Aquidauana	Ciências – 1971	564 Km

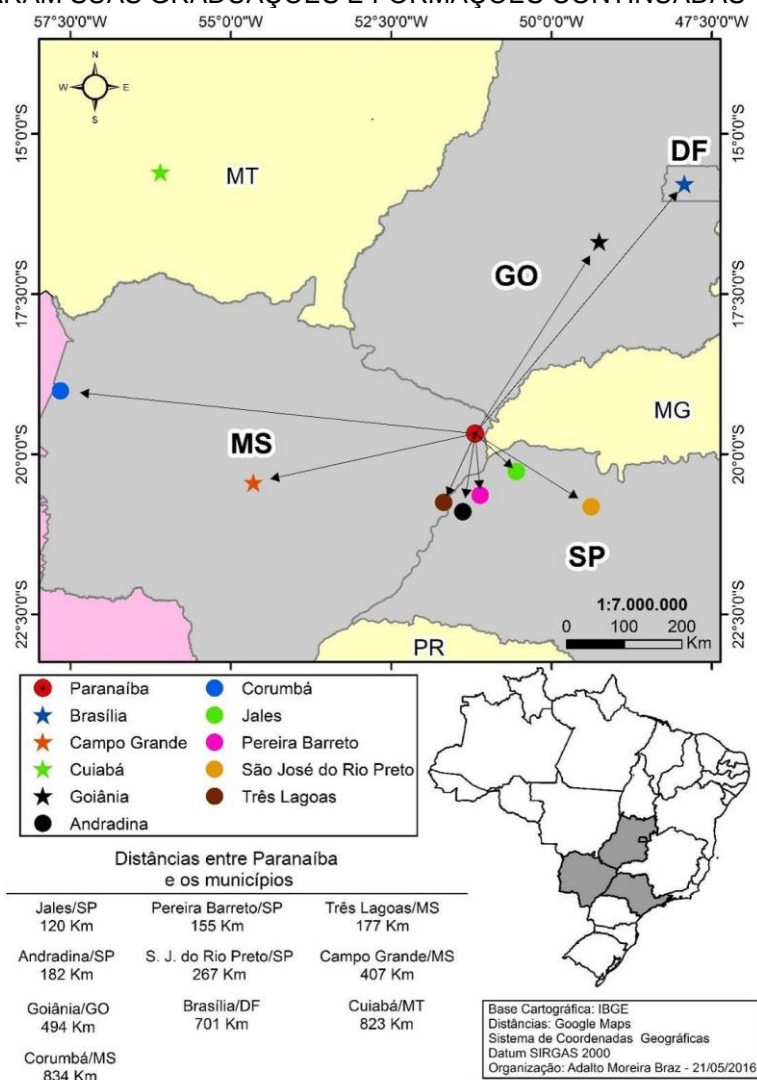
Fonte: Adaptado de SILVA, 2015, p.89.

Observamos que Três Lagoas foi a cidade mais próxima a Paranaíba que ofereceu cursos para formar professores de Matemática (177 km), mas pelo que nossos depoentes nos contam, essa não foi a estrada que escolheram trilhar. Talvez pela questão da distância, pois as cidades pelas quais optaram eram mais próximas (Jales 120 km e Pereira Barreto 157 km) ou, mais provavelmente, pelos “moldes” de

funcionamento dos cursos, pois as características das graduações precisavam atender as necessidades que vivenciavam, visto que alguns já lecionavam e não tinham tempo para frequentar, diariamente, um curso em uma cidade tão distante e com os meios de transporte que dispunham à época. O professor Ignácio conta-nos que quando ia para as aulas na Faculdade, que aconteciam aos finais de semana, lecionava no período matutino somente e, ao terminar a aula, ia até a praça da cidade para conseguir carona até Jales, na tentativa de chegar até o horário previsto para o início das mesmas. Acreditamos que se o mesmo tivesse aulas pela manhã no outro dia em Paranaíba, ele não conseguiria chegar a tempo.

Apresentamos, abaixo, um mapa com as cidades - os “primos ricos” -, nas quais nossos interlocutores receberam suas “roupas novas”:

FIGURA 08 – MAPA DAS CIDADES EM QUE OS INTERLOCUTORES DESTA PESQUISA CURSARAM SUAS GRADUAÇÕES E FORMAÇÕES CONTINUADAS



Fonte: Nossa autoria.

Como exemplo dos caminhos que nossos depoentes percorreram, temos o relato do professor Rodolpho, que saiu de sua cidade natal, São Paulo/SP, para residir na cidade de Paranaíba. Para formar-se professor de Matemática, primeiramente, fez o Curso da CADES (1967), na cidade de Campo Grande; posteriormente, fez outros cursos de formação, na cidade de Paranaíba, Três Lagoas e também em Campo Grande. Para conquistar seu curso de Graduação, buscou a cidade de Pereira Barreto/SP e, posteriormente, fez o Curso de Especialização em Jales/SP.

A estrada percorrida pelo professor Ignácio iniciou-se com o Curso Preparatório para o vestibular, na cidade de Brasília/DF, depois, fez uma tentativa de iniciar em um curso de Matemática em Goiânia/GO, mas sua formação foi concretizada mesmo na cidade de Jales/SP (1974), bem como sua Especialização e alguns Cursos de Formação continuada, em Paranaíba e em Campo Grande.

A professora Maria Auxiliadora, inicialmente, fez Graduação em Estudos Sociais, um Curso de Férias oferecido pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, na própria cidade de Paranaíba, mas também fez História, em Andradina/SP, Geografia, em Jales/SP, e Pedagogia, em Pereira Barreto/SP, além de muitos Cursos de Formação em Campo Grande, mas também foi até a cidade de Corumbá e Três Lagoas buscar formação. A professora Maria Auxiliadora, por ocupar o cargo de chefe do Núcleo Pedagógico da Agência de Educação, sempre estava fazendo cursos em outras localidades além de, juntamente com sua equipe, oferecer cursos de formação continuada aos profissionais docentes de Paranaíba, porém, Maria Auxiliadora não atuou diretamente no ensino da Matemática. Pela formação da professora, podemos refletir que a falta de profissionais docentes afetavam outras áreas de ensino também.

A professora Yone, depois de mudar-se para o interior de São Paulo para dar continuidade aos seus estudos, cursou Licenciatura Curta em Ciências e, posteriormente, a Habilitação em Matemática (1977) e Biologia, em Jales/SP. Foi também nesta cidade que fez sua Especialização. Ela cursou, ainda, Pedagogia, mas na cidade de Pereira Barreto/SP. Suas formações continuadas foram realizadas, em grande parte, em Campo Grande e na própria cidade de Paranaíba.

O professor João Martins teve sua formação parecida com a dos professores Ignácio e Yone, pois ele fez a Licenciatura Curta em Ciências com Habilitação em Matemática (1975) e a Especialização na cidade de Jales/SP e Pedagogia na cidade

de Pereira Barreto/SP. As formações continuadas foram realizadas, em sua maioria, em Paranaíba e Campo Grande, pois durante um período exerceu a função de professor orientador, na área de Ciências e Matemática, na Agência de Educação.

Já a professora Cleide fez seu Curso de Graduação em Licenciatura em Matemática, em São José do Rio Preto/SP (1979). Sua Especialização foi realizada na cidade de Jales/SP e a Licenciatura em Pedagogia, no município de Pereira Barreto/SP. A professora conta-nos que as formações continuadas eram, em sua maioria, realizadas na própria cidade de Paranaíba, mas que também, em alguns momentos, eram oferecidas na capital do Estado, Campo Grande.

De acordo com Martins-Salandim (2012), na década de 1970, houve um processo de instalação dos cursos de Matemática em cidades do interior de São Paulo, configurados num processo de interiorização e de intensificação na política educacional, relativa às instituições de Nível Superior no Estado, visto que, na década de 1960, não havia no interior muitas Faculdades. Martins-Salandim (2012) classifica as cidades interioranas como periféricas, comparando-as com os grandes centros urbanos, e os grandes centros como sendo de produção e de desenvolvimento da matemática e da formação de professores, mas ela destaca que as ditas periferias (que eram localizadas nas cidades interioranas) também eram consideradas “centros do interior”, pois se destacavam nas comunidades locais e regionais que não ofertavam cursos para formar docentes. Neste contexto, podemos pensar na existência de centros nas periferias e periferias nos centros, ou seja, sob determinado aspecto, o primo pobre se tornava o primo rico de tantos outros primos pobres.

O primeiro curso de Matemática, naquele Estado, foi criado na cidade de São Paulo, na Universidade de São Paulo - USP, em 1934. Nessa época, grande parte do corpo docente era formada por professores estrangeiros, os quais contribuíram para o desenvolvimento e a estruturação dos cursos de Matemática, no Brasil.

Alguns dos alunos, formados nas primeiras turmas, tornaram-se professores dessa Faculdade e, com o tempo, o grupo de professores brasileiros de Matemática tornou-se maior que o grupo de professores estrangeiros. Na década de 1940, em algumas cidades do Estado de São Paulo, em instituições particulares, como: Universidade Católica de São Paulo, na Universidade Católica de Campinas e na Universidade Mackenzie, de São Paulo, foram sendo criados cursos de Matemática.

Algumas orientações aos docentes deram-se por meio da Lei n.º 5692/1971, que sinalizou que a formação de professores, na época, poderia ser realizada de maneira progressiva, sendo, em um primeiro momento, com Habilitação Geral em Ciências e depois em outra área específica. Esses cursos, chamados popularmente de Licenciaturas Curtas, estariam intimamente articulados com as diferenças culturais e a necessidade de cada região do país, sendo uma medida emergencial para a formação de professores.

Segundo Martins-Salandim (2012), com o processo de expansão do Ensino Superior e a interiorização dos Cursos de Matemática, e com a nova versão da LDB, em 1971, as licenciaturas foram divididas em dois tipos: curta e plena, sendo a primeira destinada à formação de professores para o Primeiro Grau e a última para o Segundo Grau.

Como podemos observar, havia uma necessidade de professores nas disciplinas de Biologia, Matemática, Física e Química, tendo em vista a capitalização e a modernização eminente, na época em que foram iniciadas no Governo de Getúlio Vargas campanhas de cunho educacionais, com o objetivo de elevar o nível da Educação no país, bem como de formar professores.

Entre os projetos desenvolvidos no Governo de Getúlio, tem-se a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário - CADES, criada a partir do Decreto n.º 34.638, de 14 de novembro de 1953, cujo principal objetivo era difundir e elevar o nível do ensino secundário e, conseqüentemente, torná-lo mais ajustado às necessidades e interesses da época (BARALDI, 2003).

Segundo Baraldi (2003), a CADES foi um programa, em nível nacional, ocorrido nas décadas de 1950 e 1960, que ofertou cursos preparatórios para os professores que não tinham formação institucionalizada. Eles adquiriam o direito de lecionar, por tempo determinado, após conseguirem aprovação em uma prova no final do curso. O professor Rodolpho participou do curso ministrado na cidade de Campo Grande e disse que foi um curso “bom”, que preparou a ele e a outros professores leigos para a docência.

No decorrer do tempo, os movimentos de expansão do Ensino Superior desencadearam a extinção dos exames e dos cursos oferecidos pela CADES. Baraldi (2003) destaca que a função desempenhada pela CADES não foi suficiente para torná-la uma ação interventora para a formação continuada, o que ocasionou essa extinção.

Martins-Salandim (2012) afirma que a expansão dos cursos de formação no interior do Estado de São Paulo ocorreu de maneira complexa e multifacetada, pois mesmo o país já tendo um curso para formar professores de Matemática, desde a década de 1930, os primeiros cursos sofreram com a falta de estrutura física e de professores. Sendo assim, os primeiros cursos ficaram a mercê de diferentes influências, como por exemplo, de estruturas que já estavam postas, tanto que os cursos de licenciaturas, criados inicialmente, tentavam seguir o modelo de Bacharelado, existente já no curso da USP.

Porém, Martins-Salandim (2012) destaca que, embora muitos cursos tenham tido o formato de Bacharelado, com a expansão do Ensino Secundário pelo país, houve a necessidade de formar professores para atuarem em tal frente. Com isso, expandiram-se o modelo das populares Licenciaturas Curtas e os Cursos Vagos, a fim de tentar dar conta da demanda por professores.

Estes cursos, tidos por muitos como de segunda linha, foram os grandes atores na formação de professores de Matemática que atuavam em Paranaíba. Havia docentes com vontade de ensinar, mas diante das dificuldades e da pouca oferta de capacitação, no município e no Estado, restava-lhes buscar nestas cidades do interior do Estado de São Paulo cursos de capacitação, normalmente, sem a ajuda financeira do Estado.

Uma característica marcante para nós foi o estabelecimento de centros onde, para outros, era periferia, para nossos depoentes, os cursos oferecidos no interior de São Paulo possibilitaram suas formações, porém, estes cursos não eram vistos, dentro do próprio Estado, com tanto prestígio como era para nossos docentes, ou seja, dentro do contexto vivenciado por nossos professores, estes “cursos de periferia” – “primos pobres” eram considerados “grandes centros”- “primos ricos”.

CENA 7: “PACIENTES COM CURATIVOS QUE MAL COBRIAM SUAS FERIDAS”

Nesta cena, trataremos de alguns cursos que nossos depoentes realizaram, em especial as populares “Licenciaturas Curtas” e os “Cursos Vagos”. Utilizaremos a analogia dos pacientes, curativos e das feridas para nos ajudarem a compor visualmente esta cena. Pretendemos mostrar nesta cena que alguns desses cursos foram elaborados em caráter emergencial para atender a urgente falta de professores formados e que, muitas vezes, deixaram em nossos professores a sensação de "incompletude". Os pacientes aqui podem ser comparados aos docentes que não tinham a habilitação específica para o magistério - mas que já atuavam ou desejavam atuar na Educação -, essa falta de cursos de formação acabou provocando uma “ferida” que perdurou por muitos anos, ficando ainda maior por não ter recebido cuidados especiais, se tornando um grande problema. A manifestação deste se dá na Lei que "obrigava" os profissionais a procurarem, por conta própria, obter a formação em Nível Superior - vale salientar que hoje esta questão não foi totalmente resolvida e o Estado de Mato Grosso do Sul ainda possui professores leigos atuando.

O ferimento incomodava e os pacientes precisavam encontrar algum tratamento ou curativo. Os “médicos”, na impossibilidade ou falta de interesse em depreender um grande e dispendioso tratamento para estas "feridas", optaram, a nosso ver, e de nossos interlocutores, por tentar tratar de uma maneira rápida tal ferimento, para isso, se utilizaram de curativos que mal tampavam as feridas que os pacientes traziam.

Os curativos estancaram muitas feridas, supriam emergencialmente a falta de profissionais formados para exercer o magistério. Esses curativos ocultavam, tampavam provisoriamente as feridas para que elas não infeccionassem, mas não as fechavam imediata e sistemicamente, como, acreditamos, seria necessário. Os cursos de caráter emergencial tentavam, de alguma maneira, formar uma grande quantidade de docentes em um curto período de tempo.

Alguns de nossos interlocutores relatam que começaram a lecionar sem ter a formação mínima exigida. A carência de professores era significativa, tanto que nossos professores nos contam que profissionais de outras áreas se “aventuravam” na carreira do magistério: dentistas, médicos, bancários e outros, ou seja, a

docência era tida, para muitos, como uma segunda profissão, esta era ainda uma outra forma de tentar “cobrir a ferida” da falta de profissionais.

Muitos apontam um crescimento não planejado como causa, ou ampliação, dessa ferida. Um dos pontos mais significativos na década de 1960 para a Educação, segundo Curi (2000), foi a mudança de um ensino elitizado para um ensino de massas. A escolarização das crianças em idade escolar teve um aumento significativo nesta década e na seguinte, assim como as pessoas que estavam cursando o Ensino Secundário. Daí, então, começa a notar-se um problema, ou seja, a ferida, causada por um crescimento mal planejado, mas extremamente necessário a nosso ver. Com o aumento do número de alunos e de unidades escolares, era necessário aumentar o número de professores. Porém, se já havia escassez deste profissional antes destas mudanças, essa deficiência se agravou, a ferida foi tomando grandes proporções.

No início da década de 1970, a Lei 5692/1971 sinalizava que todos os professores que lecionassem nos anos finais do Primeiro e Segundo Grau deveriam ser formados em Nível Superior e, para suprir essa deficiência, foram criadas soluções em caráter emergencial para formar uma grande quantidade de docentes que o país estava precisando.

Esta ferida relacionada à falta de professores formados também foi sentida na cidade de Paranaíba. Tanto que professor Ignácio nos conta que quando começou a lecionar, em meados da década de 1950, havia falta de profissionais formados para exercerem a carreira do magistério, ele começou a lecionar possuindo somente a terceira série (equivalente ao 4º ano do Ensino Fundamental), professor Rodolpho começou a lecionar em meados da década de 1960, possuindo formação no curso Científico (atualmente, corresponde ao nível de Ensino Médio), logo que chegou à cidade de Paranaíba foi convidado a dar aulas, pois faltavam profissionais para exercer o magistério. A professora Maria Auxiliadora também relata que começar a lecionar foi uma oportunidade inesperada, pois ela tinha recém terminado seu quarto ano (atualmente corresponde ao 5º ano do Ensino Fundamental) e por falta de profissionais, ela ficou no lugar de sua irmã que se afastou para casar.

Já a professora Yone e professor João Martins começaram a lecionar na década de 1970 e haviam realizado o curso de Licenciatura em Matemática. Como a falta de profissionais era latente, conseguiram rapidamente ingressar no magistério.

Professora Cleide iniciou sua carreira docente após terminar sua formação em Licenciatura em Matemática por meio de concurso público.

O ensino exigia cada vez mais professores para atuarem, porém, esses docentes eram formados em cursos técnicos, clássicos, magistérios, supletivos e outras “maneiras de formação”, como por exemplo, o curso da CADES. Os exames de Suficiência³⁸⁰ também contribuíram para amenizar a falta de profissionais habilitados ao exercício da docência, estes cursos foram "curativos" que tentavam "cobrir a ferida" relacionada a falta de docentes. Segundo Curi (2000), era esperado um ensino de qualidade, mas este ficava nas mãos de profissionais que não tinham formação específica para o magistério.

Se a ferida existia, e a Lei sinalizava para necessidade de terapias ou tratamentos. Então, foram criados diversos cursos, alguns em caráter emergencial e que se moldavam à realidade local. Em nosso trabalho percebemos a presença das Licenciaturas Curtas em Ciências e dos “Cursos Vagos”.

7.1 O CURSO DE JALES E O CURATIVO DAS LICENCIATURAS CURTAS

Durante nossa caminhada, notamos que a formação de professores de Matemática ocorreu de maneira tardia, já que o curso de Graduação para alguns docentes veio depois que estes já lecionavam. Este foi o contexto vivido pelos professores: Ignácio, Maria Auxiliadora e Rodolpho. A falta de profissionais habilitados para o exercício do magistério gerava a emergência, ou seja, ações de grande escala e em um rápido tempo começaram a surgir. Para nossos depoentes, os curativos chamados “Licenciaturas Curtas em Ciências” foram a oportunidade de estudarem e terem formação específica para o exercício da docência.

Dos seis depoentes de nossa pesquisa, três fizeram a Licenciatura Curta em Ciências e depois a Habilitação em Matemática. Por não haver na cidade curso de formação nessa área, buscaram tal aprimoramento em outra localidade, dois de nossos interlocutores foram a Jales, a aproximadamente a 120 km de Paranaíba, o

³⁸⁰ Segundo Baraldi (2003) a partir de 1956, a CADES passou a promover, cursos intensivos de preparação aos exames de suficiência, de acordo com a Lei nº 2.430, de 19 de fevereiro de 1955. Esses cursos ocorriam geralmente no mês de janeiro ou julho e tinham duração de um mês. Aos aprovados no exame de suficiência, era conferido o registro de professor do ensino secundário, e o direito de lecionar onde não havia disponibilidade de licenciados por faculdade de filosofia.

outro foi em São José do Rio Preto, a aproximadamente 266 km de Paranaíba. Em Jales, se encontrava a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales³⁸¹, criada em 1968.

O professor Ignácio nos conta que, para frequentar o curso, que era geralmente aos finais de semana - sexta-feira no período noturno e sábado o dia todo -, precisava se deslocar até a cidade de Jales. Ele dizia que dependia de carona para chegar até Aparecida do Taboado, município que se encontrava na divisa entre os estados de Mato Grosso *uno* e São Paulo. Para a travessia entre os estados era necessário utilizar uma balsa. Abaixo trazemos a figura de uma das balsas utilizadas para realizar a travessia entre os estados de Mato Grosso *uno* x São Paulo.

FIGURA 09 – A BALSA



Fonte: Imagem gerada a partir de um vídeo na internet sem autoria definida. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3vUjBgM0Uzw>>. Acessado em Junho de 2016.

Mesmo diante das dificuldades, foi preciso buscar formação, pois a legislação da época orientava neste sentido, e vinha, paulatinamente, obrigando a formação específica em Nível Superior. Depois de aproximadamente quase

³⁸¹ No ano de 2005 foi transformado em Centro Universitário de Jales credenciado pela Portaria MEC nº 696 de 02-03-2005 - DOU de 03-03-2005.

quarenta anos lecionando sem um curso em Nível Superior para o Magistério, em 1974, o professor Ignácio conclui sua formação: Licenciatura em Matemática.

O professor João Martins cursou em Jales a Licenciatura Curta em Ciências e em 1975 a Habilitação em Matemática. Porém, ele morava em Santa Rita, e dependia de ônibus para chegar até Jales, ele fala que ia de carro até a rodovia e esperava o ônibus dos estudantes vir de Santa Fé do Sul para ir com eles para a faculdade. O professor nos conta que não sentiu dificuldades no período que fez a Habilitação em Matemática, pois sempre gostou dessa área, ele menciona ainda que quando lhe perguntam qual é sua formação ele diz "PROFESSOR DE MATEMÁTICA" e não de Ciências.

Professora Yone, mesmo sendo natural de Paranaíba, foi estudar e morar fora, também residia em uma cidade circunvizinha de Jales, Santa Fé do Sul, e seu deslocamento também era feito por ônibus, ela fez o curso de Licenciatura em Ciências com Habilitação em Matemática, concluindo esta formação no ano de 1979.

A primeira menção aos cursos de curta duração foi em 1964, no parecer do conselheiro Newton Sucupira, esse modelo de curso tratava de mais uma medida em caráter emergencial para formar professores, esse tipo de Licenciatura perdurou por mais de quarenta anos (SILVA, 2015).

A formação de professores seria feita de maneira progressiva, primeiramente o estudante obteria uma habilitação geral – Licenciatura em Ciências, e depois uma habilitação específica, porém, de acordo com conselheiro Valnir Chagas, a execução da lei dependeria da região em que se aplicava, pois nas localidades que não houvesse professores habilitados, a formação geral seria suficiente, nos fazendo refletir sobre a grande carência que possivelmente assolava algumas regiões, neste sentido, os curativos nos parecem "mal cobrir as feridas", à medida que se sugere um tipo de formação, mas se admite uma "inferior" como suficiente.

Segundo Curi (2000), na década de 1970 os cursos de Licenciatura Curta começaram a se expandir no país por meio de faculdades do setor privado, principalmente no interior do país. Poucos são os estudos que se dedicam a tais cursos, que tinham a carga horária reduzida e propunham uma formação polivalente. Segundo a proposta do conselheiro Valnir Chagas, os cursos deveriam ter como

principal finalidade a integração do conhecimento, com um currículo flexível e aberto, assim à integralização das disciplinas ocorreriam mais facilmente.

Com a resolução de 30 de julho de 1974, as Licenciaturas em Ciências Polivalentes e de Primeiro Grau (conhecidas como Licenciaturas Curtas) seriam divididas em duas etapas, com o currículo de 1.800 horas e que poderia ser complementado com mais 1.000 horas com uma habilitação específica em: Química, Física, Biologia ou Matemática, assim formando professores para o Ensino Médio. Esta resolução tornou este currículo obrigatório, e sua implementação deveria ocorrer até o ano de 1978. Neste sentido, a Resolução CFE 37, de 1975, sinalizava que:

Art. 1º - O curso de licenciatura em Ciências, a que se refere a Resolução nº 30/74 será implantado progressivamente e, a partir do ano letivo de 1978, tornar-se-á obrigatório como licenciatura única da área científica, com habilitação geral e Ciências para o ensino da respectiva área de estudo, predominante na escola de 1º grau, e habilitações específicas em Matemática, Física, Química e Biologia, para o ensino das correspondentes disciplinas, predominantes na escola de 2º grau.

A Resolução do CFE 30/1974 sinalizava que os cursos de Licenciatura na área Científica deveriam ser transformados em Ciências, e estes poderiam ser organizados em cursos de curta duração ou de duração plena (curta mais a Habilitação), e o número de vagas deveria ser igual ao número de vagas oferecido anteriormente, ou seja, se na instituição antes fossem oferecidas 30 vagas nos cursos de Biologia e Matemática, em substituição destes pela Licenciatura em Ciências, deveriam ser oferecidas 60 vagas (SILVA, 2015).

A Resolução CFE 37, de 1975, também orientava que os cursos em Licenciaturas específicas não estariam autorizados a funcionar:

Art. 7º Não serão criados ou autorizados a funcionar, a partir da vigência da presente Resolução, novos cursos de licenciatura em Ciências (polivalente), Matemática, Física, Química e Ciências Biológicas, organizados pela sistemática anterior à da Resolução nº 30/74, ficando os atos que os disciplinaram indicados no parágrafo único do artigo 1º, revogados a partir de 1º de Março de 1978. (CFE, 1975, p.129 e 130)

Mesmo diante desta orientação, Silva (2015) encontrou a criação do curso de Licenciatura em Matemática na Universidade Federal de São Carlos em 1975,

período em que, pela Lei, já não era permitida criação de cursos nesses moldes, o que nos leva a refletir que a Lei era flexibilizada em alguns contextos.

Diante de recusas em relação a estes novos moldes, visto que em alguns locais isto parecia ser um retrocesso, sendo duramente questionado pelas sociedades científicas, foi constituída uma comissão pelo Conselho Federal de Educação em 1980 que emitiu dois documentos com o objetivo de suavizar a Resolução 30/1974 – *Minuta de Resolução* e a *Indicação sobre a Resolução nº 30* – que tornaram facultativa a abertura de cursos de Ciências como oposição aos cursos de Licenciatura (SILVA, 2015).

Alguns movimentos contrários às conhecidas Licenciaturas Curtas em Ciências ocorreram, em especial, pelas sociedades científicas, como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Sociedade Brasileira de Física (SBF), Sociedade Brasileira de Química (SBQ) e a Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), que fizeram indicações ao Ministério da educação (MEC) sobre a inadequação da proposta, pois, além de excluírem as Licenciaturas em Matemática, Química, Física e Biologia, era defendida a relação estreita entre essas áreas, porém com um currículo que não conseguiu as adequações propostas (CURI, 2000).

Os cursos, de curta duração também enfrentavam a oposição de alguns professores, principalmente aqueles que haviam cursado uma Licenciatura Plena em Matemática, pois estes docentes acreditavam que para lecionar Matemática, era necessário fazer um curso de Licenciatura na área, os conteúdos tidos como elementares para esses professores eram aprendidos no ensino de 1º e 2º graus e o curso de Licenciatura deveria preparar o professor para à formação de pesquisadores ou professores universitários.

Mesmo com os movimentos contrários à criação de cursos de curta duração, estes permaneceram em vigência por quarenta anos, sendo extintos, em um primeiro momento, em maio de 1999, pela Resolução da Câmara de Educação Superior nº 02 Art. 1º, que dizia: “Os cursos de licenciatura de curta duração previstos na Lei 5.692, de 1971, estão extintos pela Lei 9.394, de 1996, assegurados os direitos dos alunos.” Porém, a Resolução CNE/CES n.º 11, de 10 de julho de 2006 revogou a lei que extinguiu tais cursos (SILVA, 2015).

Acreditamos que tal revogação se deve a uma ferida ainda não totalmente cicatrizada. Havia, e ainda há, falta de professores, e esses cursos inserem de forma mais rápida os profissionais no meio escolar: os cursos de Licenciatura Plena

costumam durar quatro anos e o período inicial da Licenciatura Curta durava, em geral, dois anos. Ainda hoje, alunos que tenham concluído mais de 50% de suas licenciaturas são aceitos como professores eventuais (por exemplo, no Estado de São Paulo e no Estado de Mato Grosso do Sul).

Uma de nossas depoentes, professora Yone, nos fala de sua formação no curso de Licenciatura Curta em Ciências, e nos diz que nos dois primeiros anos quase não havia disciplinas de Matemática, que o foco maior era em Ciências, e que no terceiro ano a base era Matemática. Para ela, sua Graduação "ficou a desejar", e salienta que, durante o exercício do Magistério, sentiu "falhas" em relação a sua formação - feridas mal curadas, que deixaram cicatrizes -, precisando estudar e recorrer a outros professores para suprir suas dificuldades. A seguir trazemos o currículo da Habilitação em Matemática feito pela professora Yone.

FIGURA 10 – CURRÍCULO DA HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales

CURSOS RECONHECIDOS PELO GOVERNO FEDERAL
Avenida Francisco Jalles, 1.891 - Caixa Postal 313 - Fones 345 e 464
13.700 - J A L E S - SP

CURSO: HAB. MATEMÁTICA
Reconhecido p/ Decreto Federal
n.º 73.483 de 03/01/1974.
Publ. D. O. U. de 10/01/1974

= C U R R Í C U L O =

CERTIFICAMOS à vista dos assentamentos individuais da interessada, que YONE APARECIDA GOMES DE MACEDO, R.G.N.º 6.992.057, Filha de Ilderico de Almeida Macedo e de d^{ca} Oscarina Maria Gomes de Macedo, Licenciada em Ciências de 1º Grau, CON-/CLUIU aos 22 de Dezembro de 1.977, o Curso de HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA - LICENCIATURA PLENA, por esta Faculdade, obtendo as seguintes notas e carga horária abaixo:

=====

1º SEMESTRE - ANO - 1.977/1.-

DISCIPLINAS:	HORAS/AULAS:	NOTAS:
Análise Matemática.....	79	8,00
Geometria.....	60	8,50
Matemática Aplicada.....	64	6,30
Estatística(Inf.Est.e Regras Simples).....	30	7,00
Desenho Geométrico.....	30	7,00
Introdução à Ciências Experimental.....	66	8,50
Língua Portuguesa.....	45	7,50
Psicologia da Educação(Apr.Inf.Adol.).....	45	7,00
Estrutura e Func.do Ensino de 1º Grau.....	30	7,00
Estrutura e Func.do Ensino de 2º Grau.....	34	Dep.
Cálculo Diferencial e Integral.....	75	Aprov.Est.
Álgebra.....	45	Aprov.Est.
Estudo de Problemas Brasileiros.....	30	Aprov.Est.
Educação Física.....	15	Disp.

=====

2º SEMESTRE - ANO - 1.977/2.-

Matemática Aplicada.....	60	7,50
Geometria.....	60	7,00
Análise Matemática.....	60	8,00
Desenho Geom.e Geometria Descritiva.....	30	7,00
Estatística(Cálculo de Probabilidade).....	48	8,00
Introdução à Ciências Experimental.....	60	8,00
Língua Portuguesa.....	45	9,50


Fonte: Arquivos pessoais da professora Yone.

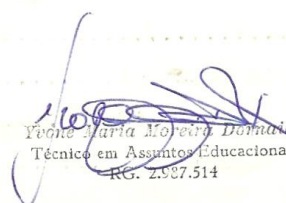
FIGURA 11 – CURRÍCULO DA HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA

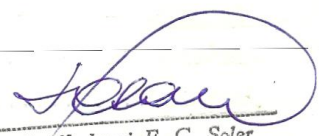
<u>DISCIPLINAS:</u>	<u>HORAS/AULAS:</u>	<u>NOTAS:</u>
Estrutura e Func.do Ensino de 2º Grau.....	30	7,00
Psicologia da Educação(Apr.Inf.Adol.).....	34	8,00
Didática.....	60	7,00
Psicologia Geral.....	45	7,50
Cálculo Diferencial e Integral.....	75	Aprov.Est.
Álgebra.....	45	Aprov.Est.
Estudo de Problemas Brasileiros.....	30	Aprov.Est.
Educação Física.....	15	Disp.
Dependência: Estrutura e Func.do Ens.2º Grau	—	7,00
<u>PRÁTICA DE ENSINO SOB FORMA DE ESTÁGIOS SU-</u>		
<u>PERVISIONADOS:</u>		
Matemática.....	110	-.-

<u>APROVEITAMENTO DE ESTUDOS.-</u>		
<u>CURSO: CIÊNCIAS.-</u>		
<u>ANO - 1.975/1.-</u>		
Álgebra das Matrizes.....	64	5,50
<u>ANO - 1.975/2.-</u>		
Álgebra das Matrizes.....	60	8,00
<u>ANO - 1.976/1.-</u>		
Cálculo Diferencial e Integral.....	75	7,50
Estudo de Problemas Brasileiros.....	31	8,00
<u>ANO - 1.976/2.-</u>		
Cálculo Diferencial e Integral.....	75	8,00
Estudo de Problemas Brasileiros.....	30	6,50
=====		

Jales, 18 de Junho de 1.980:-


Orlando Norberto Cavenaghi
Diretor - R.G. 4.445.347


Yone Maria Moreira Damatta
Técnica em Assuntos Educacionais
R.G. 2.927.514


Prof. Ivoni F. C. Soler
R.G. N.º 4.000.593 - Secretária

Fonte: Arquivos pessoais da professora Yone.

Essa era a estrutura curricular da do curso de Habilitação Plena em Matemática da Faculdade de Jales nos anos de 1977 e 1978, para aqueles que já haviam feito o Curso de Ciências.

Ao contrário de Yone, João Martins e Ignácio consideram ter tido uma “boa” formação. Para o professor Ignácio, o curso de Graduação talvez não tenha vindo prepará-lo para o exercício da carreira, pois este já lecionava desde a década de 1940, mesmo não sendo especificamente professor de Matemática, já que lecionava para séries iniciais (atualmente corresponde do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental). O professor João Martins classifica seu curso de Licenciatura como “bom”, ele diz, no entanto, que em alguns momentos precisou estudar os conteúdos para lecionar, principalmente em temáticas do Ensino Fundamental II (atualmente corresponde do 6º ao 9º).

Já professora Yone, tinha o ensejo de se tornar "PROFESSORA DE MATEMÁTICA", buscando sua formação em outra localidade, esperando que a Graduação a preparasse para o exercício docente, com uma grande carga horária de Matemática, o que, em sua análise, não foi contemplado. Mesmo ao falar dos cursos complementares, ela sempre foca a pouca abordagem de conteúdos matemáticos nestes cursos.

Em nossos estudos e na busca de traçar compreensões acerca das populares Licenciaturas Curtas em Ciências, um curativo encontrado para tentar amenizar ou estancar a ferida relacionada à falta de professores, não encontramos nenhuma recomendação quanto ao funcionamento dos cursos aos finais de semana, como nos relatou professor Ignácio, nos fazendo acreditar que mesmo não havendo essas recomendações, os cursos funcionaram de acordo com as necessidades dos alunos. Funcionar aos finais de semana nos parece ser uma adequação em relação à demanda, composta basicamente por docentes que já se encontravam em sala de aula e advindos de outras localidades. Martins-Salandim (2012) entrevistou alguns professores que mencionaram cursos que funcionavam nesses mesmos moldes no interior de São Paulo³⁸².

O "curativo" relacionado às conhecidas Licenciaturas Curtas foi muito bem vindo entre os professores de Paranaíba e da região, pois viram nestas licenciaturas a oportunidade para os docentes que já lecionavam e que pretendiam, muitas vezes,

³⁸² Como exemplo citamos os cursos de Dracena/SP e Tupã/SP.

somente legalizarem sua situação enquanto profissionais do ensino. Já para os que não estavam em exercício, tiveram a oportunidade de se formar e adentrar na carreira do magistério.

Os cursos, por terem características ligadas às necessidades de seus alunos, contribuíram para a formação de uma boa parte dos profissionais docentes, ou seja, tentaram suprir a falta de professores em todo o país, esta foi uma das medidas em caráter emergencial para nossos depoentes, um curativo que tentou estancar a ferida e que, em certa medida, estancou.

7.2 PEREIRA BARRETO E O CURATIVO DOS CURSOS VAGOS

Outra possibilidade para formação de nossos professores se encontrava na cidade de Pereira Barreto, localizada no interior do Estado de São Paulo e distante aproximadamente 157 quilômetros da cidade de Paranaíba.

Dos seis de nossos entrevistados, cinco buscaram formação no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá – FECLU³⁸³, esta faculdade foi criada em 28 de dezembro do ano de 1970³⁸⁴. Professor Rodolpho foi um dos nossos depoentes que fez o curso de Pedagogia. Quando fez a Graduação já tinha feito o curso da CADES, ou seja, a Pedagogia foi a Licenciatura que cursou para se regularizar diante da legislação que exigia a formação em um curso de Nível Superior. Todavia, o professor nos conta que decidiu fazer o curso porque estava prestes a aposentar-se, e terminando a graduação, seu salário teria um aumento significativo. Rodolpho lecionou Matemática durante toda sua vida docente e mesmo assim optou por cursar Pedagogia, pois a frequência era somente aos finais de semana. Outro fator interessante foi que, após ter terminado a graduação, professor Rodolpho exerceu a função de diretor.

Diferente de Rodolpho, os professores: Maria Auxiliadora, Cleide, Yone e João Martins, fizeram Graduação em Pedagogia tendo já realizado um curso superior. Em particular, a professora Cleide fez o curso de Pedagogia porque havia prestado um concurso para coordenação ou supervisão (a professora não se

³⁸³ Associação de Ensino e Cultura Urubupungá – AECU.

³⁸⁴ Estas informações foram retiradas do histórico que a faculdade disponibilizada em: <<http://www.fiu.com.br/instituicao/historia/>>. Acesso em: 03 de fev. de 2016.

recorda para qual das funções que fizera o concurso) e era necessário ter Pedagogia para assumir tal função, e desta forma procurou o curso para regularizar tal situação. A professora nos diz que faltava profissionais para ocupar o cargo ao qual tinha feito o concurso, tanto que ela e outras professoras foram chamadas por várias vezes para assumirem a função, porém, não houve tempo hábil para concluírem o curso de Pedagogia e acabaram perdendo a oportunidade de trocarem de cargo em suas respectivas escolas.

Por sua vez, a professora Maria Auxiliadora viu no curso de Pedagogia a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos. Para ela, este curso foi de grande relevância, já que chefiou o Núcleo Pedagógico da Agência de Educação em Paranaíba. O professor João Martins não nos conta por qual finalidade cursou Pedagogia, feita posterior a sua formação em Ciências com Habilitação em Matemática. Segundo o professor, a Graduação acabou contribuindo quando exerceu o cargo de diretor e de diretor adjunto de uma unidade escolar. Professora Yone também não diz se teve um objetivo específico em cursar Pedagogia, mas fala que o curso a auxiliou em um determinado período para que ela conseguisse algumas aulas no CEFAM. Yone também nos relata que gostava de estudar e que viu no curso a oportunidade de adquirir mais conhecimentos. Destacamos aqui, visto ser uma segunda formação para a maioria, a possibilidade de ascensão na carreira docente ou de assumir outras funções por meio deste curso, diferentemente do curso de Jales.

Nossos depoentes nos contam como se deslocavam até a cidade de Pereira Barreto e com que frequência: professor Rodolpho nos diz que além dele, ia "uma turma" para fazer o curso de Pedagogia e, para isso, eles fretavam um ônibus para se locomoverem até a cidade, geralmente iam uma vez por mês, e as aulas se concentravam na sexta e no sábado. Ele menciona também que para fazerem o curso não tinham ajuda de custo, era tudo por conta deles: a locomoção, a estadia, alimentação, mensalidade da faculdade, despesas com os materiais didáticos, além de terem que passar por estradas que nem sempre estavam em boas condições, principalmente nos dias que chovia.

Os professores: Yone, Maria Auxiliadora e João Martins também nos disseram que iam em grupos para Pereira Barreto, o que nos faz pensar que a Faculdade de Pereira Barreto contribuiu para a formação de um bom número de professores de Paranaíba. Eles também nos disseram que a frequência era

semanal, aos finais de semana, e que no período que não tinham aulas presenciais se dedicavam a fazer trabalhos para complementarem a carga horária.

Nesse viés, a professora Cleide diz que o curso de Pedagogia não era frequentado por ela e por sua turma todos os dias, geralmente era feito aos finais de semana e a cada dois meses, ela falou que iam até Pereira Barreto e lhes eram dados trabalhos para que fizessem durante o tempo em que não frequentavam presencialmente o curso. A professora nos disse que era um “Curso Vago”, outro “curativo” encontrado para amenizar a “ferida” da falta de profissionais formados, neste caso para os cargos de direção e supervisão em especial. Professora Cleide diz que se fosse outra Licenciatura, como Português e Matemática, esse molde de Graduação não funcionaria, ela fala que para Pedagogia deu certo porque ela e seu grupo já tinham outro curso de Nível Superior e que também já lecionavam.

O curativo dos Cursos Vagos, segundo Baraldi (2003), surgem com mais intensidade quando é anunciada a extinção da CADES, os professores começaram a se sentir “acuados”, pois, se na sua cidade tivesse abertura de um curso de Licenciatura, poderiam perder a autorização oferecida pela CADES. Os Cursos Vagos eram definidos como aqueles em que as atividades funcionavam aos finais de semana, era outra possibilidade de formação, pois os cursos de Licenciatura convencionais tinham duração de quatro anos e com aulas presenciais durante toda semana (mesmo nem sempre ocorrendo assim, como já destacamos). Parece-nos “comum” os professores buscarem formação nestes modelos de cursos, pois a legislação exigia que tivessem uma Graduação sem dar a eles algum benefício ou afastamento, mesmo que parcial. Por já estarem lecionando, ficava inviável frequentarem cursos que exigiam a presença diária em outra cidade, a mais de 170 quilômetros de Paranaíba.

Segundo Martins-Salandim (2012), embora estes cursos funcionassem aos finais de semana e com frequência lacunar, podiam funcionar na “mesma” estrutura dos cursos regulares, eles não eram outros cursos, mas sim uma graduação que *admitia* alunos com pressupostos diferentes, a flexibilização quanto à presença era um acordo realizado “entre alunos e professores”, mediado pela instituição, o que nos faz acreditar que quando nossos depoentes nos falam que realizavam muitos trabalhos e atividades em casa, estes seriam compensações para as ausências nas aulas, uma forma para conseguirem acompanhar o curso como se fossem alunos que frequentassem diariamente o curso.

As condições com que o "curativo" dos Cursos Vagos funcionavam eram "disfarçadas" em cursos regulares, estes tipos de cursos participaram do movimento de expansão de cursos no interior do estado de São Paulo (MARTINS-SALANDIM, 2012). Estes foram uma opção aos ditos cursos "regulares", assim os docentes poderiam legalizar-se sem abandonar seus postos de trabalho. Martins-Salandim (2012) menciona que este tipo de formação centra-se no argumento que o professor em atuação já é formado, tem domínio de conteúdos, faltando apenas a *formação formal*, para se legalizarem diante da lei que exigia que o professor tivesse uma formação em Nível Superior.

Durante nossa caminhada e na busca de outras fontes que pudessem contribuir com nosso diálogo, a Faculdade Integradas de Urubupungá (denominação atual da instituição), nos cedeu algumas informações quanto ao curso de Pedagogia ofertado por eles desde o ano de 1973, inicialmente o curso era denominado Pedagogia – Licenciatura Plena e habilitava o aluno para Administração Escolar de 1º e 2º graus e Magistério, já no ano de 2006, o nome foi alterado para Pedagogia – Licenciatura, que tinha duração de quatro anos, mas se o aluno já tivesse outra Licenciatura poderia ter uma carga horária reduzida para três anos. Além deste curso, a faculdade também ofertava a Complementação Pedagógica, que era feita em um ano e meio e habilitava os alunos especificamente para Administração Escolar de 1º e 2º Graus, ou seja, para a Direção ou Coordenação de Escolas. Mostraremos abaixo as Matrizes Curriculares destes dois tipos de cursos, assim podemos observar que a duração de um era menor que o outro, bem como a carga horária:

FIGURA 12 – GRADE CURRICULAR DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DE 1976 A 1985



Faculdades Integradas Urubupungá
Pereira Barreto – SP

GRADE CURRICULAR – CURSO PEDAGOGIA
Habilitação: ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR DE 1º E 2º GRAUS E
MAGISTÉRIO DAS MATÉRIAS PEDAGÓGICAS DO 2º GRAU
Renovação de Reconhecimento: Portaria nº 688, D.O.U. de 28/09/2006

DE 1976 a 1985

1ª SÉRIE	
Disciplina	C/H
Sociologia Geral	180
Filosofia da Educação	180
História da Educação	180
Psicologia da Educação	120
Estudo de Problemas Brasileiros	090
SUB TOTAL	750
Educação Física*	060
TOTAL	810
2ª SÉRIE	
Disciplina	C/H
Sociologia da Educação	180
História da Educação	150
Psicologia da Educação	150
Didática	180
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau	090
SUB TOTAL	750
Educação Física*	060
TOTAL	810
3ª SÉRIE	
Disciplina	C/H
Princípios e Métodos de Administração Escolar	180
Estatística Aplicada à Educação	90
Didática	180
Metodologia do Ensino de 1º Grau	210
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau	90
Prática de Ensino (Estágio Supervisionado)	120
Prática de Ensino nas Escolas de 1º e 2º Graus (Estágio)	120
TOTAL	990
TOTAL DO CURSO	2.490

* Carga Horária de Educação Física fora do total do curso.

Fonte: Arquivos da Faculdade.

Figura 13 – Grade Curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia com início em 1989

1ª SÉRIE	
Disciplina	C/H
Língua Portuguesa	72
Métodos e Técnicas das Pesquisas em Educação	72
Psicologia da Educação	108
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º graus	108
Didática	108
Sociologia Geral	72
Filosofia da Educação (Introdução)	108
Estudo de Problemas Brasileiros	72
TOTAL	720
Educação Física	72*

2ª SÉRIE	
Disciplina	C/H
Sociologia da Educação	180
Psicologia da Educação	144
História da Educação	144
Filosofia da Educação	108
Introdução à Estatística	108
TOTAL	684
Educação Física	72*

3ª SÉRIE	
Disciplina	C/H
Didática	108
Metodologia do Ensino de 1º grau	180
Estatística Aplicada à Educação	144
Princípios e Métodos de Administração Escolar	180
SUBTOTAL	612
Educação Física	72*
Estágio Supervisionado (Administração Escolar de 1º e 2º graus)	144
Prática de Ensino na Escola de 1º grau (Estágio Supervisionado)	110
Prática de Ensino na Escola de 2º grau (Estágio Supervisionado)	110
TOTAL	976

TOTAL DO CURSO	2380
-----------------------	-------------

* A carga horária de Educação Física não está incluída no total da carga horária do curso.

Fonte: Arquivos da Faculdade

FIGURA 14 – GRADE CURRICULAR DO CURSO COMPLEMENTAÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DE 1997



Faculdades Integradas Urubupungá
Pereira Barreto – SP

GRADE CURRICULAR – CURSO COMPLEMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Habilitação: ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR DO ENSINO FUNDAMENTAL E MEDIO

Renovação de Reconhecimento: Portaria n° 689, D.O.U. de 28/09/2006

A PARTIR DE 1997

1ª SÉRIE	
Disciplina	C/H
Sociologia Geral	40
Filosofia da Educação	60
História da Educação	60
Psicologia da Educação	40
Didática	60
Estrutura e Funcionamento do Ensino Básico	60
Ética e Cidadania	40
TOTAL	360

2ª SÉRIE	
Disciplina	C/H
Sociologia da Educação	60
Psicologia da Educação	60
Métodos de Ensino	80
Estatística Aplicada à Educação	60
Teoria Geral da Administração	80
Problemas de Aprendizagem	60
TOTAL	400

3ª SÉRIE	
Disciplina	C/H
Princípios e Métodos de Administração Escolar	100
Planejamento Escolar	80
Metodologias de Pesquisa em Educação	80
Avaliação Institucional	80
Educação e Globalização	60
SUBTOTAL	400
Estágio Supervisionado em Administração Escolar em Escolas de Ensino Básico	60
TOTAL	460

TOTAL DO CURSO	1220
-----------------------	-------------

Fonte: Arquivos da Faculdade.

Nas narrativas³⁸⁵, os professores nos falam que cursaram a Complementação Pedagógica, com duração de um ano e meio e com aulas aos finais de semana. Porém, o diploma cedido por eles faz referência ao curso de Licenciatura em Pedagogia. Entendemos que os cursos funcionavam conforme as

³⁸⁵ Em uma conversa pós entrevistas, um de nossos interlocutores nos contou que o curso oferecido pela Faculdade de Pereira Barreto era uma Complementação Pedagógica, porém em um certo período, a Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso *uno*, orientou que a complementação só poderia ser feita por aqueles professores que tivessem feito um curso de Licenciatura específica, ou seja, as conhecidas “Licenciaturas Curtas” e os “Cursos Vagos”, não ofereciam carga horária suficiente para cursarem a complementação Pedagógica em Pedagogia, momento em que a Faculdade de Pereira Barreto entrou em acordo com os alunos e modificou o curso transformando-o em Licenciatura em Pedagogia.

características dos alunos, nos fazendo refletir que o curso de Pedagogia feito por nossos professores possa ter sido realizado conforme as necessidades destes alunos, já professores, encarados por estes como uma complementação a uma prática já corriqueira em suas vidas.

Pensamos que o curso de Licenciatura em Pedagogia feito por nossos depoentes pode ter tido a mesma duração das complementações pedagógicas, embora não tenhamos encontrado nenhum documento sinalizando para tal funcionamento, entendemos que alguns cursos, como, por exemplo, as populares Licenciaturas Curtas, que já foram discutidas anteriormente, se expandiram e ofereceram suas graduações de acordo com a procura e particularidades de seus alunos, subvertendo as legislações vigentes ou aproveitando "brechas" nas leis.

7.3 OUTRO CURATIVO: AS FORMAÇÕES CONTINUADAS E EM SERVIÇO

A cidade de Paranaíba, embora não oferecesse cursos de formação de professores em Nível Superior, possibilitava outras formações, outros "curativos". Cursos de curta duração, palestras, oficinas, ações que poderiam caracterizar uma formação continuada para aqueles que já tinham alguma formação específica, mas que para outros, poderiam se caracterizar como uma formação em serviço, visto que já atuavam, mas sem terem passado por alguma ação formativa para tal ação.

O professor Ignácio, por exemplo, relatou-nos que estes cursos os ajudavam no exercício da carreira, pois muitos docentes não tinham formação específica para lecionar. Nesse viés, nossos depoentes contam que os cursos eram oferecidos ou pela Secretaria Estadual de Educação, em parceria com outras Secretarias, como por exemplo, a da Saúde, ou pela Secretaria Municipal de Educação, que convidavam os docentes das escolas estaduais para participarem das formações oferecidas por eles.

A professora Cleide participou de alguns cursos promovidos pelo Governo do Estado. Entre eles, algumas palestras e formações que ocorriam no Anfiteatro da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em meados da década de 1980 a 1990, período em que a professora lecionou. Segundo a professora, esses tipos de formação, oportunizadas aos docentes da cidade, eram uma ação comum e geralmente ocorriam no próprio município. Por sua vez, o professor Rodolpho relata

que também participou de cursos de formação, mas, muitas vezes, de cursos ofertados nas cidades de Campo Grande ou Três Lagoas.

Na época, a cidade de Paranaíba não oferecia cursos para formar professores de Matemática. O município mais próximo que começou a oferecer Licenciatura em Ciências com Habilitação em Matemática, foi Jales, na década de 1970. Por esse motivo, era de extrema importância a oferta de cursos de formação para o exercício da profissão docente, uma vez que alguns professores não tinham formação específica para exercer o magistério e muitos adentravam a sala de aula sem nunca passarem por qualquer processo formativo que discutisse essa prática, como os advindos de outras áreas, já citados aqui.

Nesse quesito, a professora Yone, em concordância com o professor João Martins, fala-nos que quando a formação era ofertada fora de Paranaíba e algum professor manifestava o interesse em participar, era concedida uma ajuda de custo. Para tanto, quando retornasse da formação, a Agência de Educação marcava um dia para que este professor pudesse repassar para os que não foram aquilo que tinha sido apresentado no curso, tornando-se, como denominamos hoje, um professor multiplicador.

Ter esse repasse dos cursos em Paranaíba ampliava o alcance destes e propiciava algum tipo de formação àqueles que não podiam se deslocar de Paranaíba. Por outro lado, a obrigação de fazer repasse poderia desestimular a estas longas e demoradas viagens, pois imbuía a obrigação de organizar posteriormente um curso com o repasse, onerando-os ainda mais.

Segundo o professor Ignácio, os cursos oferecidos duravam de uma semana até dez dias. Ele refere-se a tais cursos como “treinamentos”, os quais o ajudaram a conseguir a sua segunda cadeira no magistério, já que naquela época quase não aconteciam concursos.

Nesse contexto, dizemos que os cursos oferecidos aos docentes de Paranaíba tinham por objetivo “melhorar a qualidade” do serviço prestado pelos docentes - independente de formação prévia. Os nossos depoentes relatam que esses cursos adentraram o campo educacional com o intuito de oferecer ao professor mais “subsídios” para poder enfrentar com “segurança” os desafios postos pela Educação.

Destacamos o papel significativo que a Agência de Educação tinha frente a esses cursos de formação. A professora Maria Auxiliadora, que por anos exerceu a

função de chefe do Núcleo Pedagógico, conta-nos que este departamento oferecia suporte e cursos, de acordo com as necessidades que iam surgindo na prática do professor.

A professora fala que diversos trabalhos eram realizados dentro das unidades escolares, todos com o apoio e orientação da Agência. Todavia, na área de Matemática, quase não havia cursos como em outras disciplinas. Segundo ela, o trabalho com o professor de Matemática era realizado de modo individualizado, sendo que o professor responsável pela disciplina no núcleo ia até as unidades escolares e ajudava os docentes em dúvidas referentes ao conteúdo. Ela ainda relata que, naquela época, a Matemática era percebida como uma disciplina “estática”, ou seja, não tinha muito que se discutir. Era necessário apenas saber operacionalizá-la.

Pela narrativa da professora Yone, podemos inferir que, se anteriormente não tinham cursos, como aponta Maria Auxiliadora, em algum momento eles começaram a surgir, visto que Yone relata ter ministrado formações nesta área.

A professora Maria Auxiliadora também conta-nos que enfrentavam problemas relacionados à falta de domínio de conteúdo por parte de alguns docentes, pois, em certo período, chegaram professores recém-formados e que não tinham domínio do conteúdo de Matemática. Assim, a Agência precisou interferir e auxiliar estes educadores - estes aspectos ressaltam nossa metáfora que os curativos mal cobriam as feridas, sob a perspectivas de alguns, estes cursos não eram "suficientes" para uma boa prática docente.

A complementaridade entre os saberes da formação e as questões da prática docente é discutida por Moreira e David (2010), os quais compreendem que os saberes da formação são aqueles adquiridos por meio de cursos de formação e já as questões da prática docente são aquelas adquiridas no exercício da profissão. Para estes autores, nos cursos de formação inicial não são discutidos todos os assuntos relacionados ao Ensino Fundamental, deixando a responsabilidade para o futuro professor, ou seja, ele precisa apropriar-se ou relembrar os conteúdos de maneira autônoma.

Não poderíamos deixar de citar que, além dos cursos oferecidos pelas Secretarias, os nossos depoentes, depois de formados, fizeram o curso de Especialização da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales, em Didática Geral. A professora Cleide conta-nos que a questão da frequência neste curso

também não era controlada com tanta periodicidade e que foi poucas vezes a Jales para assistir as aulas. Rodolpho diz que a Faculdade os avisava quando precisavam ir às aulas. A professora Yone, neste mesmo sentido, também fala que havia um “acordo” entre os professores em relação à presença. Cleide relata-nos que o trabalho de conclusão de curso foi uma exigência e que precisava ser realizado para concluírem a Especialização.

Tanto o "curativo" da formação continuada do professor em exercício quanto os estudos de Pós-Graduação chegaram tardiamente para os professores de Paranaíba, o que não foi diferente dos cursos de formação inicial. Os nossos depoentes contam-nos que, durante as décadas de 1950, 1960 e meados da década de 1970, as Secretarias de Educação, tanto na esfera estadual como municipal, ofereciam cursos de formação. Mas percebemos que, com a divisão do Estado e o surgimento da Agência de Educação, os cursos na modalidade continuada e em serviço, intensificaram-se na cidade de Paranaíba, assim, contribuindo com os professores que puderam ter auxílio para exercer a carreira do magistério.

CENA 8: AS CORTINAS FECHAM-SE E AS LUZES ACENDEM

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: “Não há mais o que ver”, saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se viu no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.
(José Saramago)

A arte de pesquisar possibilitou-nos esboçar compreensões sobre o nosso caminhar pelas ruas, avenidas, alamedas e becos que nos conduziram até nosso destino, mesmo que este destino significasse sempre um novo ponto de partida. Eis o momento de parar, olhar para toda a nossa trajetória e dizer coisas que só podem ser ditas por quem percorreu este caminho. O nosso olhar, como pesquisador, foi modificando-se e sendo apurado, conforme cada leitura e cada conversa, durante nossas andanças.

Sempre tivemos um destino ao qual desejávamos chegar, mesmo que este não fosse um ponto fixo, estanque e localizável. Para chegarmos até ele, contamos com seis narrativas de professores que atuaram e vivenciaram os processos formativos que estávamos interessados em conhecer, mas também nos valem de outras fontes, que nos ajudaram a compor as cenas que aqui apresentamos.

Desde o início de nossa caminhada, havíamos escolhido andar em uma direção: a História Oral - que nos auxiliou a conhecer estradas pelas quais jamais havíamos pisado -, legitimando-nos a andar por caminhos desconhecidos em um processo de pesquisa, sabedores de que outras metodologias não admitiriam isso. Assim, para construirmos nossa análise, muitas foram às idas e vindas, principalmente após o exame de qualificação, que nos direcionou para outros caminhos e outros olhares.

Esse processo analítico constituiu-se de vários momentos. Para a elaboração das cenas em que abordaríamos os cursos, que emergiram na fala de nossos depoentes, precisamos buscar outras fontes que nos ajudassem a discutir tais temáticas, porém não conseguimos abordar com riqueza de detalhes um dos

cursos: o de Licenciatura Curta em Ciências, oferecido pelo Centro Universitário de Jales.

Desta forma e com base nas análises realizadas por eixos temáticos (cenas), elencamos e conseguimos fazer algumas observações acerca da formação e atuação dos professores em Paranaíba, traçando compreensões de como se deram essas formações, analisando aspectos dos cursos escolhidos, das distâncias, do processo de formação continuada dos professores e, ainda, a interferência da política partidária na atuação desses docentes. Esses foram alguns possíveis eixos temáticos que selecionamos para a realização de nossa análise. Sabemos que a caminhada é longa e ampla, e que ainda poderíamos olhar para várias outras características sobre como se deu a formação e atuação dos professores de Matemática em Paranaíba, no período que delimitados para nosso estudo. Deixamos de fora outros possíveis eixos, como: a discriminação em relação ao gênero feminino na área de Exatas, o preconceito racial e os materiais utilizados pelos docentes.

Os professores de Matemática que atuavam em Paranaíba no período selecionado tiveram oportunidade de realizar suas graduações, na maioria dos casos, entre as décadas de 1970 a 1990, em municípios vizinhos e, pela localização geográfica da cidade, essas formações se deram em outros Estados, principalmente nas cidades circunvizinhas no interior de São Paulo.

Paranaíba não foi diferente de outras regiões e recebeu moradores de outras localidades do Brasil, sobretudo, das cidades vizinhas. Alguns desses chegaram a lecionar na cidade por possuírem cursos que, na época, eram considerados “suficientes”, como por exemplo, o curso do Segundo Grau, um curso Técnico ou alguma graduação em outra área. A formação dos professores de Matemática nem sempre era em curso específico para lecionar tal disciplina. Em muitos casos, era feita por profissionais de outras áreas, como: dentistas, advogados, contadores etc., o que mostra a falta de profissionais habilitados para exercer a profissão docente e a possibilidade da docência se estabelecer como uma segunda profissão, uma atividade extra, frente a uma profissão “de fato”, relativizando assim, a sua importância.

Reforçamos, por meio de nosso estudo, o que já tem sido apontado em outros trabalhos: a ligação das políticas educacionais à carência e à urgência³⁸⁶. Em Paranaíba, não foi diferente em relação aos processos formativos que os docentes enfrentaram, ou seja, quando a carência se apresentava forte, a urgência era a maneira encontrada para amenizar tal situação, tendo em cursos como o da CADES ou os exames de Suficiência, por exemplo, medidas que contribuíram para "formar" professores, antes da implantação dos cursos superiores.

No início deste trabalho, buscávamos esboçar compreensões sobre a formação e atuação dos professores de Matemática que atuavam na cidade de Paranaíba, o que pensamos ter alcançado durante nossas andanças. Não era nossa intenção esgotar o assunto ou encontrar alguma "verdade" ou uma "resposta definitiva" para essa questão. Após todo o trabalho realizado, fomos capazes de elaborar novas questões:

- O Movimento da Matemática Moderna (MMM) interferiu na atuação dos professores de Paranaíba? De que maneira?
- Como era a formação matemática recebida na Escola Normal de Paranaíba?
- Atualmente, quais as cenas estão sendo vivenciadas quanto à formação de professores de Matemática na cidade de Paranaíba? Qual o impacto da abertura de um curso de Licenciatura em Matemática, na região?

Para a principal autora deste trabalho, o crescimento profissional, por meio da arte de pesquisar, foi feito com muitas incertezas e dúvidas, mas foi por estes caminhos que andamos. Esperamos, com este trabalho, ter contribuído para o mapeamento da formação e atuação de professores que ensinaram Matemática no Estado de Mato Grosso do Sul e, por consequência, no Brasil.

E, assim, as cortinas são fechadas...

³⁸⁶ Citamos como exemplo o trabalho de Moraes (2012) que estudou a formação dos professores de Matemática em Mossoró/RN e Macena (2013) que pesquisou a formação de professores em João Pessoa/PB.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **História: a arte de inventar o passado; ensaios de teoria da História.** Bauru, SP: Edusc, 2007.

AMORIM, R. P. de. **Professoras primárias em Mato Grosso: trajetórias profissionais e sociabilidade intelectual na década de 1960.** 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso -UFMT, Cuiabá, 2013.

BARALDI, I. M. **Retraços da educação matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção.** Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2003.

BERTOLETTI, E. N. M. Organização da escola primária em Paranaíba/MS (1935-1975). In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2013, Cuiabá. Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil. **Anais...**Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2013.

BITTAR, M. **Mato Grosso do Sul a construção de um estado: poder político e elites dirigentes sul-mato-grossense.** Campo Grande, MS: UFMS, 2009. V.2.

BITTAR, M; FERREIRA JUNIOR, A. De Freguesia a capital: 100 anos da educação em Campo Grande. In: CUNHA, Francisco Antônio Maia da (Coord.) **Campo Grande: 100 anos de construção.** Campo Grande, MS: Matriz Editora, 1999.

BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício do historiador.** Tradução André Telles. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.

BOLIVAR, A. B. 'De nobis ipsis silemus?': Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, Barcelona, v.11, n. 1, p. 40-65, 2002. Disponível em: <<http://redie.ens.uabc.mx/vol4no1/contenido-.html>>. Acesso em: 10 maio 2014.

BOSI, A. O tempo e os tempos. In: NOVAES, A.(Org.). **Tempo e história.** São Paulo, SP: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de São Paulo, 1992. p 19-32.

BOTH, B.C. **Sobre a Formação de Professores de Matemática em Cuiabá – MT (1960-1980).** 2014. 404f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.** Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus. Brasília, 1961.

_____. Presidente da República. **Lei nº5 692/71**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L5692.htm>. Acesso em: 10 abr. 2015.

_____. Resolução nº 02, de 19 de janeiro de 1999. Dispõe sobre a planificação de licenciaturas curtas por faculdades e faculdades integradas do sistema federal de ensino. **Ces/cne**. Brasília, Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces02_99.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2016.

CACERES, M. E. S. S. **Gestão democrática**: concepções de diretoras de escolas públicas estaduais do município de Lins-SP. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília, 2013.

CAMPESTRINI, H. **Santana do Paranaíba**. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.

CAMPESTRINI, H.; GUIMARÃES, A. V. **História de Mato Grosso do Sul**. 2. ed. Campo Grande, MS: Assembléia Legislativa de Mato Grosso do Sul, 1991.

CORRÊA, A. N. S. A criação do Estado de Mato Grosso do Sul: acontecimentos históricos, políticos e econômicos do Movimento Separatista do Mato Grosso do Sul. In: CUNHA, Francisco Antônio Maia da (Coord.). **Campo Grande**: 100 anos de Construção. Campo Grande: Matriz Editora, 1999.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Resolução nº 30, de 11 de julho de 1974. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a observar na organização do curso de licenciatura em Ciências. CFE. **Documenta**, Brasília, v.164, p. 509-11, jul. 1974.

_____. Resolução nº 37, de 26 de março de 1975. Dispõe sobre a implantação progressiva do curso de licenciatura em Ciências, a que se refere a Resolução nº 30/74. Alterado pela R. 05/1978. CFE. **Diário Oficial**, Brasília, 26 de março de 1975. Seção 1, pt. 1, p. 3.635.

CURY, F. G. **Uma narrativa sobre a formação de professores de matemática em Goiás**. 2007. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2007.

_____. **Uma formação de professores de matemática e das instituições formadoras do Estado do Tocantins**. 2011. 201f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2011.

CURI, E. **Formação de professores de Matemática**: realidade presente e perspectivas futuras. 2000. 179 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) - Pontifícia Universidade Católica- PUC, São Paulo, 2000.

ESPÍNDOLA, A. L. O fazer pedagógico e as propostas oficiais para a alfabetização em Mato Grosso do Sul: da pretensão à prática. **Revista ACOALFApp**: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 5, n. 9, 2010/2011. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/reaa/article/viewFile/11566/13334>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

FERNANDES, D. N. **Sobre a formação do professor de matemática no Maranhão**: cartas para uma cartografia possível. 2011. 389f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2011.

FERNANDES, F. S. **A quinta história**: composições da educação matemática como área de pesquisa. 2014. 235f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2014.

GARCIA, E. B. **Desbravadores de sertões**: saga e genealogia dos Garcia Leal. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2009.

GARNICA, A. V. M. (Org.). **Cartografias contemporâneas**: mapeando a formação de professores de matemática no Brasil. Curitiba, PR: Appris, 2014.

_____. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. **Pesquisa qualitativa em educação matemática**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004, p. 77- 98.

_____. **A história oral como recurso para a pesquisa em educação matemática**: um estudo do caso brasileiro. 2005. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/fdm/estudos_de_caso.htm>. Acesso em: 19 mar. 2014.

_____. (Re)traçando trajetórias, (re)coletando influências e perspectivas: uma proposta em história oral e educação matemática. In: BICUDO, M. A. V.; BORBA, M. C. **Educação matemática**: pesquisa em movimento. São Paulo, SP: Editora Cortez, 2004. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/s/docentes/jponte/fdm/estudos_de_caso.htm>. Acesso em: 15 maio 2014.

_____. História oral e educação matemática: de um inventário a uma regulação. **ZETETIKÉ**, Cempem-FE, Unicamp, São Paulo, v.11, n. 19, p. 9-56, jan./jun. 2003. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/zetetike/article/viewFile/2489/2249>>. Acesso em: 26 abr. 2014.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. **Bolema**, Rio Claro, v. 25, p. 213-250, 2011.

GASPAR, V. R. G. **A mentoria na formação de professores que ensinam matemática**: uma instituição(?), diversas experiências na cidade de Campo

Grande/MS de 1980 a 1990. 2015. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, Campo Grande, 2015.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2003.

GRESSLER, L. A.; VASCONCELOS, L. M. **Mato Grosso do Sul**: aspectos históricos e geográficos. Dourados, MS: L. Gressler, 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Os indígenas no Censo Demográfico 2010**: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2016.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **Escolas técnicas agrícolas e educação matemática**: história, práticas e marginalidade. 2007. 265f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2007.

_____. **A interiorização dos cursos superiores para a formação de professores de matemática no Estado de São Paulo**: um estudo da década de 1960. 2010. 374f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2012.

MATO GROSSO DO SUL (Estado). **Lei nº 55 de 18 de janeiro de 1980**. Disponível em: <<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/estaduais/ms/42/1980/55.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

MATOS, J. S. Tendências e debates: da escola dos *Annales* à história nova. **Historiæ**, Rio Grande, V.1, n.1, p.113-130, 2010.

MENEZES, E. T. de; SANTOS, T. H. dos. Verbetes educação propedêutica. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira**: Educabrazil. São Paulo, SP: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/educacao-propedeutica/>>. Acesso em: 22 de mar. 2016.

MIGUEL, A. A Terapia Gramatical-Desconstrucionista como Atitude de Pesquisa (Historiográfica) em Educação (Matemática). **Perspectivas em Educação Matemática**, v. 8, p. 607-647, 2015.

MORAIS, M. B. **Peças de uma história**: formação de professores de matemática na região de Mossoró (RN). 2012. 301f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2012.

MOREIRA, P. C.; DAVID, M. M. M. S. **A Formação Matemática do Professor**: licenciatura e prática docente escolar. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010.

MOTA, C. G. História de um silêncio: a guerra contra o Paraguai (1864-1870) 130 anos depois. **Estud. av.**, ago., 1995, v. 9, n. 24, p. 243-254.

MURTINHO, M. N. **Análise Econômica da divisão de Mato Grosso (1970-2000)**. Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Cuiabá, 2009.

PINTO, T. P. **Projetos minerva: caixa de jogos caleidoscópica**. 2013. 379f. Tese (Doutorado em Educação para as Ciências) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Bauru, 2013.

PRADA, L. E. A; FREITAS, T. C; FREITAS, C. A. Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v.10, n. 30, p. 367-387, maio/ago. 2010.

REIS, A. C. de S. R. dos. **A formação matemática dos professores primários: um olhar sobre a Escola Normal Joaquim Murtinho**. 2014. 144f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, Campo Grande, 2014.

SILVA, S. R. V. **Identidade cultural do professor de matemática a partir de depoimentos (1950-2000)**. 2004. 298 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2004.

SILVA, C. R. M. **Uma, Nove ou Dez Narrativas sobre as Licenciaturas em Ciências e Matemática em Mato Grosso do Sul**. 2015. 369f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista -UNESP, Rio Claro, 2015.

SILVA, H. da; SOUZA, L. A. A história oral na pesquisa em educação matemática. **Bolema**, Rio Claro, v. 20, n 28, p. 139-162. 2007.

SOUZA, L. A. **História oral e educação matemática: um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões**. 2006. 674f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista -UNESP, Rio Claro, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002.

VEIGA, G. S. P. **História da Educação do Patronato de Menores São José em Paranaíba-MT (1953-1963)**. 2014. 218f. Tese (Doutorado). Programa de Doutorado em Educação, Universidade Federal de Uberlândia -UFU, Uberlândia 2014.

APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro de entrevista³⁸⁷

1. Entrevista realizada em _____ de _____ de _____, relativa à pesquisa sobre a formação de professores de Matemática em Paranaíba, com o senhor (a) _____.

Gostaria que o (a) senhor (a) se apresentasse:

- Nome completo;
- Data de nascimento;
- Naturalidade;
- Conte-nos como era a cidade de Paranaíba;

2. Se não é natural de Paranaíba,

- Conte-nos como veio a residir em Paranaíba; veio com alguém? Quem?
- de onde veio?
- Por que da escolha da cidade;
- Fale-nos sobre como era a cidade;

3. Formação

- Ensino Fundamental;
- Ensino Secundário;
- Ensino superior
- Quem eram os professores? Lembra-se de onde vieram? Das suas formações?
- Ao longo de sua carreira quais os cursos de formação que o(a) senhor(a) fez?
- Conte-nos sobre eles (em quais níveis eles ocorreram? nível médio/secundário, superior).
- Quanto tempo durou?
- Onde foi realizado?
- quais as dificuldades encontradas?

³⁸⁷ Roteiro de entrevista utilizado para as cinco primeiras entrevistas.

- Conte-nos sobre as aulas nestes cursos.
- O(a) senhor(a) saberia dizer se houve algum curso ou campanha na cidade de Paranaíba para a formação de professores de Matemática?

4. Vida Profissional/Atuação;

- Conte-nos de sua vida profissional;
- Fale nos como foi seu ingresso no magistério;
- Quais as disciplinas que o senhor lecionava;
- Conte nos sobre sua "carreira" enquanto professor de Matemática;
- Como era o ensino de matemática;
- Quais os subsídios que o governo oferecia em relação à formação;
- Naquela época, o que era considerado um "bom professor de matemática";

5. Trouxe alguns materiais do senhor, que estava em sua pasta. Gostaria de dar uma olhada?

6. Gostaria de falar ao(à) senhor(a) que esta entrevista será transcrita e textualizada e voltará ao(à) senhor(a) para fazer as modificações que achar pertinente.

Sendo assim o(a) senhor(a) _____ autoriza a utilização da textualização para fins de pesquisa?

Obrigada pela sua participação.

Apêndice B - Roteiro de entrevista da Professora Maria Auxiliadora

Estamos aqui hoje, dia no dia primeiro de fevereiro de 2016, na residência da Professora Maria Auxiliadora Malheiros do Amaral, entrevistando-a, para a pesquisa que desenvolvo, relacionada a Formação de Professores de Matemática que atuam/atuavam em Paranaíba.

1. Professor(a) é comum em nossas pesquisas pedirmos que nossos interlocutores se apresentem da maneira com que gostariam que fossem apresentados na dissertação, então gostaria de iniciar pedindo que o (a) senhor(a) se apresentasse:

- Nome completo;

- Data de nascimento;

- Naturalidade

2. Se não é natural de Paranaíba,

- Conte como veio a residir em Paranaíba; veio com alguém? Quem?

- de onde veio?

- Por que da escolha da cidade;

- Fale-nos sobre como era à cidade quando chegou aqui;

3. Professor (a) fale do seu período de escolarização.

- Ensino Fundamental;

- Ensino Médio;

- Ensino superior.

4. Fale sobre sua vida Profissional/Atuação;

- Conte-nos da sua vida profissional;

- Fale como foi seu ingresso no magistério;

- Conte sobre sua "carreira" enquanto professor(a);

- Quais os subsídios que o governo oferecia em relação à formação;

5. Professor(a) fale da Agência de Educação;

- Conte sobre o trabalho que senhor (a) exercia na Agência;

- Fale dos cursos que eram ofertados para os docentes;

- com que periodicidade eram oferecidos;

- Quem ministrava?

- Sobre o que eram estes cursos? Quem escolhia as temáticas?

- Como era feito o convite aos professores? Era obrigatório a todos?

6.O senhor(a) gostaria de acrescentar algo?

7.O senhor(a) teria o nome de algum professor(a) para que eu pudesse conversar?

8.Gostaria de falar ao(à) senhor(a) que esta entrevista será transcrita e textualizada e voltará ao(à) senhor(a) para fazer as modificações que achar pertinente.

Sendo assim o(a) senhor(a)_____ autoriza o uso da imagem e som de sua entrevista, bem como os produtos gerados a partir dela?

Obrigada pela sua participação.

Anexo C – Cartas de Cessão – Lenir Souza Schmid**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE TEXTUALIZAÇÃO**

Neste ato, **Lenir Souza Schmid**, nacionalidade: **Brasileira**, estado civil: **Casada**, portadora da Cédula de identidade RG nº. **046770**, inscrito no CPF/MF sob nº **272826271 -34**, residente Rua **J. K. Oliveira**, nº. **130**, município de **Paranaíba/Mato Grosso do Sul**. AUTORIZO o uso do texto em anexo, doravante denominado TEXTUALIZAÇÃO (com páginas rubricadas por mim), referentes à entrevista concedida à **Natalia Cristina da Silva em Quinze de Outubro de 2014**, em todo e qualquer material e meio de divulgação, para ser utilizada em pesquisas e divulgação destas, seja total ou em partes por (qualquer pessoa ou Grupo de Pesquisa HEMEP, assim como todos os seus Membros ou PESQUISADOR em específico). A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso dos itens acima mencionados em todo território nacional e no exterior. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma contendo, em anexo, a íntegra do texto.

Paranaíba, dia **05 de Outubro** de 2015.



(assinatura)

Nome: **Lenir Souza Schmid**

Telefone p/ contato: **(67) 81659010**

Carta de Cessão – Rodolpho Schmid**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE TEXTUALIZAÇÃO**

Neste ato, **Rodolpho Schmid**, nacionalidade: **Brasileira**, estado civil: **Casado**, portadora da Cédula de identidade RG nº. **030180**, inscrito no CPF/MF sob nº **005022511-15**, residente Rua **J. K. Oliveira**, nº. **130**, município de **Paranaíba**/Mato Grosso do Sul. AUTORIZO o uso do texto em anexo, doravante denominado TEXTUALIZAÇÃO (com páginas rubricadas por mim), referentes à entrevista concedida à **Natalia Cristina da Silva** em **Quinze de Outubro de 2014**, em todo e qualquer material e meio de divulgação, para ser utilizada em pesquisas e divulgação destas, seja total ou em partes por (qualquer pessoa ou Grupo de Pesquisa HEMEP, assim como todos os seus Membros ou PESQUISADOR em específico). A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso dos itens acima mencionados em todo território nacional e no exterior. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma contendo, em anexo, a íntegra do texto.

Paranaíba, dia **05** de **Outubro** de 2015.



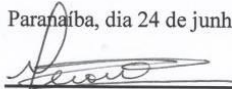
(assinatura)

Nome: **Rodolpho Schmid**
Telefone p/ contato: **(67) 81659010**

Carta de Cessão – Cleide Deroco Martins**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE TEXTUALIZAÇÃO**

. Neste ato, **Cleide Deroco Martins**, nacionalidade: **Brasileira**, estado civil: **Casada**, portadora da Cédula de identidade RG nº. **11025374**, inscrito no CPF/MF sob nº **03319666894**, residente Rua **Cel João Pereira Dias**, nº. **1766**, município de **Paranaíba**/Mato Grosso do Sul. AUTORIZO o uso do texto em anexo, doravante denominado TEXTUALIZAÇÃO (com páginas rubricadas por mim), referentes à entrevista concedida à **Natalia Cristina da Silva em Vinte e Oito de Outubro de 2014**, em todo e qualquer material e meio de divulgação, para ser utilizada em pesquisas e divulgação destas, seja total ou em partes por (qualquer pessoa ou Grupo de Pesquisa HEMEP, assim como todos os seus Membros ou PESQUISADOR em específico). A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso dos itens acima mencionados em todo território nacional e no exterior. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma contendo, em anexo, a íntegra do texto.

Paranaíba, dia 24 de junho de 2015.



(assinatura)

Nome: Cleide Deroco Martins
Telefone p/ contato: (67)81460532

Carta de Cessão – Yone Aparecida Gomes Ishibashi**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE TEXTUALIZAÇÃO**

Neste ato, **Yone Aparecida Gomes Ishibashi**, nacionalidade: **Brasileira**, estado civil: **Casada**, portadora da Cédula de identidade RG nº. **6992057 SSP/SP**, inscrito no CPF/MF sob nº **78548730897**, residente à **Rua Vigário Sales**, nº. **1447**, município de **Paranaíba/Mato Grosso do Sul**. AUTORIZO o uso do texto em anexo, doravante denominado TEXTUALIZAÇÃO (com páginas rubricadas por mim), referentes à entrevista concedida à **Natalia Cristina da Silva em Trinta de Novembro de 2014**, em todo e qualquer material e meio de divulgação, para ser utilizada em pesquisas e divulgação destas, seja total ou em partes por (qualquer pessoa ou Grupo de Pesquisa HEMEP, assim como todos os seus Membros ou PESQUISADOR em específico). A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso dos itens acima mencionados em todo território nacional e no exterior. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma contendo, em anexo, a íntegra do texto.

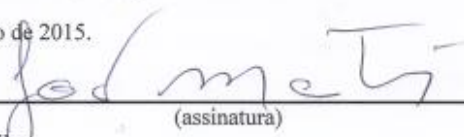
Paranaíba, dia 21 de Junho de 2015.


Nome: Yone Aparecida Gomes Ishibashi
Telefone para contato: (67)36682310

Carta de Cessão – João Martins da Silva**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE TEXTUALIZAÇÃO**

Neste ato, **João Martins da Silva**, nacionalidade: **Brasileira**, estado civil: **Casado**, portador da Cédula de identidade RG nº. **4453883 SSP/SP**, inscrito no CPF/MF sob nº **60957697872**, residente à **Rua Olegario Rodrigues de Freitas, nº. 668**, município de **Paranaíba/Mato Grosso do Sul**. AUTORIZO o uso do texto em anexo, doravante denominado TEXTUALIZAÇÃO (com páginas rubricadas por mim), referentes à entrevista concedida à **Natalia Cristina da Silva em Três de Dezembro de 2014**, em todo e qualquer material e meio de divulgação, para ser utilizada em pesquisas e divulgação destas, seja total ou em partes por (qualquer pessoa ou Grupo de Pesquisa HEMEP, assim como todos os seus Membros ou PESQUISADOR em específico). A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso dos itens acima mencionados em todo território nacional e no exterior. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma contendo, em anexo, a íntegra do texto.

Paranaíba, dia 17 de Julho de 2015.



(assinatura)

Nome: João Martins da Silva

Telefone p/ contato: (67)36683446/(67)81333938

Carta de Cessão – Irmão do Professor Ignácio José da Silva**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE TEXTUALIZAÇÃO**

Neste ato, Ignácio José da Silva, nacionalidade: Brasileiro, estado civil: solteiro, portador da Cédula de identidade RG n.º 242286, inscrito no CPF/MF sob n.º 0700320153, residente à Rua E. Guínez, n.º 963, município de **Paranaíba**/Mato Grosso do Sul. AUTORIZO o uso do texto em anexo de meu irmão, doravante denominado TEXTUALIZAÇÃO (com páginas rubricadas por mim), referentes à entrevista concedida à **Natalia Cristina da Silva** em **Treze de Janeiro de 2015**, em todo e qualquer material e meio de divulgação, para ser utilizada em pesquisas e divulgação destas, seja total ou em partes por (qualquer pessoa ou Grupo de Pesquisa HEMEP, assim como todos os seus Membros ou PESQUISADOR em específico). A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso dos itens acima mencionados em todo território nacional e no exterior. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma contendo, em anexo, a íntegra do texto.

Paranaíba, dia 16 de abril de 2016.

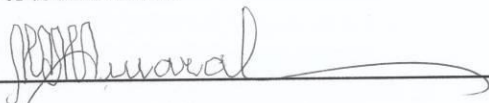
Ignácio José da Silva
(assinatura)

Nome: Ignácio José da Silva
Telefone p/ contato: 86683369

Carta de Cessão – Maria Auxiliadora Malheiros do Amaral**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE TEXTUALIZAÇÃO**

Neste ato, **Maria Auxiliadora Malheiros do Amaral**, nacionalidade: **Brasileira**, estado civil: **Casada**, portador da Cédula de identidade RG nº. **1992193 SSP/MS**, inscrito no CPF/MF sob nº **715.578.061-87**, residente à **Rua Vigário Sales, nº. 1470**, município de **Paranaíba/Mato Grosso do Sul**. AUTORIZO o uso do texto em anexo, doravante denominado TEXTUALIZAÇÃO (com páginas rubricadas por mim), referentes à entrevista concedida à **Natalia Cristina da Silva em Primeiro de Fevereiro de Dois Mil e Dezesseis**, em todo e qualquer material e meio de divulgação, para ser utilizada em pesquisas e divulgação destas, seja total ou em partes por (qualquer pessoa ou Grupo de Pesquisa HEMEP, assim como todos os seus Membros ou PESQUISADOR em específico). A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso dos itens acima mencionados em todo território nacional e no exterior. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma contendo, em anexo, a íntegra do texto.

Paranaíba, dia **01** de **maio** de 2016.



Nome: **Maria Auxiliadora Malheiros do Amaral**
Telefone p/ contato: **(67)36682105**